

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E**  
**LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

**ESTRELLA DA FONSECA**

*NADA*, de Carmen Laforet

Uma Tradução

São Paulo

2006

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E**  
**LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

**ESTRELLA DA FONSECA**

***NADA*, de Carmen Laforet**

**Uma Tradução**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. María de la Concepción Piñero Valverde

São Paulo

2006

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FONSECA, Estrella da.

*NADA* de Carmen Laforet. Uma Tradução / Estrella da Fonseca.  
São Paulo: USP, 2006.  
275 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo.  
Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Dr<sup>a</sup>. María de la Concepción Piñero Valverde

1. Literatura Espanhola 2. Tradução 3. Romance Espanhol  
4. Carmen Laforet 5. *Nada*

***NADA*, de Carmen Laforet**

**Uma Tradução**

*ESTRELLA DA FONSECA*

Banca Examinadora

Prof. Dr<sup>a</sup>. María de la Concepción Piñero Valverde (Orientador)

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr<sup>a</sup>. María Augusta da Costa Vieira

Instituição: Universidade de São Paulo Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr<sup>a</sup>. María Dolores Aybar-Ramírez

Instituição: Universidade de Araraquara (UNESP) Assinatura: \_\_\_\_\_

Trabalho apresentado e aprovado em ..... de 2006.

Para meus filhos, Beto e Sílvia, aos quais eu devia a aceitação deste desafio.

Também aos meus queridos “escultores”, que enfrentaram comigo o “bloco de mármore” que escondia uma dissertação. Eles justificam o uso da primeira pessoa do plural, *nós*: Antón, Blas, Chiquito, Cleide, Cristina, Johel, Luzimar, Mariza, Rita, Rosa, Sonia e Zeca.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora María de la Concepción Piñero Valverde, pela orientação e por ter dividido comigo seu profundo conhecimento dos matizes da língua espanhola.

Às professoras María Augusta da Costa Vieira e Isabel Gretel María Eres Fernández, pelas sugestões que enriqueceram o trabalho.

À dedicada professora Cleide Fonseca Marques, pela abnegação e pelas sugestões sempre acertadas.

## RESUMO

FONSECA, Estrella. **NADA, de Carmen Laforet - Uma Tradução**. 2006, 274 f. Dissertação de Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

*Nada* é considerada a primeira referência de romance do realismo existencialista do pós-guerra civil espanhol. Em 1944, mesmo ano de seu lançamento, obteve o reconhecimento por parte da crítica especializada, com a primeira edição do Prêmio Nadal de Literatura. Hoje, é objeto de estudo dos que se ocupam com sua crítica e parte obrigatória de qualquer antologia ou história da literatura espanhola do século XX. O objetivo desta dissertação é fazer uma tradução da obra *Nada*, de Carmen Laforet. Relataremos os impasses que foram enfrentados nesta versão, seja na manutenção do estilo, seja na escolha do léxico, na fluidez do texto, nas estruturas gramaticais e semânticas do romance. A proposta é a de seguir o caminho sinuoso e complexo da tradução, mantendo o sentido e o tom do texto de partida. A pesquisa realizada junto aos teóricos sobre tradução fez-nos perceber a impossibilidade de postular uma única teoria que consiga resolver todas as facetas do processo tradutório. Uma vez que não há regras para todos os casos, sobram-nos como consolo os empíricos conselhos sobre literalidade e fidelidade, destinados a quem se aventura no universo da tradução.

**Palavras-chave:** Literatura Espanhola, Tradução, Romance Espanhol, Carmen Laforet, *Nada*.

## ABSTRACT

*Nada* is considered to be the first framework for the existentialist realism of the Spanish post-civil war. In 1944, same year of its launch, it won recognition by the literary critic when it received the first edition of the Nadal prize of literature. Today it is object of study of the ones who occupy with its critique, and compulsory part of any anthology or 20<sup>th</sup> century Spanish literature history. The aim of this dissertation is to make a translation of the work *Nada* by Carmen Laforet. We will relate the impasse faced in this version, either in keeping the style, in the lexical choice, in the fluency of the text, or in the grammatical and semantical structures of the novel. The proposal is to follow the sinous and complex path of translation, maintaining the sense and the tone of the original. The research elaborated on translation by the theorists made us perceive the impossibility of postulating a single theory that is able to resolve all the facets of the translating process. Since there are no rules for all cases, we are left, as consolation, with the empirical advice on what is literal and faithful, aimed at whom takes risks in the universe of translation.

**Key words:** Spanish Literature, Translation, Spanish Novel, Carmen Laforet, *Nada*.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
I. Apresentação da Obra.....	4
II. Sobre a Tradução.....	17
III. Tradução.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	253
BIBLIOGRAFIA.....	256
ANEXOS.....	259

## INTRODUÇÃO

A primeira leitura da obra *Nada*, de Carmen Laforet, causou-nos grande impacto, principalmente pela maneira como a autora entrelaça os aspectos mais crus da realidade com momentos poéticos, revelando a angústia de uma personagem e sua difícil definição como vítima ou testemunha omissa dos fatos. A linguagem é fluida, reflexiva e descritiva. Surpreendeu-nos a presença implícita da guerra nos ambientes e na alma de algumas personagens, quando dificilmente se escrevia, em território espanhol, sobre a tragédia nacional, visto que as feridas que provocara ainda estavam abertas.

[...] La escisión definitiva de España en dos bandos irreconciliables, dificultó la meditación intelectual y desapasionada. [...] Observa Helio Carpintero Capell: “El escritor de España rehuyó meditar en unos acontecimientos que prefería olvidar y que cuando recordaba sólo suscitaban el más enconado rencor.” (ROBERTS, 1978, p. 29-30)

Algumas recordações da nossa infância espanhola e das “marcas da guerra” familiares também vieram à tona. A identificação com o ambiente familiar da obra, conturbado e por vezes violento, encontrou eco, em diferentes graus, ao remeter-nos a um passado vivenciado, ou seja, experimentado de perto. Verificamos uma afinidade com a personagem da obra, Andrea. Tanto ela, como nós, fomos observadoras, já que pouco interferimos nos acontecimentos que giravam em torno de nossas famílias. A empatia com a figura feminina da protagonista deu-se também pelo viés feminista presente na obra. Embora ambas fôssemos um pouco tímidas, ainda, permanecemos resistentes em aceitar um papel limitado, imposto por uma época em que a mulher era bastante reprimida em suas aspirações, as quais deveriam se enquadrar no tradicionalismo, em sua aceitação e submissão.

Foram fundamentais, para a escolha desta obra, além das questões pessoais acima apontadas, o estilo de Carmen Laforet: direto, sóbrio, discreto, evidenciando a alternância de aspectos violentos e angustiantes da realidade com delicados momentos líricos, em uma linguagem clara, precisa, fácil, com a espontaneidade de quem nos conta algo quase em tom de conversa, tocando, de modo sutil, em temas difíceis para a época. Assim sendo, os primeiros impulsos em direção à escolha feita foram subjetivos e alavancadores, na vontade de conhecer a obra em seus pormenores, sinalizando o caminho da tradução, na intenção de

decifrá-la e melhor entendê-la. Essas primeiras impressões poderiam ter permanecido no nível de uma escolha pessoal para leitura como lazer, deleite e recordações, a catarse, mas nossa escolha se justifica também porque a obra é bastante significativa, no panorama da literatura espanhola.

Em 1944, *Nada* foi recebido como o primeiro romance do “realismo existencialista” do pós-guerra, referência e objeto de estudo dos que se ocupam da história e crítica da literatura espanhola do século XX. Provocou a reação de significativos nomes da literatura contemporânea, que expressaram por escrito a admiração pela obra e pela escritora, como Miguel Delibes, os exilados Juan Ramón Jiménez, Francisco Ayala e Ramón J. Sender. Seu reconhecimento por parte da crítica especializada veio com a contemplação da primeira edição do Prêmio Nadal, em 1944, e sua culminação, com o Prêmio Fastenrath, da RAE (Real Academia Española), em 1948. Além da aceitação da comunidade cultural, o sucesso do público confirma sua projeção: três edições no mesmo ano de sua publicação.

Na época de seu lançamento, causou grande impacto, como atestam os depoimentos (anexos I e II) colhidos ao longo de nossa pesquisa junto a leitores que leram a obra na Espanha naquela ocasião, talvez pela empatia de muitos espanhóis com o que o ambiente e a protagonista traziam de uma Espanha desmoronada, dolorida e violentada pela guerra fratricida.

Seu sucesso e identificação justificariam que a obra tivesse permanecido importante somente para aquele momento, mas sua projeção como obra significativa na literatura, ainda hoje, está intimamente relacionada aos temas do conflito entre o idealismo da juventude e a mediocridade da vida real e o vazio de “dias sem importância”, segundo as próprias palavras da personagem Andrea. Esses temas tão atemporais, apurados pela arte de contar de Carmen Laforet e por sua coragem em trazer uma nova mulher como personagem, ousada e lúcida, confirmam a importância e a procura da obra até hoje.

Não conhecemos nenhuma tradução da obra, até agora, para o português do Brasil. Fazer a tradução de uma obra tão significativa – e bela – pareceu-nos uma contribuição para os estudos de literatura e para o leitor de língua portuguesa. Acreditamos que também poderá ser útil como material de consulta a alunos e professores que se ocupam da língua e literatura espanholas.

Para compor o *corpus* deste trabalho, utilizamos a terceira edição – pela impossibilidade de conseguirmos a primeira edição – dos *Clásicos Contemporáneos Comentados*, de 1999, do romance *Nada*, de Carmen Laforet, impresso em Barcelona, pela editora Destino, com Introdução de Rosa Navarro Durán.

A pesquisa teve início com a busca de informações sobre a autora. Quem seria essa jovem escritora? Em que tempo e espaço físico viveu? Qual sua formação intelectual? Essas perguntas ampliariam nossa compreensão em direção a sua obra mais conhecida. Seguiu-se uma pequena análise de sua obra, explicando-a em seu contexto histórico-literário e tocando na orientação existencialista que ela traz como inovação para o panorama literário espanhol. Esses itens foram vistos um tanto rapidamente, por não serem o objeto de nosso estudo. A parte mais extensa e difícil começou de um modo um tanto inconsciente quanto à execução deste exercício: a tradução desta obra de Laforet.

Logo nos primeiros parágrafos fomos percebendo a necessidade de muita ajuda e leitura, porque as escolhas lexicais, gramaticais, semânticas e estilísticas não eram fáceis. Recorremos a gramáticas, a dicionários e a autores com experiência em tradução, como Jacques Derrida, Paulo Rónai, André Lefevere e outros, para obter um eixo que nos acompanhasse neste trajeto, norteando-nos e dando unidade às escolhas que faríamos.

Manter a fluidez do texto traduzido foi nosso primeiro grande desafio. Aos poucos fomos encontrando o real objetivo de nosso estudo – os critérios do ato tradutório –, e perseguimos os matizes das duas línguas, ora os encontrando, ora os perdendo.

## I. Apresentação da Obra

Carmen Laforet, embora tenha nascido em Barcelona (no dia 6 de setembro de 1921), passou toda sua infância e adolescência nas Ilhas Canárias, para onde se mudou sua família quando ela estava com apenas dois anos de idade. Aos dezoito anos, em 1939, terminada a Guerra Civil Espanhola, volta à capital catalã e se instala na casa de sua avó materna, na Rua Aribau.

Na cidade catalã, a escritora estudou Filosofia e Letras – esse ambiente estudantil é o que aparece cinco anos mais tarde em seu primeiro romance, *Nada*. Após três anos, foi morar na Madri do pós-guerra e iniciou Direito na Universidade Complutense. Não chegou a concluir nenhum dos dois cursos. Naquela cidade, escreveu a obra *Nada* e casou-se com Manuel Cerezales, primeiro editor de sua obra, com o qual teve cinco filhos. Separou-se no começo dos anos setenta. Seu sucesso como escritora veio rapidamente: com apenas vinte e três anos consagrou-se, recebendo vários prêmios literários.

Com a obra *Nada*, a autora ganhou, em 1944, o Prêmio Nadal, inaugurando assim o mais antigo prêmio literário espanhol concedido pelas Edições Destino, e, em 1948, o Prêmio Fastenrath, da Real Academia Española. O Prêmio Nacional de Literatura foi-lhe atribuído pela obra *La mujer nueva*, em 1955.

Mais tarde, Laforet escreveu alguns contos e outros romances: *La isla y los demonios* (1950), *La llamada* (1954), *La mujer nueva* (1955) e a última, *La insolación*, em 1963. Depois, como diz sua filha, Cristina Cerezales, sobre seu misterioso e prolongado silêncio, “*huyó hacia el silencio [...] y apenas utiliza la voz [...] ha crecido a una dimensión difícil de alcanzar*”.<sup>1</sup>

No ano de 2003, sua filha Cristina Cerezales publicou *Puedo contar contigo*, que conta a relação epistolar entre sua mãe e Ramón J. Sender, num total de 76 cartas, nas quais a escritora revela seu silêncio literário e sua necessidade de recolhimento. Mais tarde, esse fato se concretizou em um distanciamento paulatino da vida pública, até sua morte.

---

<sup>1</sup> Extraído do jornal *El País*, do dia 12 de julho de 2003. “*Un intercambio inesperado*”.

Em 28 de fevereiro de 2004, em Madri, Carmen Laforet faleceu, com oitenta e dois anos, de uma doença degenerativa que afetava sua memória.

Alguns críticos falam em autobiografia da autora, em sua obra *Nada*. Em entrevistas, ela nega; no entanto, existem várias coincidências: Carmen Laforet e a protagonista Andrea passaram grande parte da infância e juventude nas Ilhas Canárias, estudaram em Barcelona – alojadas na casa da avó materna na Rua Aribau – e em Madri. Perderam as mães na juventude (Carmen perdeu a sua quando tinha quinze anos, conforme conta La Fuente)<sup>2</sup>; eram tímidas, observadoras, anti-convencionais, independentes (afastaram-se de suas famílias e foram estudar em outra cidade, Barcelona), ambas fumavam esporadicamente, nenhuma das duas ergueu bandeiras políticas.

De qualquer maneira, seja pura ficção ou autobiografia, o texto apresenta verossimilhança e naturalidade estilística, além da coragem da escritora, que consegue falar pela voz de Andrea, artisticamente, de uma experiência recém-acontecida – sua própria vivência no pós-guerra espanhol.

*Nada* é uma narrativa autobiográfica da personagem Andrea, desde sua chegada à casa da avó materna, na Rua de Aribau, em Barcelona, até o momento em que, desencantada, abandona a cidade.

O livro está dividido em três partes estruturais: a primeira tem nove capítulos, iniciando-se com a chegada de Andrea a Barcelona, até a entrada de sua tia e guardiã Angústias no convento; a segunda vai do capítulo dez até o dezoito e relata a vida da protagonista entre a Universidade e seus amigos boêmios; e a terceira, com sete capítulos, volta a concentrar-se na casa com seus familiares e com a família de sua amiga, e termina com sua saída para morar em Madri, onde se encontra com a amiga Ena.

O tempo é delimitado por dois inícios do outono, e dura, portanto, um ano, o qual pode ser separado em três âmbitos: de outubro a fevereiro se concentra no ambiente familiar; de março a junho, no ambiente fora da casa, com Ena e a Universidade; e, de julho a setembro, alterna-se entre fora e dentro da casa de Andrea.

---

<sup>2</sup> Inmaculada de la Fuente. In: Mesa redonda “*Carmen Laforet: el ser y la nada*”. Foro Complutense – Fundación General – Universidad Complutense de Madrid. Em 24 de fevereiro de 2005. Disponível em <<http://www.ucm.es/linfo/fgu/foro/laforet.pdf>,> Acesso em: 21 de mar 2006.

Quanto aos espaços, estes são variados e opostos: a casa onde mora, na Rua de Aribau, lugar de misérias, desestruturado e repleto de ódios e paixões, e a casa de Ena, ambiente rico, refinado, onde reina a paz. Além desses espaços, existem vários retratos da época do pós-guerra e de Barcelona, como o do bairro da Bonanova, do bairro Chinês, do bairro Gótico, da Rua Santa María del Mar, da Vía Layetana, da Praça da Universidade. Esses lugares muitas vezes são apresentados pelas impressões e sentimentos de Andrea.

O relato não nos oferece nenhuma data precisa, embora alguns indícios nos levem à época do pós-guerra, aproximadamente nos anos trinta e nove/quarenta. Há indícios quase precisos e analepses que revelam muitas das atividades dos irmãos e da família durante a guerra, como os móveis, testemunhas mudas de uma época de esplendor... Barcelona bombardeada (casas em ruínas frente à Catedral)... As conversas entre os irmãos, durante a guerra, ouvidas por Glória.... A presença clandestina do Sr. Jerônimo na casa da família.... Román prisioneiro e torturado nas *checas*... Juan no *Tercio* e a conselho de Román mudando do lado republicano para o nacional... A gravidez de Gória durante a guerra. Uma das marcas da imediata pós-guerra está na tenra idade do bebê de Glória e Juan, quando da chegada de Andrea à casa da Rua Aribau.

A história é contada por um narrador-protagonista que não é onisciente, uma vez que relata somente o que vê, só sabe o que está ao seu redor; esse narrador corresponde à personagem Andrea. Ela é uma observadora-espectadora dos verdadeiros protagonistas que são sua família, Ena, ou seus colegas da faculdade, narrando o que vê sem interferir diretamente, dando-nos um ponto de vista subjetivo, pessoal. A autora não toma parte nas situações do relato, não se apresenta como se soubesse de tudo, mas de tudo participa, de um presente-incógnita. Como diz Delibes (1991, p.208), “*En rigor, se trata de mermar la autoridad del novelista, de apearle de su tradicional rango jerárquico*”.

Laforet lança mão de descrições mais sóbrias, discretas e poéticas a serviço da ação das personagens. Fala dos lugares com subjetividade e emoção, preparando o leitor para a intensidade psicológica que quer dar a suas personagens; essa abordagem foge ao objetivismo utilizado no realismo do século XIX. Diz-nos coisas sem dizê-las explicitamente, apenas as sugere, por isso a descrição em *Nada* é sucinta.

A perspectiva do romance é a de Andrea, e todos os acontecimentos e a maneira como vemos a casa e seus moradores serão mostrados de seu ponto de vista. Sabemos, ainda, que Andrea está recordando e analisando o que aconteceu há aproximadamente dois anos, portanto existe uma distância entre o que realmente aconteceu e a maneira como recorda os fatos. Os dois momentos unem-se, ela não compara suas reações de agora, momento presente da narração, com as do momento em que as viveu. Esses tempos se unem desde a perspectiva de Andrea, que está aprendendo “*cómo es la vida*” (FOSTER, 1980, p. 388).

Quando Andrea chega a Barcelona, é uma moça rebelde que traz sonhos e ilusões que se chocam com o que encontra.

De início, a casa havia mudado radicalmente, em relação àquela que a protagonista conhecera, aos sete anos. Todos perderam a bondade, a alegria e o equilíbrio, e esse estado de coisas a faz mergulhar em profunda tristeza. Não entende tanta violência, o mútuo desprezo, a hipocrisia de sua tia Angústias ou o conformismo e a alegria de Glória. Para eles, o melhor momento é o passado, o que já não se tem mais. Naquela época, faziam parte de uma burguesia de classe média, e, depois da guerra, desabaram na ruína. Para agravar essa situação, passaram por todo tipo de necessidades, tentando manter o “orgulho” ou a dignidade, por pior que estivessem.

Todo relacionamento familiar é tenso, frio, agressivo, e seus parentes estão sempre brigando, são muito infelizes. O clima familiar nada tem a ver com o que Andrea imaginava; são burgueses que perderam tudo. Brigas, ressentimentos e ódios fazem da casa um lugar sufocante. A avó vive abandonada, Román é um parasita perigoso, um sádico que é feliz quando humilha e domina os familiares. Confessa, no capítulo VIII, sua satisfação por possuir espiritualmente seu irmão e a todos, assim como o ídolo Xochipilli que se alimenta de sangue. Román terminará se suicidando.

Andrea entra em choque com esse ambiente, sofre penalidades e descobre o lado miserável da vida. Sua tia Angústias mantém vigilância constante para proteger a sobrinha da imoralidade do inferno de Barcelona. Mais tarde, Angústias fugirá para um convento, buscando nele o refúgio e o substituto para suas frustrações, ainda que sua atitude seja movida por um fanatismo religioso como demonstra sua fala pouco cristã: “*Durante quince días he estado pidiendo a Dios tu muerte o el milagro de tu salvación*” (LAFORET, 1999, p. 95). A



pretensa preocupação de Angústias com a moral da sobrinha Andrea e com as demais pessoas, assim como seu questionável espírito cristão ainda podem ser exemplificados com a fala de Glória : *A Angústias no le da Dios ninguna calidad de comprensión, y cuando reza em la iglesia no oye músicas del cielo, sino que mira a los lados para ver quién há entrado em el templo com mangas cortas y sin medias...*(LAFORET, 1999, P.100). A personagem Angústias é um exemplo da maneira como a conduta moral e a religião se fundiam naquela época.

A linguagem de *Nada* é um registro padrão que reflete a classe social dos personagens da obra, estudantes e burgueses que empobreceram. A autora intercala diálogos de nível coloquial popular e agressivo (*¡Tú, a sujetarte los pantalones y a callar!, ¡Si no te callas, te estrangulo! ¡Cochina!*) com linguagem poética, encontrada no uso freqüente de adjetivos (*...el gran rumor de la gente..., ...las noches de invierno con sus húmedas melancolías...*), personificações (*luces siempre tristes, ...empezó la mimosa a amarillear y a temblar*) e de metáforas (*Empecé a seguir – una gota entre la corriente –, Cerraba los ojos y veía entre las manos de Román aquella sogá dorada...*).

Laforet é dona de um estilo simples e cronológico, por vezes retoma e até antecipa alguns fatos. Alterna a prosa direta e fluida com a poética. O tempo verbal mais utilizado é o pretérito imperfeito, muito adequado, já que é a personagem quem conta sua história em primeira pessoa, alguns anos mais tarde.

A excepcional sensibilidade para captar a voz feminina e a capacidade incomum de caracterizar as personagens são calcadas no realismo e naturalismo que a literatura do pós-guerra resgata e que mereceu de Juan Ramón Jiménez o seguinte elogio: “[...] *la belleza tan humana de este libro que se nutre hoja tras hoja de la sustancia propia de la escritura*”<sup>3</sup>.

A Guerra Civil havia interrompido os movimentos artísticos culturais que a antecederam e mudado os rumos literários, devido ao exílio, ao auto-exílio ou, ainda, ao exílio-interior de muitos dos poetas da “Geração de 27” que eram contrários ao novo regime. Alguns morrem. Dá-se o isolamento geral da Espanha, nos primeiros anos do pós-guerra, dos acontecimentos culturais de outros países, e o perfil literário também se altera, com o

---

<sup>3</sup> Disponível em [http://www.edestino.es/n\\_1.htm](http://www.edestino.es/n_1.htm) Acesso em: 14 de fev 2004.

aparecimento de algumas novas tendências, as quais estavam de acordo com o novo regime ditatorial, no sentido de reconstruir e integrar o país.

Desaparece o romance comprometido de esquerda, anterior à guerra. Abandona-se o experimentalismo do romance desumanizado e intelectualizado do Novecentismo, a prosa lírica e filosófica de Unamuno e a estética esperpêntica de Valle-Inclán.

É uma época de várias tendências literárias que busca a retomada do caminho interrompido. Nos primeiros anos, Cachero *et al* (1980, p. 319-320) define o estilo, no que se refere ao romance: “*Aparte los casos de incapacidad o de desinterés, el fenómeno parece responder a la convicción de que la novela de esos años posee una rara homogeneidad estilística – el realismo – [...]*”. Esse retorno ao Realismo pode ser definido como “novo”, uma vez que, “[...] *sobrepasa la observación costumbrista y el análisis descriptivo del realismo decimonónico mediante una voluntad de testimonio objetivo artísticamente concentrado y social e históricamente centrado*” (SOBEJANO, *apud* ROBERTS, 1978, p. 42). Refere-se, portanto, a uma conexão com a realidade concreta, com as circunstâncias reais do tempo e do lugar, com a existência histórica dos espanhóis.

Laforet, ao apresentar esse novo realismo, faz algumas inovações que terão repercussão na narrativa espanhola. Incorpora o leitor à obra, já que não se trata de uma obra completa e acabada. Muitas coisas não são totalmente explicadas, como a relação de Angústias com seu chefe, a infância de Andrea, os amores de Román... , embora haja convergência e coincidência de fatos às vezes retomados por vários narradores e perspectivas. A imaginação do leitor recriará o que falta, participando, ao supor um final. A autora não faz uma crítica direta ao grupo dos universitários, àqueles que só pensam em divertir-se, tão diferentes das personagens sempre em choque, da Rua Aribau. Os contrastes humanos, como na vida real, não são tão claros.

*Nada* apresenta o pessimismo, tema do romance espanhol contemporâneo, mas, parafraseando Delibes (1991), não é um pessimismo totalmente desesperançado. Andrea, ao abandonar o inferno da Rua Aribau, vislumbra o início uma nova vida. Essa nova vida não permite uma única interpretação: é um final aberto a diversas possibilidades.

Sua linguagem não tem, prioritariamente, a sofisticação estilística da geração anterior; seu compromisso é com o conteúdo simples e claro.

Mediante una técnica tradicional y con una estructura y un lenguaje de gran sencillez, *Nada* inaugura un tono lleno de futuro en la novela reciente, sin retoricismos ni ampulósidades. Por otra parte, el tema, [...] la miseria moral y económica que descubría en la familia barcelonesa que alberga a la protagonista, era una respuesta a tanto falseamiento o escapismo literario de los años cuarenta y por ello mismo ofrecía un posible camino para la novelación de la España contemporánea. (SANZ VILLANUEVA In: DIEZ BORQUE, 1980, p. 270)

No pós-guerra, convivem os escritores mais conformistas com a nova situação política, aqueles que desde o exílio mantêm o impulso realista, humanizado e vanguardista, e aqueles que provocam um certo mal-estar, com um realismo por vezes repulsivo, inserido em miseráveis realidades, e, outras vezes, resultado de ilusões fracassadas e de ambientes sórdidos, como é o caso da obra em questão: *Nada*, de Carmen Laforet. Paralelamente, desenvolveu-se no pós-guerra uma ampla subliteratura: gibis, fotonovelas, radionovelas e romances água-com-açúcar (sentimentais) de grande sucesso e penetração popular.

Além de estar entre algumas inovações, acima citadas, a obra de Laforet é relevante porque apresenta uma imagem da mulher, na literatura, que se contrapõe à encontrada na subliteratura daquele momento, mais especificamente nos romances “água-com-açúcar”.

Assim, com o romance *Nada* a figura feminina muda, tanto na personagem, como na autoria. É uma atitude bastante ousada para uma mulher escritora e demonstra uma postura inédita naquele momento, se considerarmos as condições da época, quando o Governo estimulava as mulheres a que abandonassem o trabalho, suas profissões, e voltassem para suas casas. Assim dizia o trecho de um pequeno artigo publicado em um dos boletins da Seção Feminina, escrito por Pilar Primo de Rivera (2005, p. 3):

Ten preparada una comida deliciosa para cuando él regrese del trabajo [...]. Ofrecete a quitarle los zapatos. [...] Prepárate – pero ya veréis, porque luego eso se va poniendo caliente, porque al final siempre acaba en lo mismo [...]. Déjale hablar primero, recuerda que sus temas de conversación son más importantes que los tuyos [...]<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> PRIMO DE RIVERA, Pilar (apud PRADO, Benjamín). In: Mesa redonda “*Carmen Laforet: el ser y la nada*”. Foro complutense – Fundación General – Universidad Complutense de Madrid. Em 24 de fevereiro de 2005. Disponível em <<http://www.ucm.es/linfo/fgu/foro/laforet.pdf>> Acesso em: 21 de março de 2006.

Esta era a ideologia em relação à mulher, em 1958; provavelmente em 1944 houvesse uma visão ainda mais restrita em relação à situação feminina.

Essa postura da nova mulher se apresenta reforçada por um nada, presente em tudo, desde o começo da obra, como uma névoa que toma conta da vontade e das ações da personagem Andrea. É um nada que permeia também sua voz, resistente até no silêncio, já que quase não fala: “– *¿Qué te dice la música?* / – *Nada, no sé. Sólo me gusta...* / – *No es verdad, dime lo que te dice.* / – *Nada*”. A imagem feminina rebelde define-se na seqüência da obra; com a saída de sua principal opressora, Angústias, Andrea tem mais liberdade; reforça-se sua amizade com Ena, o convívio com seus amigos boêmios, suas andanças por algumas ruas proibidas de Barcelona, sozinha e a qualquer hora do dia ou da noite... Esse papel da protagonista não se encaixa naquele esperado pelo franquismo: o da obediência e da submissão.

As descrições dos espaços internos (sua casa) e externos (a cidade de Barcelona, suas ruas, a Universidade...), em seu contexto, dizem o que a personagem cala: as ruínas pessoais das personagens desprovidas de sentimentos nobres.

A autora inova também ao apresentar um realismo com preocupações existencialistas que, juntamente com outros autores, como Miguel Delibes e Camilo José Cela centra seus temas “[...] *en la enajenación, el desencanto y la busca de la autenticidad*” (SOBEJANO, 2003, p. 13).

Considerado o primeiro romance do realismo existencialista do pós-guerra, seus principais personagens vivem a realidade da representação dos escombros da guerra, tanto nos ambientes decadentes, como na angústia de se sentirem desvinculados, material e afetivamente, de algo que lhes dê sentido à vida. A presença da morte está ainda recente em suas memórias e na ausência de qualquer expectativa futura.

*Nada* é visto como um romance do realismo existencialista espanhol. Não vamos discorrer em que medida esse existencialismo está vinculado ao existencialismo da geração de Unamuno, nem mesmo ao existencialismo estrangeiro. No entanto, mesmo que superficialmente, não podemos deixar de abordar o “[...] *movimiento que se bautizó con el nombre de tremendismo, el cual, parte de la crítica quiso identificar como la forma española*

*del existencialismo*” (ROBERTS, 1978, p. 44). Os argumentos de vários autores contrários e favoráveis a essa afirmação mereceriam um estudo mais profundo; porém, neste momento, somente nos ateremos a alguns aspectos da discussão, resumindo o pensamento de Roberts (1978), que considera que o romance tremendista coincide com o romance existencialista em alguns pontos, por exemplo, na recriação de um determinado ambiente moral e espiritual, produtos, ambos, do pós-guerra. O tremendismo difere do existencialismo, entre outras questões, porque faz referência a um só elemento do romance existencial: o uso de certos aspectos tremendos e brutais da vida humana – “[...] *no se encuentra ese afán inquisitivo de la novela existencial por buscar un sentido a la vida humana a la luz de una filosofía específica*” (ROBERTS, 1978, p. 45).

O conceito de existencialismo, conforme Roberts (1978), é difícil de ser conceituado, já que existe uma pluralidade de existencialismos; todavia, pode-se chegar a princípios comuns, nas diferentes tendências. Roberts cita Jolivet, para defini-lo como “[...] *el conjunto de doctrinas según las cuales la filosofía tiene por objeto el análisis y la descripción de la existencia concreta, considerada como el acto de una libertad que se constituye al afirmarse y no tiene otro origen u otro fundamento que esta afirmación de sí misma*” (ROBERTS, 1978, p. 11-12. Grifo nosso).

O tema da existência concreta é o ponto central do pensamento de Søren Kierkegaard, que o explica: “*Es el pensamiento en relación con un pensador y con algo definido y particular que es el pensamiento, la existencia dándole al pensador existente el pensamiento, el tiempo y el lugar*” (apud ROBERTS, 1978, p. 13).

Kierkegaard define a tarefa do pensador existencial: “[...] *ella consiste en dirigirse al ser humano, el cual se siente comprometido en su propio existir*” (apud ROBERTS, 1978, p. 13). Esse pensador enfrenta a decisão de escolher entre ser ou não ser um indivíduo, numa situação concreta de livre-arbítrio em que a vida pessoal sofre riscos. É uma ação constante, é um fazer-se no tempo; portanto, não é atemporal nem eterna, implica em liberdade de ser ou não ser, num processo dinâmico de auto-criação. Esclarece Roberts (1978, p.15): “[...] *es la expresión de la revelación del sujeto existente como libertad, como posibilidad, es decir, como algo que no es nada todavía*”. O devir a partir do nada.

A angústia, no ser humano, advém durante sua existência, ao perceber que a individualidade impede o coletivo, ou seja, isso acontece quando o ser não assume a humanidade como uma tarefa a realizar, como uma tarefa que requer coragem e responsabilidade. Kierkegaard (*apud* ROBERTS, 1978) relaciona a angústia com a liberdade, e Heidegger (*apud* ROBERTS, 1978), com o nada. Esse nada, de Heidegger, seria a perda do eu no infinito, causado pela falta de autenticidade da existência.

Talvez seja por esse viés que o romance *Nada* seja visto como existencialista: a perda do eu no infinito. A protagonista Andrea é uma garota jovem que vive, ou melhor, que, durante os seus estudos na faculdade, tem sua existência presa a seus familiares, cada um deles com uma certa anormalidade. Ela pouco participa na família, e nela pouco interfere. Ela observa, de sua perspectiva, a existência de pessoas conflitivas, com seus pesadelos, os quais, em alguma medida, são também vividos por ela. Não toma nenhuma atitude, não participa de nenhuma ação que altere o rumo de ninguém, nem o seu próprio. Sua ansiada liberdade, tolhida principalmente por sua tia, torna-se inútil, o que a conduz a um profundo nada. Da contradição e do conseqüente conflito entre a lucidez e a crítica de sua vida e dos outros moradores da casa de Aribau, nasce a angústia. Não deve ser por acaso que a guardiã da liberdade de Andrea, na obra *Nada*, chama-se Angústias – é ela quem causa muitos de seus problemas.

A saída da protagonista da casa de seus parentes não se dá por sua iniciativa, mas demonstra sua coragem em aceitar um convite para deixar a casa e a cidade. Ela vai embora da casa, parte de Barcelona para Madri a convite de sua amiga Ena, para trabalhar com o pai desta.

Ao sair da casa da Rua Aribau, Andrea pensa que nada lhe aconteceu. Parece que repete as palavras de Nietzsche (*apud* YALOM, 2005, p. 358): “Mas agora nada tenho!” Talvez a personagem não tenha percebido a transformação ocorrida na passagem de suas lembranças da infância para o início de sua vida adulta. O filósofo, ao concluir seu pensamento, diz palavras que poderiam servir para Andrea: “Nada é tudo! De modo a se fortalecer deve primeiro afundar suas raízes no nada e aprender a encarar sua mais solitária solidão”.

A obra *Nada* situa-se nos anos quarenta, após o término da Guerra Civil Espanhola e dentro da Segunda Guerra Mundial, tempo em que as feridas e os temores estavam latentes.

A Guerra Civil, uma luta fratricida, foi uma experiência vital que comoveu a todos os espanhóis. Literariamente não poderia ser diferente; depois dela, a literatura terá como característica a re-humanização, ou seja, o interesse pelo homem e seus conflitos. Assim, esse tipo de romance, de realismo existencial espanhol, nasce, nos escritores, tanto da sua consciência angustiada, como de sua vida coletiva, derivando-se, nos anos cinquenta, na direção de um realismo social.

Embora a posição da Espanha na Segunda Guerra Mundial fosse de neutralidade, durante a Guerra Civil Espanhola (de agora em diante será referida apenas como “guerra”), o povo sofreu até à medula. Assim, talvez a opção menos dolorosa fosse esquecê-la, mas esta não foi a postura de Laforet, porque o romance é ambientado logo no início dos anos que a sucederam. Algumas personagens viveram-na diretamente, na condição de soldados, e outros, indiretamente, como parentes daqueles. As marcas desse período de crise emocional, econômica e política estão representadas pelo medo, fome, miséria, restos inesquecíveis na cidade, destroços da guerra, e no isolamento de cada um, com seus silêncios e fantasmas.

O conflito da obra de ficção representa o mesmo conflito da realidade vivida na guerra e no pós-guerra por grande parte do povo espanhol, que se viu em luta, frente a frente, com irmãos, vizinhos e amigos com ideais diferentes. Alguns críticos se concentram na análise que vêem “[...] *el pequeño mundo de la casa de Aribau como símbolo de la degeneración general de la moral en la España de después de la guerra civil*” (FOSTER, 1980, p. 386).

A casa não era só o símbolo da degeneração do pós-guerra, mas a própria guerra; nela respirava-se uma tensão como se o conflito ainda estivesse presente, nesse microcosmos. Dentro dessa casa moravam as duas Espanhas, aliás, duas é pouco, pois cada personagem simboliza uma fração diferente daquele país. Todos são cúmplices na anarquia, violência e, ao mesmo tempo, preservam uma aparência conservadora aos olhos da sociedade: “o que dirão?”.

Román, a serviço dos republicanos, é torturado nas *checas* – locais de tortura da esquerda – e incita seu irmão Juan, também *rojo* – republicano –, a passar para o lado dos nacionalistas, ao perceber que estes ganhavam a guerra.

Angústias é a representante mais explícita da igreja, não no seu sentido religioso, mas social, pois aquela instituição se posicionara ao lado da ditadura franquista como controle moral, idéia resgatada da Contra-Reforma e da Inquisição espanhola.

Glória é a mulher sensual – a mulher serpente –, que se submete ao casamento e aos maus tratos do marido, mas que tem a coragem de contrariá-lo, ao trazer dinheiro para casa, fruto da ação clandestina do jogo de cartas.

A avó, dona da casa, presa a um tempo passado, mal percebe o que acontece a sua volta; lembra a monarquia incompetente.

Andrea aprende, pelo silêncio obrigatório, como burlar a fome, o desamparo, e como nadar no lodo. Ela não apresenta definição clara sobre em qual das Espanhas está inserida.

Em contraste com o mundo da Rua de Aribau, claramente miserável e desestruturado, está o dos ricos, que parecem passar incólumes pela guerra: nenhuma marca, nem nas ruas, ou nas casas, ou nas pessoas. A casa da família de Ena continua harmoniosa e feliz. Seus amigos da Universidade e do estúdio de Guíxols vivem alheios ao mundo, são dependentes da mesada de seus pais, que vislumbram a guerra como um momento lucrativo.

O conflito que invadiu a Espanha a partir de julho de 1936 teve como inspiração movimentos mundiais totalitários de esquerda e de direita, e o desfecho não caminhou para um entendimento; cada segmento se considerava o verdadeiro representante do que a Espanha deveria ser, por isso a vitória de um dos lados, dos franquistas – os mais conservadores –, não foi motivo de comemoração para a totalidade do povo espanhol.

Laforet deu um passo à frente. Diferentemente das posições irreconciliáveis da Guerra Civil Espanhola, teve sensibilidade e sabedoria para aproximar os antagônicos, em seu livro. Criou uma personagem que viveu na casa da desolação, transitou pelas casas da abundância, reconhecendo cruamente seus prós e contras, e conciliou, por vias do sentimento de amizade, uma ponte que uniu o que havia de melhor nesses “dois mundos” e encontrou sua própria saída, levando uma dolorosa vivência da casa de sua avó, mas também a esperança em novas possibilidades que sua amiga lhe oferecia.



No romance, a palavra guerra é citada mais de cento e oitenta vezes. A guerra acentua a divisão das “duas velhas Espanhas”, mas uma jovem “um tanto niilista” de 20 anos consegue integrar os dois mundos do romance.

## II. Sobre a Tradução

*Cada texto es único y, simultáneamente, es la traducción de otro texto. Ningún texto es enteramente original porque el lenguaje mismo, en su esencia, es ya una traducción: primero del mundo no-verbal y, después, porque cada signo y cada frase es la traducción de otro signo y de otra frase.*

(OCTAVIO PAZ, 1990, p. 13)

O trabalho de tradução é surpreendente. Encontramos dificuldades que vão além da tradução do texto racionalizado, como as do contexto e de suas possibilidades e sutilezas.

Inicialmente, pensamos que, para traduzir, encontrar palavras “equivalentes” seria a solução mais viável. Por exemplo, a palavra *abuela*, presente no texto de partida, equivaleria à palavra *avó*, em português, mãe da mãe ou do pai de uma pessoa.

Rónai (1981, p.17) define nossa primeira concepção sobre o que, naquele momento, pensávamos seria traduzir:

A maioria das pessoas, quando pensa em tradução, faz idéia de uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo conhecedor de duas línguas vai substituindo, uma por uma, as palavras de uma frase na língua A por seus equivalentes na língua B. Na realidade as coisas se passam de maneira diferente. As palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estar dentro desse contexto.

Com essa primeira concepção de equivalência ou literalidade, começamos a tradução do primeiro capítulo da obra. Ainda que o trabalho fosse caminhando, parecia que estávamos muito presas ao conteúdo lógico e deixando para trás “algo do espírito”, ou seja, circunstâncias que fogem da racionalização, no poético, no estilo ou na alma do texto que, desde o princípio, pretendíamos manter.

Foram surgindo inúmeras dúvidas sobre o que nortearia as escolhas feitas por estas ou aquelas palavras, sobre se a pontuação deveria ser a mesma da obra em questão, sobre como lidaríamos com a insegurança de estarmos ou não preservando o estilo da autora, e sobre o espaço adequado que poderíamos usar, a fim de tornar o nosso texto claro e fluido. A questão da equivalência ou fidelidade às palavras tornou-se bastante questionável, uma vez que poderíamos alterar a obra excessivamente.

Tantas indagações levaram-nos a um segundo momento, no movimento tradutório. Fomos procurar algumas respostas junto àqueles que fizeram estudos sobre tradução, autores que nos servissem de apoio e que, com suas experiências, dessem esclarecimentos às nossas dúvidas. Recorremos a Arrojo (2000), a Rónai (1956) e a Lefereve (1997).

Em Rónai (1956, p. 9), lemos o comentário do crítico paulista Luís Washington, que resume uma página de Ortega y Gasset sobre os problemas da tradução:

[...] Ortega y Gasset, ao demonstrar a impossibilidade teórica da tradução literária, afirma implicitamente que a tradução é arte. O objetivo de toda arte não é algo impossível? O poeta exprime (ou quer exprimir) o inexprimível [...] Não é surpreendente, pois, que o tradutor se empenhe em traduzir o intraduzível.

Segundo Rónai (1956), essa idéia de impossibilidade da tradução não é nova, e cita Herder, que assinala que “ninguém pensa além do idioma” (RÓNAI, 1956, p. 10), ou seja, certas idéias só podem nascer na consciência de pessoas que falam determinada língua. Essa idéia se vê reforçada pelo trocadilho italiano *traduttori traditori*, no sentido “de que o tradutor trai necessariamente a idéia do autor”, porque em “[...] qualquer outra língua, em que duas palavras não têm forma semelhante, a idéia nasceria mais dificilmente e não teria a mesma oportunidade de generalização” (RÓNAI, 1956, p. 10).

Esse contato com a “impossibilidade” alertou-nos para o fato de que existem, sim, algumas palavras intraduzíveis, como é o caso da tão conhecida *saudade*, em português. Nesses casos, optamos por manter a forma original, em itálico, com explicações no rodapé. Entendemos, inicialmente, que essa impossibilidade refere-se aos casos em que não é possível encontrar duas palavras coincidentes em duas línguas distintas, pelo fato de que as equivalências não são totais e absolutas. No entanto, a palavra adquire novos sentidos contextuais, a partir de suas acepções. Talvez a substituição da palavra *saudade* por *nostalgia* ou *echar de menos*, da língua espanhola, possa ser utilizada sem comprometer o texto. Nesse caso poderíamos conservar, não no campo lingüístico, e sim no contexto, o seu sentido. Rodrigues (2000, p. 120) cita Lefevere, no que diz respeito à equivalência, dizendo “[...] que é possível haver um 'mesmo valor' em uma outra língua, em um nível que não atingiria o 'efeito' do uso da linguagem”. Impossível, talvez, seja pensar que, ao traduzir, encontraremos sempre palavras coincidentes entre dois léxicos; nesse caso, buscamos apenas a equivalência de valores.

Grandes obstáculos foram as palavras aparentemente simples, que freqüentemente nos levavam à tradução mais geral, e perdíamos, assim, o seu sentido específico.

Voltamos ao primeiro exemplo, da palavra *abuela*, em espanhol. Se no primeiro momento a tradução por avó pareceu adequada, fomos percebendo que essa única tradução para a palavra *abuela* não estava de acordo com o uso brasileiro. Estávamos generalizando a palavra *a priori*, desconsiderando o uso coloquial e a naturalidade de ambas, nas duas línguas. Assim, escolhemos três traduções para o uso indistinto do vocábulo *abuela*: *minha avó*, na fala de Andrea, quando indicava distanciamento; *vó*, quando se dirigia a ela diretamente; *avó*, na indicação de fala nos diálogos; e, *vovó*, na fala de Glória, que em algumas situações usa até mesmo o termo *mamãe* com conotação afetiva, ao referir-se à sogra. Para a palavra *abuelita*, optamos pela tradução *vovó*.

Essa situação se repetiu também com outras palavras: *pueblo*, *sueño*, etc., que têm em comum uma única forma, em espanhol, para referir-se a diferentes situações, enquanto na língua portuguesa essas situações se apresentam em formas variadas. *Pueblo*, por exemplo, em português pode receber, dependendo do contexto, as traduções *povo*, *vilarejo*, *pequena cidade*, *município*, sentidos estes contidos e representados por uma única palavra em espanhol, *pueblo*. Já no caso de *sueño*, nosso código lingüístico pode receber as traduções *sono* e *sonho*.

A possibilidade aventada acima, de traduzir a palavra, ora como *vó*, ora como *minha avó*, talvez comprometesse a literalidade e/ou a fidelidade. Rónai (1956) opina que há uma tradução que atende a esse tipo de questão. Não seria uma versão literal e nem permaneceria fiel à palavra, mas à idéia, e, nesse caso, teríamos a tradução literária. Essa definição se aproximava mais daquilo que buscávamos.

Tal conceito foi sendo apurado à medida que percebíamos que, se por um lado traduzir com a literalidade inicial deixava o texto um tanto pobre, por outro lado tentávamos a busca do que chamamos “algo do espírito”, esbarrando na impossibilidade, já que implica o conceito de arte. Concordamos com Paz (1990, p. 12):

*En el interior de cada civilización renacen las diferencias: las lenguas que nos sirven para comunicarnos, también nos encierran en una malla invisible de sonidos y significados, de modo que las naciones son prisioneras de las lenguas que hablan. Dentro de cada lengua se reproducen las divisiones: épocas históricas, clases sociales, generaciones.*

Deparamo-nos, assim, com vários impasses, que suscitaram os questionamentos sobre a quem ou a que nos manteríamos fiéis. Para Rónai (1956, p. 17), “Uma versão literal, isto é, fiel a apenas uma das línguas, é impossível”. Por parecer-nos apropriado à questão da fidelidade e para demonstrar a diversidade de considerações que devemos observar, quando traduzimos o que parecem ser palavras comuns, usaremos um dos exemplos anteriores.

A palavra *sueño* é mantida no texto de partida em situações que se referem ao *sono* e também ao *sonho*. Ao traduzi-la, optamos, ora por *sono*, quando havia um precedente que indicasse o ato de dormir, ora por *sonho*, quando indicava um desejo ou algo que acontecera durante o sono, não vivido, sonhado. Perguntamo-nos: nesses casos, mantivemos fidelidade ao texto de partida ou ao texto na língua vertida? Na tentativa de responder a essa questão, fizemos algumas considerações.

Se pensarmos em literalidade, *sueño* estaria para *sonho*, e não para *sono* (que poderia ser entendido como um ato pré-sonho). Como ejemplo: *En la agradable confusión de ideas que precede al sueño se fueron calmando mis temores [...]. El alto sueño de la catedral volvió a invadirme*. Fizemos a seguinte tradução: “Na agradável confusão de idéias que precede o sono, meus temores foram se acalmando [...] O alto sonho da Catedral voltou a invadir-me”.

Ao utilizar as duas formas, *sono* e *sonho*, as quais o contexto em língua portuguesa solicitava, a leitura ficou mais fluida e precisa, mas poderia ser entendida como uma infidelidade à língua na “literalidade-fidelidade” ao original, uma vez que as línguas não são tão semelhantes assim, embora se pareçam, e esta aparente facilidade é uma de suas armadilhas. Se assim não fosse, bastaria transportar as palavras de um idioma para outro.

Outra questão que muito nos preocupou no tocante à fidelidade e, especificamente, à fluidez do texto foi manter ou não a ordem inversa presente em todos os momentos da obra, nos diálogos ou nas reflexões. Entendemos que tal generalização de uso não se repete em língua portuguesa. Por isso, não foi mantida, no caso dos diálogos, e sim, poucas vezes, nas reflexões, nas quais se percebem construções poéticas, adequadas ao estilo culto.

Observamos que a fidelidade deve ser mantida, sim, porém ao sentido, como já mencionamos, tentando preservar, na tradução, a fluidez do texto original. Tentamos, desse

modo, conciliar a polarização indicada por Aubert (1994, p. 77): “[...] a conjunção de um certo grau de diversidade com um certo grau de identidade”.

Assim, na intenção de nos aproximarmos com maior precisão da obra *Nada*, de Carmen Laforet, optamos, ora pela tradução literal, nos casos em que existem palavras equivalentes, ora pela literária, tentando manter a fidelidade às estruturas sintáticas, ao léxico, à pontuação de ambas as línguas, considerando que “[...] nossa tradução [...] será fiel não ao texto original, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos” (ARROJO, 2000, p. 44). Nosso trabalho tradutório, portanto, estará sujeito a uma interpretação subjetiva e permeada pelo momento presente e respectivas influências da cultura e do pensamento.

Concordamos com Lefevere (*apud* RODRIGUES, 2000, p. 118), quando diz que um texto traduzido é o resultado de sua manipulação por quem o traduz. Ao traduzir um texto, entendemos que ele é fruto de um contexto cultural, histórico, literário. Seu autor está igualmente contaminado por esse contexto, além de refletir sua história pessoal, crenças, ideologias, experiências etc. Além desses aspectos, encontra-se embutida a ação do poder editorial, da comunidade acadêmica e de um leitor que também participa desse panorama holístico. É improvável que o tradutor de outra realidade, momento e país, também portador de todos esses elementos e situações, consiga imitar o autor e sua obra.

Ao ler a obra-fonte, como já disse Arrojo (2000), faz-se uma interpretação; assim, ao fazer a tradução, selecionamos o léxico, estruturas gramaticais, semânticas etc., de acordo com conhecimentos lingüísticos básicos, mas não imunes a opções pessoais. As diferenças entre a personalidade do autor e a do tradutor, assim como a diferença de conhecimentos de ambos, são imediatamente sentidas, por exemplo, ao se perceber que as mesmas palavras teriam um sentido bem diferente na nossa boca ou pelo menos um valor menos intenso, menos enfático que as que tiveram na do autor do texto de partida. Vale observar um dos momentos em que tal situação aconteceu: [...] *pues Angústias me había cazado en el momento en que yo me disponía a escaparme a la calle* [...]. As palavras *cazado* e *escaparme* sugerem a idéia de um animal que tenta escapar de seu caçador mas que não alcança seu objetivo. Na tradução pela qual optamos, perdemos essa alusão “animalesca”: “Angústias havia me

surpreendido no instante em que tentava escapar para a rua [...]”. Critérios subjetivos norteiam as escolhas por esta ou aquela palavra; ora pensando em como se diria tal coisa na época em que foi escrita, ora priorizando a fluidez, clareza do texto literário ao leitor-alvo atual, ora, avaliando se a tradução ficou muito culta ou muito popular. Existem muitas estruturas e muitos discursos para se dizer o mesmo. A linguagem da autora não é muito coloquial, e a da versão deve parecer a mais usual possível para o leitor brasileiro sem cair na linguagem coloquial vulgar o que alteraria o texto de partida... Foram questões como estas que nos levaram a concluir que nos parece difícil evitar que não haja uma transformação do original.

Rodrigues (2000, p. 118) cita Lefevere, no que se refere ao espírito do original: “[...] a maior parte dos tradutores compensa de uma maneira ou de outra: acrescenta traços que não remetem ao original em relação um a um, mas que se pode dizer estarem de acordo com o espírito do original”. Tal observação pode ser exemplificada com a expressão: [...] *el corazón de la ciudad lleno de luz* [...], que recebeu como tradução: “[...] o coração da cidade, repleto de luz [...]”. Neste caso, não optamos pela tradução da palavra *lleno* pela similar *cheio*, mas sim pelo adjetivo *repleto*, que dá maior força à construção.

Assim, muitas vezes perdendo, e compensando em outras, manipulamos, transformamos, reescrevemos *Nada*, buscando semelhanças nas diferenças e valendo-nos de alguns dos critérios que seguem.

Não houve o propósito de nacionalizar a obra, nem procuramos esconder do leitor tratar-se de uma obra vertida, ambientada no pós-guerra civil espanhol; apenas, fizemos algumas alterações para tornar mais fácil a leitura. Damos como exemplos os casos da palavra *pesetas*, mantida em espanhol e dicionarizada em português, e os dos nomes próprios: Angustias/Angústias, Gloria/Glória, Antonia/Antônia que receberam acentos, para estarem de acordo com as normas de acentuação do português, desde que não alterassem a essência do significado na língua espanhola e tornassem a leitura mais eufônica. O mesmo não pôde ser feito com o nome próprio Juan. Neste caso, traduzi-lo para João causaria a perda da identidade de origem.

Algumas palavras, como *camàlic*, e outras que apareceram em catalão, foram mantidas como no original e traduzidas ao português em notas de rodapé. Embora a autora fosse catalã, provavelmente recorreu ao castelhano, porque as outras línguas espanholas

estavam proibidas, naquela época de ditadura ou porque deixou Barcelona aos dois anos de idade, voltando para sua cidade natal aos dezoito. Portanto, sua formação foi em língua castelhana. Seja como for, mantivemos, esses termos do catalão como uma marca da origem da escritora.

O tom de coloquialidade do estilo pareceu-nos primordial e esteve presente nas escolhas que fizemos, como neste exemplo: *¡Vaya un plantón que me hiciste dar esta mañana, hija...!* - que poderia ter sido traduzido por: “Que cano você me deu, minha filha!” Fizemos outra escolha: “Que cansada você me deu esta manhã, minha filha”, pois o texto, até então, não apresentava expressões de uma linguagem coloquial tão popular.

Observamos, ao fazer a tradução, que as construções com os pronomes oblíquos são menos incidentes no português brasileiro, principalmente no registro oral-coloquial. São mais freqüentes no registro escrito culto. Assim, algumas vezes foram mantidas, principalmente na voz do narrador, ao fazer reflexões, e modificamos algumas delas, omitindo os pronomes oblíquos átonos e, às vezes, substituindo-os pelos pronomes do caso reto, nos diálogos. Pretendemos, dessa forma manter, para o leitor brasileiro, a naturalidade encontrada no texto em língua espanhola.

Essa preocupação esteve presente, não somente no que se refere ao emprego dos pronomes, mas também em outras construções. O tom forte e enfático da língua do texto de partida, como nesta estrutura: *Un día subí arriba [...]*, foi atenuado em sua tradução, para não incorreremos num pleonasmo vicioso, como a língua portuguesa considera essa expressão que tem uso generalizado em língua espanhola.

As repetições, freqüentes na língua espanhola, sejam na linguagem poética sejam na popular, foram mantidas, embora nos parecessem desnecessárias em alguns contextos, assim, fizemos algumas substituições: *Tu abuela ha preferido siempre a sus hijos varones, pero esos hijos [...]* – “Sua avó sempre deu preferência a seus filhos homens, mas estes [...]”. Outro exemplo: *Como si la luz que nimbaba sus cabellos entrecanos y abultaba sus labios gruesos fuera aún la misma luz.* – “Como se a luz que aureolava seus cabelos quase grisalhos e avolumava seus lábios grossos, fosse ainda a mesma”.



Percebemos também que, para adequar as estruturas semânticas do espanhol ao português, por vezes tivemos que reestruturar algumas frases, para encontrar seu sentido original. Exemplo: *Si quisieras no me negarías que tu padre te haría vivir tranquila en Barcelona* – depois de tentar organizá-la de várias maneiras, a versão definitiva ficou assim: “Não pode negar que, se você quisesse, seu pai faria com que vivesse tranqüila em Barcelona”.

A ordem inversa, tão utilizada na língua espanhola, algumas vezes, também apareceu, na tradução, nos momentos poéticos e nos pensamentos da protagonista-narradora, mas preferimos usar a ordem direta, principalmente nos diálogos. *A Angustias no le da Dios ninguna calidad de comprensión [...] “Deus não dá nenhuma qualidade de compreensão a Angústias [...]”*. Se a ordem inversa ficava perfeita no texto de partida, truncava a leitura no texto traduzido. Ao fazer tais alterações, pretendemos tornar a leitura mais fluida para o leitor brasileiro.

Notamos o uso freqüente que a língua espanhola faz de imperativos – *mírame, escúchame, acércate, dime, ven, cállate...* –, principalmente nas vozes de Angústias, Román e Juan. Nesses casos, os imperativos foram mantidos, pois demonstravam a força de expressão das personagens. Embora seja freqüentemente encontrado nas construções espanholas, em alguns momentos alteramos o emprego desse modo verbal, procurando observar que os brasileiros optam por construções nas quais ele é atenuado, com utilização de expressões como “por favor” e com o emprego de diversas outras formas verbais que transformam a ordem em um pedido, por meio de uma pergunta (exemplo: você poderia me trazer um copo d’água?).

O colorido da língua que as expressões coloquiais oferecem foi alvo de pesquisas. Recorremos, portanto, a livros e a amigos que nos pudessem orientar, primeiramente na captação de seu sentido, e depois, na escolha de uma expressão que mantivesse sua essência, ora na ironia, ora no lúdico. Assim foi o caso de [...] *y más aburrido que una mona*, que, ao ser traduzido por “[...] está jururu”, perdeu a graça da imagem de uma “macaca entediada”, ao apresentar uma imagem que indicava melancolia, tristeza.

Por último, as grandes preocupações são as estruturas lingüísticas, as expressões idiomáticas, os matizes, as nuances, as sutilezas de palavras que não foram pensadas em

língua portuguesa e que, ao serem traduzidas no seu sentido mais geral, seriam reduzidas em sua precisão de significado e uso.

As palavras que ofereceram maior dificuldade, por não terem opções aparentemente óbvias, foram explicadas em notas de rodapé na própria tradução, como complemento de seu significado. Também foram registrados em notas alguns comentários sobre fatos sociais e locais geográficos, com o intuito de ilustrar a obra.

Nossa tradução pretendeu manter o sentido, o estilo e a fluidez.

### III. Tradução

#### NADA

#### (Fragmento)

A veces un gusto amargo  
 Un olor malo, una rara  
 Luz, un tono desacorde,  
 Un contacto que desgana,  
 Como realidades fijas  
 Nuestros sentidos alcanzan  
 Y nos parecen que son  
 La verdad no sospechada...

J. R. J. <sup>5</sup>

### PRIMEIRA PARTE

#### I

Por dificuldades de última hora na aquisição de passagem, cheguei a Barcelona à meia-noite, em outro trem, diferente do que tinha anunciado, e ninguém me esperava.

Era a primeira vez que viajava sozinha, mas não estava assustada; ao contrário, me parecia uma aventura agradável e excitante aquela profunda liberdade na noite. O sangue, depois de longa e cansativa viagem, começava a circular nas pernas dormentes. Com um sorriso de admiração, olhava a grande estação da França e os grupos formados por pessoas que estavam aguardando o expresso e aqueles que chegávamos com três horas de atraso.

O odor especial, o grande burburinho das pessoas e as luzes sempre tristes tinham para mim um grande encanto, já que envolviam todas as minhas impressões na maravilha de haver chegado, finalmente, a uma cidade grande, amada em meus devaneios por ser desconhecida.

Comecei a seguir – uma gota na correnteza – o rumo da massa humana que, carregada de malas, despejava-se na saída. Minha bagagem era uma mala enorme muito pesada –

---

<sup>5</sup> Às vezes, um gosto amargo, / Um odor ruim, uma rara / Luz, um tom desacorde, / Um contato que desagrada, / Como realidades fixas / Nossos sentidos alcançam / Parecendo-nos que são / A verdade não suspeitada... Juan Ramón Jiménez (1881-1958), poeta espanhol.

porque estava quase repleta de livros –, e eu a carregava com toda a força de minha juventude e de minha ansiosa expectativa.

Um ar marinho, pesado e fresco, entrou em meus pulmões com a primeira sensação confusa da cidade: uma massa de casas adormecidas, de lojas fechadas, de luzes como sentinelas bêbadas de solidão. Uma respiração profunda, difícil, vinha com o sussurro da madrugada. Muito perto, às minhas costas, em frente das ruelas misteriosas que levam até o Borne<sup>6</sup>, sobre meu coração excitado, estava o mar.

Devia parecer uma figura estranha, com meu aspecto risonho, meu velho casaco que, impulsionado pela brisa, açoitava minhas pernas, defendendo minha mala, desconfiada dos atenciosos “camàlics”<sup>7</sup>.

Lembro que, em poucos minutos, fiquei sozinha na grande calçada, porque as pessoas corriam para pegar os escassos táxis ou lutavam para dependurar-se nos bondes.

Uma dessas velhas charretes<sup>8</sup> puxada por cavalos, que voltaram a surgir depois da guerra, deteve-se diante de mim, e subi sem vacilar, causando inveja a um senhor que se lançava atrás dela desesperado, agitando o chapéu.

Percorri, aquela noite, no desconjuntado<sup>9</sup> veículo, largas ruas vazias, e atravessei o coração da cidade, repleto de luz, como eu queria que estivesse, numa viagem que pareceu curta e que para mim se carregava de beleza.

A charrete contornou a Praça da Universidade; lembro-me de que o belo edifício me comoveu, como se fosse um solene cumprimento de boas-vindas.

Seguimos pela Rua Aribau, onde viviam meus parentes, com seus plátanos que enchiam de espesso verdor aquele outubro e o silêncio vívido da respiração de mil almas atrás dos balcões apagados. As rodas da carruagem levantavam um rastro de ruído, que repercutia

---

<sup>6</sup> O *Borne* é um dos distritos mais antigo e importante de Barcelona. Durante séculos foi onde se celebrava os torneios (séc. XIV e XV) e feiras de todo o tipo. Em um dos extremos do bairro se encontra o Mercado Central de Barcelona, e no outro está a igreja Santa María del Mar, lugar visitado pela personagem Andrea, mais adiante.

<sup>7</sup> Palavra catalã que quer dizer “carregadores”, em português.

<sup>8</sup> Tradução para *coche*, pela alusão aos cavalos; se fosse conduzido somente por um cavalo, poderia ser um “tílburi”. Por causa da falta de combustíveis no pós-guerra civil espanhol, houve a necessidade de transportes mais baratos que dispensassem o uso de gasolina, que a Espanha não produzia.

<sup>9</sup> Tradução para *desvincijado*. Mantém a idéia de alguma coisa que se encontra com as partes desunidas. Embora a palavra *escangalhada* também recolhesse o sentido, pareceu-nos muito moderna.

em meu cérebro. Repentinamente, senti rangerem, balançarem todos os trastes<sup>10</sup>. Em seguida, tudo ficou imóvel.

– É aqui – disse o cocheiro.

Ergui a cabeça em direção à casa<sup>11</sup> diante da qual estávamos. Fileiras de balcões se sucediam iguais, com grades de ferro escuro, guardando o segredo de suas moradias. Olhei para eles e não pude adivinhar em quais daqueles de agora em diante eu me debruçaria. Com a mão um pouco trêmula, dei umas moedas ao vigia e, quando ele fechou a porta do saguão atrás de mim, com grande tremor do ferro e dos vidros, comecei a subir vagarosamente a escada, carregando minha mala.

Tudo começava a tornar-se estranho, diferente ao que imaginara; os estreitos e gastos degraus de mosaico, iluminados pela luz elétrica, não tinham lugar em minhas lembranças.

Diante da porta do apartamento fui invadida por um súbito temor de acordar aquelas pessoas desconhecidas, que eram, para mim, afinal de contas, meus parentes, e por alguns instantes titubeei, antes de iniciar uma tímida chamada à qual ninguém respondeu. Começaram a aumentar as batidas do meu coração e apertei novamente a campainha. Ouvi uma voz trêmula:

– “Já vai, já vai!”.

Pés arrastando-se e mãos desajeitadas abrindo as trancas.

Em seguida, tudo me pareceu um pesadelo.

O que havia diante de mim era uma saleta<sup>12</sup> iluminada por uma única lâmpada que estava presa a um dos braços do lustre, magnífico e repleto de teias de aranha, pendurado no teto. Um fundo escuro de móveis colocados uns sobre os outros, como nas mudanças. Num primeiro plano, a mancha branca e preta de uma velhinha decrépita, de camisola, com um xale jogado sobre os ombros. Quis acreditar que me havia enganado de apartamento, porém aquela

---

<sup>10</sup> Tradução para *armatoste*: móvel ou outro objeto grande e inútil. Sentido encontrado em ambas as palavras.

<sup>11</sup> *Casa*, neste caso, faz referência ao prédio. Optamos por manter este uso do original.

<sup>12</sup> Tradução para *recibidor*: *pieza que da entrada a los cuartos habitados por una familia*. (DRAE). Provavelmente esse uso no Brasil tivesse o mesmo sentido, não para referir-se a um dos cômodos dos apartamentos, como é o caso do texto original, mas sim para cômodos de casas antigas e geralmente mais abastadas; também para escritórios de advogados, dentistas etc. A existência dessa saleta para receber visitas rápidas e geralmente formais revela aspectos culturais diferentes em relação à questão da privacidade daquela época e a de hoje.

infeliz velhinha conservava um sorriso bondoso, tão doce que me deu a certeza de que era minha avó.

– É você, Glória? – disse cochichando.

Neguei com a cabeça, incapaz de falar; ela, porém, não conseguia ver-me na sombra.

– Entre, entre, minha filha. O que está fazendo aí? Meu Deus! Que Angústias não perceba que você está voltando a estas horas.

Intrigada, arrastei a mala e fechei a porta atrás de mim. Então, a pobre velhinha começou a balbuciar algo, desconcertada.

– Não se lembra de mim, vó? Sou Andrea.

– Andrea?

Vacilava. Fazia esforços por lembrar. Aquilo era lamentável.

– Sim, vó, sua neta... Não pude chegar de manhã, como disse em minha carta.

A anciã continuava sem compreender muita coisa, quando saiu por uma das portas da sala de visitas, de pijama, um tipo descarnado e alto que assumiu a situação. Era um dos meus tios, Juan. Tinha o rosto todo encovado<sup>13</sup>, parecia uma caveira sob a luz da única lâmpada do lustre.

Enquanto me dava uns tapinhas nos ombros e me chamava de sobrinha, minha avó jogou-me os braços ao pescoço com os olhos claros cheios de lágrimas e repetiu várias vezes: “coitadinha”.

Em toda aquela cena havia algo opressivo, e, no apartamento, um calor sufocante, como se o ar estivesse parado e podre. Ao levantar os olhos, vi que haviam aparecido várias mulheres fantasmagóricas. Quase senti minha pele eriçar-se ao vislumbrar uma delas, vestida com uma roupa preta que lembrava uma camisola. Tudo naquela mulher parecia horrível e desajeitado, até a esverdeada dentadura que me sorria. Era seguida por um cachorro, também

---

<sup>13</sup> Tradução para *lleno de concavidades*. Recolhe o sentido cadavérico, pela magreza ou abatimento da personagem. Embora o termo em espanhol refira-se mais ao rosto cheio de “buracos”, marcas côncavas.

preto, como uma prolongação de seu luto<sup>14</sup>, que bocejava ruidosamente. Depois me contaram que era a empregada, mas, nunca outra criatura me deixou uma impressão tão desagradável.

Atrás do tio Juan havia aparecido outra mulher, bastante magra e jovem, com os cabelos desgrenhados, avermelhados, sobre o anguloso rosto alvo, com uma languidez de lençóis dependurados, aumentando ainda mais a penosa sensação do conjunto.

Eu estava sentindo a cabeça da minha avó sobre o meu ombro, ainda apertada por seu abraço, e todas aquelas figuras me pareciam igualmente alongadas e sombrias. Alongadas, quietas e tristes, como luzes de um velório do interior.

– Bem, agora chega, mamãe, agora chega – disse uma voz seca, parecendo um tanto ressentida.

Então percebi que ainda havia outra mulher atrás de mim. Senti uma mão sobre meu ombro e outra em meu queixo. Eu sou alta, mas minha tia Angústias era mais ainda, o que me obrigou a olhá-la de baixo para cima. Ela manifestou certo desprezo em seu gesto. Tinha cabelos meio grisalhos, que lhe desciam pelos ombros, e certa beleza em seu rosto escuro e alongado.

– Que canseira você me deu esta manhã, minha filha!...<sup>15</sup> Como eu poderia imaginar que ia chegar de madrugada?

Havia soltado meu queixo, estava diante de mim com toda a altura de sua camisola branca e seu roupão azul.

– Meu Deus, meu Deus, que transtorno! Uma criatura assim, sozinha...

Ouvi Juan grunhir:

– Lá vem a bruxa da Angústias, estragando tudo!

---

<sup>14</sup> O *luto* era uma característica marcante, em algumas regiões da Espanha, na perda de um familiar. Praticamente, todas as mulheres e muitos homens vestiam roupa preta pela morte de algum filho, pais, avós ou tios. O tempo de luto estava relacionado ao grau de parentesco. Famílias inteiras enlutavam na perda do pai ou da mãe, inclusive as crianças. Esse luto é quase um estado geral na casa da Rua Aribau, no qual se inserem o cachorro preto, a mancha preta e branca da avó, assim como as imagens que virão depois, os móveis quebrados, a banheira suja, o frio da cama... O luto de pessoas e do ambiente simboliza a morte da alegria.

<sup>15</sup> Tradução para *¡Vaya un plantón que me hiciste dar esta mañana, hija...!* Existiria ainda a forma “Que cano você me deu, minha filha!” Mas esta seria muito popular, e não condiz com o estilo da autora.

Angústias aparentou não ouvi-lo.

– Bem, você deve estar cansada. Antônia – dirigia-se agora à mulher coberta de negro – prepare uma cama para a senhorita.

Eu estava cansada e, além disso, naquele momento me sentia espantosamente suja. Aquelas pessoas movimentando-se ou me olhando, num ambiente sombreado por inúmeras coisas amontoadas, pareciam ter-me sobrecarregado com todo o calor e fuligem da viagem, de que já me havia esquecido. Além disso, desejava desesperadamente respirar um sopro de ar puro.

Observei que a mulher desganhada me olhava sorridente, abobada pelo sono, e olhava também minha mala, com o mesmo sorriso. Obrigou-me a dirigir os olhos para minha companheira de viagem, que me pareceu um pouco comovente em seu desamparo provinciano. Meio parda, amarrada com cordas, era, ao meu lado, o centro daquela estranha reunião.

Juan aproximou-se de mim:

– Não conhece a minha mulher, Andrea?

E empurrou, pelos ombros, a mulher despenteada.

– Meu nome é Glória – disse ela.

Vi que minha avó estava olhando para nós com um sorriso ansioso.

– Bah, bah! O que é isso de dar as mãos? Vamos, dêem um abraço, crianças... Assim, assim!

Glória sussurrou-me no ouvido:

– Está com medo?

E então, quase o senti, porque vi a expressão de Juan, que fazia caretas nervosas, mordendo as bochechas. Na verdade, tentava, apenas, sorrir.

Voltou tia Angústias, autoritária:



– Vamos dormir, que já é tarde.

– Queria lavar-me<sup>16</sup> um pouco – disse.

\_ Como? Fale mais alto! Lavar-se?

Os olhos se abriam assombrados sobre mim. Os olhos de Angústias e de todos os demais.

– Aqui não há água quente – disse finalmente Angústias.

– Não faz mal...

– Terá coragem para tomar um banho a estas horas?

– Sim – disse – sim.

Que alívio a água gelada sobre o meu corpo! Que alívio estar longe dos olhares daqueles seres singulares! Pensei que lá, o banheiro nunca devia ser utilizado. No espelho manchado do lavabo – que luzes pálidas, esverdeadas, havia na casa inteira! – refletia-se o baixo teto, carregado de teias de aranha, e meu próprio corpo entre os fios brilhantes da água, evitando tocar aquelas paredes sujas, nas pontas dos pés, sobre a encardida banheira de porcelana.

Aquele banheiro parecia uma casa de bruxas. As paredes manchadas de preto conservavam as marcas de mãos crispadas<sup>17</sup>, de gritos de desesperança. Por toda parte os descascados abriam suas bocas desdentadas transpirando umidade. Sobre o espelho, porque não cabia em outro lugar, haviam colocado uma natureza morta<sup>18</sup>, macabra, de pálidos peixes

---

<sup>16</sup> *Quisiera lavarme um poco...* Nas pequenas cidades as pessoas que se lavavam muito eram mal vistas. Os parentes de Andrea, embora morassem numa grande cidade, como Barcelona, não compreendiam a insistência dela em tomar banho, mesmo tarde da noite. Para ela, que vinha das Canárias, de clima tropical, era normal tomar banho todos os dias. Todos os esforços e tentativas de Andrea em superar os preconceitos eram considerados “pouco recatados”, por isso sua tia Angústias tentava sufocá-los. Angústias tem o comportamento das chefas da Seção Feminina da Falange (Organização feminina nacionalista de alienação e repressão durante e após a Guerra Civil Espanhola).

<sup>17</sup> Tradução para *ganchuda*: que tem a forma de gancho. Essa palavra nos transmite a imagem que fortalece a idéia de desespero, que se completa com a expressão seguinte: “gritos de desesperança”.

<sup>18</sup> Tradução para *bodegón*. Consideramos que a tradução, natureza morta, reforça a idéia de que os alimentos e a vida, nesse momento, estavam pendurados somente no quadro, pareciam mortos. A referência ao lugar no qual estava pendurado o quadro também faz uma alusão ao local em que se encontrava a beleza nesse momento: no banheiro.

com olhos esbugalhados<sup>19</sup> e cebolas, sobre um fundo preto. A loucura sorria nas torneiras retorcidas.

Comecei a ver coisas estranhas, como quem está bêbado. Bruscamente, fechei o chuveiro – o cristalino e protetor feitiço – e fiquei sozinha entre a sujeira das coisas.

Não sei como consegui dormir aquela noite. No quarto que me haviam destinado podia ver-se um grande piano com o teclado descoberto. Numerosas cornucópias<sup>20</sup> – algumas de grande valor – nas paredes. Uma escrivaninha chinesa, quadros, móveis amontoados<sup>21</sup>. Parecia o sótão de um palácio abandonado, e era, conforme fiquei sabendo, a sala da casa.

No centro, como um túmulo cercado por lamentosos seres – aquela fila dupla de poltronas destripadas –, uma cama turca<sup>22</sup>, coberta por uma manta preta, onde eu devia dormir. Sobre o piano haviam colocado uma vela, porque o enorme lustre do teto não tinha lâmpadas.

Angústias despediu-se de mim fazendo, em minha testa, o sinal da cruz, e minha avó abraçou-me com ternura. Senti palpitar seu coração como um animalzinho no meu peito.

– Se acordar assustada, pode me chamar, minha filha – disse com sua frágil e trêmula voz.

E depois, num misterioso sussurro ao meu ouvido:

– Eu nunca durmo, filhinha, sempre estou fazendo alguma coisa pela casa, à noite. Nunca, nunca durmo.

Finalmente foram embora, deixando-me com a sombra dos móveis, que a luz da vela avolumava, povoando de palpitações e profunda vida. O fedor, que se percebia em toda a

---

<sup>19</sup> Tradução para *besugo*. Optamos pela perífrase, uma vez que não encontramos um peixe equivalente. A escolha de uma das características do peixe, os olhos esbugalhados, e não de outras, deve-se ao adjetivo que o antecede, “macabra”, o qual já prepara o leitor para algo assustador.

<sup>20</sup> Vaso em forma de chifre, com frutas e flores que dele extravasam profusamente, antigo símbolo da fertilidade, riqueza, abundância, e que, hoje, simboliza a agricultura e o comércio (Dic. Houaiss).

<sup>21</sup> Tradução para *abigarrados*: mantém a idéia de juntar, sem nenhuma ordem, coisas diferentes.

<sup>22</sup> *cama turca*. Palavra mantida do original por receber a mesma denominação em língua portuguesa. Embora não seja dicionarizada, é bastante usada na linguagem cotidiana. Identifica-se com um leito sem guardas, sem cabeceira, sem laterais, simples e geralmente improvisado.

casa, chegou numa rajada mais forte. Era um cheiro de sujeira de gato. Senti que me afogava, e subi, num perigoso alpinismo, sobre o encosto de uma poltrona, para abrir uma porta que aparecia entre cortinas de veludo e poeira. Consegui chegar onde queria, na medida em que os móveis permitiam, e vi que havia comunicação com uma dessas galerias abertas que dão tanta luz às casas de Barcelona. Três estrelas tremiam na suave negritude acima e, ao vê-las, tive uma súbita vontade de chorar, como se visse velhos amigos bruscamente reconquistados.

Aquele iluminado palpitar das estrelas trouxe-me, num tropel, toda minha ilusão, através de Barcelona, até o momento de entrar nesse ambiente de pessoas e móveis enfeitados. Tinha medo de entrar naquela cama semelhante a um caixão. Acho que estava tremendo com indefiníveis terrores, quando apaguei a vela.

## II

Ao amanhecer, as roupas da cama, reviradas, estavam no chão. Senti frio e puxei-as sobre meu corpo.

Os primeiros bondes começavam a cruzar a cidade e, amortecido pela casa fechada, chegou até mim o tilintar de um deles, como naquele verão dos meus sete anos, quando fiz a última visita aos meus avós. Imediatamente, tive uma percepção nebulosa, mas tão vívida e fresca como se me fosse trazida pelo cheiro de uma fruta recém-colhida, do que era Barcelona em minha lembrança<sup>23</sup>: este barulho dos primeiros bondes, quando a tia Angústias cruzava diante da minha pequena cama improvisada, para fechar as persianas que já deixavam passar excessiva luz. Ou nas noites, quando o calor não me deixava dormir e a trepidação<sup>24</sup> subia a ladeira da Rua Aribau, enquanto a brisa trazia o cheiro das ramas dos plátanos, verdes e empoeirados, sob a sacada aberta. Barcelona era também as calçadas largas e úmidas pela

---

<sup>23</sup> Tradução para *recuerdo*. Consciência dos elementos do meio ambiente através das sensações físicas. (Houaiss). Contém um matiz de algo que volta à memória, espontaneamente, de modo involuntário, o que reforça a sensação referida provocada pelo cheiro da fruta. Já a palavra “recordação” traria a ação de recordar algo voluntariamente.

<sup>24</sup> *Trepidação*: tremor saltitante e sacudido de alguns veículos quando em marcha (Dic. Houaiss). Tradução para *traqueteo-movimiento de una persona o cosa que se golpea al transportarla de un punto a otro*. (DRAE). Na impossibilidade de encontrarmos uma palavra que mantivesse a figura onomatopaica da palavra *traqueteo* de *trac*, escolhemos a palavra “trepidação”, por conservar a idéia de tremor, golpe e movimento, que nos remete ao bonde citado anteriormente.

regadura, e muita gente bebendo refrescos em algum café... O restante, as grandes lojas iluminadas, os carros, o burburinho, e até mesmo o percurso do dia anterior desde a estação, que eu acrescentava à idéia que fazia da cidade, era algo pálido e falso, construído artificialmente, como aquilo que, por ter sido muito trabalhado e manuseado, perde sua frescura original.

Sem abrir os olhos, senti novamente uma golfada venturosa e cálida. Estava em Barcelona. Havia acumulado muitos sonhos sobre esse fato concreto para que não me parecesse um milagre aquele primeiro rumor da cidade, dizendo-me, tão claramente, que era uma realidade verdadeira como meu corpo, como o roçar áspero do cobertor em minha face. Tinha a sensação de haver sonhado com coisas ruins, mas, agora, descansava nesta alegria.

Quando abri os olhos, vi minha avó, que me olhava. Não a velhinha da noite anterior, pequena e consumida, mas uma mulher de rosto ovalado sob o veuzinho de tule de um chapéu à moda do século passado. Sorria muito suavemente, a seda azul de sua roupa tinha uma terna palpitação. Junto a ela, na sombra, meu avô, muito bonito, com a espessa barba castanha e os olhos azuis sob as sobrancelhas retas.

Nunca os havia visto juntos naquela época de sua vida, e tive a curiosidade de conhecer o nome do artista que assinava os quadros. Assim eram os dois quando vieram a Barcelona cinqüenta anos atrás. Existia uma longa e difícil história de seus amores – já não me recordava bem o quê... Talvez algo relacionado com a perda de uma fortuna. Mas, naquele tempo o mundo era otimista e eles se amavam muito. Estrearam este apartamento, da Rua Aribau, que começava a formar-se. Existiam muitos terrenos ainda, talvez o cheiro da terra trouxesse a minha avó reminiscências de algum jardim de outros lugares. Eu a imaginei com essa mesma roupa azul, o mesmo gracioso chapéu, entrando pela primeira vez no apartamento vazio, que ainda cheirava a tinta. “Gostarei de morar<sup>25</sup> aqui – pensaria ao ver através da vidraça o descampado –, é quase como fora da cidade, tão tranqüilo! E esta casa é tão limpa, tão nova...”. Porque eles vieram a Barcelona com uma expectativa oposta àquela que me

---

<sup>25</sup> Tradução para *vivir*, por ser mais usual no sentido de residir em (determinado local). Este sentido é reforçado pelo antecedente casa, como local especificado. Já o termo viver expressa ter vida, estar com vida (Dic. Houaiss), inadequado para o contexto em língua portuguesa.

trouxe: o descanso, num trabalho seguro e metódico. Foi o porto de refúgio deles, enquanto para mim, eu havia cismado<sup>26</sup> que seria a alavanca de minha vida.

Aquele apartamento de oito sacadas se encheu de cortinas – rendas, veludos, laços –, e os baús despejaram seus conteúdos de quinquilharias<sup>27</sup>, algumas valiosas. Relógios carregados de histórias<sup>28</sup> deram a sua casa sua batida vital. Um piano – como poderia faltar? – derramando seus lânguidos ares cubanos ao entardecer.

Embora não fossem muito jovens, tiveram muitos filhos, como nos contos... Enquanto isso, a Rua Aribau crescia. Casas tão altas como aquela e ainda mais altas formaram compactos e largos quarteirões. As árvores esticaram seus galhos e chegou o primeiro bonde elétrico, para dar sua peculiaridade. O prédio foi envelhecendo, fizeram reformas, trocou de donos e de porteiros várias vezes, e eles se mantiveram como uma instituição imutável, naquele primeiro andar.

Quando era a única neta, passei lá as temporadas mais excitantes de minha vida infantil. A casa já não era tranqüila. Tinha ficado fechada no coração da cidade. Luzes, ruídos, o fluxo das ondas<sup>29</sup> da vida se arrebatava contra aquelas sacadas com cortinas de veludo. Dentro também transbordava; havia gente demais. Para mim, aquele rebuliço era encantador. Todos os tios compravam-me guloseimas, premiavam as travessuras que fazia aos outros. Meus avós já tinham o cabelo branco, mas ainda eram fortes e riam de todas as minhas gracinhas. Como tudo isso podia estar tão distante?

Tinha uma sensação de insegurança diante de tudo que ali havia mudado, e esta sensação tornou-se mais aguda, quando pensei que tinha que me enfrentar com os personagens que havia entrevisto na noite anterior. “Como serão?”, pensava eu. Fiquei ali, na cama, vacilando, sem atrever-me a enfrentá-los.

---

<sup>26</sup> Tradução para *se me antojaba*: no sentido de imaginar, desejar. A protagonista desejava sua realização pessoal e profissional e imaginava que isso se concretizaria em Barcelona. Nesta opção perdemos o sentido de *vehemente deseo por puro capricho*, contido na palavra em espanhol.

<sup>27</sup> Tradução para *fruslerías*. Conservamos o sentido de pouco valor dos objetos, em ambas as palavras.

<sup>28</sup> Tradução para *relojes historiadados*. Decorados muitas vezes com cenas de fatos que se queria contar.

<sup>29</sup> Tradução para *oleaje entero: sucesión continuada de olas* (DRAE). Na falta de uma palavra similar, recorreremos novamente à perífrase, com a qual conseguimos manter o sentido metafórico de tudo o que acontecia na vida, fora da casa.

O quarto, com a luz do dia, havia perdido seu horror, mas não sua desarrumação assustadora, seu absoluto abandono. Os retratos<sup>30</sup> dos avós estavam pendurados, tortos e sem moldura, em uma parede forrada com papel escuro manchado de umidade. Um raio de sol subia até eles.

Comprazia-me em pensar que os dois estavam mortos há muitos anos. Comprazia-me em pensar que nada tinha que ver a jovem do véu de tule com a pequena múmia irreconhecível que me abrira a porta. A verdade era, no entanto, que ela vivia, ainda que fosse lamentável, entre a atmosfera carregada<sup>31</sup> dos trastes inúteis que, com o tempo, vinham se acumulando em sua casa.

Fazia três anos que, ao morrer o meu avô, a família havia decidido ficar só com a metade do apartamento. As velhas quinquilharias e os móveis que sobravam foram uma verdadeira avalanche, que os trabalhadores encarregados de murar a porta de comunicação amontoaram, sem método, uns sobre os outros. A casa conservou, desde então, essa desordem provisória que eles deixaram.

Vi, sobre a poltrona, na qual eu tinha subido na noite anterior, um gato desganhado<sup>32</sup> que lambia suas patas, ao sol. O bicho parecia estar em ruínas<sup>33</sup>, como tudo que o rodeava. Olhou-me com seus grandes olhos, que pareciam dotados de individualidade própria, algo assim como se fossem umas lentes verdes e brilhantes colocadas sobre o focinho e sobre os bigodes grisalhos. Esfreguei as pálpebras e voltei a olhá-lo. Ele arqueou o lombo e a espinha dorsal se destacou em seu esquelético corpo. Não pude deixar de pensar que tinha um ar que me lembrava a família, como os demais personagens da casa; como eles, apresentava um aspecto excêntrico e parecia espiritualizado, como que consumido por longos jejuns, pela falta de luz e talvez por preocupações. Dei-lhe um sorriso e comecei a vestir-me.

---

<sup>30</sup> A palavra *retrato* se refere a uma pintura, embora esta palavra possa contemplar também a fotografia. A citação na página anterior dissipa a dúvida: "... tive a curiosidade de conhecer o nome do artista que assinava os quadros".

<sup>31</sup> Tradução para *cargazón*. Embora exista a palavra "carregação", esta não especificaria o sentido para o ambiente pesado, fardo, representado pelos trastes inúteis.

<sup>32</sup> Tradução para *despeluzado*: estar com os pêlos emaranhados, desordenados.

<sup>33</sup> Tradução para *ruinoso*. Existe esse mesmo vocábulo em português, mas preferimos a perífrase "estar em ruínas", por nos parecer mais usual, dando maior fluidez ao texto.

Ao abrir a porta do meu quarto, encontrei-me na sombria e carregada saleta para a qual convergiam quase todos os cômodos da casa. Em frente aparecia a sala de jantar, com uma sacada aberta ao sol. Tropecei, quando me dirigia para lá, em um osso, roído seguramente pelo cachorro. Não havia ninguém naquele cômodo, com exceção de um papagaio que ruminava coisas suas, quase rindo. Eu sempre acreditei que aquele animal estava louco. Nos momentos menos oportunos, dava gritos de arrepiar. Havia uma mesa grande com um açucareiro vazio, abandonado, em cima. Sobre uma cadeira, um boneco de borracha desbotado.

Eu sentia fome, mas não havia nada comestível, a não ser o que estava pintado nas abundantes naturezas mortas que preenchiam as paredes. Olhava para elas, quando tia Angústias me chamou.

O quarto de minha tia comunicava-se com a sala de jantar e tinha uma sacada que dava para a rua. Ela estava de costas, sentada diante da pequena escrivaninha. Detive-me, espantada, a olhar o quarto, porque parecia limpo e em ordem, como se fosse um mundo à parte naquela casa. Havia um antigo armário com espelho<sup>34</sup> e um grande crucifixo murando outra porta que fazia comunicação com a saleta; ao lado da cabeceira da cama, um telefone.

Minha tia virou a cabeça para ver minha surpresa, com certa complacência.

Ficamos alguns instantes em silêncio e eu abri, desde a porta, um sorriso amistoso.

– Venha, Andrea – disse-me ela –, sente-se aqui.

Observei que, com a luz do dia, Angústias parecia que havia inchado, adquirido tamanho e formas sob o guarda-pó verde; sorri, pensando que minha imaginação me pregava peças, nas primeiras impressões.

– Minha filha, não sei que educação você recebeu...

(Desde os primeiros instantes, Angústias estava começando a falar como se estivesse se preparando para fazer um discurso).

---

<sup>34</sup> Tradução para *armário de luna*. Armários antigos que tinham uma das portas coberta por um espelho. Por não encontrar um nome equivalente, optamos pela explicação.

Abri a boca para lhe responder, mas interrompeu-me com um gesto de seu dedo.

– Eu sei que você fez parte de seu Ensino Médio num colégio de freiras e que lá permaneceu durante quase toda a guerra. Isso para mim é uma garantia, mas... Esses dois anos junto com sua prima – a família de seu pai sempre foi muito esquisita – no ambiente de uma cidadezinha muito pequena, como terá sido? Não negarei, Andrea, que passei a noite preocupada com você, pensando... É muito difícil a tarefa que me veio parar nas mãos. A tarefa de cuidar de você, de modelá-la na obediência... Será que conseguirei? Creio que sim. De sua parte, cabe facilitar meu trabalho.

Não me deixava dizer nada, e eu engolia suas palavras por estar surpresa, sem compreendê-las bem.

– A cidade, minha filha, é um inferno. E em toda a Espanha não há outra que mais se pareça ao inferno do que Barcelona... Estava preocupada por você vir sozinha, ontem à noite, desde a estação. Poderia ter-lhe acontecido alguma coisa. Aqui, as pessoas vivem aglomeradas, espreitando uns aos outros. Toda prudência na conduta é pouca, pois o diabo reveste-se de formas tentadoras... Uma jovem, em Barcelona, deve ser como uma fortaleza. Você me entende?

– Não, tia.

Angústias olhou para mim.

– Você não é muito inteligente, mocinha.

Outra vez ficamos em silêncio.

– Vou dizer-lhe de outra maneira: você é minha sobrinha, portanto, uma menina de boa família, com bons modos, cristã e inocente. Se eu não cuidasse totalmente de você, em Barcelona encontraria milhões de perigos. Portanto, quero avisá-la de que não a deixarei dar um passo sem a minha permissão. Entendeu, agora?

– Sim.

– Muito bem, vamos para outra questão. Por que veio?



Respondi rapidamente:

– Para estudar.

(Por dentro, todo o meu ser estava agitado com a pergunta).

– Para estudar Letras, hem?... Sim, já recebi uma carta de sua prima Isabel. Bom, eu não me oponho, desde que fique claro que deverá tudo a nós, os parentes de sua mãe, e que graças a nossa caridade alcançará suas aspirações.

– Eu não sei se você sabe...

– Sim, você tem uma pensão de duzentas pesetas ao mês, que nesta época não cobrirá nem a metade de sua manutenção... Não conseguiu uma bolsa para a Universidade?

– Não, mas tenho matrículas gratuitas<sup>35</sup>.

– Isso não é mérito seu, e sim de sua orfandade.

Mais uma vez fiquei confusa, quando Angústias retomou a conversa de um modo imprevisível.

– Tenho que adverti-la de algumas coisas. Se não me doesse falar mal de meus irmãos, diria que depois da guerra ficaram meio mal dos nervos... Os dois sofreram muito, filha, e com eles o meu coração... Pagam-me com ingratidão, mas eu os perdôo e rezo a Deus por eles. Mesmo assim, tenho que alertar você...

Abaixou a voz, até terminar em um sussurro quase terno:

– Seu tio Juan se casou com uma mulher nada conveniente. Uma mulher que está estragando sua vida... Andrea, se eu algum dia souber que é amiga dela, saiba que me dará um grande aborrecimento, e que ficarei muito magoada...

---

<sup>35</sup> *Matrículas gratuitas*. Entende-se que, no caso, a protagonista Andrea tenha isenção em todas as disciplinas por causa da sua orfandade. Sua tia Angústias lembra-a de que não era por seu mérito, talvez por compará-la com outros casos em que a universidade premiava com *matrícula de honor*. Os alunos que tirassem dez em uma das disciplinas seriam eximidos da mensalidade nessa matéria, por tirar a nota máxima. Disponível em: [www.ucm.es/info/omarcgen/Descripcion/Subfondos/1-8Alumnos/1-8-2becas.htm](http://www.ucm.es/info/omarcgen/Descripcion/Subfondos/1-8Alumnos/1-8-2becas.htm)

Eu estava sentada de frente a Angústias, numa cadeira dura, que ia se cravando em minhas coxas, sob a saia. Além disso, estava desesperada, porque ela havia dito que não poderia me mover sem sua permissão. Eu a julgava sem nenhuma compaixão, curta de idéias e autoritária. Já fiz tantos juízos errados em minha vida, que ainda não sei se este era verdadeiro. O fato é que, quando se fez doce ao falar mal de Glória, minha tia pareceu-me muito antipática. Creio que pensei que talvez não fosse desagradável aborrecê-la um pouco, e comecei a observá-la de soslaio. Vi que suas feições, em conjunto, não eram feias, e que suas mãos tinham, até, grande beleza de linhas. Eu procurava nela um detalhe repugnante, enquanto continuava seu monólogo de ordens e conselhos; ao final, quando já me deixara ir embora, vi seus dentes de uma cor suja...

– Dê-me um beijo, Andrea – pedia-me ela nesse momento.

– Toquei de leve seu cabelo com meus lábios e corri à sala de jantar antes que ela pudesse deter-me<sup>36</sup> e, por sua vez, beijar-me.

Na sala de jantar já havia gente. Imediatamente vi Glória que, enrolada num quimono velho, dava, às colheradas, um prato de papinha espessa a uma criança pequena. Quando me viu, cumprimentou-me sorridente.

Eu me sentia oprimida, como sob um céu pesado de tempestade, e parece que não era a única que sentia na garganta o sabor de pó, produzido pela tensão nervosa.

Um homem, de cabelo crespo, rosto agradável e inteligente, se ocupava lubrificando um revólver, no outro lado da mesa. Eu sabia que era outro de meus tios: Román. Veio logo me abraçando, com muito carinho. O cachorro preto que eu tinha visto na noite anterior, atrás da empregada, seguia-o passo a passo. Explicou-me que se chamava *Trueno*<sup>37</sup> e que era dele; os animais pareciam sentir por ele um afeto instintivo. Eu mesma me senti atingida por uma onda de agrado ante sua exuberância afetuosa. Em minha homenagem, tirou o papagaio da jaula e o fez fazer algumas gracinhas. O bichinho seguia murmurando algo como para si, então percebi que eram palavras. Román ria com expressão feliz.

---

<sup>36</sup> Tradução para *atraparme*. Nesta escolha foi considerada a intenção de impedir seu movimento de sair de uma situação indesejável.

<sup>37</sup> *Trueno* significa “trovão” em português.

– O pobre coitado está muito acostumado a ouvi-las.

Glória, enquanto isso, olhava-nos abobada, esquecendo a papinha de seu filho. Román teve uma mudança brusca que me desconcertou.

– Viu que estúpida é essa mulher? – disse-me quase gritando, sem nem sequer olhar para ela –. Viu como “essa aí” fica me olhando?

Eu estava assustada. Glória, nervosa, gritou:

– Não estou olhando para você de jeito nenhum, moço.

– Você percebeu? – continuou me dizendo Román – agora tem a pouca vergonha de falar comigo, esse lixo...

Pensei que meu tio tinha ficado louco, e olhei aterrorizada para a porta. Juan tinha vindo, ao ouvir as vozes.

– Você está me provocando, Román! – gritou.

– Você, trate de segurar suas calças e de ficar calado! – disse Román, virando-se para ele.

Juan aproximou-se com o rosto contraído e ficaram os dois em atitude, ao mesmo tempo ridícula e sinistra, de galos de briga.

– Bata, homem, se se atreve! – disse Román – gostaria que se atrevesse!

– Bater em você? Matá-lo!... Deveria ter matado você há muito tempo...

Juan estava fora de si, com as veias da testa inchadas, mas não avançava um passo. Tinha os punhos fechados.

Román olhava-o tranqüilamente, e começou a sorrir.

– Aqui tem meu revólver – disse-lhe.

– Não me provoque. Canalha!... Não me provoque, ou...

– Juan! – gritou Glória – Venha aqui!

O papagaio começou a gritar a por cima dela, e percebi que estava alterada, embaixo de seus despenteados cabelos vermelhos. Ninguém lhe deu atenção. Juan olhou para ela por alguns segundos.

– Aqui tem meu revólver! – dizia Román, e o outro apertava mais os punhos.

Glória voltou a gritar:

– Juan! Juan!

– Fique quieta, maldita!

– Venha aqui, homem! Venha!

– Fique quieta!

A raiva de Juan se desviou por um instante para a mulher e começou a insultá-la. Ela gritava também, e depois chorou.

Román olhava-os, divertido, depois se voltou para mim e disse, para tranquilizar-me:

– Não fique assustada, garota. Isto acontece, aqui, todos os dias.

Guardou a arma no bolso. Eu a vi brilhar em suas mãos, negra, cuidadosamente lubrificada. Román sorria para mim e acariciou-me a face; depois foi embora tranquilamente, enquanto a discussão entre Glória e Juan ficava violentíssima. Na porta, Román deu de encontro com minha avó, que voltava da missa diária, e acariciou-a, ao passar. Ela chegou à sala de jantar no mesmo instante em que tia Angústias aparecia, zangada também, para pedir silêncio.

Juan pegou o prato de papinha da criança e o atirou na cabeça de Angústias. Teve má pontaria e o prato espatifou-se contra a porta, que tia Angústias tinha fechado, rapidamente. O menino chorava, babando.

Juan então começou a acalmar-se. A vovó tirou o xale preto que cobria sua cabeça, suspirando.

A empregada entrou para arrumar a mesa para o café da manhã. Como na noite anterior, essa mulher carregou atrás de si toda minha atenção. Em seu feio rosto havia uma expressão<sup>38</sup> desafiante, como de triunfo. Cantarolava provocativa, enquanto estendia a danificada toalha de mesa e começava a colocar as xícaras, como se ela encerrasse, desta maneira, a discussão.

### III

– Você se divertiu, filhinha? – perguntou-me Angústias quando, ainda deslumbradas, entrávamos no apartamento, voltando da rua.

Enquanto me perguntava, sua mão direita se cravava no meu ombro e me puxava para ela. Quando Angústias me abraçava ou me dirigia ternos diminutivos, eu experimentava, dentro de mim, a sensação de que algo estava fora dos eixos<sup>39</sup> e mal, no andamento das coisas. Alguma coisa não soava natural. No entanto, deveria estar acostumada, porque Angústias me abraçava e me dizia doces palavras, com muita freqüência.

Às vezes, dava-me a impressão de que estava atormentada comigo. Rodeava-me. Procurava-me, quando me escondia em algum canto. Quando me via rir ou interessar-me pela conversa de qualquer outro personagem da casa, tornava-se humilde em suas palavras. Sentava-se ao meu lado e apoiava, à força, minha cabeça contra o seu peito. Doía-me o pescoço, mas, presa por sua mão, tinha que permanecer assim, enquanto ela me repreendia, docemente. Quando, ao contrário, eu parecia triste ou assustada, ficava muito feliz e se tornava autoritária.

---

<sup>38</sup> Tradução para *mueca*. A palavra “careta” seria sua tradução literal, porém indicaria uma contração mais voluntária para expressar uma brincadeira. A expressão no rosto da empregada aparece involuntariamente, de acordo com seus pensamentos.

<sup>39</sup> Tradução para *algo iba torcido*. Optamos por uma expressão coloquial por manter com precisão o sentido de que algo não vai reto, algo saiu dos trilhos, da “normalidade”.

Outras vezes ficava secretamente envergonhada, quando me obrigava a sair com ela. Via como encaixava na cabeça um chapéu de feltro marrom enfeitado com uma pena de galo, que dava a sua dura fisionomia um ar guerreiro e, então me obrigava a colocar um velho chapéu azul sobre minha roupa mal feita. Eu não concebia, naquela época, outra forma de resistência que não a passiva. Segurando seu braço, percorria as ruas, que me pareciam menos brilhantes e menos fascinantes do que eu havia imaginado.

– Não vire a cabeça – dizia Angústias – Não olhe para as pessoas dessa maneira.

Se chegava a esquecer que ia ao seu lado, era por poucos minutos.

Veza ou outra via um homem, uma mulher, que tinham em seu aspecto algo interessante, indefinível, que levava consigo minha fantasia, a ponto de sentir vontade de virar-me e segui-los. Nesse momento, lembrava-me de minha figura, e a de tia Angústias e ruborizava.

– Você é muito selvagem e provinciana, minha filha – dizia Angústias, com certa complacência –. Está no meio das pessoas, calada, encolhida, com jeito de quem quer fugir a cada instante. Às vezes, quando estamos numa loja e me viro para olhá-la, tenho vontade de rir.

Aqueles passeios por Barcelona eram mais tristes do que se pode imaginar.

Na hora do jantar, Román percebia em meus olhos o passeio e ria. Tudo isso antecipava uma envenenada discussão com tia Angústias, na qual Juan acabava, por fim, interferindo. Percebi que sempre apoiava os argumentos de Román, que de sua parte, não aceitava e nem agradecia sua ajuda.

Quando aconteciam coisas desse tipo, Glória saía de sua placidez habitual. Ficava nervosa, quase gritava:

– Se você é capaz de falar com seu irmão, não fale comigo!

– Lógico que sou capaz! Você acha<sup>40</sup> que sou tão grosseiro como vocês!

---

<sup>40</sup> Expressão usada para questionar a opinião do outro. Tradução de *A ver si crees que...*

– Sim, meu filho – dizia minha avó, envolvendo-o com um olhar de adoração – você faz bem.

– Cale-se, mamãe, não me faça praguejar! Não me faça praguejar!

A coitada mexia a cabeça e se inclinava para mim, balbuciando em meu ouvido:

– É o melhor de todos, minha filha, o melhor e mais desgraçado, um santo...

– Quer fazer o favor de não complicar, mamãe? Para que colocar asneiras<sup>41</sup> na cabeça da sobrinha, que não servem para nada?

O tom já estava alterado e desagradável, fora do controle dos nervos.

Román, ocupado em preparar, com a fruta de seu prato, uma guloseima para o papagaio, terminava de jantar sem preocupar-se com nenhum de nós. Tia Angústias soluçava ao meu lado, mordendo seu lenço, porque não só se via a si mesma, forte e capaz de conduzir multidões, mas também, doce, infeliz e perseguida. Não sei ao certo de qual dos dois papéis gostava mais. Glória afastava da mesa a cadeira alta do filho e, por detrás de Juan, sorria-me, apontando a têmpera com o indicador.

Juan, absorto, silencioso, parecia inquieto, pronto para atacar.

Quando Román terminava sua tarefa, dava uns tapinhas no ombro da minha avó e era o primeiro a ir embora. Na porta, detinha-se para acender um cigarro e lançar sua última frase:

– Até a imbecil de sua mulher já zomba de você, Juan; tenha cuidado...

Como de costume, não havia olhado nem uma vez para Glória.

O resultado não se fazia esperar. Um murro na mesa e uma enxurrada de insultos contra Román, insultos que não se interrompiam, quando o barulho seco da porta do apartamento anunciava que Román já havia saído.

Glória pegava o menino no colo e ia para o seu quarto, fazê-lo dormir. Olhava-me por um momento e propunha-me:

---

<sup>41</sup> Tradução p Tradução para *majaderias*, no sentido de abobrinhas, bobagens. Palavras estas excessivamente coloquiais para o estilo do texto, até o momento.

– Você vem, Andrea?

Tia Angústias segurava o rosto entre as mãos. Sentia seu olhar através dos dedos entreabertos. Um olhar ansioso, seco de tanta súplica. No entanto, eu me levantava.

– Vou, sim.

Premiava-me um sorriso trêmulo da vovó. Então, a tia saía correndo para fechar-se em seu quarto, indignada, suspeito que tremendo de ciúmes.

O quarto de Glória parecia o covil de uma fera. Era um quarto que não dava para a rua, ocupado, quase totalmente, pela cama de casal e pelo berço do menino. Havia um bafo especial, mistura de cheiro de criança pequena, pó para o rosto e roupa mal cuidada. As paredes estavam cheias de fotos, entre elas, em um lugar preferencial, aparecia um cartão postal vivamente iluminado, representando dois gatinhos.

Glória sentava-se à beira da cama com o menino nos joelhos. O menino era bonito e suas perninhas ficavam penduradas, gordas e sujas, enquanto adormecia.

Assim que dormia, Glória colocava-o no berço e esticava-se deliciosamente, enfiando as mãos entre a brilhante cabeleira. Depois se deitava na cama, com seus gestos lânguidos.

– Que opinião tem de mim? – perguntava-me freqüentemente.

Eu gostava de falar com ela, porque nunca precisava responder-lhe.

- Não é verdade que sou bonita e muito jovem? Não é?...

Tinha uma vaidade tola e ingênua que não me incomodava; além do que, era realmente jovem e sabia rir loucamente enquanto me contava coisas daquela casa. Quando falava de Antônia ou de Angústias, era muito engraçada.

– Com o passar do tempo, conhecerá todos; são terríveis, você verá... Não há ninguém muito bom aqui, a não ser a vovó, mas coitada, está transtornada... E Juan, Juan é tão bom. Você vê que ele grita tanto e tudo mais. No entanto ele é tão bom!...

Olhava-me, e, ante minha expressão fechada, punha-se a rir...



– E eu, não acha – concluía – que se eu não fosse boa, Andreinha, como poderia agüentar todos eles?

Eu a observava mexer-se e conversar com um prazer inexplicável. No ar carregado de seu quarto, ela estava jogada sobre a cama, igual a um boneco de pano, cuja cabeleira ruiva pesava demais. Geralmente contava-me engraçadas mentiras intercaladas com acontecimentos reais. Não me parecia inteligente, nem seu encanto pessoal provinha de seu espírito. Creio que minha simpatia por ela teve origem no dia em que a vi nua, posando de modelo para Juan.

Eu nunca havia entrado no quarto onde meu tio trabalhava, porque Juan me inspirava certa prevenção. Fui uma manhã buscar um lápis, aconselhada pela minha avó, que me indicou que ali o encontraria.

O aspecto daquele grande estúdio era muito curioso. Havia sido instalado no antigo escritório de meu avô. Seguindo a tradição dos outros cômodos da casa, ali se acumulavam, sem ordem nem harmonia, livros, papéis e as figuras de gesso que serviam de modelos aos discípulos de Juan. As paredes estavam cobertas por duras naturezas mortas pintadas por meu tio em tons berrantes. Num canto aparecia, inexplicavelmente, um esqueleto de estudante de Anatomia sobre sua armação de arame, e pelo grande tapete, com manchas de umidade, arrastavam-se o menino e o gato, que vinham buscando o sol de ouro das sacadas. O gato parecia moribundo, com seu flácido rabo, e deixava-se atormentar pelo menino, abulicamente.

Vi todo esse conjunto ao redor de Glória, que estava sentada sobre um banquinho recoberto com um pano de cortina, nua e numa posição incômoda.

Juan pintava exaustivamente e sem talento, tentado reproduzir pincelada a pincelada aquele fino e elástico corpo. A mim, parecia-me uma tarefa inútil. Na tela ia surgindo um mumificado boneco de papelão, tão idiota quanto a expressão da cara que Glória fazia ao escutar qualquer conversa de Román comigo. Glória, a nossa frente, sem seu desastrado vestido, surgia incrivelmente bela e branca entre a feiúra de todas as coisas, como um milagre do Senhor. Um espírito doce e maligno palpitava ao mesmo tempo na graciosa forma de suas pernas, dos braços, dos delicados seios. Uma inteligência sutil e diluída na cálida superfície da pele perfeita. Algo que em seus olhos não brilhava nunca. Esta labareda do espírito que atrai nas pessoas excepcionais, nas obras de arte.

Eu, que havia entrado apenas por segundos, fiquei ali, fascinada. Juan parecia feliz com minha visita e falou, rapidamente, de seus projetos pictóricos. Eu não o escutava.

Aquela noite, quase sem me dar conta, encontrei-me iniciando uma conversa com Glória, e, pela primeira vez, fui ao seu quarto. Sua prosa inconsistente parecia-me o rumor da chuva que se ouvia com prazer e preguiça. Começava a acostumar-me com ela, com suas rápidas perguntas sem resposta, com seu estreito e sinuoso cérebro.

– Sim, sim, sou uma pessoa boa... Não ria.

Estávamos caladas. Depois se aproximava para perguntar-me:

– E de Román? Que opinião tem dele?

Depois fazia um gesto especial para dizer:

– Já sei que lhe parece simpático, não?

Eu encolhia os ombros. Após uns instantes, dizia:

– Para você é mais simpático que Juan, não?

Um dia, impensadamente se pôs a chorar. Chorava de um modo estranho, cortado e rápido, com vontade de terminar logo.

– Román é um malvado – disse-me – aos poucos o irá conhecendo. A mim, causou danos horríveis, Andrea – enxugou as lágrimas –. Não contarei as coisas que me fez, de uma só vez, porque são muitas; pouco a pouco as saberá. Agora, você está fascinada por ele e, além disso, não acreditaria em mim.

Eu, sinceramente, não me sentia fascinada por Román, ao contrário, na maioria das vezes observava-o, friamente. No entanto, nas raras noites, em que Román se mostrava amável, depois do jantar sempre tumultuado, quando me convidava: “Você vem, menina?”, eu me sentia feliz. Román não dormia no mesmo pavimento que o nosso; fez com que lhe arrumassem um quarto no sótão da casa, que se tornou um refúgio confortável. Construiu uma lareira com tijolos antigos e umas estantes baixas, para livros, pintadas de preto. Havia uma

cama turca e, sob a pequena janela com grades, uma mesa muito bonita cheia de papéis, de tinteiros de todas as épocas e formas com penas de aves dentro. Um telefone rudimentar era utilizado, conforme me explicou, para comunicar-se com o quarto da empregada. Também havia um pequeno relógio, recarregado, que anunciava as horas com um gracioso tilintar<sup>42</sup> especial. Havia três relógios no quarto, todos antigos, adornando pausadamente o tempo. Sobre as estantes, moedas, algumas muito curiosas; luminárias romanas da última época e um revólver antigo com cabo de madrepérola.

Aquele quarto tinha inesperadas gavetas em qualquer canto da estante, e todas guardavam pequenas curiosidades que Román ia me mostrando, pouco a pouco. Apesar da quantidade de coisas miúdas, tudo estava limpo e dentro de uma relativa ordem.

– Aqui, as coisas se encontram bem<sup>43</sup>, ou pelo menos é o que eu pretendo... Eu gosto delas – ele sorria –; não pense que pretendo ser original fazendo isto, porém, é a verdade. Lá embaixo não sabem tratá-las. Parece que o ar está sempre cheio de gritos... E isso é culpa dos objetos, que estão asfixiados, doloridos, carregados de tristeza. Quanto ao resto, não force um romance: nem nossas discussões nem nossos gritos têm causa, nem levam a nenhuma parte... Que coisas anda imaginando sobre a gente?

– Não sei.

– Eu sei que você sempre deve estar fantasiando histórias sobre nós.

– Não.

Enquanto isso, Román ligava, na tomada, a cafeteira de café expresso e tirava de não sei onde umas xícaras mágicas, cálices e licor; depois, cigarros.

– Sei que você gosta de fumar.

– Não; na verdade eu<sup>44</sup> não gosto.

– Por que mente para mim também?

<sup>42</sup> Tradução para *tintineo*. Pretendemos manter o sentido e a onomatopéia embora cada uma se refira a sons diferentes. No espanhol ao tilintar do chocalho (sino) e em português ao som das moedas se chocando.

<sup>43</sup> Tradução para *Aquí las cosas se encuentran bien*. A opção pelo verbo encontrar, pretende manter a ambigüidade do texto original. “Aqui as coisas se sentem bem”, ou “Aqui as coisas se acham bem”.

<sup>44</sup> Tradução para *No, pues no me gusta*. A escolha de *na verdade* como ponderativa de *pues*, deve-se ao fato de que a expressão é mais usual do que seria a palavra *pois*, mais literal.

O tom de Román era sempre de franca curiosidade a meu respeito.

– Conheço perfeitamente tudo o que sua prima escreveu a Angústias... E mais: li a carta, sem direito algum, reconheço, por pura curiosidade.

– Na verdade eu não gosto de fumar. Lá onde eu morava<sup>45</sup>, fazia isso expressamente para incomodar Isabel, sem nenhum outro motivo. Para que ficasse escandalizada, para que me deixasse vir a Barcelona, como um caso perdido.

Como já estava ruborizada e constrangida, Román não acreditava totalmente em mim, mas, era verdade o que eu dizia. Depois acabava aceitando um cigarro porque eram sempre deliciosos e eu gostava muito do seu aroma. Creio que foi naqueles instantes que comecei a encontrar prazer na fumaça. Román sorria.

Eu percebia que ele me considerava uma pessoa diferente; bem mais preparada, talvez mais inteligente e claro, hipócrita e cheia de estranhas aspirações. Não queria decepcioná-lo, porque, vagamente, sentia-me inferior, um pouco sem graça, com meus sonhos e minha carga de sentimentalismo, que tentava ocultar, diante daquela gente.

Román tinha uma grande agilidade em seu magro corpo. Falava comigo de cócoras junto à cafeteira, que estava no chão; e então parecia estar tenso, cheio de molas sob os músculos morenos. Depois, inesperadamente se deitava na cama, fumando, com feições relaxadas como se o tempo não tivesse valor, como se nunca tivesse que se levantar dali... Quase como se tivesse deitado para morrer fumando.

Às vezes, eu ficava olhando suas mãos, morenas como seu rosto, cheias de vida, de correntes nervosas, de suaves nós, magras. Mãos que muito me agradavam.

No entanto, eu, sentada na única cadeira do quarto, diante da sua mesa de trabalho, sentia-me muito longe dele. A impressão de perceber-me arrastada por sua simpatia, que senti quando falou comigo pela primeira vez, não voltou nunca.

---

<sup>45</sup> Tradução para *pueblo*. A opção pela perífrase se justifica pela indefinição de onde morava anteriormente a protagonista. Sabemos que era nas Canárias, mas se era uma cidade, cidadezinha, povoado ou mesmo um lugarejo, não encontramos referências concretas para especificar o lugar.

Preparava um café maravilhoso e o cômodo se enchia de vapores cálidos. Eu me sentia à vontade ali, como num remanso da vida lá de baixo.

– Aquilo é como um navio que afunda. Nós somos os pobres ratos que, ao ver a água, não sabemos o que fazer... Sua mãe evitou o perigo, antes que qualquer um, indo embora. Duas de suas tias casaram-se com o primeiro que apareceu, desde que pudessem fugir. Somente ficamos a infeliz de sua tia Angústias, Juan e eu, que somos dois canalhas. Você, que é um ratinho distraído, não tão infeliz como parece, está chegando agora.

– Não quer tocar um pouco hoje, hem?

Então Román abria o pequeno armário, onde terminava a estante de livros e tirava dali o violino. No fundo do armário havia algumas telas enroladas.

– Sabe pintar também?

– Já fiz de tudo. Sabia que comecei a fazer Medicina e abandonei o curso, que quis ser engenheiro e não pude chegar a fazer o exame de ingresso. Também comecei a pintar por passatempo... Pintava bem melhor do que Juan, pode acreditar.

Eu não duvidava: para mim Román me parecia uma fonte inesgotável de possibilidades. No momento em que, de pé junto à lareira, começava a vibrar o arco, eu mudava completamente. Desapareciam minhas reservas, a leve camada de hostilidade, contra todos, que se havia desenvolvido em meu ser<sup>46</sup>. Minha alma, estendida como minhas próprias mãos juntas, recebia o som como a terra árida recebe chuva. Román parecia-me um artista maravilhoso e único. Ia tecendo na música uma alegria tão fina que ultrapassava os limites da tristeza. A música, aquela, sem nome. A música de Román, que nunca mais voltei a ouvir.

Uma pequena janela<sup>47</sup> abria-se para o céu escuro da noite. A lâmpada acesa tornava Román mais alto e mais imóvel, apenas respirando em sua música. A mim, chegavam em ondas, primeiro, ingênuas lembranças, sonhos, lutas, meu próprio presente vacilante, e depois,

---

<sup>46</sup> Tradução para *que se me había ido formando*: nesta tradução procuramos o português correto para manter a *espontaneidade* do sentimento (de hostilidade) que aos poucos se formava na protagonista.

<sup>47</sup> Tradução para “El ventanillo”: *diminutivo de ventana* (DRAE). Inicialmente pensamos em clarabóia (é fechada), portinhola (pequena porta não é pequena janela), janela-basculante (não precisa ser pequeno como o diminutivo de “el ventanillo” supõe ser). Por não encontrar nenhuma palavra adequada em língua portuguesa, recorremos à perífrase “pequena janela”.

agudas alegrias, tristezas, desespero, uma críspação impotente da vida e um submergir no nada. Minha própria morte, o sentimento de meu desespero total transformado em beleza, angustiante harmonia sem luz.

E de repente um silêncio enorme, em seguida quebrado pela voz de Román.

– Você poderia ser hipnotizada... O que a música diz a você?

Imediatamente se fechavam em mim as mãos e a alma.

– Nada, não sei, só sei que gosto...

– Não é verdade. Conte-me o que lhe diz. O que lhe diz afinal?

– Nada.

Fitava-me decepcionado, por um momento. Depois, enquanto guardava o violino:

– Não é verdade.

Iluminou-me com sua lanterna elétrica desde cima, porque a escada só podia ser acesa no saguão, e eu tinha que descer três lances de escada até a nossa casa.

No primeiro dia tive a impressão de que, diante de mim, na sombra, descia alguém. Pareceu-me pueril e não disse nada.

Noutro dia a impressão foi mais viva. De repente, Román deixou-me às escuras e focou a lanterna em direção à parte da escada onde algo se movia. Vi fugaz e nitidamente Glória que corria escada abaixo em direção ao saguão.

#### IV

Quantos dias sem sentido! Dias sem sentido, que haviam transcorrido desde minha chegada, pesavam-me quando arrastava os pés de volta da Universidade. Pesavam-me como uma quadrada pedra cinza no cérebro.

O tempo era úmido e aquela manhã cheirava a nuvens e a pneus molhados... As folhas murchas e amareladas caíam, numa lenta chuva, das árvores. Uma manhã de outono na cidade, como eu havia sonhado, durante anos, que seria a cidade no outono: belo, com a natureza enredada nos terraços das casas e nos cabos<sup>48</sup> dos bondes; no entanto, envolvia-me a tristeza. Tinha vontade de apoiar-me contra uma parede com a cabeça entre os braços, virar as costas a tudo e fechar os olhos.

Quantos dias inúteis! Dias repletos de histórias, demasiadas histórias turvas. Histórias incompletas, nem bem iniciadas, já se encontravam inchadas, como uma velha madeira na intempérie. Histórias escuras demais para mim. Seu cheiro, que era o cheiro podre de minha casa, causava-me certo enjôo... No entanto haviam se tornado o único interesse de minha vida. Pouco a pouco, eu ia ficando, ante meus próprios olhos, num segundo plano da realidade, meus sentidos estavam abertos unicamente para a vida que fervia no apartamento da Rua Aribau. Costumava esquecer-me de meu aspecto e de meus sonhos. Iam deixando de ter importância o cheiro dos meses, as visões do futuro, e ia se agigantando cada gesto de Glória, cada palavra oculta, cada reticência de Román. O resultado parecia ser aquela inesperada tristeza.

Assim que entrei em casa, começou a chover atrás de mim e a zeladora deu um berro, avisando-me que limpasse os pés no capacho.

O dia inteiro havia transcorrido como um sonho. Depois de almoçar, sentei encolhida, com os pés enfiados nuns grandes chinelos de feltro, junto ao braseiro de minha avó. Ouvia o barulho da chuva. Os fios de água iam limpando, com sua força, a poeira dos vidros da sacada. Primeiro haviam formado uma camada pegajosa de lodo, agora as gotas escorriam, livremente, pela superfície brilhante e cinza.

Não tinha vontade de mexer-me, nem de fazer nada, e, pela primeira vez, senti falta de um daqueles cigarros de Román. A vovó veio me fazer companhia. Vi que tentava costurar com suas mãos atrapalhadas e trêmulas uma roupinha do menino. Glória chegou instantes

---

<sup>48</sup> Tradução para *trole*: *pértiga de hierro que sirve para transmitir a los vehículos de tracción eléctrica la corriente del cable conductor de los tranvías* (DRAE). Embora exista a palavra “*trole*” em português não a utilizamos porque traria uma dificuldade ao entendimento do texto traduzido, coisa que não acontece com o texto de partida. Em nossa língua o vocábulo não é usual, por isso a opção por cabos.

depois e começou a conversar, com as mãos cruzadas sob a nuca. A vovó falava também, como sempre, sobre os mesmos temas. Fatos recentes, da passada guerra, e antigos, de muitos anos atrás, de quando seus filhos eram pequenos. Na minha cabeça, um pouco dolorida, misturavam-se as duas vozes numa cantilena com fundo de chuva e me faziam cochilar.

Avó – Não havia dois irmãos que se amassem mais (Está ouvindo, Andrea?). Não havia dois irmãos como Román e Juanito... Eu tive seis filhos. Os outros quatro andavam cada qual por seu canto, as meninas brigavam entre si, mas estas duas crianças pareciam dois anjos. Juan era loiro e Román, bem moreno, e eu os vestia com roupas sempre iguais. Aos domingos iam à missa comigo e com o seu avô... Na escola, se algum garoto brigava com um deles, lá estava o outro, para defendê-lo. Román era mais malandro... porém, como se gostavam! Todos os filhos devem ser iguais para uma mãe, mas estes dois foram especiais para mim... como eram os menores... como foram os mais infelizes... Principalmente Juan.

Glória – Você sabia que Juan quis ser militar e como foi reprovado no exame para entrar na Academia, foi embora para a África, ao *Tercio*<sup>49</sup>, lá ficando por muitos anos?

Avó – Quando voltou trouxe muitos quadros de lá... Seu avô ficou muito bravo quando ele disse que queria dedicar-se à pintura, porém, eu o defendi e Román também, naquela época, minha filha, Román era bom... Eu sempre defendi os meus filhos, quis ocultar suas malandragens<sup>50</sup> e suas artes. Seu avô se zangava comigo, mas eu não conseguia admitir que os repreendesse... Pensava: “Mais moscas se conseguem com uma colherada de mel...”. Sabia que saíam de noite, na farra, que não estudavam... Esperava por eles tremendo com receio de que seu avô ficasse sabendo... Contavam-me suas aventuras e eu com nada me surpreendia, filhinha... Confiava em que, pouco a pouco, saberiam encontrar o bom caminho, impelidos por seu próprio coração.

Glória – Mas, Román não gosta da senhora, mamãe<sup>51</sup>, diz que tornou a todos infelizes, com seu procedimento.

---

<sup>49</sup> *El Tercio*: grupo de elite da Marinha Espanhola (*El Tercio de Armada*). “É organizado em 1920, à semelhança da legião francesa, com voluntários marroquinos e de várias nacionalidades. Durante a Guerra Civil adotam a designação de *Legión*, que integra voluntários de outros países. “¡Viva la muerte!” É o seu grito de guerra” (CERQUEIRA, 2005, p. 157).

<sup>50</sup> Tradução para *picardia*, no sentido de habilidades para disfarçar o que se quer esconder.

<sup>51</sup> Tradução para *mamá*. Neste caso a forma *mamãe* funciona como atenuante à crítica que Glória lhe faz. Embora a avó não seja mãe de Glória, esta, muitas vezes refere-se a ela assim.



Avó – Román?... eh! eh! Gosta de mim, sim. Ô, se ele gosta!... Só que guarda um pouquinho mais de rancor do que Juan e tem ciúmes de você, Glória; diz que gosto mais de você...

Glória – Román diz isso?

Avó – Sim, na outra noite, quando procurava minha tesoura... Era muito tarde e todos estavam dormindo, a porta abriu-se devagar e apareceu Román. Vinha me dar um beijo... Eu lhe disse: “É perverso o que faz com a mulher de seu irmão; é um pecado que Deus não poderá perdoar...”. Foi então, que eu disse: “É uma criança infeliz por sua culpa, e, por causa de você, seu irmão também sofre. Como vou amá-lo como antigamente?...”.

Glória – Román gostava muito de mim. Isso é um grande segredo, Andrea, mas esteve apaixonado por mim.

Avó – Menina, menina. Como Román poderia estar apaixonado por uma mulher casada? Gostava de você como uma irmã, nada mais...

Glória – Ele me trouxe a esta casa... O mesmo, que agora nem fala comigo, me trouxe aqui, em plena guerra... Você se assustou quando entrou aqui pela primeira vez, não é verdade, Andrea? Pois para mim foi muito pior... Ninguém gostava de mim...

Avó – Eu gostava de você, sim, todos gostávamos. Por que é tão ingrata, quando fala?

Glória – Havia fome, tanta sujeira quanto agora, e um homem escondido, que queriam matar: o chefe de Angústias, o senhor Jerônimo. Não lhe contaram sobre ele? Angústias havia cedido a ele sua cama, enquanto dormia onde você dorme agora... Para mim colocaram um colchão no quarto da vovó. Todos me olhavam com desconfiança. O senhor Jerônimo não queria falar comigo porque, segundo ele, eu era a amante de Juan e minha presença era intolerável para ele...

Avó – O senhor Jerônimo era um homem estranho; imagine só, que queria matar o gato... Veja você, porque o pobre animal é muito velho e vomitava pelos cantos, dizia que não podia agüentar isso. Mas eu, naturalmente o defendi contra todos, como sempre faço quando alguém está perseguido e triste...

Glória – Eu era igual àquele gato e mamãe me protegeu. Uma vez me estapeei com a empregada, essa, que ainda está em casa, Antônia...

Avó – É incompreensível ficar se estapeando com um empregado... Quando eu era jovem isso seria inconcebível... Quando era jovem tínhamos um jardim grande que chegava até o mar... Seu avô, uma vez, me deu um beijo... Não o perdoei por muitos anos. Eu...

Glória – Quando chegamos aqui, eu estava muito assustada. Román me dizia: “Não tenha medo”. Mas ele também havia mudado.

Avó – Mudou nos meses que estive na *checa*<sup>52</sup>, lá foi torturado; quando voltou quase não o reconhecemos. No entanto, Juan havia sido mais infeliz do que ele, por isso eu compreendo mais Juan. Ele precisa mais de mim. E esta menina também necessita de mim. Se não fosse por mim, onde estaria sua reputação?

Glória – Román já havia mudado antes. Naquele momento em que entramos em Barcelona, naquele carro oficial. Você sabia que Román ocupou um cargo importante com os *rojos*?<sup>53</sup>. Só que era um espião, uma pessoa baixa, ruim que se vendia àqueles que o favoreciam. Seja como for, a espionagem é coisa de covardes...

Avó – Covardes? Menina, na minha casa não existem covardes... Román é bom e corajoso e arriscava sua vida por mim, porque eu não queria que estivesse com aquelas pessoas. Quando era pequeno...

Glória – Vou contar para você uma história, a minha história, Andrea, para que veja que parece um verdadeiro romance... Você já sabe que eu estava numa cidade de Tarragona, evacuada... Então, na guerra, sempre estávamos fora de casa. Pegávamos os colchões, os trastes e fugíamos... Alguns choravam. Eu achava tão divertido!... Era lá pelo mês de janeiro ou fevereiro quando conheci Juan, já contei isso a você. Ele, logo se apaixonou por mim e nos casamos em dois dias... Fui com ele a todos os lugares aonde ia... Era uma vida maravilhosa,

---

<sup>52</sup> *Acrônimo ruso para designar la policía secreta hasta 1922.* (DRAE). “Grupos republicanos encarregados de investigar, julgar e fuzilar cidadãos nacionalistas” (CERQUEIRA, 2005, p. 156). Locais de tortura da esquerda.

<sup>53</sup> Foi mantida a forma *rojos* porque embora esse nome da cor vermelha seja associado ao comunismo em vários países, na Espanha era uma aceção da política de esquerda republicana composta não só por comunistas, mas também por várias outras tendências como os socialistas e anarquistas.

Andrea. Juan era completamente feliz comigo, juro; naquela época estava muito bonito, não como agora, que parece um louco... Havia muitas garotas que seguiam seus maridos e seus noivos a todas as partes. Sempre tínhamos amigos divertidos... Eu nunca tive medo dos bombardeios, nem dos tiros... Mas não nos aproximávamos muito dos locais perigosos. Não sei bem qual era o cargo de Juan, mas também era importante. Posso dizer que eu era feliz. A primavera estava chegando e passávamos por lugares muito bonitos. Um dia, Juan me disse: “Vou apresentar você ao meu irmão”. Assim mesmo, Andrea. Román no começo me pareceu simpático... Você acha que é mais bonito que Juan? Passamos algum tempo com ele, naquela pequena cidade. Uma pequena cidade perto do mar. Todas as noites Juan e Román se trancavam para conversar, num quarto ao lado daquele em que eu dormia. Eu queria saber o que diziam. Não teria acontecido o mesmo com você? Além disso, havia uma porta entre os dois quartos. Achava que falavam de mim. Tinha certeza de que falavam de mim. Uma noite fiquei escutando. Olhei pela fechadura. Estavam os dois, inclinados sobre um mapa, e era Román que dizia:

“<sup>54</sup>Eu ainda tenho que voltar a Barcelona. Mas você pode mudar de lado. É muito fácil...” Pouco a pouco comecei a compreender que Román estava incitando Juan para que passasse para o lado dos *nacionais*...<sup>55</sup>. Imagine, Andrea, que foi por aqueles dias que comecei a perceber que estava grávida. Conte para Juan. Ele ficou pensativo... Naquela noite, que lhe contei, você pode imaginar o meu interesse em voltar a escutar detrás da porta do quarto de Román. Eu estava de camisola, descalça; parece que ainda sinto aquela angústia. Juan dizia: “Estou decidido. Agora, não há nada que me detenha”. Eu não podia acreditar. Se tivesse acreditado, naquele mesmo instante teria detestado Juan...

Avó – Juan fez bem. Mandou você aqui, comigo...

Glória – Naquela noite, não falaram nada de mim, nada. Quando Juan veio se deitar me encontrou chorando na cama. Disse a ele que havia tido pesadelos. Que pensei que me abandonava, sozinha com a criança. Então me acariciou e adormeceu sem me dizer nada. Eu

---

<sup>54</sup> Como no texto original, mantivemos aspas duplas para indicação da fala de Román dentro da explanação de Glória.

<sup>55</sup> *Nacionais*: nome que recebiam os sublevados ao governo da 2ª. República espanhola e que ganharam a Guerra Civil Espanhola.

fiquei acordada vendo como dormia, queria descobrir com o quê sonhava...

Avó – É bonito ver as pessoas que se amam, dormir. Cada filho dorme de maneira diferente...

Glória – No dia seguinte, Juan pediu a Román, na minha frente, que me trouxesse a esta casa quando viesse a Barcelona. Román ficou surpreso e disse: “Não sei se poderei”, olhando muito sério para Juan. À noite, discutiram muito. Juan dizia: “É o mínimo que posso fazer; que eu saiba, ela não tem nenhum parente”. Então Román disse: “E Paquita?”. Eu nunca tinha ouvido esse nome até então e estava muito curiosa. Mas, Juan disse outra vez: “Leve-a para nossa casa”. Aquela noite não falaram mais disso. No entanto, fizeram algo interessante: Juan deu muito dinheiro a Román e outras coisas que ele se negou a devolver. A senhora bem sabe disso, mamãe.

Avó – Menina, não se deve ficar escutando pelas fechaduras das portas. Minha mãe não teria permitido, mas você é órfã... É por isso...

Glória – Como se ouvia o mar, perdia muitas frases. Não pude saber quem era Paquita, nem nada de importante. No dia seguinte, despedi-me de Juan; eu estava muito triste, mas, consolava-me pensar que vinha para sua casa. Román dirigia o carro e eu ia ao seu lado. Román começou a fazer brincadeiras comigo... Ele é muito simpático quando quer, mas no fundo ele é mau. Parávamos muitas vezes no caminho. Num vilarejo estivemos quatro dias alojados num castelo... Um castelo maravilhoso; dentro estava restaurado e tinha todo o conforto moderno. Porém, alguns quartos estavam destruídos. Os soldados se alojavam no térreo, nós, como os oficiais, nos quartos da parte alta... Naquela época Román era muito diferente comigo. Muito gentil, menina!<sup>56</sup>. Afinou um piano e tocava, como agora faz para você. Além disso me pediu que eu o deixasse me pintar nua, como Juan faz atualmente... É que eu tenho um corpo muito bonito.

Avó – Menina! O que você está dizendo? Esta malandra inventa muitas coisas... Não leve em consideração ...

---

<sup>56</sup> Tradução para *chica*. Esta palavra receberá várias traduções: menina, Andrea, moça, filha, mulher. Algumas vezes será omitida, dependendo do contexto. Igual tratamento será aplicado à palavra *chico*, com traduções: homem, rapaz ou também sua supressão.

Glória – É verdade. E eu não quis, mamãe, porque a senhora sabe muito bem que ainda que Román tenha dito tantas coisas sobre mim, sou uma moça muito decente...

Avó – Claro, filhinha, claro... Seu marido faz muito mal em pintar você assim; se o pobre Juan tivesse dinheiro para modelos, não o faria... Já sei minha filha, que faz esse sacrifício por ele; por isso gosto tanto de você...

Glória – Havia muitos lírios roxos no parque do castelo. Román queria me pintar com aqueles lírios roxos nos cabelos... O que você acha?

Avó – Lírios roxos... São tão bonitos! Quanto tempo faz que não tenho flores para minha Santa!

Glória – Depois viemos para esta casa. Você pode imaginar como me senti infeliz. Todo mundo daqui me parecia louco. O senhor Jerônimo e Angústias falavam que meu casamento não valia e que Juan, quando voltasse, não se casaria comigo, que eu era vulgar, ignorante... Um dia chegou a mulher do senhor Jerônimo, que vinha, às vezes, muito cautelosamente, para ver seu marido e trazer coisas boas para ele. Quando soube que na casa havia uma rapariga<sup>57</sup>, como ela dizia, teve um ataque. Mamãe borrifou o seu rosto com água... Eu pedi a Román que me devolvesse o dinheiro que Juan havia lhe dado, porque queria ir embora daqui. Aquele dinheiro era bom, de prata, de antes da guerra. Quando Román soube que eu ficava escutando as conversas que ele teve com Juan, na cidadezinha onde estávamos, ficou furioso. Tratou-me pior que a um cão. Pior que a um cão raivoso...

Avó – Mas você vai chorar agora, bobona? Román devia estar um pouco zangado. Os homens são assim, um pouco geniosos. Além do que, ouvir detrás da porta é muito feio, sempre lhe disse isso. Uma vez...

Glória – Por aqueles dias vieram buscar Román e levaram-no a uma *checa*; queriam que falasse e por essa razão não o fuzilaram. Antônia, a empregada, que está apaixonada por ele, ficou uma fera. Depôs a seu favor. Disse que eu era uma sem-vergonha, uma mulher má. Que Juan quando voltasse haveria de me jogar pela janela. Que fui eu quem denunciou Román. Disse que me abriria a barriga com uma faca; foi então que eu bati nela...

---

<sup>57</sup> Tradução para *mujerzuela*: de baixa condição social assim como uma qualificação depreciativa da mulher, vulgar, perdida. Assim era vista Glória em seu desejo de independência e visitadora de locais proibidos como o Bairro Chino.

Avó – Essa mulher é um bicho. Mas, graças a ela, Román não foi fuzilado. Por isso a agüentamos... Não dorme nunca; algumas noites, quando venho pegar a minha cestinha de costura, ou a tesoura, que eu sempre perco, aparece na porta de seu quarto e grita: “Por que a senhora não vai para a cama? O que a senhora faz em pé?” Na outra noite, levei um susto tão grande que caí...

Glória – Eu passava fome. Mamãe, coitadinha, me guardava parte de sua comida. Angústias e o senhor Jerônimo tinham muitas coisas guardadas, que só eles experimentavam. Eu rondava seu quarto. À empregada, davam alguma coisa, de vez em quando, por medo...

Avó – O senhor Jerônimo era covarde. Não gosto de gente covarde, não... É muito pior. Quando veio um miliciano revistar a casa, eu mostrei todos meus santos, tranqüilamente. “Mas a senhora acredita nessa lorota de Deus?”, me disse. “Claro que sim, o senhor não?”, respondi. “Não, nem permito que alguém acredite.” “Então, eu sou mais republicana que o senhor, porque pouco me importa o que os demais pensem; creio na liberdade de idéias.” Então, coçou a cabeça e concordou comigo. No dia seguinte me trouxe um terço de presente, dos que eles haviam confiscado. Mas veja que, aos vizinhos lá de cima, que só tinham um Santo Antônio sobre a cama, nesse mesmo dia, jogaram seu santo pela janela...

Glória – Nem lhe conto o que padeci naqueles meses. No final foi pior. Meu filho nasceu quando entraram os *nacionais*. Angústias me levou a uma clínica e ali me deixou... Era uma noite de bombardeios terríveis; as enfermeiras me deixaram sozinha. Depois tive uma infecção. Uma febre altíssima mais de um mês. Não conhecia ninguém. Não sei como a criança pôde viver. Quando terminou a guerra, eu ainda continuava na cama, passando os dias abobada, sem forças para pensar nem para me mover. Uma manhã a porta se abriu e Juan entrou. Não o reconheci de imediato. Pareceu-me altíssimo e muito magro. Sentou-se em minha cama e me abraçou. Eu apoiei a cabeça em seu ombro e comecei a chorar. Então me disse “Me perdoe, me perdoe” assim baixinho. Eu comecei a tocar-lhe o rosto, porque quase não podia acreditar que era ele, e assim permanecemos por muito tempo.

Avó – Juan trouxe muitas coisas gostosas para comer, leite condensado, café e açúcar... Fiquei contente por Glória; pensei: “Vou fazer um doce para Glória, do jeito de minha terra”... Mas Antônia, essa mulher tão má, não me deixa entrar na cozinha...

Glória – Estivemos abraçados assim tanto tempo! Como poderia supor o que viria depois? Era já como o final de um romance. Como o final de todas as tristezas. Como eu podia imaginar que o pior estava por começar? Depois Román saiu da prisão e foi como se ressuscitasse outro morto. Fez a mim, todo o mal que pôde em relação a Juan. Não queria que se casasse comigo de nenhuma maneira. Queria que nos pusesse para fora a pontapés, a mim e a criança... Tive que me defender e dizer coisas que eram verdade. Por isso Román não pode nem me ver.

Avó – Menina, os segredos devem ser guardados e nunca ditos para inimizar os homens. Quando eu era muito juvenzinha, uma vez... Uma tarde do mês de agosto, muito azul, bem me lembro bem, muito quente, vi algo...

Glória – Mas eu não consigo esquecer aqueles instantes em que estive assim, abraçada a Juan e de como batia seu coração embaixo dos ossos duros de seu peito... Lembrei de que o senhor Jerônimo e Angústias diziam que ele tinha uma namorada linda e rica e que com ela se casaria. Contei a ele e ele moveu a cabeça para dizer que não. Beijava o meu cabelo... O terrível foi que em seguida tivemos que voltar a viver aqui, não tínhamos dinheiro. Se não, teríamos sido um casal muito feliz e Juan não estaria tão doido... Aquele momento foi como o final de um filme.

Avó – Eu fui a madrinha do menino... Andrea, você está dormindo?

Glória – Está dormindo, Andrea?

Eu não estava dormindo. Creio que me lembro claramente dessas histórias. Mas a febre que ia aumentando atordoava-me. Tinha calafrios e Angústias obrigou-me a deitar. Minha cama estava úmida, os móveis, na luz acinzentada, mais tristes, monstruosos e negros. Fechei os olhos e vi uma escuridão avermelhada detrás das pálpebras. Depois, a imagem de Glória na clínica, apoiada, muito branca, contra o ombro de Juan, diferente e enternecido, sem aquelas sombras cinzas nas bochechas...

Estive com febre vários dias. Uma vez, lembro que Antônia veio me visitar, com seu peculiar cheiro de roupa preta e seu rosto se misturou com meus sonhos, afiando uma faca comprida. Via também a vovó, jovem e vestida de azul, numa tarde de agosto, junto ao mar.

Mas principalmente Glória, chorando no ombro de Juan e as grandes mãos dele acariciando seus cabelos. Os olhos de Juan, que eu conhecia, perdidos e inquietos, enternecidos por uma luz desconhecida.

Na última tarde de minha doença, Román veio me ver. Trouxe o papagaio no ombro e o cachorro entrou também, de modo impetuoso, disposto a lambar o meu rosto.

– Por que não toca um pouco o piano para mim? Disseram que o faz muito bem...

– Sim, somente por meu prazer<sup>58</sup>.

– E nunca compôs algo para piano, nunca?

– Sim, algumas vezes, por que pergunta?

– Eu acho que você deveria ter-se dedicado exclusivamente à música, Román. Toque para mim o que compôs para piano.

– Quando você está doente, fala como se dissesse as coisas com duplo sentido, não sei por quê.

Dedilhou o piano um pouco e em seguida disse:

– Isto está muito desafinado, mas vou tocar para você a canção de Xochipilli<sup>59</sup>... Você se lembra do pequeno ídolo de barro que eu tenho lá em cima?... Não pense que é autêntico. Eu mesmo o fabriquei. Mas representa Xochipilli, o deus dos jogos e das flores dos astecas. Nos bons tempos, esse deus recebia oferendas de corações humanos... Eu, muitos séculos mais tarde, num arroubo de entusiasmo por ele, compus algumas músicas. O pobre Xochipilli está em decadência, como verá...

Sentou-se ao piano e tocou algo alegre, ao contrário do que costumava fazer. Tocou algo parecido ao ressurgir da vida na primavera, com notas roucas e agudas como um aroma que se estende e embriaga.

– Você é um grande músico, Román – disse-lhe e assim pensava de verdade.

---

<sup>58</sup> Tradução para *afición*. Fazer algo por gosto, não como profissão.

<sup>59</sup> Divindade asteca, trabalhada em pó de pedra e cimento, doada em 1935, ao Jardim Botânico pelo governo do México. Xochipilli simboliza o Deus do amor, das flores, da voluptuosidade, do jogo, da música, da fertilidade e da procriação. É também o Deus do prazer, do pecado e da dança. Seu nome significa “cinco flores” e a flor é o seu símbolo. Disponível em <http://www.jbrj.gov.br/ebendinger/trilhas/33.htm>, consultado em 27/08/2006.



– Não. Você não tem nem um pingo de cultura musical, por isso opina assim. Mas me envaidece.

– Ah! – disse quando já estava na porta – pode acreditar que fiz um pequeno sacrifício em sua homenagem tocando isso. Xochipilli sempre me traz má sorte.

Naquela noite tive um sonho claríssimo no qual se repetia uma antiga e obsessiva imagem: Glória, apoiada no ombro de Juan, chorava... Pouco a pouco, Juan sofreu curiosas transformações. Vi-o enorme e escuro, com a fisionomia enigmática do deus Xochipilli. A face pálida de Glória começou a animar-se e a reviver; Xochipilli sorria também. Bruscamente, reconheci seu sorriso: era o branco e um tanto selvagem sorriso de Román. Era Román quem abraçava Glória e os dois riam. Não estavam na clínica, mas sim no campo. Num campo com lírios roxos e Glória estava despenteada pelo vento.

Acordei sem febre e confusa, como se realmente tivesse descoberto algum escuro segredo.

## V

Não sei a causa daquelas febres, que passaram como uma ventania dolorosa, revirando os recantos de meu espírito, mas removendo também suas nuvens escuras. A questão é que sumiram antes que alguém pensasse em chamar o médico, e, ao cessar, me deixaram uma estranha e frágil sensação de bem-estar. No primeiro dia em que consegui me levantar, tive a impressão de que ao jogar a manta para os pés, tirava, também, de minhas costas, aquele ambiente opressivo que me anulava desde minha chegada a casa.

Angústias, examinando meus sapatos, cujo couro enrugado, como um rosto expressivo, delatava sua velhice, indicou o solado gasto que transpirava umidade e disse que eu havia pego um resfriado por ficar com os pés molhados.

– Além disso, minha filha, quando se é pobre e dependente da caridade dos parentes, é preciso tomar mais cuidados com as peças pessoais. Você deve andar menos e pisar com mais cuidado... Não me olhe assim, porque advirto você que sei, perfeitamente, o que faz quando

estou em meu escritório. Sei que vai para a rua e volta antes que eu chegue, para que não possa flagrar você. Pode-se saber aonde vai?

– Bem, a nenhum lugar concreto. Gosto de ver as ruas. Ver a cidade...

– Mas, você gosta de ir sozinha, minha filha, como se fosse uma qualquer. Exposta às impertinências dos homens. Por acaso, você é uma empregada?... Na sua idade, não me deixavam ir sozinha nem à porta da rua. Posso lhe dizer que compreendo a necessidade de ir e vir da Universidade... Mas, andar por aí, à solta, como um cachorro vagabundo... Quando estiver sozinha no mundo, faça o que quiser. Mas, agora, você tem uma família, um lar e um nome. Eu já sabia que sua prima, lá de onde você veio, não poderia haver inculcado bons hábitos em você... Seu pai era um homem estranho... Não que sua prima não seja uma excelente pessoa, mas falta a ela refinamento... Apesar de tudo, espero que você não tenha ficado batendo perna pelas ruas de sua cidade.

– Não.

– Pois aqui, menos ainda. Ouviu bem?

Eu não insisti, que mais poderia dizer?

De repente, voltou-se, horrorizada<sup>60</sup>, quando já estava indo embora.

– Espero que não tenha ido até o porto pelas Ramblas.

– Por que não?

– Minha filha, há umas ruas nas quais se uma moça entrasse alguma vez, perderia para sempre sua reputação. Refiro-me ao bairro chinês... Você não sabe onde começa...

– Sei sim, perfeitamente. No bairro chinês não entrei... Mas, o que há lá?

Angústias olhou-me furiosa.

– Perdidas, ladrões e a luz do demônio, isso é o que há.

---

<sup>60</sup> Tradução para *espeluznada:decompor, desordenar el pelo de la cabeza* (DRAE). Existe o adjetivo descabelado/a, mas consideramos que horrorizada mantinha o sentido de uma lembrança de algo ameaçador.

(Eu, naquele momento, imaginei o bairro chinês iluminado por uma faísca de beleza).

O momento de minha luta contra Angústias se aproximava cada vez mais, como uma tempestade inevitável. Logo na primeira conversa que tive com ela, soube que nunca nos íamos entender. Depois, a surpresa e a tristeza de minhas primeiras impressões haviam dado uma grande vantagem a minha tia. “Mas – eu pensei, excitada, depois desta conversa – este período se acaba”. Vi-me entrando em uma vida nova, na qual disporia livremente de minhas horas e sorri para Angústias, com deboche.

Quando retomei as aulas na Universidade sentia-me fervendo<sup>61</sup> interiormente por tantas impressões acumuladas. Pela primeira vez em minha vida me vi sendo expansiva e fazendo amizades. Sem muito esforço, consegui relacionar-me com um grupo de moças e rapazes, colegas de classe. Na verdade, o que me levava a eles era uma ânsia indefinível, que agora posso concretizar como um instinto de defesa: somente aqueles seres da minha própria geração e de gostos iguais aos meus podiam me dar respaldo e amparo contra o mundo, um pouco “sobrenatural”, das pessoas maduras. Acredito, sinceramente, que naquele tempo eu necessitava desse apoio.

Compreendi, em seguida, que com os rapazes era impossível o tom misterioso e reticente das confidências, do qual as moças costumam gostar tanto, o encanto de esmiuçar a alma, o contato com a sensibilidade armazenada durante anos... Em minhas relações com a turma da universidade, vi-me mergulhada numa quantidade de discussões sobre problemas gerais, com os quais nem sequer havia sonhado antes; sentia-me deslocada e contente ao mesmo tempo.

Pons, o mais jovem do meu grupo, disse-me um dia:

– Até agora, como você podia viver sempre fugindo para não falar com a gente? Sabia que nós antes a achávamos muito esquisita. Ena zombava de você de uma maneira engraçada. Dizia que você era ridícula, o que acontecia?

---

<sup>61</sup> Tradução para “fermentar”. Em espanhol alude a um processo transformador em uma pessoa. Embora exista a mesma palavra em português, pareceu-nos ser mais usada no sentido de transformação química e menos para as pessoas. Assim sendo consideramos que a palavra “fervendo” se ajusta mais ao sentido de uma agitação interna pessoal.

Encolhi os ombros um pouco sentida, porque de todos os jovens que conhecia, Ena era minha preferida.

Mesmo nos tempos em que eu não pensava em ser sua amiga, simpatizava com aquela moça e tinha certeza de ser correspondida. Ela se havia aproximado algumas vezes para falar comigo gentilmente, sob qualquer pretexto. No primeiro dia do curso, perguntou-me se eu era parente de um violinista famoso. Lembro que a pergunta me pareceu absurda e me fez rir.

Não era somente eu que sentia preferência por Ena. Ela constituía algo assim como um centro de atração em nossas conversas, as quais presidia muitas vezes. Sua malícia e inteligência eram proverbiais. Eu tinha certeza que se alguma vez fui alvo de suas zombarias, certamente devo ter me tornado motivo de chacota de todos.

Olhei-a de longe, com certo rancor. Ena possuía um rosto agradável e sensual no qual brilhavam olhos terríveis. Era um pouco fascinante aquele contraste entre seus gestos suaves, o aspecto juvenil de seu corpo, e de seu cabelo loiro com o olhar esverdeado, carregado de brilho e ironia que havia em seus grandes olhos.

Enquanto eu falava com Pons, ela me cumprimentou com a mão. Depois veio buscar-me atravessando os grupos barulhentos que esperavam a hora da aula, no pátio da Letras. Quando chegou perto de mim, tinha as bochechas coradas e parecia estar com um excelente humor.

– Por favor, Pons, deixe-nos sozinhas, pode ser?

– Com Pons – disse-me, quando viu que a figura magra do rapaz se distanciava – a gente tem que ter cuidado. É dessas pessoas que se sentem ofendidas logo em seguida. Agora mesmo acha que o ofendi ao pedir que nos deixe... Mas preciso falar com você.

Eu estava pensando que poucos minutos atrás também havia me sentido ferida por suas zombarias de que até então não tinha a menor idéia... Só que agora estava vencida por sua profunda simpatia.

Gostava de passear com ela pelos pátios de pedra da Universidade e escutar sua conversa, pensando que algum dia eu haveria de falar-lhe sobre a vida escura de minha casa, a

qual, no momento em que passava a ser o tema da discussão, começava a aparecer diante de meus olhos carregada de romantismo. Acreditava que Ena ficaria muito interessada e que ela entenderia, melhor do que eu, os problemas da casa. Até então, no entanto, nada lhe tinha dito sobre minha vida. Fui tornando-me sua amiga, graças a este desejo que me havia tomado de falar; só que falar e fantasiar eram coisas que sempre me foram difíceis; preferia escutar sua conversa, com uma sensação como de espera, que me desalentava e que ao mesmo tempo achava interessante. Assim sendo, quando Pons nos deixou, naquela tarde, não podia imaginar que a agri-doce tensão entre minhas vacilações e meu desejo de confidências iria terminar.

– Descobri, hoje, que um violinista do qual lhe falei faz tempo... lembra?... além de ter seu segundo sobrenome, tão estranho, vive na Rua Aribau como você. Seu nome é Román. Tem certeza de que não é seu parente? – disse-me.

– Sim, é meu tio, só que não tinha idéia de que fosse, realmente, um músico. Tinha certeza de que, além de sua própria família, ninguém mais sabia que tocava violino.

– Eu sim, como você pode ver, já tinha ouvido falar dele.

Fiquei um tanto agitada ao pensar que Ena pudesse ter algum contato com a Rua Aribau. Ao mesmo tempo me senti quase frustrada.

– Eu quero que você me apresente ao seu tio.

– Tudo bem.

Ficamos em silêncio. Eu estava esperando que Ena me desse alguma explicação. Ela, talvez, que eu falasse. Mas, sem saber o porquê, agora me pareceu impossível comentar, com minha amiga, o mundo da Rua Aribau. Pensei que ia ser terrivelmente doloroso para mim colocar Ena diante de Román – “Um violinista célebre” – e presenciar a desilusão e a zombaria em seus olhos, diante do aspecto descuidado daquele homem. Tive um desses momentos de desalento e vergonha tão freqüentes na juventude, quando eu mesma me senti mal vestida, cheirando a cândida e a áspero sabão de lavar louça, diante da roupa de fino acabamento de Ena e do suave perfume de seus cabelos.

Ena olhava-me. Lembro que senti um enorme alívio quando, naquele momento, tivemos que entrar na classe.

– Espere por mim na saída! – gritou.

Eu sempre me sentava na última carteira e a ela, era reservado um lugar na frente, por seus amigos. Durante toda a explicação do professor, estive com o pensamento longe. Jurei, para mim mesma, que não misturaria esses dois mundos que começavam a desenhar-se em minha vida: o dos meus amigos da faculdade, com sua fácil cordialidade, e o sujo e pouco acolhedor da minha casa. Meu desejo de falar da música de Román, do avermelhado cabelo de Glória, de minha pueril avó, vagando pela noite, como um fantasma, pareceu-me idiota. Para além do encanto de revestir tudo isso com fantasias hipotéticas em longas conversas, só restaria a realidade miserável que me havia atormentado em minha chegada, e que seria aquela que Ena poderia ver, caso eu chegasse a lhe apresentar Román.

Assim, quando terminou a aula daquele dia, escapuli da Universidade e corri até minha casa como se tivesse feito algo de errado, fugindo do olhar de minha amiga, que seguramente me procurava.

Quando cheguei ao nosso apartamento da Rua Aribau, desejei, no entanto, encontrar Román, porque era uma tentação muito forte insinuar-lhe que conhecia o segredo – segredo que, ao que parece, ele guardava zelosamente – de sua celebridade e de seu sucesso, num tempo passado. Mas, naquele dia, não vi Román na hora do almoço. Isto me decepcionou, Ainda que não me parecesse estranho, porque Román se ausentava freqüentemente. Glória, assoando o nariz de seu filho, pareceu-me um ser infinitamente vulgar, e Angústias esteve insuportável.

No dia seguinte e em alguns outros dias, evitei Ena até que pude convencer-me de que, ao que parecia, ela havia esquecido suas perguntas. Román não aparecia em casa.

Glória disse-me: – Você não sabe que ele sai, de vez em quando, de viagem? Não diz para ninguém, nem ninguém, além da cozinheira sabe aonde vai...

(“Saberá Román – pensava eu – que algumas pessoas o consideram uma celebridade, que as pessoas ainda não o esqueceram?”).

Uma tarde aproximei-me da cozinha.

- Diga-me, Antônia, sabe quando meu tio voltará?

A mulher dirigiu para mim, rapidamente, seu riso assustador.

– Ele voltará. Nunca deixa de voltar. Vai e volta. Volta e vai... Mas não se perde nunca, não é verdade, *Trueno*? Não há motivo para preocupação.

Virava-se para o cachorro que estava, como sempre, atrás dela, com sua língua vermelha de fora.

– Não é verdade, *Trueno*, que ele não se perde nunca?

Os olhos do animal reluziam amarelos, olhando a mulher, e os olhos dela também brilhavam, pequenos e escuros, entre a fumaça do fogo que estava começando a acender.

Estiveram assim os dois por instantes, fixos, hipnotizados. Tive a certeza de que Antônia não acrescentaria uma palavra a seus pouco esclarecedores comentários.

Não houve maneira de saber nada de Román até que ele mesmo apareceu num entardecer. Estava sozinha com a minha avó e com Angústias, e, além disso, encontrava-me como em uma prisão correcional, pois Angústias havia me surpreendido no instante em que tentava escapar para a rua, na ponta dos pés. Naquela situação, a chegada de Román trouxe-me uma alegria inusitada.

Pareceu-me mais moreno, com a testa e o nariz queimados pelo sol, porém, abatido, a barba por fazer e com a gola da camisa suja.

Angústias o olhou de cima a baixo.

– Gostaria de saber, por onde você andou?

Ele, por sua vez, lançou-lhe um olhar maligno, enquanto puxava o papagaio para acariciá-lo.

– Pode ter certeza de que vou lhe contar... Mamãe, quem cuidou do papagaio para mim?

– Eu, meu filho – disse minha avó, sorrindo – não esqueço nunca...

– Obrigado, mamãe.

Enlaçou-a pela cintura, parecendo que ia levantá-la, e deu-lhe um beijo no cabelo.

– A nenhum lugar muito bom, você deve ter ido. Já me alertaram a respeito de suas andanças, Román. Já percebi que você não é o mesmo de antes... Seu sentido de moral deixa muito a desejar...

Román estufou o peito, como para relaxar a tensão da viagem.

– E se lhe dissesse que, talvez em minhas andanças, consegui averiguar algo sobre o sentido de moral de minha irmã?

– Não diga absurdos, seu estúpido! Menos ainda na frente da minha sobrinha.

– Nossa sobrinha não se espantará e mamãe, mesmo que abra esses olhinhos redondos, tampouco...

As maçãs do rosto de Angústias ficaram amarelas e vermelhas e achei curioso que seu peito arfasse como o de qualquer outra mulher agitada.

– Tenho andado, um pouco, pela região dos Pirineus – disse Román – parei alguns dias em Puigcerdá, que é uma cidadezinha encantadora e, naturalmente, fui visitar uma pobre senhora, que conheci em tempos melhores, a qual é mantida prisioneira pelo marido em seu lúgubre casarão, vigiada pelos empregados como se fosse uma criminosa.

– Se está se referindo à mulher do senhor Jerônimo, meu chefe no escritório, você sabe perfeitamente que a coitada ficou louca e que antes de interná-la num manicômio, ele preferiu...

– Isso mesmo, estou vendo que está bem a par da vida de seu chefe. Refiro-me à coitada da senhora Sanz... Que esteja louca, não duvido. Mas, de quem é a culpa de que tenha chegado a esse estado?



– O que está pretendendo insinuar? – gritou Angústias, tão sofrida, (desta vez, de verdade) que senti pena.

– Nada! – disse Román, com surpreendente rapidez, enquanto pairava sob seu bigode um estranho sorriso.

Eu tinha ficado boquiaberta, paralisada diante de meu desejo de falar com Román. Havia passado dias, excitada, com a perspectiva de falar com meu tio; acreditava guardar, tantas novidades, que eu achava interessantes e agradáveis para ele.

Quando me levantei da cadeira para abraçá-lo com mais ímpeto do que costumava pôr nessas coisas, não conseguia conter a alegria da surpresa que tinha preparada na ponta da língua. A cena que se seguiu cortou-me o entusiasmo.

Pelo rabo do olho vi tia Angústias – enquanto Román falava comigo – apoiada no aparador, muito pensativa, enfiada por uma careta de dor, mas sem chorar, o que era estranho nela.

Román se acomodou, tranqüilamente, numa cadeira e começou a falar-me dos Pirineus. Disse que aquelas magníficas rugas da terra, que se erguiam entre nós – os espanhóis – e o resto da Europa, era um dos lugares verdadeiramente grandioso do Globo. Falou-me da neve, dos profundos vales, do céu gelado e brilhante.

– Não entendo por que não consigo amar a Natureza; tão terrível, tão tosca e magnífica como é às vezes... Creio que perdi o gosto pelo colossal. O tique-taque de meus relógios me desperta os sentidos, mais que o vento nos desfiladeiros... Estou impenetrável – concluiu.

Enquanto o ouvia, fiquei pensando que não valia a pena contar a Román que uma moça da minha idade reconhecera seu talento, porque a projeção desse talento não tinha importância para ele, porque também, para todo elogio externo estava ele voluntariamente impenetrável.

Román, enquanto falava, acariciava as orelhas do cachorro, que revirava os olhos de prazer. A empregada, na porta, espreitava-os; enxugava as mãos no avental – aquelas mãos

endurecidas<sup>62</sup>, com as unhas pretas – sem saber o que fazer, olhava, firme e insistentemente, as mãos de Román nas orelhas do cachorro.

## VI

Freqüentemente me via surpreendida, no meio daquelas pessoas da Rua Aribau, pelo rumo trágico que tomavam os acontecimentos mais insignificantes<sup>63</sup>, ainda que cada um daqueles seres levassem um peso, uma obsessão real dentro de si, à qual poucas vezes aludiam diretamente.

No dia de Natal envolveram-me num de seus escândalos e, talvez, porque até então, costumava me manter afastada deles, este me deixou mais impressionada que qualquer outro. Ou talvez pelo estranho estado de ânimo em que fiquei, no que dizia respeito a meu tio Román, e não tive outro remédio, senão começar a vê-lo de uma forma desagradável, ao extremo.

Naquela ocasião, a discussão teve suas raízes ocultas na minha amizade com Ena. Muito mais tarde, lembrando, pensei que uma espécie de predestinação uniu Ena, desde o começo, à vida da Rua Aribau, tão impermeável a elementos estranhos.

Minha amizade com Ena havia seguido o curso normal de relações entre duas colegas de classe que simpatizam, extraordinariamente, entre si. Voltei, graças a ela, a rememorar o encanto de minhas amigas do colégio, já esquecidas. Não ignorava, tampouco, as vantagens que sua preferência por mim me traziam, inclusive os próprios colegas tinham-me em melhor conta. Certamente, parecia-lhes mais fácil aproximar-se, assim, de minha bela amiga.

No entanto, era para mim um luxo excessivamente caro compartilhar dos hábitos de Ena. Ela me arrastava, todos os dias, ao bar, – único lugar quente de que me lembro, além do sol do jardim, naquela Universidade de pedra – e pagava minha conta, uma vez que havíamos

---

<sup>62</sup> Tradução para *aporradas*. Escolhemos esta opção que privilegia o sentido de falta de movimento e ação. A palavra em espanhol, atualmente é pouco usada.

<sup>63</sup> Tradução para *nimios*, que em língua espanhola possui a acepção de exagerado, abundante, mas o próprio DRAE alerta que a palavra foi mal interpretada, recebendo acepções contrárias. Parece-nos que foi o que aconteceu no texto de partida, daí nossa tradução por *insignificante*.

feito o pacto de proibir que os rapazes, todos muito jovens e em sua maioria com poucos recursos, convidassem as garotas. Eu não tinha dinheiro nem para um café. Tampouco tinha para pegar o bonde – se alguma vez conseguia burlar a vigilância de Angústias e saía com minha amiga para dar um passeio – e nem para comprar castanhas quentes<sup>64</sup>, na hora do sol. Tudo era provido por Ena. Isso arranhava minha vida de forma desagradável. Todas as minhas alegrias daquela temporada tornaram-se um pouco desgastadas pela obsessão de corresponder a suas delicadezas. Até então, ninguém a quem eu quisesse bem havia demonstrado tanto afeto e eu me sentia roída pela necessidade de dar-lhe alguma coisa a mais que minha companhia, pela necessidade que todos os seres pouco favorecidos sentem de pagar, materialmente, o que para eles é imperativo: a consideração e a simpatia.

Não sei se era um sentimento belo ou mesquinho – e naquele momento nem me ocorreu parar para analisá-lo – aquele que me empurrou a abrir minha mala para recontar meus tesouros. Empilhei meus livros, olhando-os um a um. Havia-os trazido todos da biblioteca de meu pai, que minha prima Isabel guardava no sótão de sua casa, e estavam com um aspecto amarelado e mofado. Minhas roupas íntimas e uma caixinha de lata completavam o quadro de tudo o que eu possuía no mundo. Na caixa encontrei velhas fotografias, as alianças de meus pais e uma medalha de prata com a data de meu nascimento. Embaixo de tudo, embrulhado num papel de seda, estava um lenço de magnífica renda antiga que minha avó havia mandado para mim, no dia de minha primeira comunhão. Eu não me lembrava de que fosse tão bonito e a alegria de poder presenteá-lo a Ena compensava-me muitas tristezas. Compensava-me o trabalho que me custava chegar limpa à Universidade e, principalmente, parecer bem diante do aspecto agradável que tinham meus colegas. Aquela tristeza de estar sempre costurando as luvas, de lavar minhas blusas com a água turva e gelada do tanque do corredor, com o mesmo pedaço de sabão que Antônia utilizava para suas panelas e com que, pelas manhãs, eu esfregava meu corpo sob o chuveiro frio. Poder oferecer a Ena um presente tão delicadamente belo, compensava-me de toda mesquinhez de minha vida. Lembro-me de que o levei para ela na Universidade, no último dia de aula, antes das férias de Natal, e que escondi esse feito, cuidadosamente, das vistas de meus parentes; não porque achasse que não deveria presentear algo que era meu, mas sim porque, aquele presente, entrava no recinto de

---

<sup>64</sup> Comprar castanhas portuguesas recém assadas, vendidas na rua, na época do inverno é um hábito espanhol que além de servir como um rápido e barato alimento, esquenta as mãos.

minhas coisas íntimas, e deste, todos eles estavam excluídos. Já naquela época considerava impossível que pudesse passar pela minha cabeça falar de Ena para Román, nem para contar-lhe que alguém admirava sua arte.

Ena ficou comovida e tão contente quando encontrou, no pacote que lhe dei, o gracioso mimo, que sua alegria me uniu a ela mais do que todas suas anteriores demonstrações de afeto. Fez-me sentir tudo o que não era: rica e feliz. E eu jamais pude me esquecer disso.

Lembro-me de que aquele incidente me deixou bem humorada e de que comecei minhas férias com mais paciência e doçura, em relação a todos, mais do que geralmente tinha. Até com Angústias me mostrava amável. Na noite de Natal me vesti, disposta a ir à Missa do Galo com ela, embora ela não tivesse pedido. Para minha surpresa, ficou muito nervosa.

– Esta noite prefiro ir sozinha, filha...

Achou que eu havia ficado decepcionada e me acariciou o rosto.

– Amanhã você irá comungar com sua vovó...

Eu não estava decepcionada, mas surpresa, pois a todas as celebrações religiosas, Angústias me obrigava a acompanhá-la. Gostava de vigiar e criticar minha devoção.

Eu já levava muitas horas dormindo, quando aquela manhã de Natal nasceu esplêndida. Acompanhei, de fato, minha avó à missa. À forte luz do sol, a velhinha com seu casaco preto parecia uma pequena e enrugada uva-passa. Ia ao meu lado tão contente, que me perturbou um confuso remorso por não amá-la mais.

Quando voltávamos, disse-me que havia oferecido a comunhão pela paz da família.

– Que esses irmãos se reconciliem, minha filha, é meu único desejo, e também que Angústias compreenda como Glória é boa e o quanto tem sido infeliz.

Quando subíamos as escadas da casa, ouvimos gritos que saíam de nosso apartamento. Minha avó apertou meu braço com mais força e suspirou.

Ao entrar, encontramos Glória, Angústias e Juan, numa discussão em tom alterado na sala de jantar. Glória chorava histérica.

Juan tentava atingir com uma cadeira a cabeça de Angústias e ela escudava-se com outra, dando saltos para defender-se.

Como o papagaio gritava excitado e Antônia cantava na cozinha, a cena não deixava de ter sua comicidade.

Minha avó logo interferiu na briga, gesticulando e tentando segurar Angústias, que ficou desesperada.

Glória correu em minha direção.

– Andrea! Você pode dizer que não é verdade!

Juan largou a cadeira para olhar para mim.

– O que vai dizer Andrea? – gritou Angústias. Sei muito bem que você o roubou...

– Angústias! Se você continuar me insultando, abro sua cabeça, maldita!

– Bom, mas o que devo dizer?

– Angústias diz que peguei um lenço de renda que você tinha...

Senti que ficava estupidamente corada, como se tivesse sido acusada de algo... Uma onda de calor. Um jato de sangue fervendo nas bochechas, nas orelhas, nas veias do pescoço...

– Eu não falo sem provas! – disse Angústias com o indicador estendido em direção a Glória. Viram que você saiu de casa, com esse lenço, para vendê-lo. Justamente, a única coisa de valor que a sobrinha tinha em sua mala, e, não vai negar para mim que não é a primeira vez que revira essa mala para pegar algo. Duas vezes a surpreendi usando a roupa íntima de Andrea.

Na verdade, isso era certo. Um desagradável hábito de Glória, suja e desastrada com tudo, sem muitos escrúpulos com a propriedade alheia.

– Só que, no que se refere a pegar o meu lenço, não é verdade – disse eu oprimida por uma angústia infantil.

– Está vendo? Bruxa indecente! Seria melhor que tivesse vergonha de suas coisas e não se intrometesse nas dos demais.

Este era Juan, naturalmente.

– Não é verdade? Não é verdade que roubaram o seu lenço da primeira comunhão?... Onde está, então? Porque nesta mesma manhã, eu estive olhando sua mala e lá não há nada.

– Dei de presente – disse contendo as batidas de meu coração –. Dei de presente a uma pessoa.

Tia Angústias veio tão depressa até mim, que fechei os olhos, num gesto instintivo, como se ela tivesse a intenção de esbofetear-me. Ficou tão perto, que seu hálito me incomodava.

– Diga-me a quem você o deu, rápido! Ao seu namorado? Você tem namorado?

Balancei a cabeça em sentido negativo.

– Então, não é verdade. É uma mentira que você está dizendo para defender Glória. Você não se importa em me deixar cair no ridículo, contanto que essa mulherzinha qualquer fique bem...

Geralmente, tia Angústias era comedida em seu modo de falar. Daquela vez deve ter se contagiado com o ambiente geral. O que aconteceu depois foi muito rápido: uma bofetada de Juan, tão violenta que fez Angústias cambalear, desequilibrar-se e cair ao chão.

Inclinei-me, rapidamente para ela e quis ajudá-la a levantar-se. Rejeitou-me brusca, chorando. A cena, na verdade, tinha perdido para mim todo o aspecto divertido.

– E ouça, bruxa! – gritou Juan –. Não disse antes, porque sou cem vezes melhor do que você e de que toda a maldita ralé desta casa, só que, pouco me preocupa que todos fiquem sabendo que a mulher de seu chefe tem razão em xingar-la por telefone, como faz às vezes, e, que ontem à noite você não foi à Missa do Galo nem nada parecido...

Creio que vai ser difícil esquecer o aspecto de Angústias naquele momento. Com as madeixas grisalhas despenteadas, os olhos tão abertos que me davam medo e limpando com dois dedos, um fiozinho de sangue do cantinho da boca... Parecia bêbada.

– Canalha! Canalha!... Louco! – gritou.

Depois, cobriu o rosto com as mãos e correu a trancar-se em seu quarto. Ouvimos o ranger da cama sob seu corpo, e, depois seu choro.

A sala de jantar ficou mergulhada numa tranqüilidade espantosa. Olhei para Glória e vi que sorria para mim. Eu não sabia o que fazer. Tentei uma tímida batida no quarto de Angústias e notei, com alívio, que não me respondia.

Juan foi para o estúdio e dali chamou Glória. Ouvei que começavam nova discussão que chegava até mim, amortecida como uma tempestade que se afasta.

Aproximei-me da sacada e apoiei a testa no vidro. Naquele dia de Natal, a rua tinha aspecto de uma imensa confeitaria dourada, cheia de coisas apetitosas.

Senti que a vovó se aproximava por detrás de mim e logo sua mão fina, sempre azulada de frio, iniciou uma frágil carícia sobre minha mão.

– Malandrinha – disse-me –, malandrinha... Deu meu lenço de presente.

Olhei-a e vi que estava triste, com um desconsolo infantil nos olhos.

– Não gostava do meu lenço? Era de minha mãe, mas eu quis que ficasse para você...

Não soube o que responder e virei sua mão para beijar-lhe a palma, enrugada e suave. Apertava-me, a mim também, um desconforto na garganta, como uma corda grossa, áspera. Pensei que os momentos de alegria de minha vida haviam de ser compensados com algo desagradável. Talvez isso fosse uma lei fatídica.

Antônia chegou para arrumar a mesa. No centro, como se fossem flores, colocou um prato grande de *turrón*<sup>65</sup>. Tia Angústias não quis sair do seu quarto para comer.

Estávamos minha avó, Glória, Juan, Román e eu, naquele estranho jantar de Natal, ao redor de uma mesa grande com sua toalha xadrez desfiada nas pontas.

---

<sup>65</sup> Doce típico de Natal na Espanha. Existe grande variedade, o mais conhecido é feito com mel e amêndoas.

Juan esfregou as mãos, feliz.

– Alegria, alegria – disse, e abriu uma garrafa.

Como era dia de Natal, Juan sentia-se muito animado. Glória disparou a comer pedaços de *turrón* como se fossem pedaços de pão<sup>66</sup>. A vovó ria feliz com a cabeça balançando após beber vinho.

– Não temos frango nem peru, mas, um bom coelho é melhor que tudo - disse Juan.

Somente Román parecia, como sempre, longe do jantar. Também pegava pedaços de *turrón* para dá-los ao cachorro.

Éramos muito semelhantes a qualquer outra família tranqüila e feliz, rodeada de sua pobreza simples, sem querer mais nada.

Um relógio que sempre se atrasava, deu umas badaladas intempestivas e o papagaio se espalhou, satisfeito, ao sol.

De repente tudo aquilo me pareceu idiota, cômico e risível, outra vez. E sem poder conter-me, comecei a rir num momento em que ninguém dizia nada, nem vinha ao caso e acabei engasgando. Davam-me tapas nas costas e eu, vermelha e tossindo até as lágrimas, ria. Depois terminei chorando de verdade, aflita, triste e vazia.

De tarde, tia Angústias me fez ir até seu quarto. Tinha-se enfiado na cama e colocava umas compressas com água e vinagre na testa. Agora estava tranqüila e parecia doente.

– Aproxime-se, filhinha, aproxime-se – disse-me – tenho que lhe explicar algo... Faço questão que saiba que sua tia é incapaz de fazer algo de ruim ou indecoroso.

– Já sei. Nunca duvidei disso.

– Obrigada filha, não acreditou nas calúnias de Juan?

---

<sup>66</sup> Tradução para [...] *empezó a comer trozos de turrón empleándolos como pan desde la sopa*. Refere-se a comer sem moderação, como algo pouco importante, como se fosse o pão que acompanha a sopa.



– Ah!... Que ontem à noite você não estava na Missa do Galo? – contive o desejo de sorrir – Não. Por que você não estaria? Além do mais, isso não me parece importante.

Remexeu-se inquieta.

– É muito difícil para mim, explicar-lhe, mas...

Sua voz estava embargada como as nuvens carregadas da primavera. Não poderia suportar outra cena e toquei seu braço com as pontas dos dedos.

– Não precisa me explicar nada. Não creio que tenha que me prestar contas de seus atos, tia. Se lhe interessa saber, acredito que seja impossível qualquer coisa imoral, que me disserem sobre você.

Ela me olhou, piscando os olhos castanhos sob a viseira do pano molhado que levava na cabeça.

– Muito em breve vou embora desta casa, filha – disse com voz trêmula –. Bem mais cedo do que alguém imagina. Então resplandecerá minha verdade.

Tentei imaginar o que seria a vida sem a Tia Angústias, os horizontes que poderiam se abrir para mim... Ela não me deixou.

– Agora, Andrea, escute-me – tinha mudado de tom de voz –; se você deu de presente esse lenço tem que pedir de volta.

– Por quê? Era meu.

– Porque eu estou mandando.

Sorri um pouco, pensando nos contrastes daquela mulher.

– Não posso fazer isso. Não farei essa estupidez.

Algo rouco subia pela garganta de Angústias, como a um gato o prazer. Empertigou-se na cama, tirando da testa o lenço umedecido.

– Poderia jurar que o deu de presente?

– Claro que sim. Por Deus!

Eu estava cansada e aborrecida com aquele assunto.

– Dei de presente a uma colega da Universidade.

- Tome cuidado para não jurar em falso.

– Tia, você não percebe que isto tudo chega a ser ridículo? Estou dizendo a verdade, quem colocou na sua cabeça que Glória o pegou?

– Seu tio Román garantiu-me, filha – voltou a largar-se sobre o travesseiro – que Deus lhe perdoe se mentiu. Disse-me que havia visto Glória vendendo seu lenço numa loja de antiguidades, por isso fui revistar sua mala esta manhã.

Fiquei perplexa, como se tivesse enfiado as mãos em algo sujo, sem saber o que fazer nem o que dizer.

Terminei o dia de Natal no meu quarto, no meio daquela fantasia criada pelos móveis no crepúsculo. Eu estava sentada sobre a cama turca, enrolada numa manta, com a cabeça apoiada sobre os joelhos dobrados.

Lá fora, nas lojas, haveria jatos de luz entrelaçando-se e as pessoas estariam carregadas de pacotes. Os presépios armados com sua parafernália de pastores e ovelhas estariam acesos. Cruzariam as ruas, bombons, ramalhetes de flores, cestas enfeitadas, felicitações e presentes.

Glória e Juan tinham saído para passear com o filho. Pensei que suas figuras seriam mais fracas, mais apagadas e perdidas na multidão. Antônia também havia saído e escutei os passos da vovó minha avó, nervosa e cheia de esperança, como um ratinho, farejando no proibido mundo da cozinha; nos domínios da terrível mulher. Arrastou uma cadeira para alcançar a porta do armário. Quando achou a lata do açúcar, ouvi o ranger dos torrões<sup>67</sup>, entre

---

<sup>67</sup> Tradução para *torrones*. O açúcar em torrões é usual na Espanha para adoçar o café.

sua dentadura postiça.

Os outros, estávamos na cama. Tia Angústias, eu, e lá em cima, separado pelas camadas amortecidas de rumores (sons de vitrola, bailes, conversações barulhentas) de cada andar, eu podia imaginar Román esticado também, fumando, fumando...

Os três pensávamos em nós mesmos sem sair dos limites reduzidos daquela vida. Nem ele, o próprio Román, com sua falsa aparência endeusada. Ele, Román, mais mesquinho, mais mergulhado do que ninguém nas minúsculas raízes do quotidiano. Esvaída sua vida, suas capacidades, sua arte, pela paixão daquela eferescência da casa. Ele, Román, capaz de bisbilhotar minhas malas e de inventar mentiras e histórias contra uma pessoa que o desprezava até o ponto de ignorar, da maneira mais absoluta, sua existência.

Assim terminou para mim aquele dia de Natal, gelada, no meu quarto, e pensando nessas coisas.

## VII

Dois dias depois da cena tumultuada que acabei de contar, Angústias sacudiu a poeira das malas e foi embora, sem nos dizer para onde nem quando pensava voltar.

No entanto, aquela viagem não se revestiu do caráter de escapada silenciosa que Román dava as suas. Angústias revirou a casa, durante os dois dias, com suas ordens e gritos. Estava nervosa, contradizia-se. Às vezes, chorava.

Quando as malas foram fechadas e o táxi estava esperando, abraçou sua mãe.

– Dê-me sua bênção, mamãe!

– Sim, minha filha, sim, minha filha...

– Lembre-se do que lhe falei.

– Sim, minha filha...

Juan olhava a cena, com as mãos dentro dos bolsos, impaciente.

– Você está doida varrida, Angústias!

Ela não lhe respondeu. Eu a via com seu comprido casaco escuro, seu eterno chapéu, apoiada no ombro da mãe, inclinando-se até tocar com sua cabeça a branca cabeça. Tive a sensação de encontrar-me diante de uma daquelas últimas folhas de outono, mortas na árvore, antes mesmo que o vento as arrancasse.

Quando finalmente partiu, ficaram por muito tempo vibrando seus ecos. Naquela mesma tarde, a campainha da porta soou e eu a abri a um desconhecido que vinha a sua procura.

– Já foi embora? – acrescentou ele mesmo, ansioso, como se tivesse vindo correndo.

– Sim.

– Então posso falar com sua avó?

Acompanhei-o até a sala de jantar e ele lançou a toda aquela arruinada tristeza um olhar inquieto. Era um homem alto e forte, com as sobrancelhas muito grisalhas e espessas.

A vovó surgiu com o menino grudado em suas saias, com seu spectral e desastrado ar senhorial, sorrindo-lhe docemente sem reconhecê-lo.

– Não sei de onde...

– Vivi muitos meses nesta casa, senhora. Sou Jerônimo Sanz.

Olhei para o chefe de Angústias com impertinente curiosidade. Parecia um homem genioso, que se continha com dificuldade. Estava bem trajado. Seus olhos escuros, quase sem o branco, fizeram-me lembrar aos dos porcos que Isabel criava no interior.

– Jesus! Jesus! – dizia a vovó, tremendo –. Claro que sim... Por favor, sente-se. Conhece Andrea?

– Sim senhora. Já a tinha visto na última vez em que estive aqui. Não mudou muito... Parece com sua mãe nos olhos e em ser tão alta e magra como ela. Na verdade, Andrea é muito parecida com a família de vocês.

- É igual ao meu filho Román, se tivesse os olhos negros, seria como meu filho Román – disse a avó, inesperadamente.

O senhor Jerônimo resfolegou na poltrona. A conversa sobre mim tinha tão pouco interesse para ele como para mim mesma. Virou-se para minha avó e percebeu que ela havia se esquecido dele, ocupada em brincar com o menino.

- Minha senhora, gostaria de ter o endereço de Angústias... É um favor que lhe peço. Já sabe... Tenho alguns assuntos no escritório que somente ela pode resolver, bem... Creio que não se lembrou disso... E...

- Sim, sim – disse minha avó. Creio que não se lembrou... Ela se esqueceu de dizer aonde ia. Não é verdade, Andrea?

Deu um sorriso ao senhor Jerônimo com seus olhinhos claros e doces.

- Esqueceu-se de dar seu endereço a todo o mundo – concluiu –, talvez escreva... Minha filha é um pouco esquisita. Imagine o senhor, tem a mania de dizer que sua cunhada, que minha nora, Glória, não é perfeita...

O senhor Jerônimo, corado sobre sua branca gola dura, procurou um momento para despedir-se. Da porta, lançou-me um olhar de ódio singular. Tive o impulso de correr atrás dele, pegá-lo pelas lapelas e gritar-lhe furiosamente:

“Por que me olha assim? O que tenho eu a ver com o senhor?” Porém, naturalmente, sorri e fechei a porta com cuidado. Ao virar-me, dei de encontro com o rosto infantil de vovó, no meu peito.

- Estou contente, filhinha. Estou contente, mas acho que desta vez terei de me confessar. Tenho certeza, no entanto, de que não será um grande pecado. Mas, de todas as maneiras... Como pretendo comungar amanhã...

- Você mentiu ao senhor Jerônimo?

- Sim, sim... – e minha avó ria.

– Onde está Angústias, vó?

– Nem a você posso dizer, malandrinha... Bem que gostaria, porque seus tios acreditam em muitas barbaridades sobre a pobre Angústias, que não são verdade, e, você também poderia fazê-lo. O único problema de minha pobre filha é ser muito geniosa... Mas não se deve levar em conta.

Glória e Juan chegaram.

– Quer dizer que Angústias não fugiu com o senhor Jerônimo? – disse Juan, brutalmente.

– Cale-se, cale-se!... Está cansado de saber que sua irmã é incapaz disso.

– Mas nós a vimos, mamãe, nós a vimos na noite de Natal voltar para casa com o senhor Jerônimo, quase de madrugada. Juan e eu nos escondemos na sombra para vê-los passar. Embaixo da luz da entrada, despediram-se, o senhor Jerônimo beijou-lhe a mão e ela chorava...

– Filha – disse minha avó, mexendo a cabeça –, nem todas as coisas que se vêem são o que parecem.

Pouco tempo depois a vimos sair, desafiando a sombra gelada da tarde, para confessar-se numa igreja perto.

Entrei no quarto de Angústias e o macio colchão desguarnecido deu-me a idéia de dormir nele, enquanto ela estivesse fora. Sem consultar ninguém, transferi minhas roupas para aquela cama, ainda que com certo receio, pois todo o quarto estava impregnado do cheiro da naftalina e incenso que sua dona deixava para trás, e a ordem das tímidas cadeiras parecia obedecer ainda a sua voz. Aquele quarto era duro como o corpo de Angústias, só que mais limpo e mais independente que nenhum outro da casa. Repelia-me instintivamente e ao mesmo tempo atraía o meu desejo de comodidade.

Horas mais tarde, quando a casa estava na paz da noite – curta trégua obrigatória – já de madrugada, acordei com a luz elétrica nos olhos.

Dei um pulo na cama, assustada, e vi Román.

– Ah! – disse com o cenho franzido, mas esboçando um sorriso – aproveitando a ausência de Angústias para dormir em seu quarto... Não teme que a estrangule, quando fique sabendo?

Não respondi, mas, dirigi-lhe um olhar de interrogação.

– Nada – disse ele – nada... Não queria nada aqui.

Bruscamente, apagou outra vez a luz e foi embora. Depois o ouvi sair da casa.

Durantes os dias seguintes, tive a impressão de que esta aparição de Román a altas horas da noite havia sido um sonho, mas, recordei-a vividamente pouco tempo depois.

Foi uma tarde de luz muito triste. Fiquei cansada de ver os retratos antigos que minha avó me mostrava em seu quarto. Tinha uma gaveta cheia deles na mais espantosa desordem, algumas com o papelão roído pelos ratos.

– Esta é você, vó?

– Sim...

– Este é o vovô?

– Sim, é seu pai.

– Meu pai?

– Sim, meu marido.

– Então não é meu pai, é meu avô...

– Ah!...Sim, sim.

– Quem é esta menina tão gorda?

– Não sei.

Mas atrás da fotografia havia uma data antiga e um nome: “Amália”.

– É minha mãe quando pequena, vó.

– Creio que você está enganada.

– Não, vó.

Lembrava de todos seus antigos amigos da juventude.

– É meu irmão... É um primo que estive na América.

Por fim me cansei e fui para o quarto de Angústias. Queria ficar ali sozinha e no escuro um pouco. “Se tiver vontade – pensei com o ligeiro mal-estar que sempre me atacava ao refletir sobre isto – estudarei um pouco”. Empurrei a porta suavemente e de repente retrocedi, assustada: junto à sacada, aproveitando para ler, a última luz da tarde, estava Román, com uma carta na mão.

Voltou-se impaciente, mas ao ver-me esboçou um sorriso.

– Ah!... É você menina?... Bem, agora não fuja de mim, faça o favor.

Fiquei parada e vi que ele, com grande habilidade e destreza dobrava aquela carta e a colocava sobre um maço delas que havia sobre a escrivaninha (eu olhava suas ágeis mãos, morenas, vivíssimas). Abriu uma das gavetas de Angústias. Em seguida tirou um chaveiro do bolso, logo encontrou a pequena chave que procurava e fechou a gaveta, silenciosamente, depois de ter colocado as cartas dentro.

Enquanto realizava estas operações, ia falando comigo:

– Justamente, nesta tarde, eu tinha muita vontade de conversar com você, menina. Lá em cima tenho um café delicioso e gostaria de convidar você a tomar uma xícara. Também tenho cigarros e bombons que comprei ontem, pensando em você... E...tudo bem? – disse ao terminar, vendo que eu não respondia.

Havia-se recostado contra a escrivaninha de Angústias e a última luz que vinha da sacada batia-lhe nas costas. Eu estava em frente.



– Dá para ver que seus olhos cinzas brilham, como os de um gato – disse-me.

Eu descarreguei meu atordoamento e minha tensão em algo parecido com um suspiro.

– Bom, o que você me responde?

– Não, Román, obrigada. Esta tarde quero estudar. Román riscou um fósforo para acender o cigarro; vi um instante, entre as sombras, seu rosto iluminado por um resplendor avermelhado e seu singular sorriso, depois as douradas fibras ardendo. Em seguida um ponto vermelho e ao redor, outra vez a luz cinza violeta do crepúsculo.

– Não é verdade que tenha vontade de estudar, Andrea... Ande! – disse aproximando-se rapidamente de mim e pegando-me pelo braço. Vamos!

Senti-me rígida e suavemente comecei a desgrudar seus dedos de meu braço.

– Hoje não... obrigada.

Soltou-me em seguida, mas estávamos muito próximos e não nos mexíamos.

Acenderam-se as luzes da rua e um jato amarelado refletiu-se na vazia cadeira de Angústias, correu sobre o piso de pequenas lajotas<sup>68</sup>...

– Você pode fazer o que quiser, Andrea – disse ele afinal, não é uma questão de vida ou morte para mim.

A voz lhe soava profunda, com um novo tom.

“Está desesperado”, pensei, sem saber ao certo por que encontrava desespero em sua voz. Ele saiu rapidamente e bateu a porta ao sair do apartamento, com força, como sempre. Eu me sentia, desagradavelmente, emocionada. Deu-me um súbito desejo de segui-lo, mas ao chegar à sala de visita, detive-me outra vez. Fazia dias que eu me esquivava às demonstrações de afeto de Román, parecia-me impossível voltar a sentir-me sua amiga, depois do desagradável episódio do lenço. No entanto, ele ainda me inspirava mais interesse que os

---

<sup>68</sup> Tradução para *baldosines*. Poderia ser utilizada a palavra *baldosinha*, porém, é pouco utilizada em língua portuguesa; escolhemos a palavra *lajota*, que se refere a pequenas lajes especiais usadas para revestir pisos.

demais da casa juntos... “É mesquinho, é uma pessoa vil”, pensei em voz alta, lá, na tranqüila escuridão da casa.

No entanto, decidi abrir a porta e subir a escada. Sentindo pela primeira vez, ainda sem compreendê-lo, que o interesse e a estima que uma pessoa inspire são duas coisas que nem sempre andam juntas.

Pelo caminho ia pensando em que na primeira noite que dormi no quarto de Angústias, após a entrada de Román e após ouvir a porta batendo e seus passos na escada, ouvi Glória saindo de casa. O quarto de Angústias recebia diretamente os barulhos da escada. Era como uma grande orelha na casa... Cochichos, batidas de porta, vozes, tudo ecoava lá. Impressionada, como estava, havia-me posto a escutar. Havia fechado os olhos para ouvir melhor, parecia-me ver Glória, com seu rosto branco e triangular, rondando pelo patamar sem decidir-se. Deu alguns passos e em seguida se deteve vacilante, outra vez começou a andar e a deter-se. Meu coração começou a bater de excitação porque tinha certeza de que ela não poderia resistir ao desejo de subir os degraus que separavam nossa casa do quarto de Román. Talvez não pudesse resistir à tentação de espiá-lo... No entanto, os passos de Glória decidiram-se, bruscamente, a lançar-se escada abaixo, em direção à rua. Tudo isso parecia tão assombroso que contribuiu para que eu o atribuísse a transtornos de minha imaginação, meio adormecida.

Agora era eu quem subia devagar, com o coração batendo, ao quarto de Román. Na realidade me parecia que eu lhe fazia realmente falta, fazia-lhe falta falar, como me havia dito. Talvez quisesse confessar-se comigo, arrepender-se diante de mim ou justificar-se. Quando cheguei, encontrei-o recostado, acariciando a cabeça do cachorro.

– Você acha que fez uma grande coisa em vir?

– Não... Mas você queria que eu viesse.

Román endireitou-se olhando-me com uma expressão de curiosidade nos seus olhos brilhantes.

– Gostaria de saber até que ponto eu posso contar com você; até que ponto você pode gostar de mim... Você gosta de mim, Andrea?

– Sim, é natural... – disse constrangida – não sei até que ponto as sobrinhas normais gostam de seus tios...

Román se pôs a rir.

– As sobrinhas normais? É que você se considera uma sobrinha extraordinária...? Vamos Andrea! Olhe para mim!... Sua boba! As sobrinhas de todos os tipos não dão nem a mínima importância para os tios...

– Sim, às vezes penso que é melhor a amizade do que a família. Pode-se, algumas vezes, unir-se mais a um estranho que ao seu próprio sangue.

A imagem de Ena, apagada em todos aqueles dias, desenhava-se em minha imaginação com um tênue perfil. Perseguida por esta idéia, perguntei a Román:

– Você não tem amigos?

– Não – Román me observava. Eu não sou um homem de amigos. Ninguém desta casa precisa de amigos. Aqui nos suprimos a nós mesmos. Logo se convencerá disso...

– Eu não acredito. Não tenho tanta certeza disso... Falaria melhor com um homem de sua idade que comigo...

As idéias me apertavam a garganta sem conseguir expressá-las.

Román tinha um tom irritado, embora sorrisse.

– Se precisasse de amigos, certamente os teria, tive e deixei que se perdessem. Você também se cansará de tudo... Que pessoa há, neste porco e belo mundo, que seja suficientemente interessante para que você a agüente? Você também mandará as pessoas ao diabo em breve, quando perder o romantismo estudantil pelas amizades.

– Mas você, Román, vai até o inferno, também atrás dessas pessoas que manda embora... Nunca dei tanta importância às pessoas como você, nem tive tanta curiosidade em seus assuntos íntimos... Nem vasculho suas gavetas, nem me interessa o que os outros guardam em suas malas.

Fiquei vermelha e percebi, porque estava acesa a luz e havia um claro fogo na lareira. Ao dar-me conta, subiu-me nova onda de sangue, mas atrevi-me a olhar o rosto de meu tio.

Román levantava uma sobrancelha.

– Ah! Então é por isso que tem me evitado, ultimamente?

– Sim.

– Olhe – mudou o tom – não se meta no que não pode entender... Você não conseguiria me entender, mesmo se eu explicasse minhas razões. E, além disso, nem sonhei em lhe dar explicações de meus atos.

– Eu não as estou pedindo.

– Sim... Mas, eu tenho vontade de falar... Tenho vontade de contar algumas coisas para você.

Naquela tarde Román pareceu-me transtornado. Pela primeira vez, tive frente a ele a mesma sensação de desequilíbrio que me fazia sempre tão desagradável à permanência junto a Juan. Durante aquela conversa que tivemos houve momentos nos quais todo seu rosto se iluminava de um bom humor malicioso; outras vezes olhava-me com o cenho meio franzido; era tão intenso seu olhar que parecia ser realmente apaixonante para ele, aquilo que me contava. Como se fosse o mais importante de sua vida.

No início parecia que não sabia como começar. Mexeu na cafeteira. Apagou a luz e ficamos com a única claridade da lareira para beber mais confortavelmente o café. Eu me sentei sobre a esteira do chão, junto ao fogo, e ele esteve ao meu lado um pouco, de cócoras, fumando. Logo depois se levantou.

“Pedirei a ele que toque um pouco como sempre?”, pensei, ao ver que o silêncio se fazia muito longo. Parecia que havíamos recobrado nosso ambiente normal. De repente, sua voz me assustou.

– Olhe, queria falar com você, mas é impossível. Você é uma pessoa... “o bom”, “o ruim”, “o que eu gosto”, “o que me dá vontade de fazer”... isso tudo é o que você tem dentro

de sua cabeça, com uma clareza infantil. Algumas vezes acho que você se parece comigo, que me entende, que entende minha música, a música desta casa... A primeira vez que toquei o violino para você, eu estava tremendo de esperança por dentro, com uma alegria tão terrível, quando seus olhos mudavam com a música... Pensava, menina, que você ia entender-me até sem palavras; que você era minha audiência, a audiência que me faltava... E você não se deu conta sequer de que eu tenho que saber – de que de fato sei - tudo, absolutamente tudo, o que acontece lá embaixo. Tudo o que Glória sente, todas as ridículas histórias de Angústias, tudo o que Juan sofre... Você não se deu conta de que manipulo a todos, de que disponho de suas vidas, de que disponho de seus nervos, de seus pensamentos...? Se eu lhe pudesse explicar que às vezes estou a ponto de enlouquecer Juan!... Mas, você mesma não percebeu isso? Jogo com sua compreensão, com seu cérebro, até quase arrebentar... Às vezes, quando grita com os olhos abertos, chega a me emocionar. Se você sentisse, alguma vez, esta emoção tão densa, tão estranha, secando-lhe a língua, poderia me entender. Penso, que com uma palavra poderia acalmá-lo, apaziguá-lo, fazê-lo meu, fazê-lo sorrir... Você sabe disso, não é? Você sabe muito bem até que ponto Juan me pertence, até que ponto se arrasta atrás de mim, até que ponto o maltrato. Não me diga que não percebeu... E não quero fazê-lo feliz. E deixo-o, assim, que se afunde sozinho... E aos demais... E a toda vida da casa, suja como um rio revoltado... Quando estiver mais tempo aqui, esta casa e seu cheiro, e suas velhas coisas, se for como eu, sugarão sua vida. E você é como eu... Não é como eu? Diga, não se parece um pouco comigo?

Assim estávamos, eu sobre a esteira do chão e ele em pé. Eu não sabia se sentia prazer em assustar-me ou se realmente estava louco. Havia terminado de falar quase num sussurro ao fazer-me a última pergunta. Eu estava quieta, com muita vontade de fugir, nervosa.

Roçou minha cabeça com as pontas dos dedos e levantei-me de um pulo, afogando um grito.

Então se pôs a rir de verdade, entusiasmado, infantil, encantador como sempre.

– Que susto! Não é, Andrea?

– Por que me disse tantos disparates, Román?

– Disparates? – mas ria –. Não estou tão certo de que sejam... Não lhe contei a história

do deus Xochipilli, meu pequeno ídolo<sup>69</sup> acostumado a receber corações humanos? Algum dia ficará cansado de receber minhas frágeis oferendas e então...

– Román, você já não me assusta, mas estou nervosa... Não pode falar em outro tom? Se não puder, vou embora...

Então – Román ria mais, com seus brancos dentes sob o bigodinho preto –, então oferecerei Juan a Xochipilli, oferecerei a ele o cérebro de Juan e o coração de Glória.

Suspirou.

– Mesquinhos oferecimentos, apesar de tudo. Seu belo e ordenado cérebro talvez fosse melhor...

Desci as escadas até a casa, correndo, perseguida pelo riso divertido de Román. Porque, na verdade, fugi. Fugi e os degraus voavam embaixo de meus pés. O riso de Román me alcançava, como a mão ossuda de um diabo que me pegasse pela ponta da saia.

Não quis jantar para não me encontrar com Román. Não porque tivesse medo dele, não; um minuto depois de terminada a conversa, já a achava absurda, porém, ela havia me transtornado, sentia-me abalada e sem vontade de encarar seus olhos. Agora e não quando o vi bisbilhotar mesquinho, sem respeito à vida dos outros, agora e não em todos aqueles dias anteriores quando fugia dele, acreditando desprezá-lo; era quando começava a sentir contra Román uma repulsa indefinível.

Deitei-me e não conseguia dormir. A luz da sala de jantar colocava um risco brilhante embaixo da porta do quarto; ouvia vozes. Os olhos de Román estavam sobre os meus: “Não precisará de nada quando as coisas da casa lhe sugarem os sentidos”... Pareceu-me um pouco aterrorizador este contínuo ruminar das idéias sugeridas por ele. Encontrei-me sozinha e perdida debaixo das cobertas. Pela primeira vez sentia um anseio verdadeiro de companhia humana. Pela primeira vez sentia na palma de minhas mãos, a necessidade de outra mão que

---

<sup>69</sup> Tradução para *idolillo*. O uso do diminutivo neste caso tem um valor de amortização ao objeto, Román tenta diminuir o valor do ídolo aos olhos dos outros (no caso de Andrea) uma vez que o mesmo pode ser desagradável. Os termos *idolozinho*, ou *talismãzinho* indicaria veneração ou amuleto e este sentimento é diferente do de Román. O personagem Román conta no capítulo IV que Xochipilli é o deus dos jogos e das flores dos astecas e que recebia oferendas de corações humanos, ele lhe compõe músicas no lugar dos corações e sua relação com ele é bastante misteriosa, chegando a ser mórbida como é mostrado no texto mais adiante.

me tranqüilizasse... Então a campainha do telefone, ali, na cabeceira da cama, começou a tocar. Havia me esquecido de que existia essa bugiganga na casa, porque somente Angústias a usava. Retirei o aparelho do gancho, assustada ainda pelo calafrio que seu som agudo me produziu e entrou-me pelos ouvidos uma alegria tão grande (porque era como uma resposta ao meu estado de ânimo) que no instante nem a senti.

Era Ena, que havia encontrado meu número na lista telefônica e me chamava.

## VIII

Angústias voltou num trem da meia-noite e encontrou-se com Glória na escada da casa. Eu fui acordada com o barulho das vozes. Rapidamente percebi que estava dormindo num quarto que não era meu e que sua dona o retomaria de mim.

Pulei da cama transpassada de frio e de sono. Tão assustada, que tinha a sensação de não poder me mexer, ainda que em realidade não fizesse outra coisa: em poucos segundos arranquei as roupas da cama e me cobri com elas. Joguei o travesseiro, ao passar, numa cadeira da sala de jantar e cheguei até a saleta, enrolada num cobertor, descalça sobre as lajotas geladas, no momento em que Angústias chegava da rua seguida pelo motorista, com suas malas e conduzindo Glória por um braço. A vovó apareceu também, atordoada e balbuciante ao ver Glória.

– Vamos filha, vamos... Corra para o meu quarto! – disse-lhe.

Mas Angústias não soltava o braço de Glória.

– Não, mãe. Não, de jeito nenhum.

O motorista olhava a cena com o rabo do olho. Angústias pagou e fechou a porta. Em seguida se virou para Glória.

– Sem-vergonha! O que estava fazendo a estas horas na escada, diga?

Glória estava encolhida como um gato. Sua boca pintada parecia muito escura.

– Já lhe disse, que tinha percebido que você chegava e ia recebê-la.

– Que descaramento! – gritou Angústias.

Minha tia se apresentava num estado lamentável. Levava seu chapéu imutável, o mesmo do dia em que se foi; mas, a pena, retorcida, apontava como um chifre feroz. Fez o sinal da cruz e começou rezar com as mãos sobre o peito.

– Meu Deus, dê-me paciência! Dê-me paciência, meu Deus!

Eu sentia o frio queimando-me as plantas dos pés e tremia violentamente debaixo do meu cobertor.

“O que dirá – pensava eu – quando souber que usei seu quarto?” A vovó começou a chorar:

– Angústias, largue essa menina, largue essa menina...

Parecia uma criança.

– Parece mentira, mamãe! Parece mentira! – voltou a gritar Angústias – Nem sequer pergunta a ela onde esteve... Você teria gostado que uma filha sua fizesse isso? Você, mamãe, que nem sequer nos permitia ir às festas em casa de nossos amigos quando éramos jovens, protege as escapadas noturnas dessa infame!

Levou as mãos à cabeça tirando o chapéu. Sentou-se na mala e começou a gemer:

– Estou ficando louca! Estou ficando louca!

Glória escapuliu-se como uma sombra para o quarto de minha avó, no instante em que Antônia aparecia bisbilhotando e em seguida Juan, enfiado em seu velho casaco.

– Pode-se saber a causa desses gritos? Animal! – disse dirigindo-se a Angústias – Você não percebe que amanhã tenho que acordar às cinco e que o sono me faz falta?

– Seria melhor que perguntasse a sua mulher o que faz na rua a estas horas, no lugar de me insultar!



Juan ficou parado, com o queixo apontado em direção a minha avó.

– O que a Glória tem a ver com isso?

– A Glória está em seu quarto, filhinho... quer dizer no meu quarto com o menino... Saiu para receber Angústias na escada e ela achou que ia para a rua. É um mal-entendido.

Angústias contemplava furiosa minha avó e Juan estava no meio de todos nós, gigantesco. Sua reação não se fez esperar.

– Por que mente, mamãe? Maldita seja!... E você, bruxa, por que se mete no que não é de sua conta? O que você tem a ver com minha mulher? Quem é você para impedir que ela saia à noite, se tiver vontade? Eu sou o único desta casa a quem ela tem que pedir autorização e quem a concede... por isso, enfie-se no seu quarto e não uive mais!

Angústias, de fato, enfiou-se no seu quarto e Juan ficou mordiscando a bochecha, como sempre quando estava nervoso. A empregada deu um gritinho de prazer, ansiosa, como estava, na porta de seu covil. Juan virou-se para ela com o punho levantado, e em seguida voltou a deixá-lo cair, flácido, ao longo do corpo.

Eu entrei na sala onde tinha minha cama e fui surpreendida pelo cheiro do ar mofado e de poeira. Como estava frio! Sobre o colchão daquela cama turca, fino como uma folha, eu não podia fazer outra coisa senão tremer.

Abriu-se a porta em seguida atrás de mim e apareceu, outra vez, diante de meus olhos, a figura de Angústias. Gemeu ao tropeçar em um móvel, na escuridão.

– Andrea! – gritou – Andrea!

– Estou aqui.

Sentia que respirava com força.

– Ofereço ao Senhor toda a amargura que vocês me causam... Pode-se saber o que faz seu vestido no meu quarto?

Reconcentrei-me por um momento. Naquele silêncio, começou a se ouvir uma discussão, no distante dormitório da minha avó.

– Dormi, estes dias, lá – disse afinal.

Angústias abriu os braços como se fosse cair ou tatear o ar para encontrar-me. Eu fechei os olhos, mas ela voltou a tropeçar e a gemer.

– Deus lhe perdoe o aborrecimento que você me dá... Parece um corvo que quer arrancar meus olhos... Um corvo que quer minha herança em vida.

Naquele momento, cruzou a sala de visita um grito de Glória e depois a batida da porta do quarto que ela e Juan compartilhavam, ao fechar-se. Angústias ergueu-se escutando. Agora parecia vir um pranto sufocado.

– Meu Deus! Qualquer um fica louco! – sussurrou minha tia.

Mudou de tom:

– Com você, mocinha, acertarei as contas amanhã. Assim que levantar, venha ao meu quarto. Ouviu?

– Sim.

Fechou a porta e foi embora. A casa ficou cheia de ecos, grunhindo como um animal velho. O cachorro, atrás da porta da empregada, começou a uivar, a gemer e a sua voz misturou-se outro grito de Glória, e ao choro dela que veio em seguida, outro, mais distante, o do menino. Logo, esse choro do menino foi o que predominou, o que encheu todos os cantos da casa já em paz. Ouvi Juan sair novamente de seu quarto para ir buscar seu filho no da minha avó. Ouvi, depois, como Juan andava com o filho para lá e para cá pela ante-sala, o modo como falava com ele para acalmá-lo e fazê-lo dormir. Não era a primeira vez que as cantilenas de Juan para seu filho chegavam até mim, nas noites frias. Juan tinha para com a criatura insuspeitadas ternuras, íntimas e quase ferozes. Somente uma vez a cada quinze dias, Glória ia dormir no quarto da minha avó com o pequeno, para que o choro caprichoso deste não despertasse Juan, que precisava sair de casa quando ainda não havia amanhecido e depois teria de passar a jornada fazendo duros trabalhos suplementares dos quais voltava, exaurido, na noite seguinte.

A tão desgraçada noite, em que chegou Angústias, era uma daquelas em que meu tio tinha de madrugar.

Ainda acordada, ouvi que ele saía antes que as sirenes das fábricas rompessem a neblina da manhã com seus apitos. O céu de Barcelona ainda estava carregado de umidade do mar e de estrelas quando Juan foi para a rua.

Tinha acabado de pegar no sono, encolhida e gelada, quando despertei sob a impressão dos olhos de Antônia. Aquela mulher respirava uma íntima satisfação. Gritou:

– Sua tia disse que vá até ela...

E ficou com as mãos na cintura<sup>70</sup> olhando-me, enquanto eu esfregava os olhos e me vestia...

Quando acordei totalmente, sentada à beira da cama, me dei conta de estar num de meus períodos de rebeldia contra Angústias; o mais forte de todos. Subitamente, percebi que não poderia agüentá-la mais. Que não ia obedecê-la mais, após aqueles dias de completa liberdade que havia desfrutado em sua ausência. A noite inquieta havia deixado meus nervos em frangalhos e eu também me sentia histérica, chorosa e desesperada. Dei-me conta de que poderia suportar tudo: o frio que varava minhas roupas gastas, a tristeza de minha absoluta miséria, o surdo horror daquela casa suja. Tudo, menos sua autoridade sobre mim. Era isso que havia me sufocado ao chegar a Barcelona, a causa de minha caída na apatia, o que matava minhas iniciativas; aquele olhar de Angústias. Aquela mão que me estreitava os movimentos e a curiosidade da nova vida... Angústias, no entanto, era um ser correto e bom, do seu jeito, entre aqueles loucos. Um ser mais completo e vigoroso do que os outros... Eu não sabia por que aquela terrível indignação contra ela subia em mim, por que me tampava a luz somente com a visão de sua longa figura e, sobretudo com suas inocentes manias de grandeza. É difícil entender-se com as pessoas de outra geração, mesmo quando não nos queiram impor seu modo de ver as coisas. E nestes casos em que nos querem fazer ver com seus olhos, para que tudo saia mais ou menos bem, é necessário grande tato e sensibilidade nos adultos e admiração nos jovens.

Rebelde, demorei muito em atender sua chamada. Lavei-me e vesti-me para ir à Universidade, ainda organizei minhas folhas na pasta, antes de decidir a entrar em seu quarto.

---

<sup>70</sup> Tradução para *en jarras*. O ideal seria o uso de uma expressão idiomática correspondente em língua portuguesa. Como não encontramos optamos pela explicação.

Em seguida vi minha tia sentada em frente à escrivaninha. Tão alta e familiar com seu rígido guarda-pó, como se nunca – desde nossa primeira conversa na manhã de minha chegada a casa – tivesse se movido daquela cadeira. Como se a luz que aureolava seus cabelos quase grisalhos e avolumava seus lábios grossos, fosse ainda a mesma. Como se ainda não tivesse retirado os dedos pensativos de sua testa.

(Era uma imagem irreal demais, a visão daquele quarto com a luz do crepúsculo, com a cadeira vazia e as vivas mãos de Román, diabólicas e atraentes, revirando aquela pequena e recatada escrivaninha).

Notei que Angústias tinha um ar lânguido e desamparado. Os olhos carregados e tristes. Durante três quartos de hora estive suprindo de doçura a sua voz.

– Por favor, sente-se, filha. Tenho de falar com você, seriamente.

Eram palavras rituais que eu conhecia até a saciedade. Obedeci resignada e rígida, pronta para reagir, como outras vezes havia estado disposta a engolir silenciosamente todas as baboseiras. No entanto, o que me disse era extraordinário:

– Deve estar feliz, Andrea (porque você não gosta de mim...): daqui a alguns dias, vou embora desta casa para sempre. Daqui a alguns dias poderá dormir na minha cama, que tanto inveja. Olhar-se no espelho do meu guarda-roupa. Estudar nesta mesa... Ontem à noite me zanguei com você porque o que acontecia era impossível de agüentar... Cometi um pecado de soberba. Desculpe-me.

Observava-me pelo rabo do olho ao pedir-me desculpas tão pouco sinceras que me fez sorrir. Então, seu rosto ficou retesado, marcado de rugas verticais.

– Não tem coração, Andrea.

Eu tinha medo de haver entendido mal seu primeiro discurso. De que não fosse verdade aquele anúncio fantástico de liberação.

– Para onde você irá?

Então me explicou que voltava para o convento onde havia passado aqueles dias de

intensa preparação espiritual. Era uma ordem de clausura e para ingressar nela fazia muitos anos que estava reunindo um dote e já havia conseguido economizá-lo. A mim, enquanto isso me parecia um absurdo a idéia de ver Angústias mergulhada num ambiente contemplativo.

– Sempre teve vocação?

– Quando crescer entenderá por que uma mulher não deve andar só no mundo.

– Segundo você, uma mulher, se não pode se casar, não tem outro remédio senão entrar para o convento?

– Não é essa minha idéia.

(Remexeu-se inquieta)

– Mas é verdade que existem apenas dois caminhos, para a mulher. Dois únicos caminhos decentes. Eu escolhi o meu e sinto-me orgulhosa dele. Comportei-me como deveria comportar-se uma filha de minha família. Como sua mãe teria feito em meu lugar. Deus saberá entender meu sacrifício...

Ficou absorta.

(“Onde foi parar – pensava eu – aquela família que se reunia nas noitadas ao redor do piano, protegida do frio de fora por feias e confortáveis cortinas de pano verde? Onde foram parar as filhas recatadas carregadas com seus enormes chapéus, que ao pisar – protegidas por seu pai – a calçada da alegre e um pouco tumultuada Rua Aribau, onde moravam, abaixavam os olhos para olhar às escondidas os transeuntes?” Estremeci ao pensar que uma delas estava morta e que sua longa trança de cabelos negros estava guardada num velho armário, num lugar muito longe dali. Outra, a mais velha, desapareceria de sua cadeira, de sua sacada, levando com ela seu chapéu – o último chapéu da casa – muito em breve).

Finalmente, Angústias suspirou e voltou aos meus olhos tal como ela era. Empunhou o lápis.

– Todos estes dias pensei em você... Houve um tempo (quando você chegou) em que me pareceu que minha obrigação era a de me fazer de sua mãe. Ficar ao seu lado, protegê-la. Você falhou comigo, decepcionou-me. Pensei encontrar uma órfãzinha ansiosa por carinho e

vi um demônio de rebeldia, um ser que ficava rígido se eu o acariciava. Você foi minha última esperança<sup>71</sup> e meu último desengano, filha. Só me resta rezar por você, que bem que precisa! Bem que precisa!

Em seguida me disse:

– Se tivesse caído em minhas mãos quando era ainda pequena, eu a teria dobrado a pauladas!

Em sua voz notava-se certo prazer amargo que fazia com que me sentisse a salvo de um perigo certo.

Fiz um movimento para ir embora e ela me deteve.

– Não tem importância que hoje você perca suas aulas. Tem de me ouvir... Durante quinze dias estive pedindo a Deus a sua morte... ou o milagre de sua salvação. Vou deixar você sozinha numa casa que já não é o que foi... porque antes era como um paraíso e agora – tia Angústias teve uma chama de inspiração – com a mulher de seu tio Juan entrou uma serpente maligna. Ela envenenou tudo. Ela, unicamente ela, deixou louca minha mãe... Porque sua avó está louca, minha filha, e o pior é que a vejo precipitar-se nos abismos dos infernos se não se corrigir antes de morrer. Sua avó foi uma santa, Andrea. Na minha juventude, graças a ela vivi o mais puro dos sonhos, mas agora enlouqueceu com a idade. Com os sofrimentos da guerra, que, aparentemente suportava tão bem, enlouqueceu. Depois, essa mulher, com suas bajulações, acabou por transtornar sua consciência. Eu não posso compreender suas atitudes de outra maneira.

– Minha avó tenta entender a cada um.

(Eu pensava em suas palavras: “Nem todas as coisas são o que parecem”, quando ela tentava proteger Angústias... mas, poderia atrever-me a falar para minha tia do senhor Jerônimo?).

---

<sup>71</sup> Tradução para *ilusión*. Em espanhol refere-se a um desejo realizável. Embora exista a mesma palavra em português, não tem a mesma nuance, seu uso é no sentido de um desejo nem sempre realizável, aspiração, engano. Na tradução, optamos pela palavra *esperança* – sentimento possível de ser realizado, presente também no termo em espanhol.

– Sim, filha, sim... e para você é muito conveniente! Parece que você viveu solta na zona dos *rojos*<sup>72</sup> e não num convento de freiras durante a guerra<sup>73</sup>. Até Glória tem mais desculpas do que você em seus desejos de emancipação e desordem. Ela é uma perdida, enquanto você recebeu uma educação... e não use como desculpa sua curiosidade em conhecer Barcelona. Barcelona, você conheceu comigo.

Olhei o relógio instintivamente.

– Falar com você é como falar com as paredes, já estou vendo... ingrata! A vida logo vai golpeá-la, triturá-la, esmagá-la! Então você vai se lembrar de mim... Oh! Teria preferido matar você quando era pequena a deixar que crescesse assim. Não me olhe com esse ar de espanto. Já sei que até o momento, nada fez de errado, mas o fará, assim que eu me for... Você o fará! Você o fará! Você não dominará seu corpo e a sua alma. Você não, você não... Você não poderá dominá-los.

Eu via no espelho, de esguelha, a imagem dos meus áridos dezoito anos, contidos numa figura alongada, e via a bela e torneada mão de Angústias crispando-se no encosto da cadeira. Uma mão branca, de palma avolumada e suave. Uma mão sensual, agora desgarrada, gritando com a crispação de seus dedos mais do que com a voz excitada de minha tia.

Comecei a sentir-me comovida e um pouco assustada, pois o delírio de Angústias ameaçava abraçar-me, arrastar-me também.

Ao final, estava trêmula, chorando. Poucas vezes Angústias chorava com sinceridade. O pranto sempre a deixava feia, mas este, que agora a sacudia, era impressionante e não me causava repugnância, mas sim, certo prazer. Algo assim como ver descarregar uma tempestade.

– Andrea – disse ao final, suavemente –, Andrea... Tenho que falar com você de *outras coisas* – enxugou os olhos e começou fazer contas –. De agora em diante, você mesma receberá, diretamente, sua pensão. Você mesma dará para sua avó o que lhe pareça

---

<sup>72</sup> Ver N. 61. Neste caso a personagem Angústias dá a conotação depreciativa à palavra *rojos*, de anarquia, já que ela apoiava os “Nacionalistas” (partido de oposição aos Republicanos, na Guerra Civil Espanhola).

<sup>73</sup> A palavra *guerra* citada no texto sempre se refere à Guerra Civil Espanhola. Diferentemente dos textos estrangeiros que a citam com o nome completo Guerra Civil Espanhola.

conveniente para contribuir com sua alimentação e você mesma equilibrará seus gastos, para comprar o que for mais necessário... Não preciso nem dizer que gaste com você o mínimo possível. No dia em que faltar meu salário, esta casa será um desastre. Sua avó sempre deu preferência a seus filhos homens, mas estes – aqui me pareceu que se alegrava – vão deixar que passe muita penúria... Nesta casa, nós, mulheres, soubemos conservar melhor a dignidade.

Suspirou.

– E ainda mais, se Glória não tivesse entrado na família...

Glória, a mulher serpente, dormiu enroscada na sua cama até a metade do dia, rendida e gemendo nos sonhos. De tarde mostrou-me os sinais da surra que Juan lhe havia dado na noite anterior e que começavam a ficar roxos no seu corpo.

## IX

Como um bando de abutres pousados nos galhos da árvore do enforcado, assim as amigas de Angústias estavam sentadas, vestidas de preto, no quarto dela, naqueles dias. Angústias era o único ser que permanecia desesperadamente apegado à sociedade, em nossa casa.

As amigas eram as mesmas que haviam valsado ao compasso do piano de minha avó. As que os anos e os vaivéns haviam distanciado e que agora voltavam batendo as asas, ao inteirar-se daquela pudica e bela morte de Angústias para a vida deste mundo. Haviam chegado de diversos cantos de Barcelona e estavam numa idade tão esquisita de seu corpo como a da adolescência. Poucas conservavam um aspecto normal. Inchadas ou murchas, as feições pareciam ficar pequenas ou grandes, dependendo do momento, como se fossem postilhas. Eu me divertia olhando-as. Algumas estavam grisalhas e isso lhes dava uma nobreza de que as outras careciam.

Todas recordavam os velhos tempos da casa.

– Seu pai, que grande homem! Com sua barba cerrada...



– Suas irmãs, como eram levadas!... Meu Deus, meu Deus, como mudou sua casa!

– Como os tempos mudaram!

– Sim, os tempos...

(E olhavam-se atordoadas).

– Lembra-se, Angústias, daquele conjunto verde que você usava no dia em que completou vinte anos? A verdade é que nos juntamos, naquela tarde, um bando de boas moças... E aquele seu pretendente, um tal de Jerônimo Sanz, por quem você estava tão louca? Que aconteceu com ele?

Alguém dá um pisão no pé da tagarela, que se cala assustada. Passam-se alguns segundos constrangedores e depois todas começam a falar ao mesmo tempo.

(A verdade é que eram como pássaros envelhecidos e escuros, com o peito palpitante por haver voado muito em um espaço de céu muito pequeno).

– Eu não sei, Andrea – dizia Glória – por que Angústias não foi embora com o senhor Jerônimo, nem por que cisma em ser freira, se ela não serve para rezar...

Glória estava deitada em sua cama, em que o menino engatinhava, e fazia um esforço para pensar, talvez pela primeira vez em sua vida.

– Por que você acha que Angústias não serve para rezar? – perguntei-lhe, admirada - Você sabe o quanto ela gosta de ir à igreja.

– Porque a comparo a sua avó, ela sim é boa rezadeira, e vejo a diferença... Mamãe fica toda enlevada como se lhe viessem aos ouvidos músicas dos céus. De noite fala com Deus e com Nossa Senhora. Diz que Deus é capaz de abençoar todos os sofrimentos e que é por isso que Deus me abençoa, embora eu não reze tanto como deveria... E, que boa ela é! Nunca saiu de sua casa e, no entanto, entende todas as loucuras e perdoa. Deus não dá nenhuma qualidade de compreensão a Angústias, e quando reza na igreja, não ouve músicas do céu, mas sim olha para os lados para ver quem entrou no templo com mangas curtas e sem meias... Eu creio que no fundo o rezar lhe interessa tão pouco quanto a mim que não sirvo

para tal... Mas, na verdade – concluía – que bom que vai embora! Na outra noite, Juan me bateu por sua culpa. Por sua culpa, nada mais...

– Onde você ia, Glória?

– Ah, garota<sup>74</sup>! Não ia fazer nada ruim. Ver minha irmã, veja você... Já sei que não acredita em mim, mas ia lá para isso, posso jurar para você. É que Juan não me deixa ir, e durante o dia me vigia. Mas vê se você não me olha assim, não me olha assim, Andrea, que me dá vontade de rir da cara que você faz.

– Bah! – disse Román – Fico contente que Angústias vá embora, porque agora é um retalho vivo do passado que atrapalha o andamento das coisas... Das minhas coisas. Incomoda a todos nós, lembrando-nos a todos de que não somos seres maduros, redondos, parados, como ela e sim águas cegas que vamos socando a terra, como podemos, para chegar a algo inesperado... Por tudo isso fico contente. Quando ela for embora, gostarei dela, viu, Andrea? Ficarei comovido com a lembrança de seu horrível gorro de feltro com a pena erguida, até o último momento, como uma bandeira... indicando que ainda bate o coração daquilo que foi um lar e que nós, os demais, perdemos... – virou-se para mim sorrindo como se compartilhássemos os dois de um segredo -. Ao mesmo tempo sinto que vá embora, porque não poderei ler mais as cartas de amor que recebe, nem seu diário... Que cartas tão sentimentais e que diário tão masoquista! Lê-los satisfazia todos meus instintos de crueldade.

Román passou sua língua nos lábios vermelhos.

Juan e eu parecíamos ser os únicos sem opinião ante o desenrolar dos acontecimentos. Eu estava maravilhada demais, porque meu único desejo era que me deixassem levar minha vida a meu bel-prazer, em paz, e naquele momento parecia que havia chegado a hora de consegui-lo sem o menor esforço de minha parte. Lembrava a luta surda que tive durante dois anos com minha prima Isabel para que finalmente me permitisse deixar a barra de sua saia e fazer um curso universitário. Quando cheguei a Barcelona, vinha embalada pelo meu primeiro

---

<sup>74</sup> – ¡Ay, *chica*! – para a tradução deste vocativo *chica*, usual na conversação da língua espanhola (Me voy, *chica*; ¡Qué guapa estás, *chica*!...) utilizaremos “garota”, “Andrea” e às vezes o mesmo será suprimido. Igual tratamento será aplicado a palavra *chico*, com traduções como “homem”, “rapaz” assim como sua supressão.

triunfo, mas logo encontrei outros olhos vigilantes sobre mim e me acostumei ao jogo de esconde-esconde e a opor resistência... Agora, de estalo, eu ia ficar sem inimigo.

Mostrei-me humilde com Angústias naqueles dias. Teria beijado suas mãos se ela o tivesse desejado. Uma imensa alegria parecia escavar-me o peito, em alguns momentos. Nos demais não pensava nela, não pensava, unicamente pensava em mim.

Estranhei, no entanto, a falta do senhor Jerônimo naquele interminável desfile das suas amizadas. Todas eram mulheres, com exceção de algum estranho marido barrigudo que aparecia vez ou outra.

– Parecem dias de enterro, hem? – gritou Antônia da sua cozinha.

Pensamentos macabros vieram à imaginação de todos nós, naquelas horas.

Glória me contou que o senhor Jerônimo e Angústias se encontravam todas as manhãs na igreja, que ela sabia muito bem disso... Toda a história de Angústias se parecia com um romance do século passado.

No dia em que tia Angústias foi embora, lembro que os diferentes personagens da família acordamos quase com a alvorada. Tropeçávamos uns com os outros pela casa possuídos pelo nervosismo. Juan começou a rugir palavrões por qualquer coisa. Na última hora decidimos ir todos até a estação, menos Román. Román foi o único que não apareceu durante todo o dia. Depois, muito mais tarde, contou-me que havia estado de manhã bem cedo na igreja, seguindo Angústias e vendo como ela se confessava. Eu imaginei Román com as orelhas esticadas em direção àquela longa confissão, invejando o pobre padre, velho e cansado, que derramava desapaixonadamente a absolvição sobre a cabeça de minha tia.

O táxi que nos levou estava lotado. Conosco vinham três amigas de Angústias, as três mais íntimas.

O menino, muito assustado, agarrava-se ao pescoço de Juan. Não o levavam para passear quase nunca e embora estivesse gordo, sua pele mostrava um tom triste quando batia o sol.

Na plataforma estávamos agrupados ao redor de Angústias, que nos beijava e nos abraçava. Minha avó se mostrou chorosa depois do último abraço.

Formávamos um conjunto tão grotesco que algumas pessoas viravam a cabeça para nos olhar.

Quando faltavam alguns minutos para a saída do trem, Angústias subiu ao vagão e da janelinha olhava-nos solenemente, chorosa e triste, quase nos abençoando como uma santa.

Juan estava nervoso, lançando caretas irônicas para todos os lados, espantando as amigas de Angústias – que se agruparam o mais distante possível – com o virar de seus olhos. As pernas começaram a tremer nas calças compridas. Não podia se conter.

– Não se faça de mártir, Angústias, que ninguém cai nessa! Você está sentindo mais prazer do que um ladrão com os bolsos cheios... Não pense que caio nesse teatro de sua santidade!

O trem começou a afastar-se e Angústias fez o sinal da cruz e tampou os ouvidos porque a voz de Juan se fazia ouvir acima de toda plataforma.

Glória agarrou o seu marido pela jaqueta, aterrorizada. Ele se agitou com seus olhos de louco, furioso, tremendo como se fosse sofrer um ataque epilético. Depois saiu correndo atrás do vagão, soltando gritos que Angústia já não podia ouvir.

– Você é muito mesquinha! Está ouvindo? Não se casou com ele porque seu pai teve a feliz idéia de dizer que, para você, o filho de um vendeiro era pouco... Por issooo! Quando voltou casado e rico da América você o esteve iludindo, roubou ele de sua mulher durante vinte anos... E agora não se atreve a ir embora com ele porque acha que toda a Rua Aribau e toda Barcelona não tiram o olho de você... E despreza minha mulher! Malvada! E vai com sua aura de santa!...

As pessoas começaram a rir e a segui-lo até a ponta da plataforma, de onde, quando o trem já tinha ido embora, continuava gritando. Corriam-lhe as lágrimas pela face e ria, satisfeito. A volta para casa foi uma calamidade.

## SEGUNDA PARTE

### X

Saí da casa de Ena aturdida, com a impressão de que devia ser muito tarde. Todos os saguões<sup>75</sup> estavam fechados e o céu descarregava-se numa compacta chuva de estrelas sobre os terraços<sup>76</sup>.

Pela primeira vez sentia-me solta e livre na cidade, sem temer o fantasma do tempo. Havia tomado alguns licores, naquela tarde. O calor e a excitação brotavam de meu corpo de tal maneira que não sentia frio e nem sequer – por momentos – a força da gravidade sob os meus pés.

Detive-me no meio da Via Layetana e olhei em direção ao alto prédio em cujo último andar vivia minha amiga. A luz não transparecia por detrás das venezianas fechadas, embora ainda permanecessem, quando eu saí, algumas pessoas reunidas e, dentro, os confortáveis cômodos certamente estariam iluminados. Talvez a mãe de Ena houvesse voltado a sentar-se ao piano e a cantar. Percorreu-me um estremecimento ao recordar aquela voz ardente que ao sair parecia queimar e envolver em resplendores o corpo mirrado de sua dona.

Aquela voz havia despertado todos os resíduos de sentimentalismo e de desenfreado romantismo dos meus dezoito anos. Desde que ela se havia calado eu estive inquieta, com vontade de livrar-me de tudo e de todos os que me rodeavam. Parecia-me inconcebível que os outros continuassem fumando e comendo guloseimas. A própria Ena, embora houvesse ouvido sua mãe com uma sombria e reconcentrada atenção, voltava a expandir-se, a rir e a brilhar entre seus amigos, como se aquela reunião iniciada no final da tarde, de improviso, não fosse ter fim. Eu, de repente me vi na rua. Quase havia fugido impelida por uma inquietude tão forte e tão infundada como todas as que me atormentavam naquela idade.

---

<sup>75</sup> Tradução para *portales*: refere-se à parte da entrada principal em um local onde está a porta de acesso. Em um edifício ao conjunto da porta de entrada, da escada e dos patamares do vestíbulo. Neste caso a palavra saguão refere-se, por metonímia, à porta de entrada do edifício.

<sup>76</sup> Tradução para *azotea*: terraço no alto das casas, neste caso dos prédios, e que substitui o telhado, lajes, mirante, cobertura, sotéia.

Não sabia se tinha necessidade de caminhar entre as casas silenciosas de algum bairro adormecido, respirando o vento negro do mar ou de sentir a enxurrada de luzes dos cartazes coloridos que tingiam com seus refletores, o ambiente do centro da cidade. Ainda não tinha certeza do que poderia melhor acalmar aquela perturbadora sede de beleza que havia sido despertada em mim, ao escutar a mãe de Ena. A própria Via Layetana<sup>77</sup>, com seu suave declive desde a Praça de Urquinaona, onde o céu se deslustrava com a cor vermelha da luz artificial, até o grande prédio do Correio e o porto, banhados em sombras, prateados pela claridade estelar das chamas brancas das luzes<sup>78</sup>, aumentava minha perplexidade.

Ouvi, gravemente, sobre o livre vento do inverno, as badaladas das onze formando uma sinfonia que vinha das torres das antigas igrejas.

A Via Layetana, tão larga, grande e moderna, cruzava o coração do velho bairro. Então soube o que desejava: queria ver a Catedral envolta no encanto e no mistério da noite. Sem mais pensar, lancei-me em direção à escuridão daquelas ruelas que a cercam. Nada podia acalmar e maravilhar minha imaginação como aquela cidade gótica naufragando entre úmidas casas construídas sem estilo, no meio de seus honoráveis silhares<sup>79</sup>, mas às quais os anos haviam revestido de pátina, dando-lhes, também, um encanto especial, como se houvessem se contaminado de beleza.

O frio parecia mais intenso, aprisionado nas ruas tortas. E o firmamento se transformava em faixas reluzentes entre os terraços quase unidos. Havia uma solidão impressionante, como se todos os habitantes da cidade tivessem morrido. Algum gemido do ar nas portas palpitava ali. Nada mais.

Ao chegar à abóbada da Catedral, fixei-me no baile de reflexos que faziam as luzes contra seus múltiplos recantos, tornando-os românticos e tenebrosos. Ouvi um áspero

---

<sup>77</sup> Entre esta Rua Layetana e a Rambla se localiza a Barcelona Antiga. Este é o núcleo mais antigo e mais freqüentado de Barcelona e um dos mais visitado pelos turistas; é também conhecido por Bairro Gótico, pela abundância de monumentos deste estilo. A Catedral gótica (Catedral de la Santa Cruz y Santa Eulália, sua construção foi iniciada no século XIII e sua fachada principal é do século XIX) foi construída sobre uma igreja da época visigoda.

<sup>78</sup> Tradução para *faroles*. Utilizaremos esta palavra quando houver uma indefinição em relação ao objeto que produz a iluminação.

<sup>79</sup> Tradução para *sillares*, plural de silhar. Pedras lavradas, geralmente em forma de paralelepípedos e que fazem parte das obras de silharia. Os silhares costumam ter um tamanho e peso que obriga sua manipulação por meio de máquinas e são aparelhadas em forma geométrica. Blocos.

grunhido, como se a alguém lhe estourasse o peito, no labirinto das vielas. Era um som sinistro, que se aproximava, intensificado<sup>80</sup> pelos ecos. Passei uns instantes de medo. Vi sair um velho grande, com um aspecto miserável, do meio do escuro. Apertei-me contra o muro. Ele me olhou com desconfiança e passou reto. Tinha uma grande barba grisalha que se abria com o vento. Meu coração começou a bater com inusitada força e, levada por aquele impulso emotivo que me arrastava, corri atrás dele e o toquei no braço. Depois, comecei a procurar em minha carteira, nervosa, enquanto o velho me olhava. Dei-lhe duas pesetas. Vi brilhar em seus olhos uma grande faísca de ironia. Guardou-as em seu bolso sem dirigir-me uma palavra e foi embora arrastando a rouca tosse que me havia aterrorizado. Este contato humano no meio do concerto silencioso das pedras acalmou um pouco minha excitação. Pensei que me comportava como uma tonta naquela noite, agindo sem vontade, como uma folha de papel ao vento. No entanto, apertei o passo até chegar à fachada principal da Catedral, e ao levantar meus olhos em sua direção encontrei, finalmente, a realização daquilo que desejava.

Uma força maior que aquela que o vinho e a música haviam provocado em mim, tomou-me ao olhar o grande círculo de sombras de pedra fervorosa. A Catedral se erguia em uma harmonia severa, estilizada em formas quase vegetais, até a altura do limpo céu mediterrâneo. Uma paz, uma imponente claridade, jorrava da maravilhosa arquitetura. No contorno de seus traços escuros se destacava a noite brilhante, rodando lentamente ao compasso das horas. Deixei que aquele profundo feitiço das formas me tomasse durante alguns minutos. Depois dei meia volta para ir embora.

Ao fazê-lo, dei-me conta de que não estava sozinha na praça. Uma silhueta que me pareceu um tanto diabólica, alongava-se na parte mais escura. Confesso, ingenuamente, que me senti possuída por todos os temores de minha infância e fiz o sinal da cruz. O vulto vinha em minha direção e vi que era um homem escondido em um bom sobretudo com um chapéu até os olhos. Alcançou-me quando eu me precipitava para as escadas de pedra.

– Andrea! Não é esse seu nome, Andrea?

Havia algo de ofensivo que me incomodou nessa maneira de chamar, mas detive-me assombrada. Ele ria diante de mim com dentes fortes, em grandes gengivas.

---

<sup>80</sup> Tradução para *cortejado*, no sentido de acompanhamento dos ecos, ampliando os sons para que parecessem mais sinistros.

– Estes são sustos que as meninas tomam por andarem sozinhas a estas horas horas...  
Não se lembra de mim da casa da Ena?

– Ah!...Sim, sim – disse, ríspida.

(“Maldito! – pensei – você tirou-me toda a felicidade que ia levar daqui”).

– Pois é – continuou, satisfeito – eu sou Geraldo.

Estava imóvel com as mãos nos bolsos, olhando-me. Eu dei um passo para descer o primeiro degrau, mas segurou-me pelo braço.

– Olhe! – ordenou-me.

Eu vi, ao pé da escadaria, espremendo-se contra ela, um conjunto de casas velhas que a guerra havia transformado em ruínas, iluminado pelas luzes.

– Tudo isso desaparecerá. Por aqui passará uma grande avenida e haverá espaço e amplitude para ver a Catedral.

Não me disse nada mais naquele momento e começamos a descer juntos os degraus de pedra. Já tínhamos percorrido um bom trecho, quando insistiu:

– Você não fica com medo de andar tão sozinha pelas ruas? E se vier o lobro mau e comer você?...

Não lhe respondi.

– Você é muda?

– Prefiro andar sozinha – confessei secamente.

– Não, isso não, garota... Hoje, eu a acompanho até sua casa... Falando sério, Andrea, se eu fosse seu pai não a deixaria tão solta.

Desabafei insultando-o internamente. Desde que o havia visto, na casa de Ena, aquele rapaz parecia-me tolo e feio.



Cruzamos as Ramblas, agitadas pela animação e pelas luzes, e subimos pela Rua Pelayo até a Praça da Universidade. Ali me despedi.

– Não, não, até sua casa.

– Você é um chato – disse-lhe sem nenhuma consideração –; vá logo.

– Gostaria de ser seu amigo. Você é uma menina muito original. Se você me prometer que algum dia chamará por telefone para sair comigo, vou embora. Eu também gosto das ruas antigas e conheço todos os cantinhos pitorescos da cidade. Então, combinado?

– Sim – disse, nervosa.

Estendeu-me seu cartão e foi embora.

Entrar na Rua Aribau era como entrar já em minha casa. O mesmo vigia do dia de minha chegada à cidade abriu-me a porta. E minha avó, como sempre, saiu para receber-me gelada de frio. Todos os outros já se haviam deitado.

Entre no quarto de Angústias, que desde dias atrás eu herdara, e ao acender a luz percebi que haviam colocado sobre o armário uma pilha de cadeiras sombrias que sobravam por toda casa e que ali ameaçavam cair. Também tinham depositado no quarto o móvel que servia para guardar a roupa do menino e uma grande caixa de costura com pés, que antes estava encostada no dormitório da minha avó. A cama desarrumada conservava as marcas de uma sesta<sup>81</sup> de Glória. Logo, compreendi que meus sonhos de independência, isolada da casa naquele refúgio herdado, caíam por terra. Suspirei e comecei a tirar a roupa. Sobre o criado-mudo havia um bilhete de Juan: “Sobrinha, faça o favor de não trancar a porta com a chave. A todo o momento seu quarto deve estar livre para poder atender o telefone”. Obediente, voltei a cruzar o chão frio para abrir a porta, depois me estiquei na cama, envolvendo-me voluptuosamente no cobertor.

Ouvi na rua, palmas chamando o vigia. Muito depois, o apito de um trem ao passar pela Rua Aragón, distante e nostálgico. O dia havia-me trazido o começo de uma vida nova;

---

<sup>81</sup> A sesta é um costume espanhol, de dormir após o almoço, principalmente no verão. O comércio também “respeita esse hábito”, interrompendo as atividades entre as 14:00 e 17:00 horas.

compreendia que, dentro do possível, Juan havia querido estragá-la, ao dar-me a entender que, ainda que me cedesse uma cama na casa, era só isso que me dava...

Na mesma noite em que Angústias foi embora, eu havia dito que não queria comer em casa e que, portanto, somente pagaria uma mensalidade pelo meu quarto. Por um triz, agarrei aquela oportunidade, quando Juan, ainda bêbado e excitado pelas emoções daquele dia, batera de frente comigo.

– Vamos ver, sobrinha, com o que você contribui na casa... Porque eu, sinceramente lhe digo, não estou para manter ninguém...

– Não, o que eu posso dar é tão pouco que não valeria a pena – disse diplomática – Darei um jeito de comer por minha conta. Somente pagarei minha quota<sup>82</sup> de pão e meu quarto.

Juan encolheu os ombros.

– Faça o que quiser – disse de mau humor.

A vovó escutou mexendo a cabeça com ar de reprovação, atenta à boca de Juan. Depois começou a chorar.

– Não, não, não quero que pague o quarto... Não quero que minha neta pague o quarto na casa de sua avó.

Então, ficou decidido que eu não teria que pagar nada além do meu pão diário.

---

<sup>82</sup> Tradução para racionamento. “En enero de 1940 se impuso la cartilla de racionamiento, imprescindible para poder retirar los víveres que proporcionaba la Comisaría de Abastecimientos. En Barcelona, la segunda semana de marzo de 1940 una persona tenía derecho a comprar 300 gramos de azúcar, cuarto de litro de aceite, 400 gramos de garbanzos y un huevo. Ante este panorama alimenticio, el hambre se cernía sobre la población. ya que la entrega de alimentos racionados era insuficiente para estar nutrido. En los primeros años de la posguerra se establecieron raciones individuales, pero a partir de 1943 se puso en marcha el racionamiento diferencial: las raciones infantiles eran sólo un 60% de la de un hombre adulto y las de las de las mujeres el 80% de las del hombre. Sólo las madres gestantes, huérfanos, los mineros y los trabajadores de ferrocarriles disfrutaban de raciones más completas. En los comedores de Auxilio Social se repartían sobre todo comidas a los niños, que eran atendidos por personal de la Sección Femenina”. Disponível em <<http://html.rincondelvago.com/posguerra-espanola.html>>

Havia recebido naquele dia meu pagamento de fevereiro e possuía pelas delícias de podê-lo gastar, lancei-me na rua e logo comprei aquelas ninharias<sup>83</sup> que tanto desejava... um bom sabonete, perfume e também uma blusa nova para apresentar-me na casa de Ena, que havia me convidado para almoçar. Além de umas rosas para sua mãe. Comprar as rosas emocionou-me especialmente. Eram flores maravilhosas, caras naquela época. Podia-se dizer que eram inacessíveis para mim. No entanto, tomei-as nos braços e as presenteei. Este prazer, no qual encontrava o gosto da rebeldia, que foi o vício – por outro lado vulgar – de minha juventude, converteu-se mais tarde em uma obsessão.

Lembrava-me – recostada na minha cama – da cordial acolhida que me deram seus parentes, na casa de Ena, e de como, acostumada aos rostos morenos com os traços bem marcados das pessoas de minha casa, comecei a ficar tonta com a quantidade de cabeças loiras que estavam ao meu redor, na mesa.

Os pais de Ena e seus cinco irmãos eram loiros. Estes cinco irmãos, todos homens e mais novos que minha amiga, confundiam-se em minha imaginação com seus rostos amáveis, risonhos e vulgares. Nem sequer o caçula, de sete anos, a quem a troca dos dentes dava uma expressão engraçada quando ria, e que se chamava Ramón Berenguer, como se fosse um antigo conde de Barcelona, diferenciava-se de seus irmãos, mais do que por essas duas particularidades.

O pai parecia partilhar das mesmas condições do bom caráter de sua prole e era, além disso, um homem realmente bonito, com quem Ena se parecia. Tinha, como ela, os olhos verdes, ainda que sem a estranha e magnífica luz que animava os de sua filha. Nele tudo parecia simples e aberto, sem maldade de nenhum tipo. Durante o almoço, recordo dele rindo ao contar-me coisas de suas viagens, pois viveram todos, durante muitos anos, em diferentes lugares de Europa. Parecia que me conhecia desde sempre, que somente pelo fato de participar de sua mesa me agregava à patriarcal família.

A mãe de Ena, ao contrário, dava a impressão de ser reservada, embora contribuísse sorrindo com o ambiente agradável que se havia instalado. Entre seu marido e filhos – todos

---

<sup>83</sup> Tradução para *fruslerías*: no sentido de futilidades, de algo inadequado para o momento econômico, à maneira de como uma criança faria.

altos e de bom porte – ela parecia um pássaro estranho e raquítico. Era pequenina e eu achava assombroso que seu corpo fino houvesse suportado seis vezes o peso de um filho. A primeira impressão que me causou foi a de uma estranha feiúra. Mas depois sobressaíam nela dois ou três toques de beleza quase prodigiosa; um cabelo mais claro que o de Ena, sedoso, muito abundante; compridos olhos dourados e sua voz magnífica.

– Por estranho que possa parecer, Andrea – disse o chefe da família – minha mulher tem algo de nômade<sup>84</sup>. Não consegue ficar sossegada em nenhum lugar e nos arrasta a todos.

– Não exagere, Luís – A mulher sorria com suavidade.

– No fundo é verdade. Claro que seu pai é quem me destina a representá-lo e dirigir seus negócios nos lugares mais esquisitos... meu sogro é ao mesmo tempo meu chefe comercial, sabia Andrea?... Mas você está por trás de todas as manobras. Não pode negar que, se você quisesse, seu pai faria com que vivesse tranqüila em Barcelona. Bem se vê a influência que você tem sobre ele, naquele assunto de Londres... Claro que eu adoro suas escolhas, minha menina; não sou eu quem as recrimina – e envolveu-a com um sorriso carinhoso –. A vida inteira gostei de viajar e ver coisas novas... Eu tampouco posso dominar uma espécie de febre de atividade que é quase um prazer quando entro em um novo ambiente comercial, com pessoas de condutas tão diferentes. É como começar outra vez a luta e sentir-se rejuvenescido.

– Mas a mamãe – afirmou Ena – gosta mais de Barcelona do que de qualquer lugar do mundo. Eu sei.

A mãe dirigiu-lhe um sorriso especial que me pareceu sonhador e divertido ao mesmo tempo.

– Em qualquer lugar em que vocês estiverem me sinto sempre bem. Seu pai tem razão nisto, que às vezes fico inquieta por viajar, claro que daí a manipular o meu pai... – sorriu mais abertamente – vai muita diferença...

---

<sup>84</sup> Tradução para *vagabunda*. Embora exista a palavra *vagabunda* em português, aplica-se usualmente a conotação de “vadia”, daí a escolha por “nômade” no sentido de que não se fixa em nenhum lugar por muito tempo.

– E já que estamos falando dessas coisas, Margarida – continuou seu marido – sabe o que seu pai me disse, ontem? Bem, que é possível que na próxima temporada precisem de nós em Madri... O que você acha? A verdade é que nestes momentos eu prefiro estar em Barcelona a qualquer outro lugar, ainda mais levando em conta que seu irmão...

– Sim, Luís, creio que temos de falar sobre isso. Mas agora estamos cansando esta moça. Andrea, você tem de nos desculpar. Afinal de contas, somos uma família de comerciantes que sempre acaba suas conversas em assuntos de negócios...

Ena havia prestado muita atenção à última parte da conversa, com extraordinário interesse.

– Bah! O vovô está um pouco caduco, eu acho. Tão emocionado e choroso quando revê a mamãe depois de ficar longe dela, e logo em seguida maquinando<sup>85</sup> para que nos afastemos. Eu não quero deixar Barcelona, no momento... é uma bobagem! No final das contas, Barcelona é minha cidade e se pode dizer que só a conheço desde que a guerra acabou.

Olhou-me rapidamente e eu entendi o seu olhar, porque sabia que naquele espaço de tempo havia se apaixonado e que este era seu argumento supremo e secreto para não querer sair da cidade.

Entre meus lençóis, na Rua Aribau, eu relembrava esta conversa com todos os seus detalhes e meu alarme disparou diante da idéia de separar-me de minha amiga, quando me havia afeiçoado a ela. Pensei que os planos daquele velho importante – aquele rico avô de Ena – mexiam com muita gente e feriam muitos afetos.

Na agradável confusão de idéias que precede o sono, meus temores foram se acalmando para serem substituídos por vagas imagens de ruas livres na noite. O alto sonho da Catedral voltou a invadir-me.

Adormeci agitada com a visão final dos olhos da mãe de Ena, que, quando já nos despedíamos haviam se levantado em minha direção, fugazmente, com um estranho olhar de angústia e temor.

Aqueles olhos penetraram no mais profundo de meu sono e levantaram pesadelos.

---

<sup>85</sup> Tradução para *ideando*: no sentido de traçando planos. A melhor tradução seria *bolando*, mas parece uma palavra muito moderna para a época e além do mais foge ao estilo do texto.

**XI**

– Não seja teimosa, sobrinha – disse-me Juan –. Você vai morrer de fome.

Em seguida, colocou as mãos em meu ombro num desajeitado carinho.

– Não, obrigada, eu me viro bem...

Enquanto isso dei uma olhada de relance ao meu tio e vi, que tampouco para ele pareciam andar bem as coisas. Havia-me surpreendido bebendo a água que sobrava de ferventar as verduras e que estava fria e esquecida num canto da cozinha, pronta para ser jogada fora.

Antônia havia gritado com nojo:

– Que porcaria está fazendo?

Fiquei vermelha.

– É que eu gosto deste caldo, e como via que iam jogar fora...

Aos gritos de Antônia acudiu o resto da casa. Juan me propôs uma conciliação de nossos interesses econômicos. Eu me neguei.

A verdade é que me sentia mais feliz desde que estava desligada daquele, problema das comidas em casa. Não importava que naquele mês tivesse gastado em excesso e que mal me restasse o orçamento de mais ou menos uma peseta diária para comer: a hora do meio-dia é a mais bela no inverno. Uma boa hora para passá-la ao sol num parque ou na Praça de Catalunha<sup>86</sup>. Às vezes passava-me pela cabeça, com prazer, o que estaria acontecendo em casa. Meus ouvidos se enchiam com os gritos do papagaio e os palavrões de Juan. Preferia meu vagabundear livre.

---

<sup>86</sup> Esta Praça separa a *Barcelona Velha* (composta pela Barcelona Antiga: Bairro Gótico, Bairro do Raval e o Bairro da Ribeira) da região chamada *Direita do Ensanch* que se refere a grande zona da cidade formada por uma quadrícula de ruas, – uma delas é a Rua Aribau. Esta zona foi construída entre 1879 e 1936 para ampliar a cidade velha onde os barceloneses viviam apinhados.

Aprendi a conhecer as excelências e os sabores em que não havia pensado antes; por exemplo, a fruta seca foi para mim uma descoberta. As amêndoas torradas, ou melhor, os amendoins, cuja delícia dura mais tempo porque é preciso separá-los de sua casca, propiciavam-me grande deleite<sup>87</sup>.

A verdade é que não tive paciência para distribuir as trinta pesetas que me restaram no primeiro dia, pelos trinta dias do mês. Descobri na Rua de Tallers um restaurante barato e cometi a loucura de comer ali duas ou três vezes. Aquela comida pareceu-me melhor que todas as outras que havia provado em minha vida, infinitamente melhor que a que Antônia preparava na Rua Aribau. Era um restaurante curioso. Escuro, com umas mesas tristes. Um garçom absorto me servia. As pessoas comiam depressa, olhando-se umas às outras e não diziam palavra. Todos os restaurantes e pensões nos quais havia entrado até então eram agitados, menos aquele. Serviam uma sopa que eu achava boa, feita com água fervente e miolo de pão. Esta sopa era sempre a mesma, colorida de amarelo pelo açafrão<sup>88</sup> ou de vermelho pelo *pimentón*<sup>89</sup>; porém, no cardápio mudava de nome com frequência. Eu saía dali satisfeita e não precisava de mais.

Pela manhã pegava o pão – assim que Antônia subia as porções da padaria – e o comia inteiro, por estar tão quentinho e apetitoso. À noite não jantava, a não ser que a mãe de Ena insistisse para que ficasse em sua casa, uma vez ou outra. Eu havia me acostumado a ir estudar com Ena por muitas das tardes e a família de Ena começava a considerar-me como se fizesse parte dela.

Pensei que realmente estava começando para mim um novo renascer, que era aquela a época mais feliz de minha vida, uma vez que nunca havia tido uma amiga com quem me entendesse tão bem, nem esta maravilhosa independência da qual desfrutava. Os últimos dias do mês, passei alimentando-me exclusivamente do pãozinho de minha quota, que devorava

---

<sup>87</sup> Tradução para *fruición*: *goce muy vivo en el bien que uno posee* (DRAE). A tradução não recolhe toda amplitude do termo em espanhol, mas tem alguma semelhança no sentido.

<sup>88</sup> Tradução para *azafrán*. O açafrão é o condimento mais caro do mundo. È retirado de uma flor, a “*rosa de azafrán*”. Seus pistilos, três fios, são colhidos com cuidado, nos meses de outubro e novembro, secos, e depois torrados. São necessárias 170.000 rosas de açafrão para conseguir um quilo. A Espanha é grande produtora deste condimento que dá sabor, cheiro e cor à comida. Muito usado no famoso prato espanhol *paella*.

<sup>89</sup> O *pimentón*. é um produto muito usado na Espana, obtido a partir do pimentão vermelho seco moído. No Brasil é conhecido por páprica. A cozinha brasileira faz um uso equivalente do colorau, produto extraído da semente de urucum.

pelas manhãs – foi por esta época que Antônia me pegou bebendo a água de ferventar a verdura – porém, começava a acostumar-me e a prova é que assim que recebi meu pagamento do mês de março, gastei-o da mesma maneira. Lembro-me de que sentia uma fome incrível quando tive de novo dinheiro em minhas mãos, de que era uma sensação aguda e deliciosa pensar que poderia satisfazê-la logo. Mais do que qualquer tipo de alimento, desejava doces. Comprei uma bandeja e fui a um cinema caro. Tinha tal impaciência que antes que a luz se apagasse, cortei um pedacinho de papel para comer um pouco do creme, embora olhasse de relance para todo mundo, morta de vergonha. Assim que a tela se iluminou e a sala ficou na penumbra, abri o pacote e fui engolindo os doces um a um. Até então não havia suspeitado de que a comida pudesse ser algo tão bom, tão extraordinário... Quando a luz voltou a ser acesa, não restava nada na bandeja. Vi que uma senhora, ao meu lado, olhava-me de relance e cochichava com seu companheiro. Os dois riam.

Na Rua Aribau também passavam fome sem as compensações às quais eu recorria. Não me refiro a Antônia nem a *Trueno*. Suponho que estes dois tinham o sustento garantido, graças à magnificência de Román. O cachorro estava reluzente e muitas vezes o vi comer saborosos ossos. Também a empregada cozinhava sua comida em separado. Mas Juan e Glória e também minha avó e até, às vezes, o menino, passavam fome.

Román esteve viajando, outra vez, por quase dois meses. Antes de ir embora deixou alguns mantimentos para a avó, leite condensado e outras guloseimas difíceis de conseguir naqueles tempos. Nunca vi que aquela velhinha as provasse. Desapareciam misteriosamente e deixavam seus rastros na boca do menino.

No mesmo dia em que Juan me convidou a juntar-me outra vez à família, teve uma terrível discussão com Glória. Todos ouvimos os gritos que davam no estúdio. Dirigi-me para a sala de visitas e vi que o corredor estava interceptado pela silhueta da empregada, que aguçava o ouvido.

– Estou farto de tanta baboseira – gritou Juan – entende? Nem sequer posso renovar os pincéis. Essa gente nos deve muito dinheiro ainda. O que não entendo é que você não queira que eu vá reclamar com eles.



– Mas, homem, você me deu a palavra de que não se intrometeria em nada e que deixaria por minha conta, agora não pode voltar atrás. Não se esqueça que você ficou muito contente quando pôde vender essa porcaria de quadro a prazo...

– Vou estrangular você! Maldita!

A empregada suspirou com deleite, e eu fui embora para a rua, respirar o ar frio, carregado dos cheiros das lojas. As calçadas, tingidas da umidade crepuscular, refletiam as luzes dos postes recém-acesos.

Quando voltei, minha avó e Juan estavam jantando. Juan comia distraído, e minha avó, com o menino em seus joelhos, mantinha uma conversa incoerente esmigalhando pão na caneca de malte que ia tomando, sem leite nem açúcar. Glória não estava. Havia saído pouco depois de mim, para a rua.

Ela ainda não havia chegado quando, com o estômago angustiado e vazio, enfiei-me na cama. Logo mergulhei num sono pesado no qual o mundo balançava como um barco em alto mar... Talvez estivesse no refeitório de um barco e comia alguma deliciosa fruta de sobremesa. Fui acordada por gritos pedindo socorro.

Logo percebi que era Glória quem gritava e que Juan devia estar dando nela, uma violenta surra. Sentei-me na cama pensando se valeria a pena socorrer. Mas os gritos continuavam, seguidos das maldições e blasfêmias mais atrozes do nosso rico vocabulário espanhol. Nesse momento, em sua fúria, Juan utilizava os dois idiomas, o castelhano e o catalão, com espantosa facilidade e abundância.

Detive-me vestindo o casaco e acabei por aparecer na escuridão da casa. Na porta fechada do quarto de Juan minha avó e a empregada batiam.

– Juan! Juan! Abra, meu filho!

– Senhor Juan, abra, abra!

Ouvíamos dentro, palavrões, insultos, corridas e tropeções com os móveis. O menino começou a chorar trancado ali também e minha avó ficou desesperada. Ergueu as mãos para bater à porta e vi seus braços esqueléticos.

– Juan! Juan! Esse menino!

De repente a porta se abriu com um pontapé de Juan, e Glória saiu expelida, meio despida e gritando. Juan alcançou-a e ainda que ela tratasse de arranhá-lo e mordê-lo, pegou-a por debaixo do braço e arrastou-a ao banheiro...

– Meu pobrezinho!

Gritou minha avó correndo em direção ao menino que havia ficado em pé no berço, agarrando-se às grades e gemendo... Depois, com o neto no colo, acudiu à briga.

Juan enfiou Glória na banheira e, sem tirar-lhe as roupas, abriu o chuveiro gelado sobre ela. Agarrava-lhe brutalmente a cabeça, de maneira que se abrisse a boca, não teria outra saída, senão engolir a água. Enquanto isso, gritou, virando-se para nós:

– E vocês, para a cama! Aqui ninguém tem nada a fazer!

Mas não nos mexíamos. Minha avó suplicava:

– Pelo seu filho, por seu menino! Volte a si, Juanito!

De repente Juan soltou Glória – quando ela já não se debatia mais – e veio até nós com tal raiva que Antônia se escapuliu imediatamente, seguida pelo cachorro que ia rosnando com o rabo entre as pernas.

– E você, mamãe! Leve imediatamente esse menino para onde eu não o veja ou o espatifo!

Glória, de joelhos no fundo da banheira, começou a chorar com a cabeça apoiada na borda, afogando-se, em grandes soluços.

Eu estava encolhida num canto do escuro corredor. Não sabia o que fazer. Juan descobriu-me. Estava, agora, mais calmo.

– Vamos ver se você serve para algo em sua vida! – disse-me –. Traga uma toalha!

As costelas se destacavam debaixo da camisa que vestia, palpitando violentamente.

Eu não fazia idéia de onde se guardava a roupa naquela casa. Trouxe minha toalha e também um lençol de minha cama, caso fosse necessário. Sentia medo de que Glória pudesse pegar uma pneumonia. Eu mesma senti um frio pavoroso.

Juan tentou tirar Glória da banheira de um único puxão, mas ela mordeu-lhe a mão. Ele soltou uma maldição e começou a dar-lhe socos na cabeça. Depois ficou outra vez quieto e ofegante.

– Por mim, você pode morrer, sua besta! – disse-lhe finalmente. E foi embora batendo a porta, deixando nós duas.

Inclinei-me para Glória.

– Vamos! Saia logo daí, mulher!

Ela continuava tremendo, sem mover-se e, ao ouvir minha voz, começou a chorar insultando o seu marido. Não opôs resistência quando comecei a sacudi-la e a tratar que saísse da banheira. Ela mesma tirou suas roupas pingando, embora seus dedos lhe obedecessem com dificuldade. Esfregando seu corpo da melhor maneira que pude, eu é que fiquei com calor. Depois me sobreveio um cansaço tão intenso que meus joelhos tremiam.

– Venha ao meu quarto, se quiser – disse-lhe, pareceu-me impossível voltar a deixá-la nas mãos de Juan.

Seguiu-me enrolada no lençol trincando os dentes. Deitamo-nos juntas, enroladas em meus cobertores. O corpo de Glória estava gelado e esfriava-me, mas era impossível fugir dele; seus cabelos molhados pareciam escuros e viscosos, como sangue no travesseiro e roçavam-me o rosto, às vezes. Glória falava sem parar. Apesar de tudo, minha necessidade de sono era tão grande que meus olhos se fechavam.

– O bruto... O animal... Depois de tudo o que faço por ele. Porque eu sou muito boa, garota, muito boa... Está me ouvindo, Andrea? Está louco. Ele me dá medo. Um dia, vai me matar... Não durma, Andreinha... O que você acha se eu fugisse desta casa? Não é verdade que você faria isso? Não é verdade que no meu lugar não deixaria que batessem em você?... É que eu sou tão jovem, garota... Román me disse um dia que eu era uma das mulheres mais

lindas que havia visto. A você eu direi a verdade, Andrea. Román pintou-me no Parque do Castelo... Eu mesma fiquei admirada ao ver como eu era bonita, quando me mostrou o retrato... Ai, Andrea! Não é verdade que sou muito infeliz?

O sono voltava a pesar nas tēmporas. De quando em quando acordava, assustada, para atender a um soluço ou a uma palavra mais forte de Glória.

– Eu sou muito boa, boa demais... Sua própria vovó diz isso. Claro que gosto de usar um pouco de maquiagem, de divertir-me um pouquinho, mas isso é natural na minha idade... E o que você acha de não me deixar ver a minha própria irmã? Uma irmã que sempre foi como uma mãe para mim... Só porque é de condição humilde e não tem tantos fricotes<sup>90</sup>... Mas em sua casa se come bem. Há pão branco e bons embutidos<sup>91</sup>... Ai, Andrea! Mais valeria que me tivesse casado com um operário. Os operários vivem melhor que os patrões, Andrea; usam alpargatas, mas não lhes falta boa comida e bom salário. Quisera Juan ter o bom salário de um operário de uma fábrica... Quer que lhe conte um segredo? Minha irmã me dá, às vezes, dinheiro quando estamos em apuros, mas, se Juan o soubesse me mataria. Eu sei que me mataria com o revólver de Román... Eu mesma ouvi que Román lhe disse: “Quando quiser estourar seus miolos ou estourar os da idiota de sua mulher, pode usar meu revólver”... Você sabe, Andrea, que ter armas está proibido? Román está fora da lei...

O rosto de Glória inclinava-se para observar meu sono com seu perfil de rato molhado.

– Ai, Andrea! Às vezes vou à casa de minha irmã somente para comer bem, porque ela tem um bom comércio, garota, e ganha dinheiro. Lá há de tudo que quiser... manteiga fresca, azeite, batatas, *jamón*<sup>92</sup>... Um dia levarei você lá.

Suspirei, já completamente acordada, ao ouvir falar de comida. Meu estômago começou a esperar ansiosamente enquanto escutava a enumeração dos tesouros que a irmã de

<sup>90</sup> Tradução para *pamplinas*. Conserva a idéia de futilidade, de superficialidade.

<sup>91</sup> Tradução para *butifarras*, que se refere a um tipo de embutido da região da Catalunha, Valência e Ilhas Baleares feito com carne de porco, muito toucinho e especiarias. Há de diversos tipos: negra, branca, de fígado, de língua, de cebola e pinhões, etc. Recorremos a uma generalização, por não possuímos o termo semelhante.

<sup>92</sup> *Jamón*. Nome genérico do produto obtido das patas traseiras do porco. Diferentemente do presunto mais consumido no Brasil que é cozido, o jamón é um presunto cru, curtido no frio. É muito consumido na Espanha e Itália.

Glória guardava em sua despensa. Senti-me faminta como nunca estive. Ali, na cama, estava unida a Glória, pelo feroz desejo do meu organismo que suas palavras haviam despertado, com os mesmos vínculos que me uniam a Román quando evocava em sua música os desejos impotentes de minha alma.

Algo assim como uma loucura tomou posse de minha bestialidade ao sentir tão perto a batida daquele pescoço de Glória, que falava e falava. Vontade de morder a carne palpitante, mastigar. Engolir o bom sangue morno... Retorci-me sacudida pela risada de meus próprios tenebrosos desvarios, tentando que Glória não surpreendesse aquele estremecimento do meu corpo.

Lá fora, o frio começou a desfazer-se em gotas de água que batiam nos vidros. Eu pensei que sempre que Glória falava comigo longamente chovia. Parecia que aquela noite nunca se acabaria. O sono havia fugido. Glória, de repente, cochichou colocando uma mão no meu ombro.

– Não está ouvindo?... Não está ouvindo?

Sentiam-se os passos de Juan. Devia estar nervoso. Os passos chegavam até nossa porta. Afastavam-se, retrocediam. Finalmente voltaram outra vez e Juan entrou no quarto, acendendo a luz, o que nos fez piscar ofuscadas<sup>93</sup>. Sobre a camiseta de algodão e as calças que vestia anteriormente havia colocado seu casaco novo. Estava despenteado e umas sombras tremendas comiam seus olhos e as maçãs do rosto. Tinha um aspecto um tanto cômico. Ficou no meio do quarto com as mãos colocadas nos bolsos, mexendo a cabeça e sorrindo com uma espécie de ironia feroz.

– Bom, por que não continuam conversando?... Qual é o problema que eu esteja aqui? Não fique assustada, mulher, que não vou engolir você... Andrea, sei perfeitamente o que minha mulher está contando para você. Sei perfeitamente que me acha um louco porque peço por meus quadros o justo valor... Você acha que o nu que pintei de Glória vale só dez *duros*?<sup>94</sup> Só em tubos de tinta e pincéis gastei mais!... Esta cretina acha que minha arte é igual

---

<sup>93</sup> Tradução para *deslumbradas*. Existe a mesma palavra do espanhol em português, mas neste caso, o sentido é o de ofuscamento causado pela luz.

<sup>94</sup> Antiga moeda espanhola que valia cinco pesetas.

à de um pintor de paredes!

– Vá para a cama, homem, e não me aborreça! Estas não são horas para incomodar ninguém com seus benditos quadros... Já vi outros que pintavam melhor do que você e não se envaideciam tanto. Você me pintou feia demais para que possa agradar alguém...

– Não acabe com minha paciência. Maldita! Ou...

Glória, embaixo do cobertor, virou-se de costas e se pôs a chorar.

– Eu não posso viver assim, não posso...

– Pois vai ter que agüentar, sem-vergonha! Tem mais, qualquer dia matarei você se voltar a se intrometer com meus quadros... Meus quadros, a partir de hoje, ninguém mais os venderá, a não ser eu... Entendeu? Entendeu o que estou lhe dizendo? Se você voltar a entrar em meu estúdio, abrirei sua cabeça! Prefiro que todo mundo morra de fome a...

Começou a andar pelo quarto com uma raiva tão grande que só conseguia mover os lábios e soltar sons incoerentes.

Glória teve uma boa idéia. Levantou-se da cama, eriçada de frio, aproximou-se de seu marido e o empurrou pelas costas.

– Vamos, homem! Já perturbamos demais Andrea!

Juan repeliu-a rudemente.

– Andrea que agüente! Que todo o mundo agüente! Eu também suporto a todos.

– Ande, vamos dormir...

Juan começou a olhar para todos os lados, nervoso. Quando já ia saindo disse:

– Apague a luz para que a sobrinha possa dormir...

## XII

A precoce, primavera mediterrânea começou a enviar suas rajadas entre os galhos ainda gelados das árvores. Havia uma alegria dispersa no ar, quase tão visível como essas nuvens transparentes que às vezes se engancham no céu.

– Estou com vontade de ir ao campo e ver árvores – disse Ena, e suas narinas se dilataram um pouco –. Tenho vontade de ver pinheiros (não estes plátanos da cidade que cheiram a tristeza e a podridão, a uma légua) ou talvez o que mais desejo é ver o mar. No próximo domingo irei ao campo com Jaime e você também virá, Andrea... O que você acha?

Eu conhecia, quase tão bem como Ena, o jeito de ser de Jaime; seus gostos, sua preguiça, suas melancolias – que desesperavam e encantavam minha amiga – sua aguda inteligência, embora não o tivesse visto nunca. Em muitas das tardes, inclinadas sobre o dicionário grego, interrompíamos a tradução para falar dele. Ena ficava mais bonita, seu olhar ficava mais doce por causa da alegria. Quando sua mãe aparecia à porta nos calávamos rapidamente porque Jaime era o grande segredo de minha amiga.

– Creio que morreria se ficassem sabendo em casa. Você não sabe... Eu sou muito orgulhosa. Minha mãe só conhece um lado meu: o de uma pessoa zombadora e leviana e gosta de mim assim. A todos os de casa faço rir com as desfeitas com que trato meus pretendentes... A todos menos ao meu avô, logicamente; meu avô quase teve um ataque de apoplexia quando rejeitei, neste verão, um senhor respeitável e riquíssimo com quem estive flertando... Porque eu gosto que os homens se apaixonem, sabe? Gosto de vê-los por dentro. Pensar... Que tipo de idéias compõem seus pensamentos? O que eles sentem quando se apaixonam por mim? Na verdade, raciocinando, o resultado é um jogo um pouco monótono, porque eles têm suas artimanhas infantis, sempre iguais. No entanto, para mim é uma delícia tê-los em minhas mãos, enredá-los em suas próprias meadas e jogar como gato e rato... Bem, a questão é que tenho, com frequência, oportunidades de me divertir, porque os homens são muito bobos e gostam muito de mim... Em minha casa, estão certos de que nunca me apaixonarei. Eu não posso aparecer agora toda entusiasmada como uma boba e apresentar Jaime... Além disso, todos interfeririam: tios, tias... teria de mostrá-lo ao meu avô como um bicho raro... depois o aprovariam porque é rico, mas ficariam desapontados porque ele não entende uma palavra da

administração de suas riquezas. Sei o que diria cada um. Gostariam que viesse a nossa casa todos os dias... Você me entende, não é, Andrea? Acabaria por não poder suportar Jaime. Se algum dia nos casarmos, então não teremos outro remédio senão dizê-lo, mas, não ainda. De maneira nenhuma.

– Por que quer que eu vá com vocês ao campo? – disse admirada.

– Direi à mamãe que irei passar o dia com você... E sempre é bem mais agradável que seja verdade. Você nunca me incomoda e Jaime gostará muito de conhecê-la. Você verá. Falei muito de você para ele.

Eu sabia que Jaime era parecido com o São Jorge<sup>95</sup> pintado na tábua central do painel de Jaime Huguet<sup>96</sup>. O São Jorge que se acredita ser um retrato do príncipe de Viana. Ena havia-me dito isso, muitas vezes, e juntas estivemos olhando uma foto da pintura que ela havia colocado em seu criado mudo. Quando vi Jaime, realmente percebi a semelhança e fiquei impressionada com a mesma delicada melancolia do seu rosto. Quando ria, a semelhança se esfumava de uma maneira desconcertante, e ele ficava muito mais bonito e vigoroso que o quadro. Parecia feliz com a idéia de nos levar as duas, à beira-mar, naquela época do ano em que não ia ninguém. Tinha um carro muito grande. Ena franziu o cenho.

– Você estragou o carro colocando gasogênio<sup>97</sup>.

– Bom, mas graças a isso posso levá-las aonde quiserem.

Sáímos os quatro domingos de março e mais algum de abril. Íamos mais à praia do que à montanha. Lembro-me de que a areia estava suja pelas algas dos temporais de inverno. Ena e eu corríamos descalças beirando a água, que estava gelada, e gritávamos quando sentíamos que nos tocava. No último dia, o tempo estava quase quente e entramos no mar.

---

<sup>95</sup> Tradução para *san*. A versão em português recebeu letra maiúscula como é norma de tratamento para os santos. A cruz de São Jorge aparece no escudo de Barcelona e da Generalitat de Catalunya.

<sup>96</sup> 1415 (França) – 1492 (Barcelona). Pintor gótico que misturava o religioso com o cortesão. *Sus notas más destacadas son su admirable capacidad expresiva y la finura y delicadeza con que trata los temas. Sus personajes son finos y elegantes y con frecuencia graves y solemnes, cualidades que destacaban en los caballeros españoles de la época. Los rostros llenos de vida y a veces melancólicos siempre tienen un equilibrio perfecto.* Disponível em < <http://www.articuarius.com/html/biblioteca/artistas/contenido2.asp?articulo=90>>

<sup>97</sup> Tradução para *gasógeno*. Refere-se ao aparelho que transforma carvão vegetal ou madeira em gás pobre, por meio de combustão incompleta (Houaiss). Empregado como substituto da gasolina no período do pós-guerra.



Ena inventou uns passos de dança para esquentar. Eu estava deitada na areia, junto a Jaime, e os dois olhávamos sua figura graciosa recortada contra o Mediterrâneo tremeluzente<sup>98</sup> e azul. Em seguida, veio em nossa direção rindo, e Jaime a beijou. Eu a vi, apoiada nele, fechando por instantes seus dourados cílios.

– Como eu te amo!

Disse-o admirada, como se fizesse uma grande descoberta. Jaime olhou-me sorrindo, emocionado e confuso ao mesmo tempo. Ena olhou para mim também e me estendeu a mão.

– E de você também, queridíssima... Você é minha irmã. De verdade, Andrea. Como pode ver... Beije o Jaime na sua frente!

Voltamos de noite, pela estrada junto ao mar. Eu via a maravilhosa renda que formavam as ondas na negritude e as misteriosas luzinhas distantes dos barcos...

– Só existe uma pessoa a quem ame tanto quanto a vocês dois. Talvez mais que aos dois juntos... Ou quiçá não, Jaime, talvez não a ame tanto como a você. Eu não sei. Não me olhe assim, que o carro vai capotar. Às vezes me tortura a dúvida sobre de quem gosto mais, se de você ou...

Eu escutava atentamente.

– Sabe, querida – disse Jaime com um tom no qual se deixava ver uma ironia tão irritada que se assemelhava a uma criança despeitada – que já está na hora de começar a dizer-nos seu nome?

– Não posso – manteve-se calada por alguns momentos – Não o direi a vocês por nada deste mundo. Mesmo para vocês posso ter um segredo.

Que dias inigualáveis! Toda a semana parecia alvorecer com eles. Saíamos muito cedo e já nos esperava Jaime com o automóvel, em algum lugar combinado. A cidade ficava para trás e atravessávamos sua periferia triste, com a sombria potência das fábricas das quais se

---

<sup>98</sup> Tradução para *cabrilleante*. Em espanhol: Poét. *Brillar con luz trémula* (DRAE). Perdeu-se na tradução a imagem do peixe *cabrilla* que brilha ao pular muito na água.

aproximavam altas casas de vários andares, enegrecidas pela fumaça. Sob os primeiros raios do sol os vidros destas casas escurecidas emitiam centelhas diamantinas. Dos fios dos telégrafos saíam gritando bandos de pássaros espantados pela buzina insistente e rouca...

Ena ia ao lado de Jaime. Eu, atrás, ficava de joelhos, virada de costas no assento, para ver a massa imprecisa e portentosa que era Barcelona e que se levantava e se espalhava ao nos distanciarmos, como um rebanho de monstros... Às vezes Ena deixava Jaime e vinha ao meu lado para olhar também, para comentar comigo aquela felicidade.

Nenhum dia da semana Ena se parecia com esta garota maluca, quase infantil de pura alegria, em que se transformava aos domingos. A mim – que vinha do campo – ela me fez ver um novo sentido da Natureza no qual nem sequer havia pensado. Fez-me conhecer o som do barro úmido carregado de substâncias<sup>99</sup> vitais, a misteriosa emoção dos brotos ainda fechados, o encanto melancólico das algas esmaecidas na areia, a potência, o ardor, o encanto esplendoroso do mar.

– Não faça História! – gritava-me desesperada quando eu via no mar latino, a lembrança dos fenícios e dos gregos. E o imaginava sulcado (tão quieto, resplandecente e azul) de naves estranhas.

Ena nadava com o prazer de quem abraça um ser amado. Eu aproveitava uma felicidade concedida a poucos seres humanos: a de sentir-me arrastada nesse halo, quase palpável, que irradiava um casal de jovens enamorados e que faz com que o mundo vibre mais, cheire e ressoe mais palpitante e seja mais infinito e mais profundo.

Comíamos em pousadas à beira do litoral ou lanchávamos em mesinhas entre os pinheiros, ao ar livre. Às vezes chovia. Então, Ena e eu nos protegíamos embaixo da capa de Jaime, o qual se molhava tranqüilamente... Em muitas tardes vesti algum colete de lã, ou uma malha sua. Ele tinha uma pilha destas coisas no automóvel, como prevenção da traidora primavera. Mas, justamente naquele ano, fez um tempo maravilhoso. Lembro-me de que no mês de março voltávamos carregadas de galhos da amendoeira cheios de flores e logo começou a mimosa a amarelar e a tremer sobre os muros dos jardins.

---

<sup>99</sup> Tradução para *jugo*. Refere-se a algo essencial, vital.

Estes jatos de luz que minha vida recebia graças a Ena, estavam amargurados pelo sombrio tom com o qual se tingia meu espírito em outros dias da semana. Não me refiro aos acontecimentos da Rua Aribau, que pouco influíam já em minha vida, mas à visão distorcida de meus nervos, afiados demais por uma fome tão crônica, que cheguei quase a não senti-la. Às vezes, zangava-me com Ena por uma bobagem. Saía de sua casa desesperada. Depois retornava sem dizer-lhe uma palavra e me punha a estudar com ela. Ena se fazia de desentendida e continuávamos como se nada tivesse acontecido. A lembrança destas cenas me fazia chorar de pavor algumas vezes, quando pensava nelas em meus passeios pelas ruas nos arredores, ou durante a noite, quando a dor de cabeça não me deixava dormir e tinha de afastar o travesseiro para que se dissipasse. Pensava em Juan e me via semelhante a ele em muitas coisas. Nem sequer passava pela minha cabeça que estava histérica pela falta de alimentação. Quando recebia minha pensão ia à casa de Ena carregada de flores, comprava doces para minha avó e também me acostumei a comprar cigarros, que economizava para os tempos em que a comida estava escassa, uma vez que me aliviavam e me ajudavam a sonhar projetos sem pé nem cabeça<sup>100</sup>. Quando Román voltou de sua viagem, ele supria estes cigarros, dando-me alguns de presente. Seguia-me com um sorriso especial quando eu andava pela casa, quando parava na porta da cozinha, cheirando, ou quando ficava recostada, horas inteiras na cama, com os olhos abertos.

Uma daquelas tardes em que me zanguei com Ena, a indignação durou-me mais tempo. Caminhava com o cenho franzido, tomada por um monólogo interior exaltado e longo. “Não voltarei à sua casa”. “Estou farta de seus sorrisos de superioridade”. “Acompanhou-me com o olhar, divertida, convencida de que vou voltar em dois minutos, outra vez”. “Acredita que não posso prescindir de sua amizade”. Que engano! “Brinca comigo como faz com todo mundo – pensei injustamente – como com seus pais, com seus irmãos, como com os pobres rapazes apaixonados, aos quais ela estimula para depois ter a satisfação de vê-los sofrer...”. Cada vez ficava mais evidente, para mim, o caráter maquiavélico de minha amiga. Parecia-me quase desprezível... Cheguei a minha casa mais cedo do que nunca. Comecei a pôr em ordem as anotações da aula, nervosa e quase chorando porque não entendia minha própria letra. Do fundo de minha pasta de estudante caiu o cartão que Geraldo havia me dado, naquela primeira

---

<sup>100</sup> Tradução para *deshilvanados*: sem nenhuma continuidade, sem sentido.

noite da liberação de minha vida, quando o havia encontrado entre as sombras que rodeavam a Catedral.

A lembrança de Geraldo me distraiu por um instante. Lembrei que havia prometido ligar para ele para sairmos e percorrer os cantinhos pitorescos de Barcelona. Pensei que talvez isso pudesse distrair-me de minhas idéias e, sem refletir mais, disquei o número de seu telefone. Lembrou-se rapidamente, de mim, e combinamos de sair na tarde seguinte. Depois, embora fosse muito cedo, deitei-me e adormeci vendo o despontar das luzes da rua, no contorno da sacada, com um sono pesado, como se descansasse da fadiga de um exaustivo trabalho.

Quando acordei pareceu-me que algo andava mal no curso das coisas. Tinha uma sensação parecida com a que haveria de sentir se alguém me dissesse que tia Angústias ia voltar. Aquele ia ser um desses dias iguais, aparentemente iguais aos outros, inofensivos como todos, mas que de repente, uma tênue linha faz com que o curso de nossa vida se desvie para uma época nova.

Não fui à Universidade de manhã, possuída de uma estúpida teimosia de não ver Ena, embora a cada hora que passava se tornasse mais penoso, para mim, ficar zangada com minha amiga. Recordava suas melhores qualidades e seu carinho sincero por mim. O único espontâneo e desinteressado que eu havia encontrado até então.

Pela tarde, Geraldo veio me buscar. Reconheci-o porque esperava diante do portal da casa, e imediatamente voltou-se para mim, sem tirar as mãos dos bolsos, conforme era seu costume. Suas grosseiras feições se haviam apagado de minha memória, por completo. Agora não usava sobretudo, nem chapéu. Vestia um terno cinza bem talhado. Estava metido em um bem cortado terno cinza. Parecia alto e forte e seu cabelo era como o dos negros.

– Oi, linda!

Disse-me. E depois fez um gesto com a cabeça como se eu fosse um cachorro:

– Vamos!

Fiquei um pouco intimidada.

Sáímos andando um ao lado do outro. Geraldo falava tanto quanto no dia em que o conheci. Observei que falava como um livro, citando a cada momento trechos de obras que havia lido. Disse-me que eu era inteligente e que ele também o era. Depois, que ele não acreditava na inteligência feminina. Mais tarde, que Schopenhauer<sup>101</sup> havia dito...

Perguntou-me se preferia ir ao Porto ou ao Parque de Montjuich. Para mim tanto fazia um lugar como outro. Ia calada ao seu lado. Quando atravessávamos as ruas ele me pegava pelo braço. Caminhamos pela Rua Cortes<sup>102</sup> até os jardins da Exposição. Uma vez lá, comecei a me distrair porque a tarde estava azul e resplandecia nas cúpulas do palácio e nas brancas cascatas das fontes. Múltiplas flores primaveris balançavam ao vento, invadindo tudo com as chamadas de suas cores. Perdemos-nos pelas trilhas do imenso parque. Numa pracinha – verde escura por causa dos recortados ciprestes – vimos a branca estátua de Vênus, refletindo-se na água. Alguém havia pintado sua boca de vermelho, grosseiramente. Geraldo e eu nos olhamos, indignados, e naquele momento achei-o simpático. Molhou o seu lenço e com um impulso de seu corpo forte, subiu até a estátua e ficou esfregando a boca de mármore até que ficou limpa.

A partir daquele momento conseguimos conversar mais cordialmente. Fizemos um passeio bem longo. Geraldo falou bastante sobre si mesmo e depois quis informar-se de minha situação em Barcelona.

– Sozinha então, hem? Quer dizer que você não tem pais?

Outra vez começava a me parecer aborrecido.

Fomos até Miramar e nos acomodamos no terraço do restaurante para ver o Mediterrâneo, que no crepúsculo tinha reflexos cor de vinho. O grande porto parecia pequeno debaixo de nossos olhares, que o abrangiam lá do alto<sup>103</sup>. No cais saíam à superfície os

---

<sup>101</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo pessimista em sua visão do mundo. Para Schopenhauer a salvação do homem do sofrimento de existir consistiria em uma atitude radical, de renúncia do mundo e suas solicitações, anulando assim por completo a vontade, tornando esse homem realmente livre, indo ao encontro do nada. Consideramos como nota de interesse o fato da autora citar um filósofo pessimista que fala da vontade, da angústia e do nada, elementos estes presentes em sua obra. Reforça ainda seu viés existencialista ao mencionar um dos filósofos dessa corrente de pensamento. <http://www.pucsp.br/~filopuc/verbete/schopen.htm>

<sup>102</sup> Em espanhol *calle de Cortes*. Geralmente em língua portuguesa usamos letra maiúscula para citar nomes de ruas.

<sup>103</sup> Tradução para "... *que lo abarcaban a vista de pájaro*". Por não encontrarmos uma expressão equivalente, optamos, mais uma vez, pela explicação da idéia.

esqueletos enferrujados dos navios afundados na guerra. A nossa direita eu vislumbrava os ciprestes do Cemitério do Sudoeste e quase sentia o cheiro de melancolia frente ao horizonte aberto do mar.

Perto de nós, nas mesinhas do terraço, algumas pessoas tomavam lanches. O passeio e o ar salino haviam despertado aquela cavernosa sensação de fome que tinha sempre adormecida. Além disso, estava cansada. Admirei as mesas e os apetitosos lanches com os olhos ávidos. Geraldo seguiu a direção do meu olhar e disse com tom desdenhoso, como se o responder afirmativamente fosse um absurdo:

– Você não vai querer tomar nada, não é?

E me pegou pelo braço, arrastando-me para fora do perigoso lugar, sob o pretexto de mostrar-me outra vista esplêndida. Naquele momento ele me pareceu detestável.

Pouco depois, de costas para o mar, víamos toda a cidade imponente debaixo de nós.

Geraldo estava empertigado olhando-a.

– Barcelona! Tão soberba e tão rica e, no entanto, como pode a vida chegar a ser dura nesse lugar! – disse pensativo.

Dizia-o para mim como uma confissão e senti-me subitamente comovida, porque achei que se referia a sua grosseria do momento anterior. Uma das poucas coisas que naquele tempo eu estava capacitada a entender era a miséria em qualquer aspecto que se apresentasse: ainda debaixo do tecido de qualidade e a camisa de linho de Geraldo... Pus, num gesto impulsivo, minha mão sobre a sua e ele a apertou comunicando-me seu calor. Naquele momento tive vontade de chorar, sem saber por quê. Ele me beijou o cabelo.

De repente fiquei rígida, embora seguissemos unidos. Eu era tolamente ingênua naquele tempo – apesar de meu pretense cinismo – nestas questões. Nunca havia sido beijada por um homem e tinha a certeza de que o primeiro que o fizesse seria escolhido por mim, entre todos. Geraldo apenas havia tocado o meu cabelo. Pareceu-me que era uma conseqüência daquela emoção que havíamos sentido juntos e não podia fazer o ridículo de

rejeitá-lo, indignada. Naquele momento voltou a beijar-me suavemente. Tive a sensação absurda de que passavam sombras pelo meu rosto como em um crepúsculo e o coração começou a bater furiosamente, numa estúpida indecisão, como se tivesse a obrigação de suportar aquelas carícias. Parecia-me que acontecia algo extraordinário com ele, que subitamente se havia apaixonado por mim. Porque então, eu era suficientemente abobalhada para não perceber que aquele era um dos infinitos homens que nascem somente para a reprodução e junto a uma mulher não entendem outra atitude senão esta. Seu cérebro e seu coração não conseguem mais. Geraldo subitamente puxou-me para si e beijou-me na boca. Apavorada dei-lhe um empurrão, e subiu-me uma onda de asco por causa da saliva e o calor de seus lábios grossos. Empurrei-o com todas as forças e pus-me a correr. Ele seguiu-me. Alcançou-me um pouco trêmula, tratando de raciocinar. Ocorreu-me pensar que talvez houvesse interpretado meu aperto de mão como uma prova de amor.

– Desculpe-me, Geraldo – disse-lhe com a maior ingenuidade – mas, sabe?... É que eu não o amo. Não estou apaixonada por você.

E fiquei aliviada por haver explicado tudo satisfatoriamente.

Ele pegou-me pelo braço como quem recupera alguma coisa sua e olhou-me de uma maneira tão grosseira e depreciativa que me deixou gelada.

Depois, no bonde que pegamos para a volta, foi-me dando paternais conselhos sobre minha conduta dali para frente e sobre a conveniência de não andar solta e louca e de não sair sozinha com os rapazes. Quase me pareceu estar ouvindo tia Angústias.

Prometi-lhe que não voltaria a sair com ele e ficou um pouco aturdido.

– Não, querida, não, comigo é diferente. Pode ver que lhe dou bons conselhos... Eu sou seu melhor amigo.

Estava muito satisfeito consigo mesmo.

Eu me sentia desalentada, como no dia em que uma freira, muito boa, do meu colégio, um pouco ruborizada, explicou-me que deixara de ser uma menina e que me havia transformado em uma mulher. Inoportunamente recordava as palavras da freirinha: “Não há

porque se assustar, não é uma doença, é algo natural que Deus manda...”. Eu pensava: “Então, este homem estúpido é quem me beijou pela primeira vez... É bem provável que isto tampouco tenha importância...”.

Subi apática os degraus de minha casa. Já era totalmente noite. Antônia abriu-me a porta com certo tom bajulador.

– Veio uma moça loira perguntando pela senhora.

Debilitada e triste como eu estava, quase me deu vontade de chorar. Ena, que era melhor do que eu, veio me buscar.

– Está na sala, com o senhor<sup>104</sup> Román – acrescentou a empregada –. Estiveram ali a tarde toda...

Fiquei pensando por um momento “Até que enfim conheceu Román como ela queria – pensei – O que será que ela achou?”. Mas sem saber bem porque, uma profunda irritação seguiu-se a minha curiosidade. Naquele momento ouvi que Román começava a tocar piano. Rápida, fui à porta da sala, bati nela com dois golpes e entrei. Román parou de tocar imediatamente, com o cenho franzido. Ena estava recostada no braço de uma das desmanteladas poltronas e parecia acordar de um longo sono.

Sobre o piano, um toco de vela – lembrança das noites nas quais eu dormia naquele cômodo – ardia, e sua chama alongada e cheia de inquietações era a única luz do quarto.

Nós três nos estivemos olhando durante um segundo. Depois, Ena correu até mim o e me abraçou. Román me sorriu com afeto e se levantou.

– Deixo-as, garotas.

Ena estendeu a mão e os dois estiveram se olhando, calados. Os olhos de Ena fosforesciam como os de um felino. Comecei a ficar com medo. Era algo gelado sobre a pele. Foi então quando tive a sensação de que um risco, fino como um cabelo, cortava minha vida

---

<sup>104</sup> Tradução para *señorito*. Em espanhol se distingue o tratamento formal masculino em *señorito* e *señor*, para o caso de ser solteiro ou casado. Em língua portuguesa não se considera tal diferença e utiliza-se a forma *senhor* sem considerar o estado civil.



e, como a um copo, quebrava-a. Quando levantei os olhos do chão, Román havia saído. Ena me disse:

– Eu também vou embora. É muito tarde... Queria esperar por você porque às vezes faz coisas de louca e não pode ser... Bom, até logo... Até logo, Andrea...

Estava nervosíssima.

### **XIII**

No dia seguinte foi Ena quem me evitou na Universidade. Estava tão acostumada a ficar com ela entre uma classe e outra que estava desorientada sem saber o que fazer. Na última hora aproximou-se de mim.

– Não venha esta tarde a minha casa, Andrea. Terei que sair... Será melhor que não venha por uns dias até que eu a avise. Avisarei você. Tenho um assunto pendente... Pode vir buscar os dicionários... (porque eu, que precisava dos textos, não tinha tampouco dicionário de grego, e o de latim, que conservava do colegial, era pequeno e ruim: fazia sempre as traduções com Ena)... Sinto muito – continuou após um momento, com um sorriso mortificado – tampouco vou poder emprestar-lhe os dicionários... Que pena! É que como se aproximam as provas, não posso deixar de fazer as traduções de noite... Terá que vir estudar na Biblioteca... Pode crer que sinto muito, Andrea.

– Fique tranqüila!

Sentia-me envolvida pelo mesmo aperto no peito da tarde anterior. Só que agora não era um pressentimento, senão a certeza de que algo ruim havia acontecido. Acabava sendo, de todas maneiras, menos angustiada do que aquele primeiro calafrio nervoso que senti quando vi Ena fitando Román.

– Bom... Vou indo rapidinho, Andrea. Não posso esperá-la porque prometi a Bonet... Ah! Lá está Bonet, faz sinais para mim. Até mais, querida.

Deu-me um beijo no rosto, contrário ao seu costume, ainda que muito fugazmente, e se foi depois de tornar a advertir-me:

– Não venha a casa até que eu lhe diga... É que não vai me encontrar, entendeu? Não quero que se incomode.

– Fique tranqüila.

Eu a vi sair acompanhada de um de seus namorados menos favorecidos, o qual naquele dia parecia radiante.

Desde então tive que me virar sem Ena. Chegou o domingo, e ela, que não me havia dado o famoso aviso e que se havia limitado a sorrir-me e a cumprimentar-me de longe na Universidade, tampouco me falou nada sobre nossa excursão com Jaime. A vida voltava a ser solitária para mim. Como era algo que parecia não ter remédio, encarei-o com resignação. Foi então quando comecei a perceber que são mais suportáveis as contrariedades maiores do que as pequenas insignificâncias de cada dia.

Em casa, Glória recebia a primavera – cada vez mais carregada de aromas – com uma grande irritação que nunca havia visto nela. Estava chorosa com frequência. A avó me disse, como se fosse um grande segredo, que ela tinha medo de estar grávida outra vez.

– Em outros tempos não teria lhe contado... Porque você é uma menina. Mas agora, depois da guerra...

A pobre velha não sabia a quem confiar suas inquietações.

No entanto, não acontecia nada disso. O ar de abril e de maio é irritante, excita e queima mais que o de plena canícula, era apenas isso que acontecia. As árvores da Rua Aribau – aquelas árvores urbanas, que, segundo Ena, cheiravam a podre, a cemitério de plantas – estavam cheias de delicadas folhinhas quase transparentes. Glória, com o cenho franzido na janela, olhava toda essa alegria e suspirava. Um dia, observei-a lavando sua roupa nova e querendo trocar-lhe a gola. Jogou-a no chão, desesperada.

– Eu não sei fazer estas coisas! – disse –. Não dou conta!

Ninguém havia mandado que o fizesse. Fechou-se em seu quarto.

Román parecia de excelente humor. Alguns dias até se dignava falar com Juan. A atitude de Juan comovia então, ria por qualquer coisa. Dava tapinhas nas costas de seu irmão. Depois tinha terríveis discussões com sua mulher, como consequência disso tudo.

Um dia ouvi Román tocar o piano. Tocava algo que eu conhecia. Sua canção de primavera, composta em homenagem ao deus Xochipilli. Aquela música que, segundo ele, dava-lhe má sorte. Glória estava em um canto escuro da sala de visitas, esforçando-se por escutar. Eu entrei e comecei a olhar suas mãos sobre o teclado. Por fim, parou a música com certa irritação.

– Você quer alguma coisa, menina?

Também Román parecia haver mudado a meu respeito.

– Sobre o que conversaram no outro dia, Ena e você, Román?

Pareceu surpreso.

– Nada em particular, penso eu. O que ela lhe disse?

– Não me disse nada. Desde aquele dia não somos mais amigas.

– Bom, menina... Eu não tenho nada a ver com suas tolas histórias de estudantes... Até esse ponto não cheguei.

E foi embora.

As tardes eram particularmente longas para mim. Estava acostumada a passá-las arrumando minhas anotações, depois costumava dar um bom passeio e antes das sete já estava em casa de Ena. Ela via Jaime todos os dias depois de almoçar, mas voltava a essa hora para fazer comigo a tradução. Algumas vezes ficava a tarde toda em sua casa e era então, que nossa turma da Universidade se reunia lá. Os rapazes, que passavam pelo surto literário, liam para nós suas poesias. Para finalizar, a mãe de Ena cantava algo. Eram os dias nos quais eu ficava ali para jantar. Tudo isso já pertencia ao passado (algumas vezes me aterrorizava

pensar em como os elementos de minha vida apareciam e se dissipavam para sempre, no momento em que começava a considerá-los imutáveis). As reuniões de amigos na casa de Ena não se realizaram mais em virtude da sombra ameaçadora do final do ano letivo que se estendia sobre nós. E não se falou mais, entre Ena e mim, sobre a questão de que eu voltasse a sua casa.

Uma tarde encontrei Pons na biblioteca da Universidade. Ficou muito feliz em me ver.

– Você vem muito por aqui? Antes não a via.

– Sim, venho estudar... É que não tenho livros...

– Sério? Posso lhe emprestar os meus. Amanhã trarei para você.

– E você?

– Pedirei a você quando precisar deles.

No dia seguinte, Pons chegou à Universidade com alguns livros novos, sem abrir.

– Pode ficar com eles... Neste ano, em casa, os livros foram comprados em dobro.

Eu estava tão envergonhada que tinha vontade de chorar. Mas, o que ia dizer a Pons? Ele estava entusiasmado.

– Você não é mais amiga de Ena? – perguntou-me.

– Sim, é que a vejo menos, por causa dos exames..

Pons era um rapaz muito infantil. Baixo e magro, com olhos que ganhavam doçura por seus cílios muito compridos. Um dia encontrei-o na Universidade extremamente agitado.

– Ei, Andrea, escute... Não havia lhe dito nada antes, porque não tínhamos permissão para levar garotas. Mas falei tanto de você, disse que é diferente... enfim, trata-se de meu amigo Guíxols e ele disse que sim, entende?

Eu nunca havia ouvido falar de Guíxols.

– Não, como é que eu vou entender?

– Ah! É verdade. Nem sequer lhe falei nunca de meus amigos... Estes daqui, da Universidade, não são realmente meus amigos. Trata-se de Guíxols, de Iturdiaga, principalmente... enfim, já os conhecerá. Todos são artistas, escritores, pintores... um mundo completamente boêmio. Completamente pitoresco. Lá não existem convencionalismos sociais... Pujol, um amigo de Guíxols... e meu também, claro... usa gravata à *Lavallière*<sup>105</sup> e cabelo comprido. É um sujeito fantástico... Reunimo-nos no estúdio de Guíxols, que é pintor... um rapaz muito jovem... quero dizer, jovem como artista, quanto ao resto já tem vinte anos, mas com um talento enorme. Até agora nenhuma garota foi lá. Têm medo de que fiquem assustadas com a poeira e que digam bobagens dessas que todas costumam dizer. Mas chamou-lhes a atenção o que lhes disse de que você não usava nenhuma maquiagem e de que tem a tez muito morena e os olhos claros. E, bem, disseram-me que leve você lá, esta tarde. O estúdio fica no bairro antigo...

Nem sequer passava por sua cabeça que eu pudesse rejeitar o tentador convite. Logicamente, acompanhei-o.

Fomos andando, dando um longo passeio, pelas ruas antigas. Pons parecia muito feliz. A mim sempre me parecera extremamente simpático.

– Você conhece a igreja de Santa Maríal del Mar? – Disse-me Pons.

– Não.

– Vamos entrar um pouco, se quiser. É tida como exemplo do puro gótico catalão... A mim me parece maravilhosa. Por ocasião da guerra foi queimada...

Santa Maríal del Mar surgiu diante de meus olhos adornada de um singular encanto, com suas peculiares torres e sua pequena praça, entulhada de casas velhas a sua frente.

Pons emprestou-me seu chapéu, sorrindo ao ver que o retorcia para usá-lo. Depois entramos. A nave era grande e fresca e nela rezavam algumas beatas. Ergui os olhos e vi os vitrais quebrados das janelas, entre as pedras que se haviam enegrecido pelas chamas. Esta

---

<sup>105</sup> Tradução para *chalina*: espécie de corbata ancha que se anuda com lazada (Dic. Esencial). Gravata à Lavallière: tipo de gravata larga, terminando em laço bufante. (Dic. Houaiss). À moda de Eve Lavallière, estilista francesa.

desolação culminava de poesia e espiritualizava ainda mais o recinto. Estivemos ali por um instante e depois saímos por uma porta lateral junto a qual havia vendedoras de cravos e de retamas. Pons comprou para mim pequenos maços de cravos bem perfumados, vermelhos e brancos. Via meu entusiasmo com olhos cheios de alegria. Depois me levou até a Rua Montcada, onde Guíxols tinha seu estúdio.

Entramos por uma grande um largo portão, no qual se destacava um escudo de pedra. No pátio, um cavalo comia tranqüilamente, atrelado a uma carroça, ciscavam galinhas criando uma sensação de paz. Dali partia a senhorial e arruinada escada de pedra pela qual subimos. No último andar, Pons chamou puxando uma cordinha que estava pendurada na porta. Ouviu-se uma campainha muito longe. Abriu-nos um rapaz a quem Pons alcançava abaixo do ombro. Achei que era Guíxols. Pons e ele se abraçaram efusivamente. Pons disse-me:

– Aqui você tem Iturdiaga, Andrea... Este homem acaba de chegar do Monastério de Veruela, onde passou uma semana seguindo as pegadas de Bécquer...

Iturdiaga examinou-me de cima a baixo. Segurava um cachimbo entre os longos dedos e percebi que, apesar de seu jeito imponente, era tão jovem como nós.

Fomos atrás dele, atravessando um emaranhado de quartos desmantelados e completamente vazios, até o quarto onde Guíxols tinha o seu estúdio. Um quarto grande, cheio de luz, com vários móveis encapados – cadeiras e poltronas – um grande canapé e uma mesinha, onde, num vaso – como um buquê de flores – haviam colocado um maço de pincéis.

Por todos os lados viam-se as obras de Guíxols; nos cavaletes, na parede, encostadas nos móveis ou no chão...

Ali estavam reunidos dois ou três rapazes que se levantaram ao ver-me. Guíxols era um rapaz do tipo esportista. Forte e muito jovial, completamente tranqüilo, quase a antítese de Pons. Dentre os outros vi o famoso Pujol que, com sua *lavallière* e tudo, era terrivelmente tímido. Mais tarde cheguei a conhecer seus quadros, que fazia imitando ponto por ponto os defeitos de Picasso – certamente, a genialidade não é suscetível de imitação. Isto não era culpa de Pujol nem de seus dezessete anos ocupados em copiar o mestre. O mais notável de todos parecia ser Iturdiaga. Falava com gestos grandiloqüentes e quase sempre gritando.

Depois fiquei sabendo que tinha escrito um romance de quatro volumes, mas não encontrava editor para ele.

– Que beleza, meus amigos! Que beleza! – dizia, falando do Mosteiro de Veruela. – Compreendi a vocação religiosa, a exaltação mística, o isolamento perpétuo na solidão! Somente me faltavam vocês e o amor... Eu seria livre como o ar se o amor não me arrastasse em sua carruagem, continuamente, Andrea – acrescentou, dirigindo-se a mim.

Depois ficou sério.

– Depois de amanhã duelo com Martorell, não há outro jeito. Você, Guíxols, será meu padrinho.

– Não, já resolveremos isso antes que chegue a ocasião – disse Guíxols, oferecendo-me um cigarro –. Pode ter certeza de que o resolverei... É uma estupidez que se enfrentem porque Martorell haja dito uma grosseria a uma vendedora de flores da Rambla.

– Uma vendedora de flores da Rambla é uma dama como qualquer mulher!

– Não duvido, mas você não a havia visto até então, e, no entanto, Martorell é nosso amigo. Talvez um pouco aturdido, mas um rapaz excelente. Alerto você de que ele não leva nada a sério. Vocês têm de se reconciliar.

– Não senhor! – gritou Iturdiaga – Martorell deixou de ser meu amigo quando...

– Bom. Agora vamos tomar um lanche se Andrea tiver a bondade de preparar os sanduíches com o pão e o *jamón* que encontrará escondido atrás da porta...

Pons observava continuamente o efeito que me causavam seus amigos e buscava meu olhar para dar-me um sorriso. Fiz café e o tomamos em xícaras de diferentes tamanhos e formas, mas todas de fina porcelana antiga, que Guíxols guardava em uma cristaleira. Pons informou-me que Guíxols as adquiriaadquiriria nos Encantes<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> *Los Encantes*. R *Los Encantes*. Refere-se à loja de antigüidades de móveis e objetos de arte. Existem até hoje em algumas cidades da Espanha como Barcelona e Cádiz.

Eu observava os quadros de Guíxols: marinas, principalmente. Chamou-me a atenção um desenho da cabeça de Pons. Ao que parece, Guíxols tinha sorte e vendia bem seus quadros, embora ainda não houvesse feito nenhuma exposição. Sem querer comparei sua pintura com a de Juan. A de Guíxols era superior, sem dúvida. Ao ouvir falar de milhares de pesetas, a voz de Juan passou como um raio de crueldade por meus ouvidos... “Você acredita que o nu que pinte de Glória só vale dez *duros*?” A mim aquele ambiente “boêmio” me pareceu muito confortável. O único mal vestido e com as orelhas sujas era Pujol, que comia com grande apetite e grande silêncio. Apesar disto, soube que era rico. O próprio Guíxols era filho de um fabricante riquíssimo. Iturdiaga e Pons pertenciam também a famílias conhecidas na indústria catalã. Pons, além disso, era filho único, e muito mimado, conforme fiquei sabendo enquanto ele ficava vermelho até as orelhas.

– A mim, meu pai não me compreende – gritou Iturdiaga – Como vai me compreender se a única coisa que sabe é armazenar milhões? De nenhuma maneira quis financiar a edição de meu romance. Diz que é um negócio perdido! E o pior é que desde a última façanha me leva em rédea curta e não me dá um centavo.

– É que foi das boas - disse Guíxols, com um sorriso.

– Não! Eu não menti para ele!... Um dia me chamou ao seu quarto; “Gaspar, meu filho... ouvi bem? Você me disse que não lhe resta nada das duas mil pesetas que lhe dei como presente<sup>107</sup> de Natal” (isto aconteceu quinze dias depois do Natal). Eu disse a ele: “Sim, pai, nenhum centavo”... Então, revirou os olhos como uma fera e me disse:

– Pois agora mesmo vai me dizer em que gastou. Eu contei o contável para um pai como o meu e ele não se dava por satisfeito.

Depois caí na besteira de dizer:

– O resto dei a López Soler, emprestei para o coitado... – Então, deviam ter visto meu pai rugir como um tigre:

---

<sup>107</sup> Tradução para *aguinaldo*: gratificação, presente em dinheiro que se dá nas festas de Natal.



– Emprestar dinheiro a semelhante sem-vergonha que não o devolverá jamais! Estou a ponto de dar-lhe uma surra... Se não me trouxer esse dinheiro antes de vinte e quatro horas, ponho López Soler na prisão e você vai passar um mês a pão e água... Já o ensinarei a não ser esbanjador... – Nada disso é possível, meu pai; López Soler está em Bilbao.

“Meu pai deixou cair os braços desalentados, e logo recobrou as forças”.

– Esta mesma noite você vai a Bilbao, acompanhado de seu irmão mais velho, destrambelhado! Já o ensinarei a não esbanjar meu dinheiro... “E de noite estávamos meu irmão e eu no trem-leito<sup>108</sup>. Vocês sabem como é meu irmão, um cara sério como poucos e com uma cabeça dura como uma pedra. Em Bilbao ele visitou todos os parentes de meu pai e me fez acompanhá-lo. López Soler havia ido para Madri. Meu irmão fez uma ligação para Barcelona: “Vão para Madri – disse meu pai – Já sabe que confio em você, Ignácio... Estou resolvido a educar Gaspar à força...”. Outra vez trem-leito e a Madri. Lá encontrei López Soler no Café Castilla e me abriu os braços chorando de alegria. Quando soube porque ia me chamou de assassino e me disse que preferiria me matar a devolver o dinheiro. Depois, tendo em vista que atrás de mim estava meu irmão Ignácio com seus punhos de boxeador, entre todos seus amigos juntaram a quantia e a entregaram para mim. O próprio Ignácio a guardou, satisfeito, em sua carteira, tornando-me eu, inimigo de López Soler...

Voltamos a casa. Meu pai me fez um discurso solene e logo me disse que como castigo ele ficaria com o dinheiro recuperado, e que não me daria um tostão por oito dias para ressarcir-se das despesas de nossas viagens. Então, Ignácio, com seu ar tranqüilo, tirou a nota de vinte e cinco pesetas que López Soler havia me devolvido e estendeu ao meu pai. O pobre homem ficou como um castelo que se desmorona.

– Que é isto? – gritou.

– O dinheiro que havia emprestado a López Soler, meu pai – respondi eu – E daí vem a catástrofe de minha vida, meus amigos... Agora que eu pensava economizar para editar o livro por minha conta...

Eu estava alegre divertindo-me.

---

<sup>108</sup> Tradução para *coche-cama*. Embora nem todos os vagões tivessem leitos, esse tipo de trem costumava ser identificado como trem-leito.

– Ah! – disse Iturdiaga, olhando em direção a um pequeno quadro que estava virado contra a parede – O que está fazendo de costas o quadro da Verdade?

– É que esteve aqui antes Romances, o crítico, e, como tem cinquenta anos, não me pareceu delicado...

Pujol levantou-se rapidamente e virou o pequeno quadro. Sobre um fundo preto haviam pintado em branco, com grandes letras:

“Agradecemos ao céu porque somos infinitamente melhores que nossos antepassados – Homero”. A assinatura era imponente. Tive de rir. Sentia-me muito bem ali; a inconsciência absoluta, a descuidada felicidade daquele ambiente acariciavam-me o espírito.

#### XIV

As provas daquele ano letivo eram fáceis, mas eu tinha medo e estudava tudo o que podia.

– Você vai ficar doente – disse-me Pons – Eu não me preocupo. O ano que vem será outra coisa, quando tivermos que fazer o exame final<sup>109</sup>.

A verdade é que eu estava começando a perder a memória. Frequentemente tinha dores de cabeça.

Glória disse-me que Ena veio ver Román em seu quarto e que ele havia estado tocando suas composições de violino para ela. Glória, nestas coisas, estava sempre bem informada.

– Você acredita que ele se casará com ela? – perguntou-me de sopetão, com aquela espécie de ardor que lhe transmitia a primavera.

– Ena casar com Román! Que absurdo!

---

<sup>109</sup> Tradução para *revalida*: *examen que se hacía al acabar algunos estudios, como el bachillerato* (Dic. Esencial). Na *revalida* o aluno é submetido a uma banca.

– Digo isso... Porque ela parece bem vestida, de boa família... Talvez Román queira se casar.

– Não diga tolices. Não há nada entre eles nesse sentido... Vamos! Não seja boba, mulher! Se Ena veio, pode estar certa de que foi só para ouvir música.

– E por que não veio cumprimentar você?

O coração parecia que ia pular do meu peito, tal era meu interesse por tudo aquilo.

Via Ena na Universidade todos os dias. Às vezes trocávamos algumas palavras. Mas, como íamos falar de algo mais íntimo? Ela havia me afastado, completamente, de sua vida. Um dia perguntei-lhe educadamente por Jaime.

– Está bem – disse-me – Agora já não saímos aos domingos (Evitava olhar-me, talvez para que não percebesse em seus olhos a tristeza. Quem podia entendê-la?).

– Román está viajando – disse-lhe subitamente.

– Já sei – respondeu-me.

– Ah!...

Ficamos em silêncio.

– E sua família? – arrisquei (parecia que não nos víamos há muitos anos).

– Mamãe mãe esteve doente.

– Mandarei umas flores para ela quando puder...

Ena olhou-me de uma maneira especial.

– Você também tem cara de doente, Andrea... Quer vir dar um passeio comigo, esta tarde? Fará bem a você tomar um pouco de ar. Podemos ir ao Tibidabo. Gostaria que tomasse um lanche ali comigo.

– Já terminou esse assunto tão importante que tinha pendente?

– Não, ainda não; não seja irônica... Mas, esta tarde vou tirar umas férias, se você quiser vir comigo.

Eu não estava alegre nem triste. Para mim parecia que minha amizade com Ena havia perdido muito do seu encanto com o rompimento. Ao mesmo tempo, gostava de minha amiga sinceramente.

– Sim, iremos... Se você não tiver nada mais importante que o impeça.

Pegou uma de minhas mãos e abriu meus dedos, para olhar a confusa rede de linhas da palma.

– Que mãos tão magras!... Andrea, quero que me desculpe se não tenho agido muito bem com você, nestes dias... Não é só com você com quem me comporto mal... Mas esta tarde será como antes. Você verá. Correremos entre os pinheiros. Vai ser bom.

Realmente, foi bom e demos muita risada. Com Ena qualquer assunto ficava interessante e animado. Eu contei para ela as histórias de Iturdiaga e de meus novos amigos. Desde o Tibidabo, atrás de Barcelona, via-se o mar. Os pinheiros corriam feito uma manada compacta e perfumada, montanha abaixo, estendendo-se em grandes bosques até onde a cidade começava. O verde a envolvia, abraçando-a.

– Outro dia fui a sua casa – disse Ena – queria vê-la. Estive esperando por você quatro horas.

– Não me disseram nada.

– É que subi ao quarto de Román para me distrair. Foi muito gentil comigo. Tocou umas músicas. De tempo em tempo ligava pelo telefone para a empregada para ver se você havia chegado.

Fiquei triste tão de repente, que Ena percebeu e ficou de mau humor também.

– Há coisas em você de que eu não gosto, Andrea. Você se envergonha de sua família... E, no entanto, Román é um homem tão singular e tão artista como poucos... Se eu

lhe apresentasse os meus tios, poderia procurar com uma vela acesa<sup>110</sup>, que não encontraria a menor faísca de espírito. Meu próprio pai é um homem comum, sem a menor sensibilidade... O que não quer dizer que não seja bom e, além disso, é bonito, você já o conhece, mas eu teria compreendido muito melhor se minha mãe tivesse se casado com Román ou com alguém que se parecesse mais com ele... Este é um exemplo como outro qualquer... Seu tio é uma personalidade. Somente com o jeito de olhar sabe dizer o que quer. Sem esquecer... parece um pouco transtornado às vezes. Mas você também o parece, Andrea. Justamente por isso quis ser sua amiga na Universidade. Tinha os olhos brilhantes e andava aérea, absorta, sem prestar atenção em nada... Ríamos de você; mas eu, secretamente, desejava conhecê-la. Uma manhã vi você sair da Universidade debaixo de uma chuva torrencial... Era nos primeiros dias do curso (você não deve se lembrar disso). A maioria dos rapazes estava abrigada na porta, e eu mesma, embora usasse uma capa e guarda-chuva, não me atrevia a desafiar aquela fúria torrencial. De repente, vi você sair, com o mesmo passo de sempre, sem cachecol, com a cabeça descoberta... Lembro-me que o vento e a chuva alvoroçavam os cachos de seus cabelos e que depois ficavam grudados em seu rosto. Eu saí atrás de você e a chuva caía a cântaros. Você piscou um momento, como que estranhando, e depois, como a um grande refúgio, aproximou-se da grade do jardim. Ficou ali por dois minutos, até que se deu conta de que se molhava tanto quanto. A cena era fantástica. Você me comovia e fazia-me morrer de rir ao mesmo tempo. Creio que foi então que comecei a sentir afeto por você... Depois, você ficou doente...

– Sim, eu me lembro.

– Sei que fica incomodada por eu ser amiga de Román. Já havia lhe pedido que o apresentasse a mim, faz tempo... Compreendi que se quisesse ser sua amiga não havia nem que pensar em tal coisa... No dia em que a fui buscar em sua casa, quando nos viu juntos não consegui disfarçar sua irritação nem seu aborrecimento. No dia seguinte vi que você vinha disposta a falar sobre aquilo... Pedir-me explicações, talvez. Não sei... Não tinha vontade de ver você. Tem de entender que posso escolher meus próprios amigos, e Román (não o nego) me interessa muitíssimo, por motivos particulares e por sua genialidade e...

---

<sup>110</sup> Tradução para *candil*. Ainda que em língua portuguesa exista a palavra *candeia*, pareceu-nos que a expressão popular soava mais adequada ao contexto.

– É uma pessoa mesquinha e má.

– Eu não procuro nas pessoas nem a bondade nem a boa educação sequer... ainda que esta última seja imprescindível para viver com elas. Gosto das pessoas que vêem a vida com olhos diferentes dos demais, que consideram as coisas de outro modo que a maioria... Talvez me aconteça isso porque sempre vivi com seres normais demais e satisfeitos com eles mesmos... Tenho certeza de que minha mãe e meus irmãos têm clara a sua utilidade indiscutível neste mundo, que sabem a todo momento o que querem, o que acham certo e o que acham errado... E que passaram por poucos períodos de angústia diante de qualquer situação.

– Você não gosta de seu pai?

– Claro que sim. Isto é outra coisa... E estou grata à Providência de que seja tão bonito, uma vez que me pareço com ele... Mas nunca cheguei a entender por que minha mãe se casou com ele. Minha mãe foi a paixão de toda a minha infância. Percebi desde muito cedo, que ela era diferente de todos... Eu a espiava. Eu achava que tinha de ser infeliz. Quando fui me dando conta de que gostava de meu pai e que era feliz tive uma espécie de decepção...

Ena estava séria.

– E não consigo evitar. Por toda minha vida estive fugindo de meus simples e respeitáveis parentes... Simples mas inteligentes ao mesmo tempo, do seu jeito, que é o que os faz tão insuportáveis... Gosto das pessoas com esse átomo de loucura que faz com que a existência não seja monótona, embora sejam pessoas infelizes e estejam sempre nas nuvens, como você... Pessoas que, segundo minha família, são calamidades indesejáveis...

Eu olhei para ela.

– Sem contar com minha mãe... Com mamãe nunca se sabe o que vai acontecer e este é um de seus atrativos... o que acha que diriam meu pai ou meu avô sobre você mesma se soubessem como realmente é? Se soubessem, como eu sei, que fica sem comer e que não compra a roupa da qual precisa pelo prazer de ter com seus amigos delicadezas de milionária durante três dias... Se soubessem que gosta de vagar sozinha pela noite. Que você nunca

soube o que quer e que sempre lhe falta alguma coisa... Bah! Andrea, creio que fariam o sinal da cruz quando a vissem, como se você fosse o diabo.

Aproximou-se de mim e ficou a minha frente. Colocou suas mãos em meus ombros, olhando-me.

– E você, querida, esta tarde e sempre que se trata de seu tio ou de sua casa é igual aos meus parentes... Fica horrorizada só em pensar que estou lá. Acredita que não conheço esse seu mundo, quando o que na verdade acontece é que ele me absorveu desde o primeiro instante e desejo decifrá-lo completamente.

– Você está enganada. Román e os outros da casa não têm nenhum mérito além de ser piores que as outras pessoas que você conhece e viver entre coisas rudes e sujas.

Eu falava bruscamente, percebendo que não poderia convencê-la.

– Quando cheguei a sua casa no outro dia, um mundo muito estranho apareceu ante meus olhos! Fiquei enfeitiçada. Jamais haveria podido sonhar, em plena Rua Aribau, com um quadro semelhante ao que oferecia Román tocando para mim, à luz das velas, naquela toca de velharias... Não sabe quanto pensava em você. Quanto você me interessava por viver naquele lugar inverossímil. Eu a compreendia melhor... Gostava de você. Até que você chegou... Sem perceber você me olhava de uma maneira que estragava meu entusiasmo. Por isso não me guarde rancor por querer entrar sozinha em sua casa e conhecer tudo. Porque não há nada que não me interesse... Desde essa espécie de bruxa que vocês têm como empregada, até o papagaio de Román...

“Quanto a Román, não me dirá que só tem o mérito de estar enfiado nesse ambiente. É uma pessoa extraordinária. Se o ouviu interpretar suas composições, terá que o reconhecer”.

Descemos à cidade de bonde. O ar morno da tarde erguia os cabelos de Ena. Estava muito bonita. Disse-me ainda:

– Venha a casa quando quiser... Desculpe-me por haver dito a você que não viesse. Isso é outra questão. Você já sabe que é minha única amiga. Minha mãe pergunta por você e

parece alarmada... Estava feliz por que finalmente me simpatizei por uma garota; desde que faço uso da razão, unicamente me viu cercada de rapazes...

## XV

Cheguei em casa com dor de cabeça e foi-me estranho o grande silêncio que havia na hora do jantar. A empregada se mexia com desacostumada rapidez. Na cozinha a vi acariciando o cachorro, que apoiava a cabeça em seu colo. De vez em quando sacudidelas nervosas percorriam aquela mulher, como descargas elétricas e ria mostrando os verdes dentes.

– Vai haver enterro – disse-me.

– Como?

– A criança vai morrer...

Observei que no quarto do casal havia luz.

– Veio o médico. Fui à farmácia buscar os remédios, mas não me quiseram vender fiado, porque já sabem, no bairro, como andam as coisas em casa desde a morte do pobre senhor... Não é verdade, *Trueno*?

Entreí no quarto. Juan havia feito uma proteção para que a luz não incomodasse o menino, que parecia insensível, corado pela febre. Juan tinha-o nos braços, porque o pequeno não suportava, de jeito nenhum, ficar no berço sem chorar ininterruptamente... Minha avó parecia atordoada. Vi que lhe acariciava os pés, enfiando suas mãos por debaixo do cobertor que o cobria. Rezava o terço enquanto isso e achei estranho que não chorasse. Ela e Juan estavam sentados à beira da cama de casal, e no fundo, sobre a cama também, só que apoiada na quina da parede, vi Glória que estava jogando cartas, muito preocupada. Estava sentada, à maneira dos mouros, desgrenhada e suja como de costume. Pensei que estaria jogando paciência. Às vezes o fazia.

– Que tem o menino? – perguntei.



– Não se sabe – minha avó respondeu rapidamente.

Juan olhou para ela e disse:

– Na opinião do médico é um princípio de pneumonia, mas eu acho que é do estômago.

– Ah!

– Não tem nenhuma importância. É uma criança, é forte e agüentará bem as febres - continuou dizendo Juan, enquanto segurava com grande delicadeza a cabecinha do pequeno, apoiando-a em seu peito.

– Juan! – gritou Glória – Já está na sua hora de ir embora!

Ele olhou para o menino com uma preocupação, que me haveria parecido estranha se eu não houvesse levado em conta suas palavras anteriores.

Amoleceu um pouco a voz:

– Não sei se devo ir, Glória... O que você acha? Este pequeno unicamente quer ficar comigo.

– Eu penso, homem, que não podemos nem pensar nisso. Essa oportunidade de poder ganhar algum dinheiro tranqüilamente caiu do céu. Já ficaremos com ele, eu e a mamãe. Além do que, no armazém há telefone, não é? Poderíamos avisá-lo se piorar... E como não é só você que faz a segurança, poderia vir embora. O máximo que pode acontecer é que não receba pagamento no dia seguinte.

Juan levantou-se. O menino começou a gemer. Juan sorriu com um gesto estranho, indeciso...

– Ande, homem, ande! Passe o menino para a mamãe.

Juan colocou-o nos braços da minha avó e o menino começou a chorar.

– Vamos ver! Dê para mim.

Nos braços de sua mãe, o menino parecia ficar melhor.

– Que danado! – disse minha avó com tristeza – Quando está bem, só quer o meu colo, e agora...

Juan colocava o casaco, pensativo, olhando o menino.

– Coma algo antes de sair. Há sopa na cozinha e sobra um pão no aparador.

– Sim, tomarei uma sopa quente. Colocarei numa xícara...

Antes de ir embora, ainda voltou ao quarto.

– Vou deixar este casaco. Colocarei o velho – disse cuidadosamente pegando um outro, muito gasto e manchado, que estava dependurado no cabide – Já não está fazendo frio e numa noite de guarda se estraga muito...

Via-se que não se decidia a ir embora. Glória voltou a gritar:

– Está ficando tarde, homem!

Finalmente, foi embora.

Glória embalava o menino, impaciente. Quando sentiu que a porta se fechava, permaneceu ainda, por um instante, com o pescoço tenso, escutando. Depois gritou:

– Mamãe!

Minha avó, por sua vez, havia ido jantar e estava tomando a sopa com pão, porém, parou no meio e acudiu rapidamente.

– Vamos mamãe, vamos! Depressa!

Colocou o menino no colo da minha avó sem ligar para o seu choro. Depois começou a se vestir com o que tinha de melhor: uma roupa<sup>111</sup> estampada a qual ainda trazia pendurada uma gola sem terminar de costurar e que estava amassada sobre a cadeira e um colar de contas

---

<sup>111</sup> Neste caso a tradução para a palavra *traje* foi mais adequada por não sabermos exatamente que tipo era: conjunto, terno, vestido... O fato de ser estampado nos conduziria ao vestido, mas na dúvida optamos pela palavra *roupa*.

azuis. Com o colar faziam jogo dois brincos bojudos, azuis também. Encheu a cara de pó, conforme fazia sempre, para esconder as sardas, e pintou a boca e os olhos com mãos trêmulas.

– Foi uma sorte muito grande que Juan tivesse esse trabalho esta noite, mamãe – disse, ao ver que minha avó balançava a cabeça desgostosa, andando de lá para cá com o menino, grande demais para seus braços muito velhos – Vou à casa de minha irmã, mamãe; reze por mim. Vou ver se ela me dá um pouco de dinheiro para os remédios do menino... Reze por mim, mamãe, coitadinha, e não se aborreça... Andrea fará companhia à senhora.

– Sim, vou ficar estudando.

– Não vai jantar antes de sair, menina?

Glória ficou pensando por meio minuto e depois se decidiu por engolir a janta num piscar de olhos<sup>112</sup>. A sopa da avó, no prato, esfriava e ficava viscosa. Ninguém voltou a reparar nela.

Quando Glória saiu, a empregada e *Trueno* foram dormir em seu quarto. Eu acendi a luz da sala de jantar – que era a melhor da casa – e abri os livros. Não conseguia estudar, naquela noite, não me interessavam e não os entendia. Mas assim se passaram duas ou três horas. Era aquele, um dos últimos dias de maio e tinha que me esforçar no meu trabalho. Recordo que começou a se tornar obsessivo o prato de sopa quase cheio que estava abandonado a minha frente. O pedaço de pão mordido.

Escutei algo assim como o som de uma mosca varejeira. Era minha avó que se aproximava cantarolando para o menino que carregava no colo. Sem deixar o tom de cantilena me disse:

– Andrea, minha filha... Andrea, minha filha... Venha rezar o terço comigo.

Custou-me trabalho entendê-la. Depois a segui até o quarto.

– Quer que segure o menino, um pouquinho ?

---

<sup>112</sup> Tradução para *santiamén*, ou seja, de maneira muito rápida, quase sem mastigar.

Minha avó mexeu a cabeça energicamente em sentido negativo. Sentou-se outra vez na cama. O menino parecia dormir.

– Puxe-me o terço do bolso.

– Não está com os braços doendo?

– Não... não. Ande! Ande!

Comecei a recitar as belas palavras da Ave-Maria. As palavras da Ave-Maria, que sempre me pareceram azuis. Ouvimos a chave na fechadura da porta. Eu pensei que fosse Glória e virei-me rapidamente. Levei um grande susto ao ver Juan. Ao que parecia não havia podido dominar sua inquietação e havia regressado antes da manhã. A cara de minha avó expressou um terror tal, que Juan logo percebeu. Inclinou-se, rapidamente, para o menino que dormia corado, com a boca entreaberta. Mas logo se endireitou.

– O que fez Glória? Onde ela está?

– Glória descansa um pouco... ou talvez não... Não! Não é, Andrea? Saiu para buscar algo na farmácia... Já não me lembro. Diga você, Andrea, minha filha...

– Não minta para mim, mamãe! Não me faça maldizer!

Novamente estava exasperado. O menino acordou e começou a fazer beicinhos. Ele o pegou nos braços por um momento, cantarolando para ele sem tirar o casaco, úmido da rua. Às vezes blasfemava entre dentes. Cada vez ficava mais agitado. Terminou por deixar a criatura no colo da minha avó.

– Juan! Aonde vai, filho? O menino vai chorar...

– Vou trazer Glória, mamãe, trazer ela arrastada pelos cabelos se for necessário, para junto de seu filho...

Tremia todo o seu corpo. Bateu a porta com força. Minha avó começou a chorar, finalmente.

– Vá com ele, Andrea! Vá com ele, filha, porque vai matá-la! Vá!

Sem pensar em nada, coloquei o casaco e me pus a correr escadas abaixo atrás de Juan.

Corri em seu alcance como se disso dependesse minha vida. Assustada. Vendo aproximarem-se as luzes da rua e as pessoas aos meus olhos como imagens confusas. A noite estava tépida, mas carregada de umidade. Uma luz branca iluminava magicamente os galhos carregados de um nostálgico verde da última árvore da Rua Aribau.

Juan caminhava depressa, quase correndo. Nos primeiros momentos, mais do que ver, adivinhei-o de longe. Pensei preocupada que se lhe ocorresse pegar um bonde eu não teria dinheiro para persegui-lo.

Chegamos à Praça da Universidade quando o relógio do prédio dava meia-noite e meia. Juan atravessou a praça e ficou parado em frente da esquina onde desemboca a Ronda de Santo Antônio e onde começa, escura, a Rua Tallers. Um rio de luzes corria a Rua Pelayo abaixo. Os anúncios piscavam seus olhos num jogo enfadonho. Diante de Juan passavam bondes. Ele olhava para todos os lados, como para orientar-se. Estava magro demais e o casaco ficava sobrando, enchia-se de vento, brincava com suas pernas. Eu estava ali, quase ao seu lado; sem me atrever a chamá-lo. Para que serviria que eu o chamasse?

Meu coração batia pelo esforço feito na corrida. Vi que ele dava alguns passos em direção à Ronda de Santo Antônio e o segui. De repente, virou-se tão depressa que ficamos frente a frente. No entanto, ele pareceu não se dar conta, passou ao meu lado em direção contrária àquela que antes havia tomado, sem me ver. Outra vez chegou à Praça da Universidade e agora entrou pela Rua Tallers. Por ali não nos encontrávamos com ninguém. As luzes pareciam mais amortecidas e a pavimentação era ruim. Juan voltou a se deter na bifurcação da rua. Lembro que havia uma fonte pública ali, com a torneira mal fechada e que no empedrado formavam-se charcos. Juan olhou por um momento em direção ao barulho da caixa de luz que marcava a desembocadura da rua nas Ramblas. Depois virou o corpo e dobrou pela Rua Ramalleras, igualmente estreita e sinuosa. Eu corria para segui-lo. De um armazém fechado veio um cheiro de palha e de fruta. Por cima de um muro aparecia a lua. Todo o meu sangue corria comigo, a grandes golpes, no meu corpo.

Cada vez que por uma travessa víamos as Ramblas, Juan sobressaltava-se. Movia os olhos afundados em todas as direções. Mordia as bochechas. Na esquina da Rua Carmen – mais iluminada que as outras – eu o vi ficar parado, com o cotovelo direito apoiado na palma da mão esquerda e acariciando pensativo as maçãs do rosto, como prisioneiro de um grande trabalho mental.

O percurso que fazíamos parecia não ter fim. Eu não tinha idéia de onde ele queria ir, e pouco me importava. Estava-se instalando, em minha cabeça, a obsessão de segui-lo e esta idéia dominava-me de tal maneira, que já nem sequer sabia para quê. Logo me dei conta de que podíamos ter feito um caminho duas vezes mais curto. Cruzamos, atravessando em parte, o mercado de São José. Ali nossos passos ressoavam debaixo do alto teto. No enorme recinto, inúmeras bancas fechadas davam um aspecto morto e havia uma grande tristeza nas fracas luzes amareladas disseminadas de quando em quando. Ratazanas enormes, com os olhos brilhantes como gatos, fugiam ruidosamente dos nossos passos. Algumas se detinham em seu caminho, gordíssimas, pensando talvez em fazer-nos frente. Cheirava indefinidamente a fruta apodrecida, a restos de carne e a peixe... Um vigia olhou-nos passar com ar de suspeita ao sairmos nas ruelas de trás, correndo como íamos, um depois do outro.

Ao chegar à rua do hospital, Juan se lançou às luzes das Ramblas, das que até então parecia haver fugido. Estávamos na Rambla do Centro. Eu, quase ao lado de Juan. Ele parecia farejar-me desde o subconsciente, porque a cada instante virava a cabeça para trás. Embora seus olhos passassem por mim, muitas vezes, não me via. Parecia um tipo suspeito, um ladrão que fugisse trombando com as pessoas. Creio que alguém me disse uma barbaridade. Nem sequer tenho certeza, embora seja possível que tivessem mexido comigo e rissem de mim muitas vezes. Eu não pensei nem por um momento aonde poderia me levar esta aventura, nem tampouco como ia fazer para acalmar um homem cujos furiosos repentes conhecia tão bem. Sei que me tranquilizava pensar em que não levava armas. Quanto ao resto, meus pensamentos tremiam na mesma excitação que me apertava a garganta até quase sentir dor.

Juan entrou pela Rua Conde del Asalto, formigando de gente e de luz naquela hora. Percebi que isto era o início do Bairro Chino. “O brilho do diabo”, do qual havia me falado Angústias, mostrava-se empobrecido e estridente, no meio de exagerada abundância de

cartazes com retratos de *bailarinas e bailaores*<sup>113</sup>. Pareciam portas dos cabarés com atrações, barracas de quermesse... A música aturdiu em ondas ácidas, saindo de todas as partes, misturando-se e desarmonizando-se. Passando depressa entre uma onda humana que, às vezes, desesperava-me porque me impedia de ver Juan, veio-me a lembrança vivíssima de um carnaval que havia visto quando pequena. As pessoas, na verdade, eram grotescas: um homem passou ao meu lado com os olhos carregados de rímel sob um chapéu largo. Suas maçãs do rosto estavam coradas. Todo mundo parecia-me disfarçado com mau gosto e chegava até mim o barulho e o cheiro de vinho. Nem sequer estava assustada, como naquele dia e que, encolhida junto à saia de minha mãe, ouvi as gargalhadas e as ridículas contorções das máscaras. Tudo aquilo não era mais que a moldura de um pesadelo, irreal como tudo o que fosse externo a minha perseguição.

Perdi de vista de Juan e fiquei aterrorizada. Alguém me empurrou. Ergui os olhos e vi no fundo da rua a montanha de Montjuich envolta, com seus jardins, na pureza da noite...

Encontrei Juan, finalmente. O coitado, estava parado. Olhando a vitrine iluminada de uma leiteria, a qual mostrava uma fila de pudins apetitosos. Movia os lábios e com a mão tocava a barba pensativo. “Este é o momento – pensei – de colocar minha mão sobre o seu braço. De trazê-lo à razão. De dizer-lhe que Glória seguramente estará em casa...”. Não fiz nada.

Juan retomou a caminhada entrando – depois de olhar para orientar-se – numa daquelas ruelas escuras e fétidas que ali abrem suas bocas. Novamente a peregrinação transformou-se numa caçada entre as sombras cada vez mais escuras. Perdi a conta das ruas por onde entrávamos. As casas apertavam-se, altas, transpirando umidade. Por detrás de algumas portas ouvia-se música. Cruzamos com um casal abraçado grosseiramente e enfiei o pé num charco de lodo. Para mim parecia que algumas daquelas ruas tinham diluído na escuridão um bafo avermelhado. Outras, uma luz azulina. Passavam alguns homens e suas vozes mostravam-se rudes naquele silêncio. Minha cabeça desanuviava-se por alguns momentos e aproximava-me de Juan para que vissem que ia em sua companhia. Quando Juan e eu ficávamos sozinhos novamente, ficava mais tranqüila, atenta somente ao ruído de seus

---

<sup>113</sup> Dançarinos de flamenco.

passos.

Lembro-me de que íamos por uma estreita rua negra, completamente silenciosa, quando se abriu uma porta pela qual saiu arremessado um homem bêbado, com tanta má sorte, que caiu por cima de Juan, fazendo-o desequilibrar-se. Pareceu que uma descarga elétrica lhe percorria as costas. Num abrir e fechar de olhos, deu-lhe num golpe, um soco no queixo, e ficou parado, aguardando que o outro se refizesse. Depois de alguns minutos estavam engalfinhados numa luta animal. Eu mal podia vê-los. Ouvia-os arfar e blasfemar. Uma voz fanhosa rompeu o ar acima de nós, de uma janela invisível: O que está acontecendo aqui?

Em seguida fiquei surpresa com a animação que subitamente encheu a rua. Dois ou três homens e alguns garotos, que pareciam ter brotado da terra, rodearam os que lutavam. Uma porta entreaberta lançava na rua um jato de luz que me cegava.

Eu estava apavorada e procurava ficar invisível. Não tinha idéia do que poderia acontecer nos próximos minutos. Em cima daquele inferno – como se sobre o céu da rua cavalgassem bruxas – ouvíamos vozes ásperas que pareciam apavorantes. Vozes de mulheres incentivando os lutadores com suas provocações<sup>114</sup> e com suas risadas. Alucinada, pareceu-me que gordas caras flutuavam no ar, como bexigas que, às vezes, as crianças deixam escapar.

Ouvi um rugido e vi que Juan e seu inimigo haviam caído revirando-se no barro da rua. Ninguém tinha a intenção de separá-los. Um homem enfocou-os com sua lanterna, e então vi que Juan atirava-se ao pescoço do outro para mordê-lo. Um dos que olhavam deu uma garrafada em Juan com boa pontaria, fazendo-o dar voltas e cair no lodo. Depois de poucos segundos, endireitou-se.

Naquele momento alguém deu um grito de alarme parecido com a sirene dos bombeiros ou a especial buzina do carro da polícia, que tanto impressiona nos filmes. Num instante ficamos sozinhos Juan e eu. Inclusive o adversário bêbado havia desaparecido. Juan levantou-se cambaleando. Ouvimos lá no alto risinhos abafados. Eu, que estava pasma numa

---

<sup>114</sup> Tradução para *pullas*: palavra ou dito obsceno com a qual se humilha indiretamente a alguém: *durante el debate se lanzaron pullas*. Foi evitada a palavra semelhante em português “pulha” por ser mais empregada no sentido adjetivo de sem caráter: fulano é um pulha.



estranha inatividade, reagi de repente, pulando, com uma pressa febril, como de loucura, em direção a Juan. Ajudei-o a colocar-se totalmente em pé e pus as mãos em suas roupas molhadas de sangue e de vinho. Ofegava.

Eu ouvia, no meu cérebro, repercutir as batidas de meu coração. Ensurdecia-me seu ruído.

– Vamos embora! – quis dizer – Vamos!

A voz não me saiu e comecei a dar empurrões em Juan. Queria poder voar. Sabia ou acreditava que iam chegar os policiais logo em seguida e levei Juan por outra rua. Antes de virar a segunda esquina ouvimos passos. Juan havia reagido bastante, mas deixava-se guiar por mim. Apertei-me contra seu ombro e ele abraçou-me. Passou um grupo de pessoas. Eram indivíduos que pisavam fortemente e conversavam fazendo brincadeiras. Não nos disseram nada. Instantes depois estávamos separados. Meu tio apoiado na parede, com as mãos nos bolsos, e derramada sobre nós dois a luz de um poste.

Olhou para mim dando-se conta de quem eu era. Mas não me disse nada porque, sem dúvida, parecia-lhe natural que eu estivesse, naquela noite, no coração do bairro chinês. Peguei um lenço do seu bolso, para que limpasse o sangue que gotejava sobre seu olho. Amarrei-o e depois ele se apoiou em meu ombro, virando a cabeça e tratando de orientar-se. Eu comecei a me sentir tão cansada como naqueles tempos, com frequência, acontecia-me. Meus joelhos tremeram até o ponto de que caminhar se fazia difícil. Tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Vamos para casa Juan!... Vamos!

– Acredita que fiquei louco com o golpe, sobrinha? Sei muito bem o que vim fazer aqui...

Novamente se enfureceu e tremia-lhe o maxilar.

– Glória deve estar em casa a estas horas. Apenas foi ver sua irmã para pedir que lhe emprestasse dinheiro para os remédios.

– Mentiras! Sem-vergonha! Quem manda você se meter no que não lhe interessa?. – Tranqüilizou-se um pouco – Glória não tem que pedir dinheiro a essa bruxa. Hoje mesmo lhe prometeram por telefone, que amanhã às oito, teríamos em casa cem pesetas que ainda me devem por um quadro... Quer dizer que foi pedir dinheiro? Como se eu não soubesse que a irmãzinha não dá nem boa noite!... Só que ela não sabe que hoje quebro a cabeça dela! Comigo pode agir mal, mas que seja pior que os animais com seus filhotes, isso não lhe permito. Prefiro que morra de uma vez, a maldita!... O que ela gosta é de beber e de divertir-se em casa de sua irmã. Conheço-a bem. Mas se tem miolo de galinha<sup>115</sup>... como você, e como todas as mulheres!... pelo menos, que seja mãe, a ...!

Tudo isso estava semeado de palavras que lembro bem, mas para que vou repeti-los?

Ia falando enquanto caminhávamos. Ele apoiado em meu ombro e empurrando-me ao mesmo tempo. Naqueles dedos que me agarravam, eu sentia cravar-se toda a energia dos nervos. E a cada passo, a cada palavra, sua força se intensificava.

Sei que voltamos a passar novamente pela mesma rua da briga, mergulhada, agora, no silêncio. Ali Juan farejou como um cachorro em busca de um rastro, como um dos cachorros sarnentos que encontrávamos às vezes fuçando na imundice... Superior àquele cansaço e àquela podridão se erguia a luz da lua. Só tinha de se olhar para o céu e vê-la. Embaixo, nas ruelas, ela era esquecida por nós...

Juan começou a esmurrar uma porta. Responderam-lhe os ecos de seus golpes. Juan continuou dando chutes e socos por um bom tempo, até que lhe abriram. Então, afastou-me com um empurrão e entrou deixando-me na rua. Ouvi algo como um grito sufocado lá dentro. Depois nada. A porta fechou-se no meu nariz.

De repente, estava tão cansada, que me sentei no umbral, com a cabeça entre as mãos, sem refletir. Um pouco depois me veio uma vontade de rir. Tapei minha boca com as mãos que tremiam porque o riso era mais forte do que eu. Para isso toda a corrida, a perseguição esgotante!... O que aconteceria se não saíssem de lá por toda a noite? Como eu ia encontrar, sozinha, o caminho para casa? Creio que depois estive chorando. Passou muito tempo, uma

---

<sup>115</sup> Tradução para a expressão *sesos de conejo*. Encontramos uma expressão também popular para dizer que alguém tem pouco ou nenhum cérebro, inteligência.

hora talvez. Do chão amolecido subia a umidade. A lua iluminava o pico de uma casa com um banho prateado. O resto ficava na escuridão. Comecei a sentir frio, apesar da noite primaveril. Frio e medo indefinido. Comecei a tremer. Abriu-se a porta às minhas costas e uma cabeça de mulher surgiu cautelosa, chamando-me:

– *Pobreta!... Entra, entra.*<sup>116</sup>

Encontrei-me no local fechado de um comércio de alimentos e bebidas, iluminado unicamente por uma lâmpada muito fraca. Junto ao balcão estava Juan, girando entre os dedos um copo cheio. Do outro cômodo vinha um barulho animado e um jato de luz se filtrava através de uma cortina. Sem dúvida se jogava baralho. “Onde estará Glória?”, pensei. A mulher que havia aberto a porta para mim era muito gorda e tinha o cabelo tingido. Molhou a ponta de um lápis em sua língua e marcou algo em um livro.

– De modo que já é hora que fique sabendo de seus assuntos, Juan. Já é hora que saiba que Glória sustenta você... Isso de vir disposto a matar é muito bonito... e a tonta<sup>117</sup> de minha irmã agüentando tudo em vez de dizer-lhe que ninguém quer os quadros, além dos sucateiros... E você com sua presunção de senhor da Rua Aribau...

Virou-se para mim:

– *Vols una mica d'aiguarent, nena?*<sup>118</sup>

– Não, obrigada.

– *Que delicadeta ets, noia!*<sup>119</sup>

E começou a rir.

Juan escutava o sermão, sombrio. Eu nem sequer pude imaginar o que aconteceu enquanto estive na rua. Juan já não levava o lenço na cabeça. Observei que sua camisa estava rasgada. A mulher continuou:

<sup>116</sup> Tradução do catalão: - Pobrezinha!... Entre, entre.

<sup>117</sup> Tradução para *Sopa boba*: Embora a definição desta expressão seja: *Vida holgazana y a expensas de otro* (DRAE), aqui no contexto essa idéia no se confirma porque a irmã de Glória a vê como uma tonta que tudo suporta.

<sup>118</sup> Tradução do catalão: Quer um pouco de aguardente, menina?

<sup>119</sup> Tradução do catalão: Como você é delicada, moça!

– E pode dar graças a Deus, Joanet, que sua mulher goste de você. Com o corpo que tem poderia pôr-lhe bons chifres e sem passar por tantos sustos como acontece com a *pobreta* para poder vir jogar baralho. Tudo para que o “grande senhor” acredite que é um pintor famoso...

Começou a rir, mexendo a cabeça, Juan disse:

– Se não se calar, eu a estrangulo! Maldita!

Ela se ergueu ameaçadora... Mas naquele instante mudou de expressão para sorrir a Glória que aparecia, saindo de uma porta lateral. Juan sentiu sua chegada também, mas fingiu não a ver olhando para o copo. Glória parecia cansada. Disse:

– Vamos embora, homem!

E segurou o braço de Juan. Sem dúvida o havia visto antes. Deus sabe o que haveria acontecido entre eles.

Sáímos à rua. Quando a porta se fechou atrás de nós, Juan pôs um braço pelas costas de Glória, apoiando-se em seus ombros. Caminhamos, por um tempo, em silêncio.

– O menino está morto? – perguntou Glória.

Juan disse que não com a cabeça e começou a chorar. Glória estava espantada. Ele a abraçou, a apertou contra o seu peito e continuou chorando, todo sacudido por espasmos, até que a fez chorar também.

## XVI

Román entrou impetuosamente em casa, parecia rejuvenescido.

– Entregaram meu terno novo? – perguntou à empregada.

– Sim, senhor Román. Levei lá para cima...

*Trueno* começou a se levantar, preguiçoso e gordo, para cumprimentar Román.

– Este *Trueno* – disse meu tio, franzindo o cenho – está se tornando decadente demais... Meu amigo, se continuar assim vou degolá-lo como a um porco...

O sorriso ficou congelado no rosto da empregada. Seus olhos tornaram-se brilhantes.

– Não diga bobagens, senhor Román! Pobre *Trueno*! Se cada dia está mais bonito!... Não é verdade, *Trueno*? Não é verdade, filhote?

A mulher ficou de cócoras e o cachorro colocou suas patas nos ombros dela e lambeu seu rosto escuro. Román olhava com curiosidade a cena e curvavam-se os lábios numa expressão indefinível.

– De todas as formas, se este cachorro continuar assim, vou matá-lo. Não gosto de tanta felicidade e tanto embotamento.

Román deu meia volta e foi embora. Ao passar me fez um carinho no rosto. Estavam brilhantes seus olhos negros. A pele de seu rosto era morena e dura, havia nela numerosas pequenas rugas fundas, como feitas com canivete. No brilhante e enrolado cabelo preto, alguns fios brancos. Pela primeira vez pensei na idade de Román. Justamente pensei nisso, naquele dia em que parecia mais jovem.

– Precisa de dinheiro, menina? Quero fazer-lhe um presente. Fiz um bom negócio.

Não sei o que me impulsionou a responder:

– Não preciso de nada. Obrigada, Román...

Deu um meio sorriso, confuso.

– Bom. Darei cigarros para você. Tenho alguns maravilhosos...

Parecia que queria dizer alguma coisa mais. Deteve-se quando ia embora.

– Já sei que agora estão numa boa temporada “esses” – e indicou, irônico, o quarto de Juan –. Não posso ficar tanto tempo fora de casa...

Eu não lhe disse nada. Foi embora finalmente.

– Você ouviu? – disse-me Glória –. Román compra um terno novo... e camisas de seda, menina... O que você acha?

– Parece-me bem – dei de ombros.

– Román nunca se preocupou com suas roupas. Diga a verdade, Andrea. Você acha que está apaixonado? Román se apaixonou com muita facilidade, menina.

Glória não estava mais tão bonita. O rosto estava mais abatido por aquele mês de maio e seus olhinhos pareciam mais fundos.

– Román também gostava de você no começo, não é? Agora já não gosta mais. Agora prefere sua amiguinha Ena.

A idéia de que eu pudesse ter agradado a meu tio como mulher era tão absurda que fiquei pensativa. “Como serão nossos atos e nossas palavras interpretados por esse tipo de cérebro?”, cogitei preocupada, olhando a branca testa de Glória.

Fui embora para a rua, ainda refletindo sobre estas coisas. Caminhava depressa e distraída, mas me dei conta de que um velho de nariz vermelho atravessava a rua e vinha em minha direção. Possuía do mesmo mal-estar de sempre, segui por minha vez para a outra calçada, não podendo evitar, entretanto, que nos encontrássemos no meio. Ele chegou sem fôlego para passar justamente a meu lado, erguer o velho gorro<sup>120</sup> e cumprimentar-me.

– Bom dia, senhorita!

Aquele malandro tinha os olhos brilhantes de ansiedade. Cumprimentei-o com uma inclinação de cabeça e fugi.

Eu o conhecia bem. Era um velho “pobre” que nunca pedia nada. Encostado numa esquina da Rua Aribau, vestido com certa decência, permanecia horas em pé, apoiando-se em sua bengala e espiando. Não tinha importância se fazia frio ou calor: ele estava ali sem gemer, chorar ou gritar, como esses outros mendigos expostos sempre a serem recolhidos e levados

---

<sup>120</sup> Tradução para *gorra*. Também pode referir-se a um boné, más devido ao tempo frio e ser um mendigo quem o usa, é mais comum o termo gorro, geralmente de lã.

ao asilo. Ele só cumprimentava com respeitosa cortesia os transeuntes, que às vezes se compadeciam e colocavam em suas mãos uma esmola. Nada podia ser reprovado nele. Eu sentia por ele uma antipatia especial que com o tempo ia crescendo e me exasperando. Era meu protegido por obrigação, e por isso creio que o odiava tanto. Não me passava pela cabeça, naquela época, mas sentia-me obrigada a dar-lhe uma esmola e a ficar com vergonha quando não tinha dinheiro para fazê-lo. Eu havia herdado o velho de minha tia Angústias. Lembro-me de que cada vez que saíamos, ela e eu, à rua, a tia depositava cinco centavos, naquela mão avermelhada que se erguia num bom cumprimento. Além disso, parava para falar com ele em tom autoritário, obrigando-o a contar mentiras ou verdades de sua vida. Ele respondia a todas as suas perguntas com a mansidão desejada por Angústias... Às vezes os olhos lhe fugiam na direção de algum “cliente” ao qual ardia de vontade de cumprimentar e cuja visão, minha tia e eu, atrapalhávamos, paradas na calçada. Mas Angústias continuava interrogando:

– Responda! Não se distraia!...E é verdade que o seu netinho não conseguiu uma vaga no orfanato? E sua filha, morreu afinal? E...?

Finalmente concluía:

– Saiba que ficarei sabendo o que há de verdade em tudo isso. Pode custar-lhe muito caro enganar-me.

Desde aqueles tempos já havíamos ficado unidos, ele e eu, por um laço forçado, porque tenho certeza de que adivinhou minha antipatia por Angústias. Um sorriso mansarrão lhe vagava pelos lábios entre as decentes barbas prateadas, e enquanto isso seus olhos me disparavam, por instantes, faíscas de inteligência. Eu o olhava desesperada.

“Por que não a manda passear?”. Eu lhe perguntava sem falar.

Seus olhos continuavam faiscando.

– Sim, senhorita. Deus a abençoe, senhorita! Ai, senhorita, por quanta coisa nós, que somos pobres, temos de passar! Deus, Nossa Senhora de Montserrat e Nossa Senhora do

Pilar<sup>121</sup> acompanhem a senhorita!

Ao final recebia sua paga de cinco centavos com toda a humildade e bajulação. Angústias respirava com o orgulho inflado.

– Temos que ser caridosas, filha...

Desde então eu tinha antipatia pelo velho. O primeiro dia que tive dinheiro em minhas mãos, dei-lhe cinco pesetas, para que ele se sentisse também liberado da mesquinhez de tia Angústias e tão feliz como eu; naquele dia eu havia querido repartir-me, fundir-me com todos os seres da Criação. Quando começou a desfiar toda sorte de bajulações, aborreceu-me de tal maneira que lhe disse antes de sair correndo para não ouvi-lo:

– Cale-se, homem!

No dia seguinte, já não tive dinheiro para dar-lhe, nem no outro. Mas seu cumprimento e seus olhos bailarinos perseguiam-me, tornaram-se uma obsessão naquele trechinho da Rua Aribau. Inventei mil armadilhas para escapular e para enganá-lo. Algumas vezes dei uma volta subindo para a Rua Muntaner. Naquela época, foi que adquiri o costume de comer frutas secas, pela rua. Algumas noites, faminta, comprava um cone<sup>122</sup> de amêndoas na barraca da esquina. Era impossível esperar para chegar em casa para comê-las... Nesses momentos, sempre me seguiam dois ou três garotos descalços.

– Uma amendoazinha! Olhe que estamos com fome!

– Não seja malvada!

(Ah! Malditos!, pensava eu. Vocês devem ter comido algo quente, em algum refeitório da Assistência Social. Vocês não têm o estômago vazio). Olhava-os furiosa. Dava cotoveladas para ficar livre deles. Um dia, um cuspiu-me... Mas se passava diante do velho, se tinha a má sorte de dar de cara com seus olhos, dava-lhe o cone inteiro que levava na mão, às vezes, quase cheio. Eu não sei por que o fazia. Não me inspirava a menor compaixão, mas mexiam

---

<sup>121</sup> Padroeiras da Catalunha e da Espanha, respectivamente.

<sup>122</sup> Tradução para *cucurucho*. Tipo de embalagem de papel em forma de cone utilizada para vender amendoins, doces ou pequenas coisas.



com meus nervos seus olhos pacíficos. Colocava-lhe as amêndoas nas mãos como se as jogasse em sua cara e logo ficava um tanto trêmula de raiva e de apetite insatisfeito. Não o podia suportar. Assim que recebia meu pagamento, pensava nele e o velho tinha um salário de cinco pesetas mensais que representavam um dia a menos de comida para mim. Era tão perspicaz, o safado, que já nem me agradecia. Isso sim, não podia prescindir de seu cumprimento. Sem seu cumprimento, eu teria me esquecido dele. Era sua arma de combate.

Aquele dia foi o primeiro de minhas férias. Havia terminado os exames e encontrei-me com um ano do curso concluído. Pons perguntou-me:

– O que você pensa fazer, neste verão?

– Nada, não sei...

– E quando concluir o curso?

– Tampouco sei. Darei aulas, imagino.

(Pons tinha a habilidade de inquietar-me com suas perguntas. Enquanto lhe dizia que ia dar aulas, compreendia claramente que eu nunca poderia ser uma boa professora).

– Não preferiria casar-se?

Eu não lhe respondi.

Havia saído naquela tarde para a rua, atraída pelo dia quente e vagava sem nenhum rumo definido. Decidi ir, na última hora, para o estúdio de Guíxols.

Apenas havia cruzado com o velho mendigo, vi Jaime tão distraído como eu. Estava sentado em seu carro, parado ali, junto a uma calçada da Rua Aribau. A figura de Jaime trouxe-me muitas lembranças, entre elas a de meu desejo de rever Ena. Jaime estava fumando, apoiado contra o volante. Lembrei que, até então, nunca o havia visto fumar. Por uma casualidade levantou os olhos e viu-me. Tinha uns movimentos muito rápidos; pulou do carro e pegou-me pelas mãos.

– Chega oportunamente, Andrea. Tinha muita vontade de ver você... Ena está na sua casa?

Não.

– Mas, será que vem?

– Eu não sei, Jaime.

Parecia avoado.

– Quer vir dar uma volta comigo?

– Sim, com muito gosto.

Sentei-me ao seu lado, no carro, olhei seu rosto e pareceu-me mergulhado em pensamentos, totalmente alheios a mim. Saímos de Barcelona pela estrada de Vallvidrera. Num instante nos envolveram os pinheiros com seu cálido perfume.

– Você já sabe que Ena e eu não estamos nos vendo agora? – perguntou-me Jaime.

– Não. Tampouco eu a vejo muito, ultimamente.

– No entanto, vai a sua casa.

Fiquei um pouco vermelha.

– Não é para me ver.

– Sim, eu sei, já imaginava... mas acreditei que você a via, que falava com ela.

– Não.

– Gostaria que lhe dissesse, se a vir, uma coisa de minha parte...

– Sim?

– Quero que saiba que tenho confiança nela.

– Bem, direi a ela.

Jaime parou o carro e caminhamos à beira da estrada entre os troncos avermelhados e dourados. Naquele dia eu estava disposta num ânimo especial para olhar para as pessoas. Perguntei-me, como antes havia feito com Román, qual seria a idade de Jaime. Estava em pé a meu lado, muito esbelto, olhando o maravilhoso panorama. Na testa lhe formavam rugas verticais. Virou-se para mim e disse:

– Hoje fiz vinte e nove anos... O que você tem?

Meu espanto vinha porque ele havia respondido a minha pergunta interior. Olhava-me e ria sem saber a que atribuir minha expressão. Eu contei a ele.

Estivemos por uns instantes ali, quase sem dizer nada, em perfeita harmonia, e depois, de comum acordo, voltamos para o auto. Quando pôs o carro em movimento, perguntou-me:

– Você gosta muito de Ena?

– Demais. Não existe outra pessoa de quem eu goste mais.

Olhou-me rapidamente.

– Bom... Deveria dizer-lhe como aos pobres... Que Deus a abençoe!... Mas não é isso o que vou lhe dizer, senão que não a deixe sozinha por estes tempos, que fique perto dela... Está acontecendo algo estranho com ela. Tenho certeza. Creio que está infeliz.

– Mas... por quê?

– Se eu soubesse, Andrea, não teríamos brigado e nem teria que lhe pedir para que a acompanhe, isso, eu mesmo faria. Creio que não agi bem com Ena, não quis entendê-la... Agora, depois que refleti, sigo-a pelas ruas, faço as maiores bobagens para vê-la e não quer nem me escutar. Foge de mim quando me vê aparecer. Ontem à noite mesmo escrevi uma carta para ela... Não a li, porque sei que a rasgaria, e não a coloquei no correio porque me parece que vou ficando velho para escrever cartas de amor de doze folhas<sup>123</sup>. No entanto, teria

---

<sup>123</sup> Tradução para *pliegos*: tipo de folha de 43,5 cm de comprimento por 31,5 cm de largura, dobrada ao meio ou em varias partes. É maior que a de sulfite de 30 cm por 21 cm.

acabado por mandá-la a sua casa se você não tivesse aparecido. Eu prefiro que você conte para ela. Poderá? Diga que tenho confiança nela e que nunca lhe perguntarei nada. Mas que necessito vê-la.

– Sim, direi a ela.

Depois disto não falamos mais. A mim, a conversa com Jaime havia me parecido confusa e ao mesmo tempo emocionava-me com sua ambigüidade.

– Onde quer que a leve? – perguntou-me ao entrarmos em Barcelona.

– Até a Rua Montcada<sup>124</sup>, se fizer o favor.

Levou-me até lá, em silêncio. Na porta do velho palácio, onde tinha seu estúdio Guíxols, despedimo-nos. Naquele momento chegava também Iturdiaga. Percebi que Jaime e ele se cumprimentavam friamente.

– Vocês sabiam que esta mocinha chegou de carro? – disse Iturdiaga quando estávamos no estúdio.

Temos que preveni-la contra Jaime – acrescentou depois.

– Ah, sim? E, por quê?

Pons olhou-me um pouco magoado...

Iturdiaga opinou que Jaime era uma calamidade. Seu pai havia sido um famoso arquiteto e pertencia a uma família rica.

– Um menino mimado, enfim – disse Iturdiaga – uma pessoa sem iniciativa que não faz nada da vida.

Jaime era filho único e havia começado estudar a mesma profissão que a do seu pai. A

---

<sup>124</sup> É uma rua de grande densidade artístico-cultural, graças a que nos últimos anos foram recuperados os antigos palácios e edifícios aristocráticos dos séculos XIV ao XVIII. É onde está localizado o Museu Picasso. A Rua Montcada desemboca no Paseo de Born já citado anteriormente na obra. Esta rua identifica-se com o estúdio “artístico” dos amigos boêmios de Andrea.

guerra cortou pela metade seus estudos, e quando terminou, Jaime estava órfão e com uma fortuna bastante considerável. Faltavam-lhe dois anos para formar-se arquiteto, mas não havia se preocupado em continuar estudando. Dedicava-se a se divertir e a não fazer nada o dia todo. Na opinião de Iturdiaga, era um ser desprezível. Lembro-me de Iturdiaga, enquanto dizia estas coisas: estava sentado com as pernas cruzadas, com cara de anjo da justiça, quase inflamado de indignação.

– E, quando é que você vai começar a estudar para a prova do Estado, Iturdiaga? – disse-lhe numa pausa, sorrindo.

Iturdiaga olhou-me altivo. Abriu os braços... Depois continuou sua diatribe<sup>125</sup> contra Jaime.

Pons observava-me com insistência e começou a incomodar-me.

– Ontem à noite, para ser ainda<sup>126</sup> mais preciso, vi este Jaime numa boate do Paralelo – disse Iturdiaga – estava sozinho e muito jururu em seu canto.

– E você, o que fazia?

– Eu me inspirava. Aproveitava tipos para meus romances... Tenho, ainda, um garçom que me consegue absinto legítimo...

– Bah! Bah!... Água tingida de verde será – disse Guíxols.

– Não, senhor!... Mas, escutem-me. Quis contar para vocês minha nova aventura desde que cheguei e me distraí. Na mesma noite de ontem encontrei minha alma gêmea, a mulher ideal. Apaixonamo-nos sem trocar uma única palavra. Ela é estrangeira. Deve ser russa ou norueguesa. Tem as maçãs do rosto eslavas e os olhos mais sonhadores e misteriosos que já vi. Estava naquele mesmo cabaret onde vi Jaime, mas parecia deslocada ali. Elegantíssima, estava acompanhada por um tipo estranho que a devorava com os olhos. Ela lhe dava pouca atenção. Estava entediada, parecia nervosa... Nesse instante olhou para mim... Foi unicamente

---

<sup>125</sup> Tradução para *diatriba*. Palavra pouco usada, tanto em espanhol como em português. Quer dizer: discurso violento ou injurioso, crítica severa e mordaz, “malhação”.

<sup>126</sup> Tradução para a expressão *por más señas*. Usa-se ao acrescentar à conversa algo que acabou de lembrar.

um segundo, amigos, mas, que olhada! Dizia-me tudo com ela: seus sonhos, suas esperanças... Hei de adverti-los de que não é uma aventureira, trata-se de uma garota tão jovem como Andrea, delicada, puríssima...

– Conheço você, Iturdiaga. Deve ter quarenta anos, usará o cabelo tingido e terá nascido na Barceloneta<sup>127</sup> ...

– Guíxols! –gritou Iturdiaga.

– Desculpe, *noi*<sup>128</sup>, mas sei como é que você faz<sup>129</sup> ...

– Bom, mas, a aventura não pára por aí. Naquele instante o tipo que a acompanhava voltou porque tinha ido pagar a conta e os dois se levantaram. Eu não sabia o que fazer. Quando chegavam à porta, a garota virou-se e olhou para o interior do cabaré, como que me procurando... Amigos! Pulei da cadeira, deixei o café sem pagar...

– Então era café e não absinto.

– Deixei o café sem pagar e corri atrás deles. Naquele instante minha loira desconhecida e seu acompanhante subiam em um táxi... Não sei o que senti. Não há palavras para explicar aquele dilaceramento... Quando me olhou pela última vez, seu olhar era de verdadeira tristeza. Era quase um pedido de socorro. Hoje passei todo o dia meio louco procurando por ela. É preciso que a encontre, meus amigos. Uma coisa assim, tão forte, não acontece mais que uma vez na vida.

– Com você (que é um privilegiado) acontece a cada semana, Iturdiaga...

Iturdiaga levantou-se e começou a andar pelo estúdio fumando o seu cachimbo. Um pouco depois chegou Pujol, com uma cigana muito suja que queria propor como modelo a Guíxols. Era uma mocinha com uma boca enorme, cheia de dentes brancos. Pujol se exibia

---

<sup>127</sup> “*Barceloneta*”. *Por tradición es un Barrio de pescadores, pero la evolución histórica de la ciudad ha hecho que la Barceloneta sea el barrio de las playas*. <http://www.barcelona-on-line.es/cas/turisme/bcn-mar-barceloneta.htm>. No texto, a referência a este bairro pelo amigo Guíxols, deve ter a intenção de diminuir a origem da garota vista por Iturdiaga no cabaré. Por ser um local de pescadores, indica a humildade de seus moradores.

<sup>128</sup> Tradução do catalão: rapaz, moço, “cara”.

<sup>129</sup> Tradução para *sé como las gasta*”, referindo-se ao comportamento de alguém, como faz as coisas, como procede, “sei qual é a sua”.

com ela e a segurava pelo braço. Queria dar-nos a entender que era sua amante. Eu sabia que minha presença o atrapalhava muito para o que ele gostaria de dizer, naquele dia em que pretendia brilhar entre os seus amigos, por isso me guardava rancor. Pons havia trazido vinho e doces e mostrava-se, ao contrário, encantado. Queria comemorar o sucesso de final do ano letivo. Foi muito bom. Fizeram a cigana dançar e ela o fez com muita graça.

Saímos do estúdio bastante tarde. Eu quis ir andando até minha casa e fizeram-me companhia Iturdiaga e Pons. A noite se mostrava maravilhosa, com seu bafo tépido e rosado como o sangue de uma veia, aberta docemente sobre a rua.

Quando subíamos pela Via Layetana, não pude evitar de olhar em direção à casa de Ena, lembrando-me de minha amiga e das estranhas palavras que Jaime havia pedido para dizer a ela. Estava pensando assim, quando a vi aparecer, realmente, diante de meus olhos. Ia de braço dado com seu pai. Os dois formavam um casal maravilhoso, bonitos e tão elegantes! Ela também havia me visto e me sorria. Sem dúvida voltavam para sua casa.

– Esperem um pouco – disse aos rapazes, interrompendo uma fala de Iturdiaga. Atravessei a rua e fui até minha amiga. Alcancei-a no instante em que ela e seu pai entravam pelo portão.

– Posso trocar duas palavras com você?

– Claro que sim. Não sabe como estou feliz em ver você. Quer subir?

Isso equivalia a um convite para jantar.

– Não posso, meus amigos me esperam...

O pai de Ena sorriu:

– Eu vou subir, minhas crianças. Quando quiser<sup>130</sup>, Ena, suba.

Cumprimentou-nos com a mão. O pai de Ena era canarino<sup>131</sup>, e ainda que houvesse

---

<sup>130</sup> Tradução para *ya subirás*. Indica uma ação em um tempo futuro impreciso (em algum momento você subirá).

<sup>131</sup> Natural das Ilhas Canárias.

passado a maior parte de sua vida longe de suas ilhas, conservava o costume de falar de uma maneira especial, carinhosa, própria de sua terra.

– Vi Jaime – disse rapidamente, assim que desapareceu – Estive passeando hoje com ele e me deu um recado para você.

Ena olhou-me com uma expressão fechada.

– Disse que tem confiança em você, que não lhe perguntará nada e que precisa vê-la.

– Ah! Bom, tudo bem, Andrea. Obrigada, querida.

Apertou minha mão e foi embora deixando-me parada, um tanto decepcionada. Nem sequer havia permitido que eu visse seus olhos.

Ao virar-me dei de cara com Iturdiaga que havia atravessado a rua pulando, com suas longas pernas de garça<sup>132</sup>, entre uma enxurrada de carros...

Olhou como abobado em direção ao fundo da porta principal, onde já subia o elevador com Ena dentro.

– É ela! A princesa eslava!... Sou um cretino. Percebi no mesmo instante em que se despedia de você. Meu Deus! Como é possível que você a conheça? Fale, pela sua vida! Em qual país ela nasceu? É russa, sueca, polaca talvez?

– Catalã.

Iturdiaga ficou abobado.

– Então, como é possível que estivesse num cabaré ontem à noite? De onde você a conhece?

– É uma colega de classe – expliquei vagamente, enquanto Iturdiaga me pegava pelo braço para atravessar a rua.

– E todos esses homens que a acompanham?

– O de hoje, era seu pai. O de ontem, como você pode compreender, não sei...

---

<sup>132</sup> Tradução para *largas zancas* (*parte más larga de las patas de las aves*). Mantida a imagem de alguém com as pernas longas e finas.



(E enquanto dizia isso a Iturdiaga, vinha-me, nitidamente, a imagem de Román...).

Fui distraída por todo o caminho, pensando em que sempre a gente se move no mesmo círculo de pessoas, por mais voltas que pareça dar.

## XVII

O mês de julho ia avançando e o calor aumentava. Dos cantos empoeirados e do ensebado papel de parede dos aposentos começou a sair um rebanho de percevejos<sup>133</sup> esfomeados. Iniciei contra eles uma luta feroz, que todas as manhãs esgotava minhas forças. Espantada percebia que os demais moradores da casa não pareciam sentir nenhum incômodo. No primeiro dia em que comecei a fazer uma limpeza em meu quarto, a fundo, com desinfetante e água quente, minha avó deu as caras, movendo a cabeça com desagrado.

– Menina! Menina! Isso é coisa para a empregada.

– Deixe, mamãe. Isso é o que acontece com a sobrinha por ser mais suja que os demais... – disse Juan.

Colocava o maiô para fazer este serviço que me dava nojo. Era o mesmo maiô azul que eu usava na minha cidadezinha para entrar no rio no verão passado. Aquele rio, que junto à horta de minha prima passava profundo, torcendo-se em deliciosos recantos, com as margens repletas de juncos e de lodo... Na primavera corria turvo, carregado de sementes de árvores e de imagens de árvores frutíferas florescidas. No verão se enchia de sombras verdes que tremiam entre meus braços ao nadar... Se me deixava levar pela corrente, aquelas sombras carregavam-se de reflexos sobre meus olhos abertos. Nos crepúsculos a água adquiria um tom avermelhado e ocre.

Com aquele mesmo maiô desbotado, que agora ficava sujo de sabão, havia me deitado na praia, junto a Ena e a Jaime, naquela primavera e havia nadado no mar frio e azul sob a crua luz de abril.

---

<sup>133</sup> Tradução para *chinche*: *que es nocturno, fétido y sumamente incómodo, pues chupa la sangre humana taladrando la piel con picaduras irritantes* (DRAE). No Brasil, existem vários tipos de percevejos: percevejo-de-casa, percevejo-de-comércio, percevejo-de-cama. Os de cama passam o dia em fendas de móveis, paredes ou colchão e à noite desferem picadas irritantes (Dic. Houaiss). Simplificamos a tradução para percevejos, somente.

Enquanto limpava com água fervente minha cama e sentia soltar a pele de meus dedos ao contato da bucha, a lembrança de Ena vinha envolta em tanta escuridão e tristeza que chegava a oprimir-me mais do que tudo o que me rodeava. Às vezes tinha vontade de chorar como se fosse a mim e não a Jaime a quem ela houvesse burlado e traído. Era, para mim, impossível acreditar na beleza e na verdade dos sentimentos humanos – tal como então, com meus dezoito anos, o concebia – ao pensar em que tudo aquilo que refletiam os olhos de Ena – até tornarem-se radiantes e ao mesmo tempo cheios de doçura, num olhar que somente tinha quando estava com Jaime – houvesse se dissipado num instante, sem deixar vestígios.

Ela e Jaime me pareceram naquela primavera diferentes de todos os seres humanos, como que divinizados por uma mágica que a meus olhos era superior e maravilhosa. O amor deles havia iluminado o sentido da minha existência, apenas pelo fato de existir. Agora me sentia amargamente decepcionada. Ena fugia de mim continuamente, nunca estava para mim em sua casa se a chamava por telefone e não me atrevia a ir visitá-la.

Desde o dia em que lhe transmiti o recado de Jaime, não voltara a saber de minha amiga. Uma tarde, oprimida por este silêncio que me cercava, ocorreu-me ligar para Jaime e disseram-me que havia saído de Barcelona. Isto me fez compreender que de nada servira aquela tentativa de aproximação que ele fez.

Eu queria poder entrar nos pensamentos de Ena, abrir sua alma de par em par e compreender enfim a sua maneira estranha de ser, o porquê de sua obstinação. Ao mesmo tempo em que me desesperava, convencia-me de que gostava demais dela, uma vez que não me passava pela cabeça outra atitude frente a ela que a de procurar entendê-la quando me parecia impossível fazê-lo.

Quando via Román em casa, meu coração palpitava loucamente, no meu afã de fazer-lhe perguntas. Haveria querido seguir àquele homem, espiá-lo, ver seus encontros com Ena. Algumas vezes subi, levada por essa ânsia incontrollável, vários lances da escada que me separavam de seu quarto, quando havia suspeitado que Ena estava ali. A imagem de Glória, capturada por um foco de luz naquela mesma escada, fazia-me ficar envergonhada e desistir de meu propósito.

Román era carinhoso e irônico comigo. Continuava me fazendo pequenos presentes e dando-me tapinhas no rosto, conforme seu costume, mas jamais me convidava, agora, a subir ao seu quarto.

Em uma ocasião, viu-me em plenos afazeres baldeando água<sup>134</sup> e parece que ficou contente. Eu o olhei de uma maneira crítica, um pouco tensa, como costumava fazer naqueles dias e – como sempre – pareceu não percebê-lo. Seus dentes brancos brilhavam.

– Que bom, Andrea! Vejo que já é uma mulherzinha... Gosto de pensar que tenho uma sobrinha que quando se casar, saberá fazer feliz a um homem. Seu marido não precisará cerzir suas próprias meias, nem pôr a comida na boca de seus meninos, não é?

“A que vem isso?”, pensei eu. Dei de ombros.

A porta da sala de jantar estava aberta atrás de Román. Naquele momento vi que ele se virava naquela direção.

– Eh! O que você diz disto, Juan? Não gostaria de ter uma mulherzinha trabalhadeira como a sobrinhinha?

Então me dei conta que Juan estava na sala de jantar, fazendo o menino tomar – que depois da doença ficara dengoso – sua xícara de leite. Deu um soco na mesa e a xícara foi para os ares. Pôs-se em pé.

– Tenho suficiente com minha mulher, está ouvindo? E a sobrinha não é boa para lambar o chão que ela pisa. Ouviu bem? Eu não sei se você se faz de desentendido com todas as sem-vergonhices de sua sobrinha, para adúlá-la; mas não há vadia como ela... Não serve para outra coisa senão fazer teatro<sup>135</sup> e para querer humilhar os demais, para isso serve e para juntar-se a você!

Apavorada compreendi o porquê da atitude hostil de Juan comigo, naqueles dias. Ele, que sempre ordenava, inutilmente, a limpeza de seu quarto, ao ver-me no primeiro dia com o

---

<sup>134</sup> Tradução para *faena de baldeo*. Tanto pode referir-se a transferir água no balde de um lugar para outro como aguar ou molhar com balde.

<sup>135</sup> Embora o significado de *comedia* em espanhol indique algo risível, neste caso o sentido é mais de fingimento, de farsa. Em português é mais comum dizermos: Não faça teatro!

sabão de cozinha na mão, veio pegá-lo, quase com brutalidade, dizendo que “necessitava dele” e levou-o para o estúdio, onde, naqueles tempos, já não pintava, passando horas com a cabeça entre as mãos, olhando o chão com os olhos abertos. Assim encontrei-o um pouco depois, quando vi a empregada espiando-o pela fresta da porta entreaberta. Ao ouvir os meus passos, Antônia endireitou-se rapidamente; em seguida levou o dedo à boca, sorrindo-me e obrigou-me – sob a ameaça latente de tocar-me com suas sujas mãos – a olhar também. Antônia tinha em seu rosto a alegria idiota dos garotos que apedrejam o bobo. A mim, apertou meu coração ver aquele homem tão grande em sua cadeira, entre a desolação dos trastes inúteis, angustiado sob uma carga de desatino.

Por isso, naquela época em que o calor parecia estimulá-lo e excitá-lo até o auge, eu não respondia nunca as suas impertinências. À provocação de Román havia estourado enfurecido, respondendo a um bom golpe. Román ria. Juan continuava gritando.

– A sobrinha! Que grande exemplo!... Cheia de amantes, solta por Barcelona como um cachorro... Eu a conheço bem. Sim, conheço você, hipócrita! –veio gritar a minha porta, enquanto Román ia embora.

Eu recolhia a água derramada no chão e, sem querer, minhas mãos ficavam trêmulas... Fazia um esforço para ver o lado cômico do assunto, ainda que só fosse imaginando meus hipotéticos amantes, e nem isso conseguia bem. Peguei o balde de água suja e saí do quarto para esvaziá-lo.

– Não vê como se cala a tal fulana? – gritou Juan – Não vêem como não consegue responder?

Ninguém lhe dava ouvidos. Antônia cantava na cozinha socando algo no pilão. Então ele, num de seus arroubos de genialidade, atravessou o vestibulo e foi esmurrar a porta de seu próprio quarto. Glória – que já não se escondia para ir jogar – dormia ali, cansada por haver se deitado tarde. A porta cedeu ao ser empurrada e ouvi os gritos assustados de Glória quando Juan se atirou sobre ela para dar-lhe uma surra. O menino, que estava caladinho na sala de jantar, começou a chorar também com grandes lágrimas.

Egoisticamente entrei no banheiro. A água que jorrava em jatos sobre o meu corpo, parecia-me morna, incapaz de refrescar minha carne nem de limpá-la.

A cidade, quando começa a envolver-se no calor do verão, tem uma beleza sufocante, um pouco triste. Eu, por mim, achava Barcelona triste, olhando-a da janela do estúdio de meus amigos, ao entardecer. Dali via-se um panorama de terraços e telhados envoltos em vapores avermelhados e as torres das igrejas antigas pareciam navegar entre ondas. Em cima, o céu sem nuvens trocava suas cores lisas. De um empoeirado azul passava a vermelho sangue, ouro, ametista. Em seguida chegou a noite.

Pons estava comigo no vão da janela.

– Minha mãe quer conhecê-la. Sempre falo de você para ela. Quer convidá-la a passar o verão conosco em Costa Brava.

Atrás se ouviam as vozes de nossos amigos. Estavam todos. A voz de Iturdiaga dominava.

Pons mordida suas unhas a meu lado. Era tão nervoso e infantil que me cansava um pouco e ao mesmo tempo eu lhe tinha muito carinho.

Naquela tarde comemoramos a última de nossas reuniões da temporada, porque Guíxols ia sair de férias. Quanto a Iturdiaga, seu pai havia querido enviá-lo a Sitges com toda a família, mas ele se negou, redondamente, a ir. Como o pai de Iturdiaga não tirava mais que alguns dias de férias no final do verão, estava, no fundo, contente que Gaspar o acompanhasse nas refeições.

– Já o estou convencendo! Já o estou convencendo! – gritava Iturdiaga –. Longe da influência perniciosa de mamãe e de minhas irmãs, meu pai se torna mais razoável... Está fazendo cálculos de quanto lhe custaria editar meu livro... Além do que ficou orgulhoso de que, agora, eu me tenha tornado um crítico de Arte..

Eu me virei.

– Você virou crítico de Arte?

– De um jornal conhecido.

Pareceu-me um tanto surpreendente.

– Que tipo de estudos de Arte você fez?

– Eu, nenhum. Para ser crítico é necessário somente ter sensibilidade e já a tenho. E, além disso, amigos... E eu também tenho. Na primeira exposição que Guíxols fizer, penso dizer que ele chegou ao ponto culminante de seu estilo. Em compensação, vou mexer com os consagrados, com os quais ninguém se atreve... Meu sucesso será certo.

– Não acha que é envelhecer-me demais, isso de dizer que cheguei ao ponto culminante de minha arte? Depois dessa afirmação só teria de guardar meus pincéis e dormir sobre a glória dourada – disse Guíxols.

Mas Iturdiaga estava entusiasmado demais para aceitar os argumentos.

– Vejam! Começam a acender as fogueiras! – gritou Pujol! Com a voz cheia de notas falsas...

Era véspera de São João. Pons disse-me:

– Pense por cinco dias, Andrea. Pense nisso até o dia de São Pedro. Esse é o dia do meu santo padroeiro<sup>136</sup>, meu e de meu pai. Daremos uma festa em casa e você virá. Dançará comigo. Vou apresentar você a minha mãe e ela saberá convencê-la melhor do que eu. Saiba que se você não vier, esse dia não terá sentido para mim... Depois sairemos de férias. Você virá a casa, Andrea, no dia de São Pedro? Deixará que minha mãe a convença para que venha à praia?

– Você mesmo disse que tenho cinco dias para dar uma resposta.

Senti, ao mesmo tempo que dizia isso a Pons, uma necessidade e um desejo raivoso de despreocupação. De poder libertar-me. De aceitar seu convite e poder deitar-me nas praias

---

<sup>136</sup> Tradução para *Ese día es mi santo y el de mi padre*. Em alguns lugares da Espanha, o dia do santo do nascimento de uma pessoa era bastante comemorado. Atualmente, somente nas pequenas cidades, isso é feito.

que ele me oferecia, sentindo passar as horas como num conto infantil, desligada<sup>137</sup> daquele mundo angustiante que me cercava. Mas ainda estava presa à sensação incômoda que a paixão de Pons me produzia. Eu acreditava que uma resposta afirmativa ao seu oferecimento poderia me ligar a ele por outros laços que me inquietavam, porque me pareciam falsos.

Mesmo assim, a idéia de ir a um baile, ainda que fosse à tarde – a palavra baile me evocava um emocionante sonho de trajes de noite e sonhos brilhantes, deixados pela primeira leitura do conto da Cinderela – emocionava-me, porque eu, que sabia deixar-me envolver pela música e deslizar ao seu compasso, o que de fato havia realizado sozinha por muitas vezes, não havia dançado “de verdade” nunca, com um homem.

Pons apertou minha mão, nervoso, quando nos despedíamos. Atrás de nós, exclamou Iturdiaga:

– A noite de São João é a noite das bruxarias e dos milagres!

Pons, inclinou-se sobre para mim.

– Eu tenho um milagre para pedir nesta noite.

Naquele instante eu desejei, ingenuamente, que aquele milagre se realizasse. Desejei com todas as minhas forças conseguir apaixonar-me por ele. Pons percebeu imediatamente minha nova ternura. Não fazia mais do que apertar minha mão para expressar tudo.

Quando cheguei em casa o ar já estalava quente, com o feitiço que tem essa noite única do ano. Naquela véspera de São João, foi-me impossível dormir. O céu estava completamente limpo e, no entanto, sentia eletricidade nos cabelos e na ponta dos dedos, como se houvesse uma tempestade. Meu peito se oprimia por mil fantasias e lembranças.

Debrucei-me na janela de Angústias, de camisola. Vi o céu avermelhado em vários pontos pelo reflexo das chamas. A mesma Rua de Aribau ardeu em gritos por muito tempo, pois acenderam duas ou três fogueiras em diversos cruzamentos com outras ruas. Um tempo depois, os rapazes pularam sobre as brasas, com os olhos injetados pelo calor, as faíscas e a

---

<sup>137</sup> A tradução literal para *fugada* seria *fugida*, mas consideramos que *desligada* sugere um maior distanciamento de uma situação.

magia clara do fogo, para ouvir o nome de sua amada gritado pelas cinzas. Depois a gritaria foi acabando-se. As pessoas dispersavam-se em direção à quermesse. A Rua Aribau ficou vibrante, ainda excitada e silenciosa. Ouviam-se rojões distantes e o céu, sobre as casas, estava ferido por rastros luminosos. Lembrei-me das músicas rurais das noites de São João, a noite favorável para apaixonar-se colhendo o trevo mágico dos campos aquecidos. Estava acotovelada na escuridão da sacada, desperta completamente por apaixonados desejos e imagens. Parecia-me impossível sair dali.

Ouvi, mais de uma vez, os passos do vigia atendendo a longínquas palmadas. Mais tarde, o estrondo de nossa porta de entrada me distraiu, ao se fechar. Olhei para a calçada, e vi que era Román quem saía da casa. Eu o vi caminhar, detendo-se logo embaixo de um poste para acender um cigarro. Ainda que não houvesse parado embaixo da luz eu o teria reconhecido também. A noite estava muito clara. O céu parecia semeado de luz dourada... Distraí-me olhando os movimentos de sua imagem, recortada em preto, impressionantemente bem proporcionada.

Quando se ouviram passos e ele ergueu a cabeça, vivo e nervoso como um animalzinho, ergui também meus olhos. Glória atravessava a rua, avançando até nós. (Em direção a ele, lá embaixo na calçada, em direção aos meus olhos na escuridão da altura). Sem dúvida voltava da casa da irmã.

Ao passar perto de Román, Glória olhou para ele como de costume, e a luz clareou o cabelo e iluminou o rosto. Román fez algo que me pareceu inacreditável<sup>138</sup>. Jogou o cigarro e foi até ela com a mão estendida para um cumprimento. Glória afastou-se para trás, espantada. Ele a pegou pelo braço e ela o empurrou ferozmente. Depois ficaram um frente ao outro, falando durante alguns segundos num confuso murmúrio. Eu estava tão interessada e surpresa que não me atrevia a mover-me. Do lugar em que me encontrava, os movimentos daquele casal pareciam os de uma dança apache. Por fim, Glória se escapuliu e entrou em casa. Vi Román acender um novo cigarro; jogá-lo também, dar alguns passos para ir embora e por fim voltar decidido, sem dúvida, a segui-la.

---

<sup>138</sup> Preferimos esta tradução para a palavra *extraordinario* por manter o matiz de algo impossível de acontecer. A conotação mais usual em português é a de algo muito bom, que foge do normal para melhor, maravilhoso, o que não é o caso.



Enquanto isso, ouvi que se abria a porta do apartamento e que Glória entrava. Ouvi que atravessava na ponta dos pés da sala de jantar até a sacada. Provavelmente queria verificar se Román continuava no mesmo lugar. Eu começava a ficar abalada com aquilo como se fosse algo meu. Não podia acreditar no que meus olhos haviam visto. Quando ouvi a chave de Román arranhando a porta do apartamento, a excitação me fazia tremer. Ele e Glória encontraram-se na sala de jantar. Ouvi Román sussurrando nitidamente:

– Disse que tenho que falar com você. Venha!

– Não tenho tempo para você.

– Não diga asneiras. Venha!

Percebi que se dirigiam à sacada e fecharam as portas de vidro atrás deles. Para mim o que acontecia era tão incompreensível como se eu estivesse sonhando. E se fosse verdade que existem as bruxas de São João? E se me fizessem ter visões? Nem sequer pensei em que cometia uma feia ação de espionar quando fui olhar da janela de Angústias outra vez. A sacada estava muito perto. Quase sentia a respiração dos dois. Suas vozes chegavam muito nítidas aos meus ouvidos sobre o fundo de silêncio que sufocava os longínquos estouros dos rojões e a música das festas.

Ouvi a voz de Román:

– Você só pensa nessas mesquinhas... Esqueceu nossa viagem à Barcelona em plena guerra, Glória? Nem sequer se lembra dos lírios roxos que cresciam no parque do castelo... Seu corpo parecia muito branco e seus cabelos vermelhos como o fogo entre aqueles lírios roxos. Muitas vezes pensei em você tal como era naqueles dias, embora aparentemente eu te maltrate. Se você subir ao meu quarto poderá ver a tela na qual pintei você. Ainda, a tenho lá...

– Lembro-me de tudo, homem. Não tenho feito outra coisa que pensar nisso. Estava desejando que o lembrasse algum dia para cuspir na sua cara...

– Está enciumada? Você acha que eu não sei que me quer? Crê que não sei que muitas noites, quando tudo estava quieto, você veio com passos de duende até a minha porta? Muitas noites deste mesmo inverno ouvi você chorar nos degraus...

– Não seria por você, se eu chorava. Gosto de você tal qual do porco que se leva ao matadouro. Assim é que gosto de você... Pensa que não vou contar isto a Juan? Estava desejando-o. Estava desejando que me procurasse para que seu irmão se convença, finalmente, de quem é você...

– Não levante a voz!... Muito tem você por que calar, por isso fale baixo... Você sabe que posso apresentar ao seu marido testemunhas que viram como você foi numa noite se oferecer em meu quarto e de como a mandei embora a pontapés... Poderia ter feito isso já, se houvesse querido dar-me ao trabalho. Não se esqueça de que havia muitos soldados no castelo, Glória, e alguns vivem em Barcelona...

– Naquele dia você havia me embebedado e estive me beijando... Quando fui ao seu quarto eu queria você. Zombou de mim da maneira mais cruel. Havia escondido lá seus amigos, que morreram de rir, e você me insultou. Disse-me que não estava disposto a roubar o que era de seu irmão. Eu era muito jovem, rapaz. Quando fui até você naquela noite, eu me considerava desligada de Juan, pensava em deixá-lo. Ainda não havíamos recebido as bênçãos do padre, não se esqueça.

– Mas você levava um filho dele, não esqueça tampouco... Não se faça, esta noite, de puritana, comigo não vai adiantar... Talvez então, estivesse eu obcecado, mas agora desejo você. Suba ao meu quarto. Acabemos já de uma vez com isso.

– Não sei quais intenções você tem, rapaz, porque é traiçoeiro como Judas... Não sei o que pode ter acontecido com você e essa Ena, essa garota loira a quem você tem deixado abobalhada, para falar-me assim.

– Deixe essa mulher em paz!... Não é ela que pode me satisfazer, senão você; fique satisfeita com isso, Glória.

– Fez-me chorar muito, mas eu estava esperando este momento... Se acredita que ainda me interessa, está enganado. Se acredita que estou desesperada porque leva essa moça ao seu quarto, pode acreditar que é menos esperto ainda que Juan. Eu odeio você, homem. Odeio você desde aquela noite em que zombou de mim, quando eu havia esquecido de tudo por sua culpa... E quer saber quem denunciou você para que o fuzilassem? Pois fui eu! eu! eu!... Quer saber por culpa de quem estive na *cheka*? Pois, por minha culpa. E quer saber

quem o denunciaria novamente se pudesse? Eu também! Agora sou eu quem pode cuspir na sua cara e o faço.

– Por que diz tanta asneira? Você está me cansando. Não vai esperar que eu suplique... Se você me quer, mulher! Olha, vamos terminar de discutir isto no meu quarto. Ande! Vamos lá!

– Muito cuidado com me tocar, canalha, ou chamo Juan! Arranco seus olhos se você se aproximar!

Na última parte da conversa, Glória levantava tanto a voz que esta lhe falhava num grito histérico.

Ouvi os passos de minha avó na sala de jantar. Fechados na sacada como estavam, minha avó podia ver seus contornos à luz das estrelas.

Román não havia se alterado, somente sua voz tinha um zumbido nervoso que já o havia advertido desde as primeiras palavras:

– Cale-se, idiota!... Não penso mover um dedo para forçar você. Pode vir por si mesma, se quiser... mas se não vier esta noite, não se incomode em olhar na minha cara nunca mais. Estou dando sua última oportunidade...

Saiu da sacada. Tropeçou em minha avó.

– Quem é? Quem é? – disse a velhinha – Valha-me Deus, Román, anda enlouquecido, filhinho!

Ele não se deteve. Ouvi a porta bater com força. Minha avó, arrastando os pés, aproximou-se da sacada. Sua voz soava assustada e desamparada:

– Menina!... Menina! É você, Glória, minha filha? Sim? É você?...

Então, eu me dei conta de que Glória estava chorando. Gritou:

– Vá se deitar, mamãe, e deixe-me em paz!

Depois de um tempo saiu correndo para o seu quarto, soluçando:

– Juan! Juan!...

Minha avó entreviu.

– Cale-se, criatura, cale-se... Juan saiu. Disse-me que não conseguia dormir...

Fez-se um silêncio. Eu ouvia passos na escada. Chegou Juan.

– Ainda estão acordadas? O que está acontecendo?

Uma longa pausa.

– Nada – disse finalmente Glória – Vamos dormir.

A noite de São João havia se tornado estranha demais para mim. Em pé, no meio do meu quarto, com as orelhas apuradas aos sussurros da casa, senti doloridos os tenso músculos do pescoço. Tinha as mãos frias. Quem pode entender os mil fios que unem as almas dos homens e o alcance de suas palavras? Não uma garota como era eu, naquela época. Joguei-me na cama, quase doente. Recordei as palavras da Bíblia, em um sentido completamente profano: “Têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem”... Aos meus olhos, redondos de tanto abrir-se, aos meus ouvidos, feridos de escutar, havia faltado captar uma vibração, uma nota profunda em tudo aquilo... Parecia-me impossível que Román houvesse suplicado a Glória como um amante. Román, aquele que enfeitiçava Ena com sua música... Era inacreditável que ele, que eu vira maltratar e humilhar Glória publicamente, de repente lhe houvesse feito uma súplica. Isso era algo que meus ouvidos não percebiam, naquele tremor nervoso de sua voz, nem meus olhos alcançavam ver, no meio daquela densa e resplandecente massa de noite azul que entrava pela sacada... Tampei o rosto para que a beleza exagerada e incompreensível demais daquela noite não me atingisse nos olhos. Por fim, adormeci.

Acordei sonhando com Ena. Insensivelmente a havia ligado em minha fantasia às palavras, mesquinhas e traições de Román. A amargura que sempre me vinha, naqueles dias, ao pensar nela, invadiu-me completamente. Corri a sua casa, impulsiva, sem saber o que ia dizer-lhe, desejando somente protegê-la contra o meu tio.

Não encontrei minha amiga. Disseram-me que comemoravam o santo padroeiro de seu avô e que passariam o dia todo na “torre”<sup>139</sup> que o velho senhor tinha em Bonanova. Ao ouvir

---

<sup>139</sup> Na Catalunha, essa palavra é usada para referir-se a uma casa de campo.

isto invadiu-me uma estranha exaltação, pareceu-me necessário encontrar Ena a todo custo. Falar com ela, o mais rápido possível.

Atravessei Barcelona em um bonde. Lembro-me de que estava uma manhã maravilhosa. Todos os jardins de Bonanova estavam carregados de flores e sua beleza apertava minha alma também carregada demais. Também a mim parecia transbordar – como transbordavam os lilases, as primaveras, as madressilvas, por cima dos muros – tanto era o carinho, o angustioso medo que sentia pela vida e pelos sonhos de minha amiga... Talvez, durante toda a história de nossa amizade não tenha vivido momentos tão belos e tão pueris como os daquele inútil passeio entre os jardins, na radiante manhã de São João.

Finalmente cheguei à porta da casa que procurava. Um portão de ferro, através de cujas grades vi um extenso quadro gramado, uma fonte e dois cachorros... Não sabia o que ia contar a Ena. Não sabia como ia lhe dizer, outra vez, que nunca seria Román digno de misturar sua vida à dela, tão luminosa, tão amada por um ser nobre e bom como Jaime... Tinha certeza de que, assim que começasse a falar, Ena ia rir de mim.

Passaram alguns longos minutos, cheios de sol. Eu estava apoiada nos ferros da grande grade do jardim. Havia um perfume intenso de rosas e sobre minha cabeça voou um besouro provocando um profundo eco de paz. Não tinha coragem de apertar a campainha.

Ouvi que abriram a porta da casa com um estrondo – uma porta de vidro aberta sobre o branco terraço – e vi aparecer o pequeno Ramón Berenguer acompanhado de um priminho de cabelos negros. Os dois desceram correndo a escadaria, em direção ao jardim. Senti-me subitamente apavorada, como se houvessem me segurado a mão no instante de cortar uma flor roubada. Pus-me a correr, por minha vez, sem conseguir evitá-lo, fugindo de lá... Ri de mim mesma quando me refiz; mas não voltei mais àquelas grades. Tão espontaneamente quanto a excitação e o carinho que havia sentido naquela manhã por Ena, uma grande depressão começou a me invadir. No final do dia já não pensava em transpor aquela distância que ela mesma havia colocado entre nos duas. Pareceu-me melhor deixar correr os acontecimentos.

Ouvi uivar o cachorro na escada, descendo, apavorado, do quarto de Román. Trazia na orelha a marca vermelha de uma mordida. Estremeci. Román levava três dias fechado em seu quarto. Segundo Antônia, compunha músicas e fumava seguidamente, de maneira que o

envolvia uma atmosfera angustiante. *Trueno* deveria saber algo do humor que este ambiente causava em seu amo. A empregada, ao ver o cachorro ferido pelos dentes de Román, começou a tremer como que pasmada e fez-lhe um curativo, quase gemendo ela também.

Eu olhei o calendário. Tinham decorrido três dias da véspera de São João. Faltavam três dias para a festa de Pons. Minha alma pulsava com a impaciência da fuga. Quase me parecia gostar de meu amigo ao pensar que ia me ajudar a realizar este anseio desesperado.

## XVIII

Vêm-me agora as lembranças das noites na Rua Aribau. Aquelas noites corriam como um rio negro, sob as pontes dos dias, e nas quais os odores estancados exalavam um bafo de fantasmas.

Lembro-me das primeiras noites de outono e de minhas primeiras inquietações na casa, avivadas com elas. Das noites de inverno com suas úmidas melancolias: o rangido de uma cadeira rompendo o sono e o calafrio dos nervos ao encontrar dois pequenos olhos luminosos – os olhos do gato – cravados nos meus. Naquelas geladas horas houve alguns momentos nos quais a vida rompeu diante de meus olhos todos os seus pudores e apareceu nua, gritando intimidades tristes, que para mim eram apenas espantosas. Intimidades que a manhã se encarregava de apagar, como se nunca houvessem existido... Mais tarde vieram as noites de verão. Doces e densas noites mediterrâneas sobre Barcelona, com seu dourado sumo de lua, com seu úmido odor de nereidas que penteassem cabelos de água sobre as brancas costas, sobre a escamosa cauda de ouro... Em algumas dessas noites calorentas, a fome, a tristeza e a força de minha juventude levaram-me a um delíquio de sentimento, a uma necessidade física de ternura, ávida e poeirenta como a terra queimada pressentindo a tempestade.

No primeiro momento, quando me estendia, cansada, em cima do colchão, vinha a dor de cabeça, vazia e latejante, atormentando meu crânio. Tinha de me deitar com a cabeça baixa, sem travesseiro, para sentir acalmar-se lentamente, atravessada por mil ruídos familiares da rua e da casa.

Assim, o sono ia chegando em ondas cada vez mais preguiçosas até o fundo e completo esquecimento de meu corpo e de minha alma. Sobre mim o calor lançava seu bafo, irritante como caldo<sup>140</sup> de urtigas, até que oprimida, como num pesadelo, voltava a acordar outra vez.

Silêncio absoluto. Na rua, de vez em quando, os passos do vigia. Bem mais acima das sacadas, dos telhados e dos terraços, o brilho dos astros.

A inquietação fazia-me pular da cama, pois estes luminosos fios impalpáveis que chegam do mundo sideral agiam sobre mim com forças impossíveis de precisar, porém, reais.

Lembro-me de uma noite na qual havia lua. Eu tinha os nervos alterados depois de um dia muito agitado. Ao levantar-me da cama vi que todo o meu quarto, repleto de uma cor de seda cinza, estava no espelho de Angústias e também lá, uma longa sombra branca. Aproximei-me e o espectro aproximou-se comigo. Por fim consegui ver meu próprio rosto desfigurado em cima da camisola de linho. Uma camisola de linho antiga – macia pelo toque do tempo – carregada de pesadas rendas, que muitos anos atrás havia usado minha mãe. Era uma raridade estar me contemplando assim, quase sem me ver, com os olhos abertos. Ergui a mão para tocar-me as feições, que pareciam fugir de mim, e lá surgiram dedos longos, mais pálidos que o rosto, seguindo a linha das sobancelhas, o nariz, as maçãs do rosto moldadas à estrutura dos ossos. De todas as maneiras, eu mesma, Andrea, estava vivendo entre as sombras e as paixões que me rodeavam.

Às vezes chegava a duvidá-lo.

Naquela mesma tarde havia acontecido a festa de Pons.

Durante cinco dias eu havia tentado acumular ilusões como escapatória de minha vida comum. Até então havia sido fácil dar as costas ao que ficava para trás, pensar em empreender uma vida nova a cada momento. E naquele dia eu havia sentido como que um pressentimento de outros horizontes. Algo da ansiedade terrível que às vezes me toma na

---

<sup>140</sup> Tradução para *jugo*. Pela sugestão de um caldo quente, algo que queima. A palavra *caldo* reforça mais essa sensação, do que a palavra suco, mais frio.

estação quando ouço o assobio do trem que arranca ou quando ando pelo porto e chega-me numa golfada o cheiro dos barcos.

Meu amigo havia me chamado por telefone de manhã e sua voz encheu-me de ternura por ele. O sentimento de ser esperada e querida despertava-me mil instintos de mulher; uma emoção como de vitória, um desejo de ser elogiada, admirada, de sentir-me como a Cinderela do conto, princesa por algumas horas, depois de um longo anonimato.

Lembrava-me de um sonho que havia se repetido muitas vezes na minha infância, quando eu era uma menina de cor azeitonada e magricela, daquelas a quem as visitas nunca elogiam como bonitas e para cujos pais há consolos reticentes... Essas palavras que as crianças, brincando ao parecerem absortas e alheias à conversa, absorvem avidamente: “Quando crescer, com certeza terá um tipo bonito”, “As crianças surpreendem, ao crescer...”

Dormindo, eu me via correndo, tropeçando, e ao golpe sentia que algo desprendia-se de mim, como um vestido ou uma crisálida que se rompe e cai enrugada aos pés. Via os olhos assombrados das pessoas. Ao correr para o espelho, contemplava trêmula de emoção, minha transformação espantosa numa loira princesa – justamente loira, como descreviam os contos - imediatamente dotada, pela graça da beleza, com os atributos de doçura, encanto e bondade, e o maravilhoso de espalhar generosamente meus sorrisos...

Esta fábula, tão constante em minhas noites infantis, fazia-me sorrir, quando com as mãos um pouco trêmulas tratava de pentear-me com capricho e de que minha roupa, cuidadosamente passada para a festa, ficasse bonita e menos velha.

<sup>141</sup>“Talvez – pensava eu um pouco ruborizada – tenha chegado hoje esse dia”. Se os olhos de Pons me achavam bonita e atraente (e meu amigo havia dito isto com palavras desajeitadas, ou, mais expressivamente, sem elas muitas vezes), era como se o véu já tivesse caído.

“Talvez o sentido da vida para uma mulher consiste, unicamente, em ser descoberta assim, olhada de modo que ela mesma se sinta radiante de luz”. Não em ver, não em escutar

---

<sup>141</sup> Aspas abrindo o parágrafo indicam que a personagem conversa consigo mesma.



venenos e torpezas dos outros, senão em viver plenamente o próprio prazer dos sentimentos e das sensações, o próprio desespero e alegria. A própria maldade ou bondade...

De modo que fugi da casa da Rua Aribau e quase tive de tapar os ouvidos para não escutar o piano torturado por Román.

Meu tio havia passado cinco dias trancado em seu quarto. (Pelo que me disse Glória, não havia saído nenhuma vez à rua.) E naquela manhã apareceu na casa investigando as novidades com seus olhos penetrantes. Em alguns cantos se percebia a falta dos móveis que Glória havia vendido ao sucateiro. Por aqueles vazios, corriam, desoladas, as baratas.

– Está roubando a minha mãe! – gritou.

Minha avó acudiu imediatamente.

– Não, filho, não. Fui eu quem os vendeu, são meus; vendi porque o necessitava, porque estou no meu direito...

Parecia tão descabido ouvir aquela velhinha infeliz falar de direitos, a qual era capaz de morrer de fome se a comida estava escassa para que sobrasse mais para os outros, ou de frio para que o menino tivesse outro cobertor em seu berço, que Román sorriu.

À tarde, meu tio começou a tocar piano. Eu o vi na sala, pela porta do corredor. Por detrás de sua cabeça se estendia um feixe de sol. Voltou-se para mim e viu-me também e dirigiu-me um sorriso vivo que ia além de todos os seus pensamentos.

– Você se arrumou demais para escutar minha música, eh? Você, como todas as mulheres desta casa, fuge...

Pressionava as teclas com paixão, obrigando-as a dar o sentido de uma esplendorosa primavera. Tinha os olhos avermelhados, como um homem que tomou muito álcool ou que não dormiu por muitos dias. Ao tocar, seu rosto enchia-se de rugas.

De maneira que fugi dele, como outras vezes havia feito. Na rua, lembrei somente de sua galanteria. “Apesar de tudo – pensei – Román dá vida às pessoas ao seu redor. Ele sabe, na verdade, o que lhes acontece. Ele sabe que eu, esta tarde, estou esperançosa”.

Interligada à imagem de Román, vinha-me sem querer a lembrança de Ena. Porque eu, que tanto havia querido evitar que aqueles dois seres chegassem a se conhecer, já não podia separá-los em minha imaginação.

– Você sabia que Ena veio ver Román na véspera de São João pela tarde?

Disse-me Glória, olhando-me de esguelha:

– Eu mesma a vi quando saía correndo, escadas abaixo, como no outro dia corria *Trueno*... Da mesma forma, garota, como se estivesse enlouquecida... Você, o que opina? Desde então não voltou.

Tampei os ouvidos, ali na rua, a caminho da casa de Pons, e ergui os olhos para as copas das árvores. As folhas tinham já a consistência de um verde duríssimo. O céu inflamado esfacelava-se contra elas.

Outra vez no esplendor da rua, voltei a ser uma garota de dezoito anos que vai dançar com seu primeiro pretendente. Uma agradável e ligeira expectativa logrou apagar completamente aqueles ecos dos outros.

Pons vivia numa esplêndida casa no fim da Rua Muntaner. Diante da grade do jardim – tão urbano que as flores cheiravam a cera e a cimento – vi uma longa fileira de carros. Meu coração começou a bater de uma maneira quase dolorosa. Sabia que alguns minutos depois me encontraria dentro de um mundo alegre e inconsciente. Um mundo que girava sobre o sólido pedestal do dinheiro e de cujo otimista ponto de vista havia me dado alguma noção as conversas de meus amigos. Era a primeira vez que eu ia a uma festa de sociedade, pois as reuniões em casa de Ena, as que havia freqüentado, tinham uma natureza íntima, imbuídas de uma finalidade literária e artística.

Lembro-me do portão de mármore e de sua grata frescura. De minha confusão diante do criado na porta, da penumbra do vestíbulo<sup>142</sup> enfeitado com plantas e floreiras. Do cheiro de senhora com muitas jóias que veio apertar a mão da mãe de Pons e do olhar dela,

---

<sup>142</sup> Tradução para *recibidor*. Esta palavra já foi traduzida no texto por “saleta” ao referir-se a uma pequena sala que tem acomodação para sentar. Neste momento refere-se a uma sala para uma recepção rápida, em pé.

indefinível, apontado para os meus velhos sapatos, cruzando-se com outro, ansioso de Pons, que a observava.

Aquela senhora era alta, imponente. Falava-me sorrindo, como se o sorriso se lhe houvesse congelado – já para sempre – nos lábios. Naquela época era muito fácil ferir-me. Senti-me num instante angustiada pela pobreza de minha vestimenta. Passei a mão um tanto insegura pelo braço de Pons e entrei com ele na sala.

Havia muita gente lá. Em uma pequena sala contígua “os mais velhos” se dedicavam, principalmente, a comer e a rir. Uma senhora gorda está parada em minha lembrança com o semblante congestionado pelo riso, no momento de levar à boca um docinho. Não sei por que tenho essa imagem eternamente congelada, entre a confusão e o movimento de todo o resto. Os jovens comiam, bebiam também e conversavam mudando de lugar a cada momento. Predominavam as garotas bonitas. Pons apresentou-me a um grupo de quatro ou cinco, dizendo-me que eram suas primas. Senti-me muito tímida no meio delas. Quase tinha vontade de chorar pois em nada se parecia este sentimento à radiante sensação que eu havia esperado. Desejo de chorar de impaciência e de raiva...

Não me atrevia a separar-me de Pons para nada e comecei a sentir com pavor que ele ficava um pouco nervoso diante dos lindos olhos carregados de veneno, que nos estavam observando. Por fim chamaram o meu amigo por um momento e ele me deixou – com um sorriso de desculpas – sozinha com as garotas e com dois rapazinhos desconhecidos. Eu não soube o que dizer o tempo todo. Não me divertia nada. Vi-me em um espelho branca e cinza, sem graça entre as alegres roupas de verão que me cercavam. Absolutamente séria entre a animação de todos e me senti um pouco ridícula.

Pons havia desaparecido de meus horizontes visuais. Por fim, quando a música invadiu tudo com um ritmo de fox lento, encontrei-me completamente sozinha junto a uma janela, vendo os outros dançarem.

Terminou o baile com um rumor de conversas e ninguém veio me buscar. Ouvi a voz de Iturdiaga e virei-me rapidamente. Estava Gaspar sentado entre duas ou três garotas às quais mostrava não sei que planos e explicava seus projetos para o futuro. Dizia:

– Hoje em dia este rochedo é inacessível, mas eu construirei para chegar até ele um funicular e minha casa-castelo terá seus alicerces na mesma ponta. Casarei e passarei nesta fortaleza doze meses do ano, sem outra companhia que a da mulher amada, escutando o zumbido do vento, o grito das águias, o rugir do trovão...

Uma mocinha muito linda que o escutava boquiaberta, interrompeu-o:

– Mas isso não é possível, Gaspar...

– Como é que não, garota? Já tenho os planos! Já falei com os arquitetos e engenheiros! Vai-me dizer que é impossível?

– Mas o que é impossível é que encontre uma mulher que queira viver com você aí!... De verdade, Gaspar...

Iturdiaga ergueu as sobrancelhas e sorriu com altiva melancolia. Suas compridas calças azuis terminavam em uns sapatos brilhantes como espelhos. Eu não sabia se me aproximava dele, pois me sentia humilde e ansiosa de companhia, como um cachorro... Naquele momento me distraiu ouvir seu sobrenome, Iturdiaga, pronunciado com toda clareza as minhas costas, e virei a cabeça. Eu estava apoiada numa janela baixa, aberta para o jardim. Ali, numa das estreitas veredas asfaltadas, vi dois senhores que, sem dúvida, passeavam falando de negócios. Um deles, enorme e gordo, tinha certa semelhança com Gaspar. Discutiam tão empolgadamente que haviam detido seu passeio a poucos passos da janela.

– Mas o senhor se dá conta de quanto podemos ganhar com a guerra nesse caso? Milhões, homem, milhões!.. Não é uma brincadeira de crianças, Iturdiaga!...

Seguiram seu caminho.

Um sorriso me veio aos lábios, como se de fato os visse cavalgar pelo céu avermelhado da tarde (sobre as dignas cabeças de homens importantes um chapéu em forma de cone) no lombo do negro fantasma da guerra que voava sobre os campos de Europa...

Passava o tempo devagar demais para mim. Por uma hora, duas, talvez, estive sozinha. Eu observava os movimentos daquelas pessoas que, ao entrarem pelos meus olhos, chegavam a me deixar obcecada. Creio que estava distraída quando voltei a ver Pons. Estava ele

enrubescido e feliz brindando com duas garotas, separado de mim por todo o espaço da sala. Eu também tinha na mão minha taça solitária e olhei para ela com um sorriso estúpido. Senti uma mesquinha e inútil tristeza ali sozinha. A verdade é que não conhecia ninguém e estava deslocada. Parecia como se um montão de figurinhas que me houvesse distraído em colocar em forma de castelo, caísse de um sopro como num jogo de crianças. Figurinhas de Pons comprando cravos para mim, de Pons prometendo-me veraneios ideais, de Pons levando-me pela mão, da minha casa, para a alegria. Meu amigo – que me havia suplicado tanto, que havia me chegado a comover com seu carinho – aquela tarde, sem dúvida, sentia vergonha de mim... Talvez tudo houvesse sido posto a perder a partir do primeiro olhar que sua mãe dirigiu aos meus sapatos... Ou era, quem sabe, culpa minha. Será que, algum dia, eu poderia entender o rumo das coisas?

– Coitadinha, está muito entediada... Este filho meu é um mal educado! Vou trazê-lo aqui, já!

A mãe de Pons havia me observado durante aquele longo tempo, sem dúvida. Olhei para ela com certo rancor, por ser tão diferente de como eu a havia imaginado. Vi que ela se aproximava de meu amigo e depois de alguns minutos ele estava ao meu lado.

– Desculpe-me, Andrea, por favor... Quer dançar?

Ouvia-se novamente a música tocar.

– Não, obrigada. Não me sinto bem aqui e gostaria de ir embora.

– Mas por que, Andrea?... Não estará aborrecida comigo?... Muitas vezes tentei vir buscá-la... Detiveram-me sempre no meio do caminho... No entanto, eu fiquei feliz que você não dançasse com os outros; olhava para você às vezes...

Ficamos calados. Ele estava confuso. Parecia estar a ponto de chorar.

Passou uma das primas de Pons e lançou-nos uma pergunta absurda:

– Briguinha de namorados?

Tinha um sorriso forçado de estrela de cinema. Um sorriso tão divertido que agora eu

sorriso ao lembrar-me. Então vi Pons enrubescer. De meu coração subiu algo como um demônio, fazendo-me sofrer.

– Não consigo encontrar o menor prazer de estar entre pessoas “assim” – disse – como essa garota, por exemplo...

Pons pareceu ferido e agressivo.

– O que você pode falar dessa garota? Conheço-a a vida inteira, é inteligente e boa... Talvez seja bonita demais a seu ver. Vocês, as mulheres, são todas iguais.

Então fui eu quem ficou vermelha, e ele, imediatamente arrependido, tentou pegar uma de minhas mãos.

“É possível que seja eu – pensei – a protagonista de tão ridícula cena?”.

– Não sei o que acontece com você hoje, Andrea, não sei o que tem que não está como sempre...

– É verdade. Não me sinto bem... Veja, na realidade, eu não queria vir a sua festa. Olha, eu só queria cumprimentá-lo e ir embora... Só que quando sua mãe me cumprimentou, eu estava tão confusa... Como vê nem sequer vim vestida de acordo. Não se deu conta de que vim com uns sapatos velhos esportivos? Não percebeu?

“Oh! – pensava algo no meu íntimo com um gesto de repugnância – Por que digo tal quantidade de idiotices?”. Pons não sabia o que fazer. Olhava-me assustado. Tinha as orelhas vermelhas e parecia muito pequenino dentro de seu elegante terno escuro. Lançou um instintivo olhar angustiado em direção ao distante perfil de sua mãe.

– Não me dei conta de nada, Andrea – gaguejou – mas se quer ir embora... eu... não sei o que fazer para impedir que o faça.

Senti um certo mal-estar pelas palavras que cheguei a dizer, depois do grande silêncio que se seguiu.

– Desculpe-me pelo que disse de seus convidados, Pons.

Fomos, em silêncio, até o vestibulo. A feiúra das ostentosas floreiras fez com que me sentisse mais segura e firme lá e aliviou um pouco minha tensão. Pons, subitamente comovido, beijou-me a mão quando nos despedíamos.

– Eu não sei o que aconteceu com você, Andrea, primeiro foi a chegada da marquesa... (Sabe? Mamãe é um pouco antiquada nisso, respeita muito os títulos). Depois minha prima Núria levou-me ao jardim... Bem, fez-me uma declaração de amor... não...

Deteve-se e engoliu saliva.

Provocou-me o riso. Tudo aquilo já me parecia cômico.

– É aquela garota tão bonita que nos falou agora há pouco?

– Sim. Não queria contar a você. A ninguém, naturalmente, quisera dizê-lo... Depois... Está vendo, Andrea, como não podia estar contigo. Depois de tudo foi muito corajoso de sua parte o que fez. É uma garota sedutora. Tem mil pretendentes. Usa um perfume...

– Sim, claro.

– Até mais... De modo que... Quando voltaremos a nos ver?

E voltou a ficar enrubescido, porque ainda era muito criança, na verdade. Sabia perfeitamente, tanto quanto eu, que dali por diante somente nos encontraríamos por acaso, na Universidade, talvez, depois das férias.

O ar de fora se mostrava abrasador. Fiquei sem saber o que fazer com a longa Rua Muntaner descendo em declive diante de mim. Acima, o céu, quase preto de azul, estava se tornando pesado, ameaçador, ainda que sem nenhuma nuvem. Havia algo assustador na magnificência clássica daquele céu achatado sobre a rua silenciosa. Algo que me fazia sentir pequena e oprimida entre forças cósmicas como o herói de uma tragédia grega.

Tanta luz parecia sufocar-me, tanta sede abrasadora de asfalto e pedras. Estava caminhando como se percorresse o próprio caminho deserto de minha vida. Olhando as sombras das pessoas que ao meu lado escapavam, sem poder segurá-las, desembocando a cada instante, irremediavelmente, na solidão.

Começaram a passar autos. Subiu um bonde apinhado de gente. A grande Via Diagonal atravessava diante de meus olhos com seus calçadões, suas palmeiras, seus bancos. Num deles acabei por sentar-me por fim, numa atitude estúpida. Rendida e dolorida como se tivesse feito um grande esforço.

Parecia-me que de nada valia correr se sempre há de se ir pelo mesmo caminho, fechado, de nossa personalidade. Alguns seres nascem para viver, outros para trabalhar, outros para olhar a vida. Eu tinha um pequeno e mesquinho papel de espectadora. Impossível sair dele. Impossível libertar-me. Uma tremenda angústia foi para mim a única coisa real naqueles momentos.

Meu mundo começou a tremer por trás de uma bonita neblina cinza que o sol irisava por segundos. Meu rosto sedento recebia com prazer aquele pranto que meus dedos enxugavam com raiva. Estive muito tempo chorando, ali, na intimidade que oferecia a indiferença da rua, e assim me pareceu que, lentamente, minha alma ficava lavada.

Na verdade, minha pena de garotinha desiludida não merecia tanto estardalhaço. Havia lido, rapidamente, uma página de minha vida que não mais valia a pena lembrar. Ao meu lado, dores maiores haviam-me deixado indiferente até o deboche...

Corri, de volta para casa, a Rua Aribau quase de ponta a ponta. Havia estado tanto tempo sentada no meio de meus pensamentos que o céu se empalidecia. A rua irradiava sua alma no crepúsculo, acendendo suas vitrines como uma fileira de olhos amarelos ou brancos que olhavam de suas escuras órbitas... Mil odores, tristezas, histórias subiam dos paralelepípedos, apareciam nas sacadas ou nos portões da Rua Aribau. Uma animada onda de gente encontrava-se descendo da elegante solidez da Diagonal contra a que subia do movimentado mundo da Praça da Universidade. Misturas de vidas, de qualidades, de gostos, isso era a Rua Aribau. Eu mesma: um elemento a mais, pequeno e perdido nela.

Chegava a minha casa (e dela nenhum convite para passar férias maravilhosas de verão iria me salvar) de volta de meu primeiro baile em que não havia dançado. Caminhava sem vontade, queria me deitar. Diante de meus olhos, um pouco doloridos, iluminou-se aquele farol, familiar já como as feições de um ser querido, que se levantava sobre seu braço negro diante do portão.



Naquele momento vi, muito admirada, a mãe de Ena que saía de minha casa. Ela me viu também e veio até mim. Como sempre, a fascinação da doçura e a simples elegância daquela mulher me calaram profundamente. Sua voz entrou pelos meus ouvidos trazendo-me um mundo de lembranças.

– Que sorte tê-la encontrado, Andrea! – disse-me – Estive esperando-a em sua casa por muito tempo... Tem um tempo para mim? Permitirá que a convide para tomar um sorvete em qualquer lugar?

## TERCEIRA PARTE

### XIX

Quando ficamos frente a frente no café, no instante em que nos sentamos, eu ainda era a criatura encolhida e amargurada a quem haviam destruído um sonho. Depois foi me invadindo o desejo de ouvir o que a mãe de Ena, de um momento para outro, ia me dizer. Esqueci de mim e finalmente encontrei a paz.

– O que está acontecendo com você, Andrea?

Aquele você na boca da senhora se tornava terno e familiar. Deu-me vontade de chorar e mordi os lábios. Ela havia desviado os olhos. Quando os pude ver, sombreados pela aba do chapéu, tinham uma umidade de febre... Eu já estava tranqüila e era ela quem me sorria com um pouco de medo.

– Não me acontece nada.

– É provável, Andrea... Faz alguns dias que descubro sombras estranhas nos olhos de todos. Nunca lhe aconteceu alguma vez atribuir seu estado de ânimo ao mundo que a rodeia?

Parecia que sorrindo, ela tratasse de fazer-me sorrir também. Dizia as coisas de um jeito leve.

– E por que você não aparece em casa ultimamente? Está aborrecida com Ena?

– Não – abaixei os olhos – ao contrário, creio que é ela que se cansa de mim. É natural...

– Por quê? Ena gosta muito de você... Sim, sim, não faça essa expressão tão concentrada. Você é a única amiga que minha filha tem. Por isso vim lhe falar...

Vi que ela brincava com as luvas, alisando-as. Tinha mãos delicadíssimas. A ponta de seus dedos cedia ternamente para trás ao menor contato. Engoliu a saliva.

– É muito difícil, para mim, falar de Ena. Nunca o fiz com ninguém; amo-a demais para isso... Eu, a Ena, posso dizer que a adoro, Andrea.

– Eu também a amo muito.

– Sim, já o sei... Mas como poderia você entender isto? Ena para mim é diferente dos outros filhos, está acima de todos os que cercam minha vida. O carinho que sinto por ela é algo extraordinário.

Eu compreendia. Mais pelo tom que pelas palavras. Mais pelo calor da voz do que pelo que dizia. Dava-me um pouco de medo... Eu sempre havia pensado que aquela mulher, queimava. Sempre. Quando a ouvi cantar naquele primeiro dia em que a vi em sua casa, e depois, quando me olhou de tal maneira que somente percebi um estremecimento de angústia.

– Sei que Ena, ultimamente, está sofrendo. Compreende o que isso significa para mim? Até agora sua vida foi perfeita. Parecia que quaisquer que fossem seus passos encontrariam o sucesso. Suas risadas davam-me a sensação da própria vida... Ela sempre foi tão saudável, tão sem complicações, tão feliz. Quando se apaixonou por esse rapaz, Jaime...

(Diante de minha surpresa, ela sorria com certa tristeza e travessura ao mesmo tempo).

- Quando se apaixonou por Jaime tudo foi como um sonho bom. O fato de ter encontrado um homem capaz de compreendê-la, justamente, no momento em que necessitava, ao sair da adolescência, era aos meus olhos como o cumprimento de uma maravilhosa lei natural...

Eu não queria fitá-la. Estava nervosa. Pensei: “O que será que esta senhora quer averiguar, por meu intermédio?”. Estava resoluta, de qualquer maneira, a não trair nenhum segredo de Ena, por mais coisas pessoais que sua mãe parecesse saber. Decidi deixá-la falar sem dizer uma palavra.

– Como vê, Andrea, não lhe peço para contar-me nenhuma coisa que minha filha queira calar. Não é necessário que o faça. E mais, peço-lhe que nunca conte a Ena o que sei dela. Conheço-a bem e sei como pode chegar a ser dura em certas ocasiões. Nunca me perdoaria. Por outro lado, algum dia ela mesma contará para mim estas histórias. Cada vez

que acontece alguma coisa a Ena, vivo esperando o dia em que vai me contar... Não me decepciona nunca. Sempre chega esse dia. De modo que lhe peço sua descrição e também que me escute... Eu sei que Ena vai com frequência a sua casa e não para fazer-lhe uma visita, exatamente... Sei que sai com um parente seu chamado Román. Sei que desde então seu relacionamento com Jaime esfriou ou terminou por completo. Ena mesma parece haver mudado inteiramente... Diga-me, que opinião você tem de seu tio?

Dei de ombros.

– Este assunto também me fez pensar... Penso que o pior de tudo é que Román é atraente ao seu modo, ainda que não seja uma pessoa recomendável. Se a senhora não o conhece é impossível dizê-lo...

– Román? – o sorriso desta senhora a tornava quase bela, tão profundo era – Sim, conheço Román. Faz muitos anos que conheço Román... Veja você, fomos colegas no Conservatório... Ele não tinha mais que dezessete anos quando eu o conheci e naquela época cantava de galo, acreditando que o mundo haveria de ser seu... Parecia ter um talento extraordinário, embora limitado por sua preguiça. Os professores depositavam nele grandes esperanças. Depois, no entanto, afundou-se. No final prevaleceu o que há de pior nele... Quando voltei a vê-lo, alguns dias atrás, deu-me a impressão de um homem já acabado. Mas conservava sua encenação, seu jeito de mago oriental que está para descobrir algum mistério. Conserva suas artimanhas e a arte de sua música... Eu não quero que minha filha se deixe envolver por um homem assim... Eu não quero que Ena possa chorar ou ser infeliz por...

Os lábios tremiam-lhe. Percebia que falava comigo e os olhos mudavam de cor pela força de tentar dominar-se. Depois os fechava e deixava que transbordasse aquele tumultuado dizer, como a água que rompe os diques e arrasta tudo...

– Meu Deus! Conheço Román, sim. Eu o amei tempo demais, minha filha, para não conhecê-lo. O que você vai me dizer do seu magnetismo e de seu atrativo, que eu não saiba, que eu não tenha sofrido em mim com essa força que parece impossível atenuar e acalmar, que dá um primeiro amor? Conheço tão bem seus defeitos, que agora, restringido e amargurado por sua vida, se é tal como eu a suponho, só o pensamento de que minha filha possa estar atraída por eles como eu mesma estive, é para mim um horror inimaginável.

Depois de tantos anos, eu não esperava esta armadilha da sorte, tão cruel... Você sabe o que é ter dezesseis, dezessete, dezoito anos e estar obcecada unicamente por sucessão de gestos, de estados de espírito, de movimentos, que no conjunto formam esse algo que às vezes chega a parecer irreal e que é uma pessoa?... Não! Que angústia! O que você pode saber com esses olhos tranqüilos com que me olha? Nada sabe tampouco desse querer guardar o que transborda, do impossível pudor dos sentimentos. Chorar em solidão era a única coisa que, na minha adolescência me era permitido. Todo o resto o fazia e o sentia cercada de olhos vigilantes... Ver um homem a sós, mesmo que de longe, tal como eu espreitava Román naquele tempo, ainda que fosse de uma esquina da Rua Aribau, sob a chuva, pela manhã. Ficar com os olhos pregados no portal por onde ele deveria aparecer com sua pasta de estudante debaixo do braço, socando, quase sempre, as costas do irmão, numa brincadeira de filhotes que acabam de acordar? Não, eu não pude nunca esperar ali, sozinha. Era preciso subornar a empregada acompanhante, bisbilhoteira e aborrecida, com aquelas esperas em vão que destruíam todas as suas imagens sobre o que o amor é... Respeito até um ponto extremo a independência de Ena, quando lembro os negros bigodes e os olhos saltados daquela mulher. Seus bocejos embaixo do guarda-chuva nas manhãs de inverno... Um dia consegui que meu pai consentisse em que Román e eu déssemos, em casa, um concerto de piano e violino, com base nas composições de Román. Foi um sucesso assombroso. Os que assistiam estavam como que eletrizados... Não, não, Andrea, por muito que eu viva é impossível que volte a sentir uma emoção semelhante à daqueles minutos. A emoção que me despedaçava quando Román me sorriu com os olhos quase umedecidos. Um pouco depois, no jardim, Román percebia algo daquela estática adoração que eu sentia por ele e brincava comigo com a curiosidade cínica de um gato que brinca com o rato que acaba de caçar. Então foi quando pediu a minha trança.

“<sup>143</sup> – Não é capaz de cortá-la para mim – disse, com um brilho nos olhos.

“<sup>144</sup> Eu não havia sequer sonhado com uma felicidade maior que a de que ele me pedisse alguma coisa. A magnitude do sacrifício era tão grande, no entanto, que me fez tremer. Meu cabelo, quando eu tinha dezesseis anos, era minha única beleza. Ainda levava

---

<sup>143</sup> Colocamos aspas e travessão, como no original, para indicar a fala de Román e mais à frente, a do pai de Ena, inseridos na fala da mãe de Ena.

<sup>144</sup> Neste caso, inserimos aspas para representar a continuação da longa fala da mãe de Ena, em outro parágrafo.

uma trança solta, uma única, muito grossa, trança que escorregava sobre o peito até a cintura. Era meu orgulho. Román a olhava dia após dia com seu sorriso inalterável. Por vezes esse olhar me fez chorar. Afinal, não pude resistir mais e depois de uma noite de insônia, quase com os olhos fechados, eu a cortei. Tão abundante era aquela massa de cabelos e tremiam-me tanto as mãos que demorei muito tempo. Instintivamente apertava-me o pescoço como se um incompetente verdugo tratasse desajeitadamente de cerceá-lo. No dia seguinte, ao olhar-me no espelho, comecei a chorar. Ah, que estúpida é a juventude! Ao mesmo tempo um orgulho muito humilde me corroía por completo. Sabia que ninguém seria capaz de fazer o mesmo. Ninguém amava Román como eu... Enviei minha trança a ele com a mesma ansiedade um tanto febril, que friamente parece tão patética<sup>145</sup>, da heroína de um romance romântico. Não recebi nem uma linha sua em resposta. Em minha casa o acontecimento foi como se houvesse caído uma verdadeira desgraça sobre a família. Como castigo impediram-me por um mês de sair à rua... No entanto, tudo era fácil de suportar. Fechava os olhos e via, entre as mãos de Román, aquela grossa corda dourada que era um pedaço de mim mesma. Sentia-me recompensada, assim, na melhor moeda... Finalmente voltei a ver Román. Olhou-me com curiosidade. Disse-me:

“- Tenho o melhor de você em casa. Roubei-lhe seu encanto – depois concluiu impaciente – Por que fez essa estupidez, mulher? Por que você se comporta como um meu cachorro para mim?

“Agora, vendo as coisas à distância, eu me pergunto como se pode alcançar tal capacidade de humilhação, como podemos adoecer assim, como nos sentidos humanos cabe tão grande quantidade de prazer na dor... Porque eu estive doente. Eu tive febre. Eu não pude levantar-me da cama por algum tempo, tal era o veneno, a obsessão que me tomava... E você me pergunta se conheço Román? Vasculhei em todos os seus cantinhos, por todas as suas pregas, durante dias infinitos, solitários... Meu pai estava alarmado. Fez averiguações, a empregada falou de minhas “manias”... E esta dor de ser descoberta, escancarada até nos cantinhos mais íntimos?. Dor como se arrancassem em tiras minha pele para ver a rede de veias palpitando entre os músculos... Deixaram-me um ano no campo. Meu pai deu dinheiro a

---

<sup>145</sup> Aproximação para a palavra *cursi*: *dicho de una cosa: Que, con apariencia de elegancia o riqueza, es ridícula y de mal gusto* (DRAE). Refere-se ao esforço por comover em excesso, beirando o ridículo.

Román para que se afastasse de Barcelona, por um tempo, para que não estivesse lá quando da minha volta, e ele teve o descaramento de aceitar e de assinar um recibo em que esse feito constava.

“Eu me lembro bem daquela minha volta a Barcelona. Do lânguido cansaço do trem – você não pode imaginar a quantidade de cobertores, de caixas de chapéus, de luvas e véus que então necessitávamos para uma viagem de quatro horas. – Lembro-me do grande automóvel de meu pai que nos esperava na estação, cujos assentos pulavam fazendo-nos chocar, envoltas em nossos peludos casacos, e lembro-me do barulho do motor que nos ensurdecia. Um ano inteiro se passara sem ouvir o nome de Román e então cada árvore, cada pingo de luz – dessa barroca, inconfundível luz de Barcelona – trazia-me seu cheiro, até dilatar-me as narinas pressentindo-o...

“Meu pai abraçou-me muito comovido – porque eu também, como Ena, sou filha única entre vários irmãos homens. Eu, assim que tive oportunidade, disse-lhe que queria continuar com minhas aulas de piano e de canto. Creio que foi o que primeiro lhe disse.

“– Bem. Você não fica um tanto envergonhada em correr assim atrás desse moleque?

“Os olhos de meu pai brilhavam de ódio. Você não conhece o meu pai? Tem os olhinhos mais astutos e também mais doces que conheço.

“– Será que não há outro homem para você? Será que tem de ser você, minha filha, quem vá atrás de um caçador de dotes?

“Aquelas palavras de meu pai feriram tudo o que em mim havia de orgulho de apaixonada pelo objeto do meu amor. Defendi Román. Falei de sua genialidade, de sua magnífica generosidade. Meu pai escutava-me tranqüilamente, e ao final me deixou aquele recibo entre as mãos.

“– Pode vê-lo a sós. Não quero estar presente.

“Nunca mais, entre nós se voltou a falar de Román. São curiosas as reações de nossa alma. Estou certa de que, secretamente, ainda teria superado aquela nova ofensa. Com os

olhos de meus familiares sobre mim, pareceu-me impossível continuar demonstrando meu amor por aquele homem. Foi como um encolhimento moral de ombros. Casei-me com o primeiro pretendente ao gosto de meu pai, com Luís...

“Hoje em dia, você já sabe Andrea, esqueci toda essa história e sou feliz.

Eu estava ficando com vergonha de escutá-la. Justo eu, que ouvia diariamente os vocábulos mais crus do nosso idioma e que ouvia sem ficar assustada as conversas de Glória, carregadas do mais bárbaro materialismo, ficava corada com aquela confissão da mãe de Ena que fazia com que me sentisse mal. Eu era ácida e intransigente como a própria juventude, naquela época. Tudo o que aquilo tinha de fracassado e de sufocante me repelia. O fato de aquela mulher contar suas misérias em voz alta, quase me deixava doente.

Ao olhar para ela, vi que tinha os olhos cheios de lágrimas.

– Mas, como vou explicar a Ena essas coisas, Andrea? Como vou contar a um ser tão querido o que teria podido dizer numa confissão, mordida de angústia, o que disse a você mesma?... Ena somente me conhece como um símbolo de serenidade, de transparência... Sei que não suportaria que esta imagem que ela endeusou estivesse assentada num barro de paixões e desequilíbrio. Gostaria menos de mim... E para mim é vital cada átomo de seu carinho. Foi ela quem me fez tal como eu, atualmente, sou. Você acredita que poderia destruir sua própria obra?... Tem sido um trabalho tão delicado, silencioso e profundo entre nós duas!

Seus olhos escureciam-se, diminuía-se suas amplas pupilas de gato. Seu rosto tinha uma qualidade vegetal, muito delicada: envelhecia enchendo-se de impalpáveis rugas num instante, ou se expandia como uma flor... Eu não compreendia como podia haver chegado a pensar que ela fosse feia.

– Veja, Andrea. Quando Ena nasceu, eu não a queria. Era meu primeiro filho e, no entanto, não o havia desejado. Os primeiros tempos de meu casamento foram difíceis. É curioso até que ponto podem ser estranhos dois seres que vivem juntos e que não se entendem. Luís, felizmente para ele, estava tão ocupado, durante todo o dia, que não tinha muito tempo de pensar em nossa árida intimidade. Apesar de tudo, também se sentia deslocado com uma mulher que quase não falava. Lembro-me dos olhares que dirigia ao



relógio, aos meus sapatos, ou ao tapete naquelas noites intermináveis que passávamos, ele fumando e eu tratando de ler. Entre os dois havia uma distância quase infinita e eu estava convencida de que, com os anos, aquela separação iria se aprofundando cada vez mais. Às vezes eu o via levantar-se nervoso e chegar-se à janela. Por fim, acabava propondo-me algum programa de diversão... Gostava que eu fosse perfeitamente vestida, que nossa casa parecesse confortável e luxuosa... Uma vez que havia alcançado tudo isso, o coitado não sabia o que era que faltava a nossa vida.

“Se às vezes pegava minha mão, com um sorriso difícil, parecia assustar-se com aquela passividade de meus dedos, que entre os seus eram pequenos demais. Levantava os olhos e todo o seu rosto parecia possuído de uma angústia infantil ao olhar-me. Naqueles momentos eu sentia vontade de rir. Era como uma vingança por todo o fracasso de minha vida anterior. Sentia-me forte e poderosa por uma vez. Por uma vez compreendia o prazer que havia feito vibrar a alma de Román, quando me mortificava. Ele me perguntava:

“- É por que sente saudades da Espanha?”

“Eu dava de ombros e dizia-lhe que não. Sobre nós as horas escorriam cortando depressa o tecido de uma vida completamente cinza... Não, Andrea, eu, naquela época, não desejava nenhum filho de meu marido. E, no entanto, veio. Cada sofrimento físico que sentia parecia-me uma nova brutalidade da vida acrescentada as muitas que havia tido que suportar. Quando me disseram que era uma menina, a meu desinteresse se juntou uma estranha angústia. Não queria vê-la. Joguei-me na cama virando o rosto... Lembro-me de que era outono e que, atrás de minha janela, aparecia uma tristíssima manhã cinzenta. Contra a vidraça se empurravam, quase chiando, os galhos cor de ouro seco de uma grande árvore. A criatura, perto de meus ouvidos, começou a gritar. Eu sentia remorsos por havê-la feito nascer de mim, por havê-la condenado a carregar minha herança. Uma estranha tristeza me fazia chorar, constantemente, ao pensar que por minha culpa aquela coisa gemente pudesse chegar a ser uma mulher um dia. E assim, movida por um impulso de compaixão – quase tão vergonhoso como o que se sente ao depositar uma esmola nas mãos de qualquer infeliz com quem deparamos na rua – aproximei aquele pedaço de carne minha ao meu corpo e deixei que para alimentar-se chupasse de mim e assim me devorasse e me vencesse, pela primeira vez, fisicamente...”

“Desde aquele instante Ena foi mais poderosa que eu; escravizou-me, prendeu-me a ela. Fez-me maravilhar-me com sua vitalidade, com sua força, com sua beleza. Conforme ia crescendo, eu a contemplava com o mesmo assombro como se visse crescer num corpo todas as minhas aspirações não realizadas. Eu havia sonhado com a saúde, com a energia, com o sucesso pessoal que me havia sido negado e os vi crescer em Ena desde que era uma menininha. Você sabe, Andrea, que minha filha é como uma irradiação de força e vida... Compreendi, humildemente, o sentido de minha existência ao ver nela todos os meus orgulhos, minhas forças e meus melhores desejos de perfeição realizarem-se tão magicamente. Pude olhar para Luís com um novo olhar com o qual já podia apreciar todas as suas qualidades, porque as havia visto refletidas, antes, em minha filha. Foi ela, a menina, quem me fez descobrir a fina malha da vida, as mil doçuras de renúncia e de amor, que não é só paixão e egoísmo cego entre um corpo e alma de homem e um corpo e alma de mulher, mas que reveste nomes de compaixão, amizade, ternura. Foi Ena quem me fez gostar de seu pai, quem me fez querer mais filhos e – visto que ela exigia uma mãe adequada a sua perfeita e sã qualidade humana – quem me fez, conscientemente, desligar-me de minha morbidez patológica, de meus fechados egoísmos... Abrir-me aos demais e encontrar assim horizontes desconhecidos. Porque antes que eu a criasse, quase à força, com meu próprio sangue e ossos, com minha própria amarga substância, eu era uma mulher desequilibrada e mesquinha. Insatisfeita e egoísta... Uma mulher que preferia morrer antes que Ena pudesse suspeitá-la em mim...

Ficamos em silêncio.

Não havia mais o que dizer ao chegar neste ponto, uma vez que era fácil para mim entender esse idioma de sangue, dor e criação que começa com a mesma substância física quando se é mulher. Era fácil entendê-lo sabendo do meu próprio corpo preparado – como que carregado de sementes – para esta tarefa de continuidade da vida. Ainda que tudo em mim fosse, naquele momento, áspero e incompleto como a esperança, eu compreendia.

Quando a mãe de Ena terminou de falar, meus pensamentos se harmonizavam completamente com os seus.

Assustei-me e dei-me conta de que as pessoas voltavam a gritar a minha volta (como a onda, que, parada – negra – por um momento, bate contra a escarpa e estoura em fragor e

espuma). Todas as luzes do café e da rua entraram ao mesmo tempo em meus olhos quando ela voltou a falar.

– Por isso quero que você me ajude... Só você ou Román poderiam ajudar-me e ele não quis. Eu gostaria que, sem conhecer esta parte difícil de minha história, que você conhece agora, Ena sentisse vergonha de Román... Ela, minha filha, não é um ser doentio como eu fui. Não poderá nunca se deixar arrastar pelas mesmas febres que me consumiram... Nem sequer sei pedir a você que faça algo de concreto. Gostaria que quando eles estiverem lá em cima no quarto de Román, ouvindo música, alguém quebre a penumbra e o falso feitiço pelo simples fato de acender a luz. Gostaria que alguém, que não fosse eu, contasse a Ena sobre Román, se preciso for, mentindo... Diga-lhe que bateu em você, coloque em destaque seu sadismo, sua crueldade, seu desequilíbrio... Bem sei que isso que lhe peço é demais... Agora sou eu quem lhe pergunta: você conhece este lado de seu tio?

– Sim.

– Então, tratará de ajudar-me? Principalmente, não abandone Ena, como fez até agora... Se ela acreditar em alguém, deverá ser em você. Ela a respeita mais do que deu a perceber. Disso tenho certeza.

– No que depender de mim pode estar segura de que tratarei de ajudá-la. Mas não acredito que estas coisas de nada sirvam.

(Minha alma rangia por dentro como um papel amassado. Como havia rangido quando Ena apertou um dia, na minha frente, a mão de Román).

Doía-lhe a cabeça e eu, quase podia tocar aquela dor.

– Se eu pudesse tirá-la de Barcelona!... Para você deve parecer ridículo que eu não possa impor minha autoridade numa questão como a de sair durante o verão. Porém, meu marido não tem possibilidade de afastar-se agora de seus negócios e Ena defende-se, escudando-se em seu desejo de não abandoná-lo. Conseguir que Luís se zangue com minha insistência e entre brincadeiras e verdades me acuse de apropriar-me da filha que nós dois preferimos. Diz que posso ir com os meninos e deixe Ena com ele. Está entusiasmado, porque

ela, que geralmente é pouco efusiva em suas demonstrações de afeto, ultimamente lhe demonstra uma ternura extraordinária. Faz noites que não durmo...

(E eu a imaginava com os olhos abertos junto ao tranqüilo sono do marido. Os ossos doloridos pelas posições forçadas por medo de acordá-lo... Atenta aos chiados da cama, à dor das pálpebras insones, à própria angústia interior).

– Por outro lado, Andrea, tenho tratado de contar-lhe aspectos ridículos ou grosseiros de Román. Aspectos dos quais minhas lembranças estão plenas... No entanto, por este caminho, pouco me aventuro. Se Ena me olha, sinto que vou enrubescer como se fosse culpada. Que vão me transpassar os olhos de minha filha... Meu pai me prometeu que a partir de setembro Luís terá de assumir a sucursal de Madrid... Mas daqui até então podem acontecer tantas coisas...

Levantou-se para ir embora. Não estava aliviada por ter falado comigo. Antes de vestir as luvas, passou, com um gesto mecânico, a mão pela testa. Mão tão fina que tive vontade de virar sua palma para os meus olhos a fim de maravilhar-me com sua ternura, como às vezes gosto de fazer com o verso das folhas...

Num instante vi que ela se distanciava, que no meio da pesada sensação de estupor que me havia deixado aquela conversa, a pequena e delgada figura desaparecia entre as pessoas.

Mais tarde, em meu quarto, a noite se encheu de inquietações. Pensei nas palavras da mãe de Ena: “Pedi ajuda a Román e ele negou-me...”. Então, afinal, a senhora tinha visto a sós aquele homem – e não sei por que Román me causava certa pena, pareceu-me um pobre homem – a quem ela havia acochado com seus pensamentos anos atrás. Tinha visto o pequeno quarto, o pequeno teatro onde, finalmente, com o tempo, Román se havia encerrado. E seus olhos amargos haviam adivinhado o que dali podia enfeitiçar sua filha.

Já de madrugada, um cortejo de pesadas nuvens escuras como longuíssimos dedos começaram a flutuar no céu. Por fim, afogaram a lua.

## XX

A manhã veio e pareceu-me senti-la chegar – ainda com as pálpebras cerradas – tal como a Aurora, em uma grande carruagem cujas rodas esmagavam meu crânio. Ensurdeci-me o barulho – estalar de ossos, estremecimento de madeira e ferro sobre o piso. – O tilintar do bonde. Um rumor confuso de folhas das árvores e de luzes misturadas. Um grito ao longe:

– *Drapaireee!*...<sup>146</sup>

As portas de uma sacada abriram-se e fecharam-se perto de mim. A própria porta do meu quarto se escancarou, de par em par, empurrada por uma corrente de ar, e tive de abrir os olhos. Dei com o quarto cheio de uma luz pastosa. Era muito tarde. Glória saiu à sacada da sala de jantar para chamar aquele trapeiro que apregoava na rua e Juan a deteve pelo braço, fechando com uma pancada estrondosa a porta de vidro.

– Largue-me, homem!

– Já lhe disse que não se vende mais nada. Está ouvindo? O que há nesta casa não é só meu.

– E eu lhe digo que temos de comer...

– Para isso ganho eu suficiente!

– Já sabe que não. Já sabe muito bem por que não morremos de fome aqui...

– Você está me provocando, desgraçada!

– Não tenho medo, homem!

– Ah!... Não?

Juan pegou-a pelos ombros, exasperado.

– Não!

---

<sup>146</sup> Palavra catalã que quer dizer “trapeiro”, em português.

Vi Glória cair e bater a cabeça contra a porta da sacada.

– Vou matá-la, maldita!

– Não tenho medo de você, covarde!

A voz de Glória tremia, aguda.

Juan pegou a jarra de água e tratou de atirá-la sobre ela quando tentava levantar-se. Desta vez houve vidros quebrados, ainda que errasse o alvo. A jarra se espatifou contra a parede. Um dos cacos feriu, ao se espalhar, a mão do menino, que sentado em sua cadeira alta via tudo com olhos redondos e sérios.

– Esse menino! Veja o que fez a seu filho, cretina! Mãe desnaturada!

– Eu?

Juan correu em direção à criança, que estava apavorada e que finalmente começou a chorar. Tratou de acalmá-la com palavras carinhosas, tomando-a nos braços. Depois a levou para cuidar do ferimento.

Glória chorava. Entrou em meu quarto.

– Você viu que animal, Andrea? Que animal!

Eu estava sentada na cama. Ela sentou-se também, apalpando a nuca, dolorida pelo golpe.

– Você percebe que não posso viver aqui? Não posso... Qualquer dia acaba comigo, e eu não quero morrer. A vida é muito bonita! Você foi testemunha... Não é verdade? Você foi testemunha, Andrea, de que ele mesmo compreendeu que eu era a única que fazia algo para não morrermos de fome naquela noite na qual me achou jogando?... Não me deu razão diante de você, não me beijava chorando? Diga, não me beijava?

Enxugou seus olhos e seu miúdo nariz se encolheu em um sorriso.

Apesar de tudo, havia algo de cômico naquilo, garota... Um nadinha cômico. Você já sabe... Eu dizia a Juan que vendia seus quadros nas casas que se dedicam a comercializar

objetos de arte. Na realidade eram comprados pelos trapeiros, e com cinco ou seis *duros* que eles me davam, podia jogar à noite na casa de minha irmã... Os amigos e amigas dela encontram-se lá à noite. Minha irmã gosta muito disso porque gastam com aguardente e ela ganha com tal situação. Às vezes ficam até o amanhecer. São pessoas que jogam bem e gostam de apostar. Eu ganho quase sempre... Quase sempre... Quando perco, ou quando tenho déficit, minha irmã me empresta, e outras vezes quando ganho vou devolvendo a juros baixos... É a única maneira de conseguir um pouco de dinheiro honestamente. Digo-lhe que algumas vezes cheguei a trazer para casa quarenta ou cinquenta *duros* de uma vez. É muito emocionante jogar, garota... Naquela noite eu havia ganho, tinha trinta *duros* diante de mim... E o que são as coincidências, imagine que foi oportuno que Juan aparecesse, porque eu tinha como adversário um homem muito bruto e havia feito um pouquinho de trapaça... Algumas vezes tem de ser feita. Pois então, é um homem vesgo de um olho. Um tipo curioso que você gostaria de conhecer, Andrea. O pior é que não se sabe bem para onde olha, o que viu e o que não... Um tipo que faz contrabando e que teve algo a ver com Román. Você sabe que Román se dedica a negócios sujos?

– E Juan?

– Ah, sim, sim! Era um momento emocionante, estávamos todos em silêncio e Tonet disse:

“<sup>147</sup> – Garanto que ninguém vai me passar a perna...

“Eu, por dentro, estava um pouquinho assustada... E neste momento começam a se ouvir as pancadas na porta que dá na rua. Uma amiga de minha irmã, Carmeta – acredite, uma moça muito bonita... ” – disse:

“– Tonet, acho que é com você”.

“E Tonet, que já estava atento, com a pulga atrás da orelha, levantou-se como um raio, porque naqueles dias andava fugido. O marido de minha irmã lhe disse... bem o marido de minha irmã não é marido, entende? mas é a mesma coisa; bem, então lhe disse”:

“– Corra para o terraço e pule para a casa de Martillet. Eu contarei até vinte antes de abrir. Parece que não são mais que um ou dois os que estão lá embaixo.... ”.

---

<sup>147</sup> Mesmo procedimento da Nota 148, agora com a fala de Glória.

“Tonet pôs-se a correr escada acima. A porta parecia que ia desabar a pancadas. Minha própria irmã, que é a mais diplomática, foi abrir. Então vimos Juan xingando e meu cunhado franziu a testa porque não gosta de histórias sentimentais. Correu para ver o que acontecia. Juan discutiu com ele. Embora meu cunhado seja um homem gordo, de dois metros de altura, você já sabe que os loucos têm muita força, garota; e Juan estava como louco. Não o pôde conter; mas quando já havia passado por ele e puxava a cortina, meu cunhado lhe deu um soco nas costas que o fez cair ao chão, de cabeça, em nosso cômodo. Deu-me pena, coitadinho (porque eu amo Juan, Andrea. Casei-me apaixonadíssima por ele, sabe?). Eu ergui sua cabeça, ajoelhando-me ao seu lado e comecei a dizer-lhe que eu estava ali para conseguir dinheiro para o menino. Ele deu-me um empurrão e levantou-se sem muita segurança. Minha irmã, então, pôs as mãos na cintura e passou-lhe um sermão. Disse-lhe que ela mesma me havia feito propostas com homens que me teriam pago bem e que eu não quis aceitar porque gostava dele, ainda que sempre estivesse passando necessidades por sua culpa. Sempre caladinha e sofrendo por ele. Juan, coitadinho, estava parado, com os braços caídos e olhava tudo. Viu que sobre a mesa estavam as apostas, que permaneciam ali Carmeta e Teresa e dois bons moços que são seus namorados. Percebeu que iam com seriedade àquele lugar e que não havia nenhuma festa... Minha irmã lhe disse que eu havia ganhado trinta *duros* enquanto ele pensava em me matar. Então, meu cunhado começou a arrotar no canto onde estava, com as mãos apoiadas no cinto e pareceu que Juan ia voltar-se contra ele para começar, outra vez, o ataque de fúria... mas minha irmã, Andrea, é uma mulher de muita coragem, você já a conhece, e lhe disse”:

“– E agora, Joanet, venha tomar um pouco de aguardente comigo e em seguida sua mulherzinha recolhe seus ganhos com estes amigos e vai para casa cuidar de seu *nen*”<sup>148</sup>.

“Então minha cabeça começou a trabalhar muito. Assim, quando minha irmã levou Juan para a loja, pensei que se ele havia vindo era porque você ou a avó teriam ligado para ele e que o mais provável era que o menino, àquelas horas estivesse morto... Porque eu penso muito, garota. Não parece, não é verdade? Pois eu penso muito”.

“Deu-me tamanha pena e angústia que não conseguia contar o dinheiro que me

---

<sup>148</sup> Palavra catalã que quer dizer “nenê”, em português.



pertencia, ali na mesa onde estávamos jogando... Porque eu gosto muito do *nen*; não é verdade que é uma gracinha? Coitadinho!...”.

“A Carmeta, como é tão boa, arrumou as contas. E não se voltou a comentar que eu tivesse feito trapaça... Depois encontrei você com Juan e com minha irmã. Veja como estava abobalhada que quase não me pareceu estranho. Não me ocorria outra idéia além de: “O *nen* está morto, o *nen* está morto”... E então você pôde ver que Juan gostava de mim de verdade, quando lhe contei aquilo... Porque os homens se apaixonam muito por mim. Não conseguem se esquecer de mim com facilidade, acredite... Juan e eu já nos amamos tanto...”

Ficamos em silêncio. Eu comecei a vestir-me. Glória ia se tranqüilizando e esticava os braços preguiçosamente. De repente fixou seu olhar em mim.

– Que pés tão estranhos você tem! Tão magros! Parecem os de um Cristo!

– Sim, é verdade! – no fim, Glória sempre me fazia sorrir – os seus, em compensação, são como os das musas...

– Muito bonitos, não é?

– Sim.

(Eram uns pés brancos e pequenos, torneados e infantis).

Ouvimos a porta da rua. Juan saía. Minha avó apareceu com um sorriso.

– Levou o menino para dar um passeio com ele... Muito bom é esse filho meu!... Malandra – dirigia-se a Glória – por que você responde a ele e o envolve nessas discussões? Ai, ai! Você não sabe que com os homens é preciso ceder sempre?

Glória sorriu e fez uma carícia na avó. Começou a aplicar rímel nos cílios. Passou outro trapeiro e ela o chamou da janela. Minha avó moveu a cabeça com preocupação.

– Depressa, depressa, menina, antes que cheguem Juan ou Román... Olha que se Román chegar! Não quero nem pensar!

– Essas coisas são suas, mamãe, e não de seu filho. Não é verdade, Andrea? Vou permitir que o menino passe fome por conservar estes trastes? Além do que, Román deve dinheiro a Juan. Eu sei...

Minha avó saiu de lá evitando – conforme dizia – cumplicidades. Estava muito magra. Debaixo dos brancos cabelos desgrenhados voavam duas orelhas transparentes.

Enquanto tomava banho e depois na cozinha, passando minha roupa – sob os olhares azedos de Antônia, que nunca via com agrado intromissões em seu reino – ouvi a voz estridente de Glória e a voz catarrenta do *drapaire* discutindo em catalão. Eu pensava numas palavras que me disse Glória, muito tempo atrás, referindo-se a sua história com Juan: “... Era como o final de um filme. Era como o final de todas as tristezas. Agora íamos ser felizes...”. Isso havia acontecido há muito tempo, na época em que, salvando toda a embriaguez da guerra, Juan voltara para junto da mulher que havia lhe dado um filho, para fazê-la sua esposa. Já quase não se lembravam desse momento... Mas, não fazia tanto tempo e Glória havia-me recordado isso com sua conversa, naquela angustiada noite quando eu os havia visto novamente fundidos em um só, até sentirem juntos as batidas de seu sangue, amando-se, apoiando-se um ao outro sob a mesma dor. E também era como o final de todos os ódios e de todas as incompreensões.

“Se naquela noite – pensava eu – acabasse o mundo ou se um deles morresse, sua história teria ficado perfeitamente fechada e bela como um círculo”. Assim costuma acontecer nos romances, nos filmes, mas não na vida... Eu, pela primeira vez, estava percebendo que ao continuar, tudo se torna-se cinzento, tudo se arruína vivendo. De que não há final em nossa história até que chega a morte e o corpo se desfaz...

– O que está olhando, Andrea?... O que olha com esses olhos tão arregalados no espelho?

Glória, já de bom humor, apareceu às minhas costas, enquanto eu terminava de me vestir. Atrás dela vi minha avó com expressão radiante. A velhinha tinha medo daquelas vendas que Glória realizava. Acreditava firmemente que os trapeiros nos faziam um grande favor, aceitando-nos os móveis velhos e seu coração batia assustado, enquanto Glória discutia com o comprador. Rezava, tremendo, diante do seu empoeirado altar, para que a Mãe de Deus

livrasse logo a sua nora da humilhação. Quando o homem terrível ia embora, ela respirava tranqüila, como o menino que sai da casa do médico.

Olhei-a com carinho. Tinha sempre, em relação a ela, vagos remorsos. Algumas noites, ao voltar para casa, nas épocas de grande penúria, quando não havia podido almoçar nem jantar, encontrava em meu criado mudo um prato com um pouco de verdura pouco apetitosa, cozida há muitas horas, ou um pedaço de pão duro, deixados lá por “esquecimento”. Comia, induzida por uma necessidade mais forte do que eu, aquelas porções de alimento das quais havia se privado a coitadinha e sentia nojo de mim mesma por fazê-lo. No dia seguinte eu rondava às tontas ao redor de minha avó. Notava um sorriso tão doce em seus olhos claros, ao olhar-me, que me comovia como se me agarrassem as raízes da alma até ficar com vontade de chorar. Se, impelida por meus sentimentos, eu a estreitava entre meus braços, dava com um corpinho duro e frio como que feito de arame, dentro do qual batia um coração assombrosamente vivo...

Glória inclinou-se para mim, apalpando minha blusa sobre minhas costas, com certa satisfação.

– Você também está magra, Andrea...

Depois, rapidamente, para não ser ouvida pela minha avó:

– Sua amiga Ena virá esta tarde ao quarto de Román.

(Levantou-se um tumulto dentro de mim).

– Como é que você sabe?

– Porque ele acaba de pedir para a empregada que suba e limpe aquilo e compre licores... Eu não sou boba, garota – e depois, apertando os olhos: – Sua amiga é a amante de Román.

Fiquei tão vermelha que ela se assustou e se afastou de mim. Minha avó observava-nos com os olhinhos inquietos.

– Você é como um animal – eu disse furiosa – Você e Juan são como bichos. Será que não ocorre outra coisa, entre um homem e uma mulher? Será que não concebe nada mais no amor? Oh! Mente suja!

A violência de meus sentimentos pressionava-me o cérebro fazendo com que as lágrimas brotassem de meus olhos. Naquele instante estava apavorada por Ena. Gostava dela e não podia suportar aquelas palavras corrosivas sobre sua vida.

Glória fez um gesto com a boca, que era um sorriso de ironia, mas que me tranqüilizou, porque compreendi que aquela mulher estava a ponto de chorar também.

Minha avó, espantada e sentida, disse:

– Andrea! Minha neta falando assim!

Eu disse a Glória:

– Por que pensou essa infâmia de uma garota que é minha amiga?

– Porque conheço perfeitamente Román... Quer ouvir uma coisa? Román quis ser meu amante depois de estar casada com Juan... Como vê, o que se pode esperar de um homem assim?

– Bom. Eu, ao contrário, conheço Ena... Ela pertence a um tipo de ser humano do qual você não faz nem idéia, Glória... Román poderia interessá-la como amigo, mas...

(Aliviava-me dizer estas coisas em voz alta e ao mesmo tempo começou a desagradar-me aquela conversa com Glória sobre a minha amiga. Calei-me).

Dei meia volta e fui para a rua. Minha avó tocou meu vestido ao passar ao seu lado.

– Menina! Menina! Veja só, a netinha que nunca se zangava! Jesus, Jesus!

Não sei que gosto amargo e salgado tinha na boca.

Saí batendo a porta com força como se eu fosse igual a eles. Igual a todos...

Estava tão nervosa que a cada instante sentia, já na rua, umedecerem-se meus olhos. O céu nublado enchia-se de opressivas nuvens quentes. As palavras dos outros, velhas palavras, começaram a perseguir-me e a dançar nos meus ouvidos. A voz de Ena: “Você come muito pouco, Andrea, e está histérica...”. “Está histérica, está histérica...”. “Por que chora se não está histérica?...”. “Que motivos você tem para chorar?...”. Vi que as pessoas me olhavam um tanto espantadas e mordi os lábios de raiva, ao dar-me conta... “Já faço gestos nervosos como Juan...”. “Já estou ficando louca também...”. “Há quem ficou louco por causa da fome...”.

Desci pelas Ramblas até o porto. A cada instante me enternecia a lembrança de Ena, tanto carinho me inspirava. Sua própria mãe havia me confirmado sua estima. Ela, tão querida e radiante, admirava-me e estimulava-me. Sentia-me enaltecida ao pensar que haviam solicitado de mim uma missão providencial junto a ela. Não sabia eu, no entanto, se realmente ia servir para algo a minha intervenção em sua vida. Saber por Glória que Ena viria a casa, naquela tarde, deixava-me muito inquieta.

Estava no porto. O mar represado apresentava suas manchas de brilhante óleo aos meus olhos; o cheiro do breu, de cordas, penetrava profundamente em mim. Os navios pareciam enormes com seus altíssimos costados. Às vezes, a água parecia sacudida pela rabada de um peixe, um barquinho, um golpe de remo. Eu estava lá naquele meio-dia de verão. De algum convés de um barco, talvez, alguns nórdicos olhos azuis me veriam como uma minúscula pincelada de uma ilustração estrangeira... Eu, uma garota espanhola, de cabelos escuros, parada por um momento no embarcadouro do porto de Barcelona. Em alguns instantes a vida continuaria e me deslocaria até algum outro ponto. Eu me encontraria com meu corpo emoldurado em outra decoração... “Talvez – pensei finalmente, vencida por meus instintos martirizados – comendo em algum lugar”. Não tinha quase dinheiro, mas algo ainda restava. Devagar, fui na direção dos alegres bares e restaurantes da Barceloneta que nos dias de sol dão, azuis ou brancos, sua nota marítima e alegre. Alguns têm terraços onde pessoas com bom apetite comem arroz e mariscos, estimulados por cálidos e coloridos odores de verão que chegam das praias ou do cais do porto.

Naquele dia vinha do mar um sopro cinza e ardente. Ouvei alguém dizer que era tempo de tempestade. Eu pedi cerveja e também queijo e amêndoas... O bar onde estava sentada era uma casa de dois andares, tingida de anil, enfeitada com objetos náuticos. Eu me ajeitei numa

das mesinhas da rua e quase me parecia que o chão, debaixo de mim, ia começar a trepidar, impelido por algum oculto motor e a levar-me longe... a abrir-me novamente os horizontes. Este desejo que sentia brotar, repetia-se sempre, por qualquer motivo, em minha vida.

Estive lá muito tempo... Doía minha cabeça. Por fim, muito devagar, pesando-me nos ombros os sacos de lã das nuvens, voltei para casa. Dava algumas voltas. Detinha-me... Mas parecia que um fio invisível puxava-me, com o correr das horas, desde a Rua Aribau, desde a porta de entrada, desde o quarto de Román na parte de cima da casa... Havia passado já metade da tarde quando aquela força tornou-se irresistível e eu entrei em nossa portaria.

Conforme ia subindo a escada, tomou-me entre suas garras o conhecido e indefinido silêncio do qual estava impregnada. Pelo vidro quebrado de uma janela chegava do pátio – num dos patamares – o canto de uma empregada.

Lá em cima estavam Román e Ena e eu tinha de ir também. Não compreendia porque tinha tanta certeza da presença de minha amiga naquele lugar. Não eram suficientes as suposições de Glória para eu estar tão segura. Eu sentia a sua presença em meu nariz, como um cachorro que fareja. A mim, acostumada a deixar que a corrente dos acontecimentos me arrastasse por si mesma, excitava-me um pouco aquela atitude minha que, ao que parecia, ia ser superada...

A cada degrau tinha a impressão de que meus sapatos ficavam mais pesados. Todo o sangue do meu corpo descia para as pernas e eu ia ficando pálida. Ao chegar à porta de Román tinha as mãos geladas e suadas ao mesmo tempo. Eu me detive. À minha direita, a porta do terraço aberta deu-me vontade de transpô-la. Não podia ficar indefinidamente parada diante do quarto de Román e tampouco me decidia a chamar, embora ouvisse um murmúrio de conversa. Precisava de uma pequena trégua para tranquilizar-me. Saí à sacada. Debaixo de um céu cada vez mais ameaçador, vislumbrava – como um bando de enormes pássaros brancos – o panorama dos terraços quase caindo sobre mim. Ouvi a risada de Ena. Uma risada cujas notas forçadas faziam-me tremer. A pequena janela do quarto de Román estava aberta. Impulsiva, coloquei-me de quatro, como um gato, e arrastei-me, para não ser vista, sentando-me embaixo daquele buraco. A voz de Ena era alta e clara:

– Para você, Román, parecia tudo um assunto fácil demais. O que você pensava? Que me casaria com você, talvez? Que andaria aturdida por toda minha vida, temendo seus pedidos de dinheiro, como minha mãe?

– Agora, será você a me ouvir... Román falava com um tom que não havia ouvido nunca.

– Não. Não há mais nada a dizer. Tenho todas as provas. Sabe que está em minhas mãos. Finalmente acabará este pesadelo...

– Mas vai me escutar, não vai? Mesmo que não queira... Eu nunca pedi dinheiro a sua mãe. Acredito que de chantagem não terá provas.

A voz de Román se arrastava como uma serpente, chegando até mim.

Rápida, sem que me passasse pela cabeça pensar mais, deslizei encostada na parede e saindo do terraço precipitei-me, batendo à porta de meu tio. Não me responderam e voltei a chamar. Então Roman abriu a porta. No momento não percebi que estivesse tão pálido. Meus olhos absorviam a imagem de Ena, que parecia muito tranqüila, sentada e fumando. Olhou-me hostilmente. Os dedos que seguravam o cigarro tremiam ligeiramente.

– Oportunidade, seu nome é Andrea – disse friamente.

– Ena, querida... Pareceu-me que estava aqui. Subi para cumprimentá-la...

(Eu quis dizer isso ou algo parecido. No entanto, nem sei se cheguei a completar a frase).

Román parecia reagir. Seu vivo olhar abrangia-nos, a Ena e a mim.

– Ande, pequena, seja boazinha... e vá embora.

Estava muito alterado.

Inesperadamente, Ena ficou de pé, com seus movimentos elásticos, rapidíssimos, e encontrava-se ao meu lado, pegando-me pelo braço antes que Román e eu tivéssemos tido

tempo de pensar. Senti confusamente as batidas de um coração, quando ela se aproximou de mim. Não saberia dizer se era o seu coração ou o meu que estava assustado.

Román deu aquele sorriso, belo e tenso, tão conhecido!

– Façam o que quiserem, pequenas – olhava para Ena, não para mim; para Ena unicamente. – No entanto, surpreende-me esta saída repentina, quando estávamos na metade da conversa, Ena. Você sabe que isto não pode acabar assim... Você sabe.

Não sei por que me deu tanto medo o tom amável e tenso de Román. Seus olhos brilhavam olhando minha amiga, como os olhos de Juan quando seu cérebro estava a ponto de explodir.

Ena empurrou-me até a porta. Fez uma leve e debochada reverência.

– Outro dia falaremos, Román. Até então, não se esqueça do que lhe falei. Até mais!...

Estava rindo também. Também tinha os olhos brilhantes e estava muito pálida.

Foi então, naquele instante, que percebi que Román estava com a mão direita no bolso todo o tempo. Algo fazia volume ali. Não sei que desvio de minha fantasia me fez pensar em seu revólver preto, quando meu tio reforçava seu sorriso. Foi uma questão de segundos. Abracei-me a ele como uma louca e gritei para que Ena corresse.

Senti o empurrão de Román e vi seu rosto, livre por fim daquela tensão angustiada. Varrida por uma raiva soberba.

– Ridícula! Será que você acredita que ia matá-las a tiros?

Olhou-me, já recobrada a serenidade. Eu havia recebido uma pancada nas costas ao chocar contra o corrimão da escada. Román passou a mão pela testa para afastar os crespos cabelos. Aos meus olhos, em rápida queda – como já outras vezes acontecera – envelheceram suas feições. Depois nos deu as costas e entrou em seu quarto.

Eu sentia o corpo dolorido. Uma rajada de ar empoeirado fez bater a porta do terraço. De longe me chegou o ronco barulhento de um trovão.



Encontrei Ena esperando-me num patamar da escada. Seu olhar era o olhar gozador dos piores momentos.

– Andrea, por que é tão trágica, querida?

Seus olhos feriam-me. Levantava a cabeça e seus lábios curvavam-se com um desprezo insuportável.

Tive vontade de bater nela. Depois minha fúria aglutinou-se numa angústia que me fez virar a cabeça e sair correndo escadas abaixo, quase me matando, cega pelas lágrimas... O conhecido aspecto das portas, com seus capachos, suas campainhas brilhantes ou opacas, as placas que indicavam a ocupação de cada inquilino... “Auxiliar de enfermagem”<sup>149</sup>, “Alfaiate”... dançavam, caíam sobre mim, desapareciam engolidas pelo meu choro.

Assim cheguei à rua, fustigada pela irreprimível explosão de tristeza que me fazia correr, isolando-me de tudo. Assim, empurrando os transeuntes, precipitei-me, Rua Aribau abaixo, em direção à Praça da Universidade.

## XXI

Aquele céu carregado entrava-me pelos pulmões e cegava-me de tristeza. Desfilavam rapidamente, entre a neblina angustiada que me cercava, os odores da Rua Aribau. Cheiro de perfumaria, de farmácia, de casa de comestíveis. Cheiro de rua sobre a qual uma poeirada gravita, no ventre de um céu sufocantemente escuro.

A Praça da Universidade pareceu-me quieta e enorme como nos pesadelos. Era como se os poucos transeuntes que a atravessavam, como se os autos e os bondes estivessem atacados de paralisia. Alguém me ficou na lembrança com uma perna levantada: tão estranho foi o olhar que lancei a tudo e tão rapidamente esqueci o que havia visto.

Dei-me conta de que já não chorava, mas me doía a garganta e latejavam-me as têmporas. Apoiei-me na grade do jardim da Universidade, como naquele dia em que

---

<sup>149</sup> Tradução para *praticante*: Que aplicava injeções a domicilio.

recordava Ena. Um dia no qual, ao que parece, não me dava conta de que a água dos céus desabava sobre mim...

Um papel velho grudou em meus joelhos. Olhei aquele ar denso, esmagado contra a terra, que começava a fazer revoar o pó e as folhas, numa macabra dança de coisas mortas. Senti uma dor de solidão, mais insuportável por ser repetida, que aquela que me abatera ao sair da casa de Pons, alguns dias atrás. Agora era como um castigo que o pranto se tivesse esgotado. Por dentro, raspava-me, ferindo-me as pálpebras e a garganta.

Não pensava nem esperava nada quando senti ao meu lado uma presença humana. Era Ena que estava lá, agitada, como quem tivesse chegado correndo. Virei-me devagar – parece que não funcionavam bem os comandos de meu corpo, que estava doente, que qualquer movimento me dava trabalho – Vi que ela, sim, tinha os olhos cheios de lágrimas. Era a primeira vez que eu a via chorar.

– Andrea!... Oh! Que boba!... Mulher!

Fez um gesto como para rir e começou a chorar ainda mais; era como se chorasse por mim, tanto me descarregava seu pranto angustiado. Estendeu-me os braços, incapaz de dizer-me algo, e abraçamo-nos ali, na rua. O coração – seu coração, não o meu – ia a toda velocidade, martelando junto a mim. Assim estivemos um segundo. Logo me afastei bruscamente de sua ternura. Vi que enxugava seus olhos rapidamente e agora o sorriso lhe florescia com facilidade, como se não houvesse chorado nunca.

– Sabe que gosto muito de você, Andrea? – disse-me – Eu não sabia que gostava tanto assim de você... Não queria voltar a ver você nem nada que pudesse lembrar dessa maldita casa da Rua Aribau... Mas, quando você ia embora e me olhou daquele jeito...

– Eu olhei para você “de que jeito”? Como?

As coisas que dizíamos não tinham importância para mim. Importava-me a confortadora sensação de companhia, de consolo, que estava sentindo como um derramar de óleo, sobre minha alma.

– Bem... Não sei explicar-lhe. Você me olhava com desespero. E além disso, como eu sei que me ama tanto, com tal fidelidade. Como eu a você, acredite...

Falava com incoerências que a mim pareciam cheias de sentido. Do asfalto veio um odor de pó molhado. Caíam grandes pingos quentes e não nos mexíamos. Ena passou seu braço pelo meu ombro e encostou seu rosto suave ao meu. Pareciam esgotadas todas as nossas reservas. Acalmados os maus momentos.

– Ena, desculpe o que aconteceu esta tarde. Já sei que você não suporta ser espionada. Eu nunca o havia feito até hoje, eu juro... Só interrompi sua conversa com Román porque me pareceu que ele a ameaçava... Já sei que talvez seja ridículo. Mas assim me pareceu.

Ena se afastou de mim para olhar-me. Nos seus lábios pairava o riso.

– Realmente foi necessária sua interrupção, Andrea! Você caiu do céu! O quê? Não percebeu que me salvava?... Se fui dura com você deve-se aos meus nervos, tensos demais. Tinha medo de chorar. E agora, como vê, eu fiz isso.

Ena respirou forte, como se ao fazer isto se aliviasse de mil sentimentos sufocantes. Cruzou as mãos nas costas, quase se alongando, livrando-se de todas as tensões. Não me olhava. Parecia que não era comigo que falava.

– A verdade, Andrea, é que no fundo sempre prezei sua estima como algo extraordinário, mas nunca quis perceber. A amizade verdadeira parecia-me um mito até que a conheci, como me pareceu um mito o amor até que conheci Jaime... Às vezes – Ena sorriu com certa timidez – penso no que eu posso ter feito para merecer esses dois presentes do destino... Garanto a você que fui uma criança terrível e cínica. Não acreditei em nenhum sonho dourado nunca, ao contrário do que acontece com outras pessoas, as mais belas realidades caíram-me do céu. Sempre fui tão feliz...

– Ena, você não se apaixonou por Román?

Fiz a pergunta num murmúrio tão tênue que a chuva que caía, agora regularmente, pôde mais que minha voz. Voltei a repetir:

– Diga, não se apaixonou?

Ena, dirigiu-me rapidamente um indefinível olhar com seus olhos extremamente brilhantes. Depois ergueu a cabeça para as nuvens.

– Estamos nos molhando, Andrea! – gritou.

Arrastou-me até a porta da Universidade, onde nos refugiamos. Seu rosto parecia fresco sob as gotas de água, um pouco pálida como se houvesse tido febre. A tempestade começou a despencar, caindo em cataratas, acompanhada de violentos trovões. Estivemos um tempo sem falar, escutando aquela chuva que me acalmava e me reverdecia como às árvores.

– Que beleza! – disse Ena, e suas narinas se dilataram – Pergunta se me apaixonei por Román... – prosseguiu com uma expressão quase sonhadora – Interessou-me muito! Muito!

Riu baixinho.

– Não consegui desesperar ninguém assim, humilhar assim...

Olhei para ela com certo assombro. Ela somente via a cortina de chuva que diante de seus olhos caía iluminada pelos relâmpagos. A terra parecia ferver, ofegar, desprendendo-se de todos os seus venenos.

– Ah! Que prazer! Saber que alguém a espreita, que acredita que a tem entre suas mãos, e você escapa, deixando-o ludibriado... Que jogo estranho!... Román tem espírito de porco<sup>150</sup>, Andrea. É atraente e é um grande artista, mas, no fundo, como é mesquinho e ordinário!... A que tipo de mulheres esteve acostumado até agora? Suponho que a seres como a essas duas sombras que rondavam a escada quando eu subi para vê-lo... Essa horrorosa empregada que vocês têm, e a outra mulher tão esquisita, com o cabelo ruivo, que agora sei que se chama Glória... E também, quem sabe, a alguma pessoa muito doce e tímida, como minha mãe...

Olhou-me de soslaio.

---

<sup>150</sup> Tradução para *espírito de pocilga*. Refere-se a um espírito de lugar muito sujo. Na tradução trocamos o lugar pelo significado contido na expressão.

– Sabe que minha mãe esteve apaixonada por ele na juventude?... Somente por esse fato eu desejava conhecer Román. Depois, que decepção! Cheguei a odiá-lo... Não acontece com você, quando cria uma lenda sobre um ser determinado e vê que fica abaixo de suas fantasias e que na realidade vale ainda menos que você, não chega a odiá-lo? Às vezes, este meu ódio por Román chegou a ser tão intenso, que ele o notava e virava a cabeça, como que carregado de eletricidade... Que dias mais esquisitos aqueles primeiros quando começávamos a nos conhecer! Não sei se era infeliz<sup>151</sup> ou não. Estava como que obcecada por Román. Fugia de você. Briguei com Jaime por uma bobagem e depois não podia suportar a presença dele. Creio que sentia que se voltasse a ver Jaime teria de deixar aquela aventura à força. E naquele momento eu me sentia interessada demais, quase intoxicada por tudo aquilo... Se estou com Jaime volto a ser boa, Andrea, sou uma mulher diferente... Se visse, às vezes tenho medo de sentir a dualidade de forças que me impulsionam. Quando por algum tempo, fui sublime demais, tenho vontade de arranhar... De machucar um pouco.

Pegou minha mão e ante meu gesto instintivo de retirá-la sorriu com delicada ternura.

– Assusto você? Então, como quer ser minha amiga? Não sou nenhum anjo, Andrea, embora goste tanto de você... Há seres que me preenchem o coração, como Jaime, mamãe e você, cada um a sua maneira... Mas uma parte de mim precisa expandir-se e dar rédeas soltas a seus venenos. Acredita que não amo a Jaime? Eu gosto muitíssimo dele. Não poderia suportar que minha vida se separasse da dele. Tenho necessidade de sua presença, de sua personalidade inteira. Admiro-o apaixonadamente... Mas há outra coisa: a curiosidade, essa inquietação maligna do coração, que não consegue se acalmar...

– Fez amor com Román? Diga.

– Fazer amor? Não sei. Estava desesperado comigo, tão irado que me teria estrangulado, às vezes... Mas se domina muito bem. Eu queria que perdesse o controle de seus nervos. Somente o consegui um dia... Isto faz mais de uma semana, Andrea, foi a última vez que vim vê-lo antes de hoje. Vim cinco vezes visitar Román e sempre procurei fazer com que

---

<sup>151</sup> Tradução para *desgraciada*. Não foi utilizada a palavra *desgraciada* por sua conotação ser forte demais no uso comum de nossa língua.

alguém o soubesse. Porque, no fundo, Román sempre me inspirou um pouco de medo. Chamava à porta de sua casa, quando sabia que não a encontraria, e perguntava por você. Essas duas mulheres tão curiosas, que sentiam uma especial inquietação, quando me viam aparecer, eram-me muito providenciais. Sabia que as deixava como dois guardiões as minhas costas. Não sabe, no entanto, o quanto este ambiente tão carregado chegava a me divertir. Às vezes esquecia até o sentimento de estar constantemente em guarda. Ria, sinceramente, excitada e entusiasmada. Nunca havia se apresentado, para mim, um campo de experimentação assim... Eram estes os momentos nos quais Román se aproximava devagar para sentar-se ao meu lado. Mas quando eu notava seu corpo excitado, uma raiva inexplicável vinha-me de dentro; custava-me fazer um esforço para disfarçá-la. Em seguida, rindo ainda, eu pulava para o outro extremo do quarto.

“Deixava-o louco. Quando me imaginava lânguida e meio subjugada por sua música, pelo tom de confiança quase perversa que dava à conversa, eu me colocava, repentinamente, de pé sobre a cama turca”.

“- Tenho vontade de pular”! – dizia-lhe.

“E começava a fazê-lo, chegando quase até o teto com os pulos como quando brinco com meus irmãos. Ele, ao ouvir minhas gargalhadas, não sabia se estava eu louca ou era estúpida... Nem por um momento, com o rabinho do olho, eu deixava de observá-lo. Depois do primeiro instante de involuntária surpresa, seu rosto ficava impenetrável, como sempre... Não era isso, Andrea, o que eu queria. Se você soubesse o que Román, quando jovem, fez minha mãe sofrer...”.

– Quem lhe contou essas histórias?

– Quem?... Ah! Sim!... Meu próprio pai. Meu pai uma vez que mamãe esteve doente e falava de Román em meio às febres... O coitado estava naquela noite muito comovido, acreditava que ela ia morrer.

(Eu tive de sorrir. Em poucos dias a vida para mim se mostrava diferente do que a tinha concebido até então. Complicada e muito simples ao mesmo tempo. Pensava que os segredos mais doloridos e mais zelosamente guardados são talvez aqueles que todos os que

nos cercam conhecem. Tragédias estúpidas. Lágrimas inúteis. Assim começava a parecer-me a vida, naquela época).

Ena virou-se para mim, e não sei que pensamentos veria em meus olhos. Subitamente me disse:

– Mas não me veja melhor do que sou, Andrea... Não procure desculpar-me... Não era só por esse motivo que eu queria humilhar Román... Como é que posso lhe explicar o jogo apaixonante no qual se converteu aquilo para mim?... Era uma luta cada vez mais acirrada. Uma luta de morte...

Ena, certamente, estava olhando para mim enquanto me falava. Pareceu-me sentir seu olhar o tempo todo. Eu não podia fazer nada além de escutar com os olhos fixos na chuva, cuja fúria se alternava, erguendo-se em alguns momentos e quase cessando em outros.

– Ouça, Andrea, eu não podia pensar no Jaime nem em você e nem em ninguém, nesse período, eu estava mergulhada inteiramente nesse duelo entre a frieza e o domínio dos nervos de Román e minha própria maldade e segurança... Andrea, o dia em que finalmente pude rir dele, o dia em que fugi de suas mãos quando ele acreditava que me tinha segura, foi algo espetacular...

Ena ria. Virei-me para ela, um pouco assustada, e a vi tão linda, com os olhos brilhantes.

– Você não pode nem conceber uma cena como aquela, na qual terminaram minhas relações com Román, na semana passada, às vésperas de São João exatamente, lembro-me bem... Escapuli... assim, correndo, quase me matando, escada abaixo... Deixei em seu quarto minha bolsa, minhas luvas, e até os grampos do cabelo. Mas Román também ficou lá... Nunca vi nada mais abjeto que sua expressão... Pergunta se me apaixonei por ele?... Por esse homem?

Comecei a olhar para minha amiga, vendo-a pela primeira vez tal como realmente era. Tinha os olhos sombreados sob aquelas ácidas luzes oscilantes que vinham do céu. Eu senti que nunca poderia julgá-la. Passei minha mão por seu braço e apoiei minha cabeça em seu

ombro. Eu estava muito cansada. Uma infinidade de pensamentos ficavam claros em minha cabeça.

– Aconteceu isso na noite de São João?

– Sim...

Ficamos em silêncio por um tempo. Naquela pausa me veio, sem poder evitá-la, a lembrança de Jaime. Foi uma situação de transmissão de pensamento.

– Com quem me comportei pior neste assunto foi com Jaime, já sei – disse Ena.

Sua expressão era novamente infantil, um pouco contrariada<sup>152</sup>. Olhou para mim e já não havia nem desafio nem cinismo em seu olhar.

– Cada vez que pensava em Jaime era uma tortura tão grande, se soubesse! Mas eu não conseguia controlar os demônios que me haviam dominado... Uma noite saí com Román e levou-me ao Paralelo. Eu estava muito cansada e entediada quando entramos em um café entupido de gente e de fumaça. Pensei que minha imaginação me pregava uma peça, quando vi diante dos meus olhos os olhos de Jaime; estava atrás daquela névoa, atrás daquele calor e não me cumprimentava. Não fazia mais que olhar para mim... Naquela noite chorei muito. No dia seguinte você me trouxe um recado dele, lembra?

– Sim.

– Eu não desejava outra coisa senão ver Jaime e reconciliar-me com ele. Estava tão emocionada quando nos encontramos! Depois tudo desmoronou, não sei se por minha culpa ou pela dele. Jaime havia me prometido ser compreensivo, mas no decorrer da conversa ia se alterando... Ao que parecia, havia seguido todos os meus passos e averiguado a vida e aventuras de Román. Disse-me que seu tio era um indesejável metido em negócios de contrabando dos mais sujos. Explicou-me esses negócios... Por fim, desesperado, começou a fazer com que me desse conta de que eu poderia estar “à mercê de um bandido assim...”. Era mais do que eu podia suportar e não me ocorreu outra coisa senão começar a defender Román com o maior ardor. Nunca lhe aconteceu essa coisa assustadora de ir se enrolando em suas

---

<sup>152</sup> Tradução para *enfurruñada*. No sentido de aborrecida, de estar com o cenho franzido.



próprias palavras e deparar-se com o fato de que já não consegue sair?... Jaime e eu nos separamos desesperados naquele dia... Ele foi embora de Barcelona, sabia disso?

– Sim.

– Talvez pense que vou escrever-lhe... Não é?

– Claro que sim.

Ena sorriu-me e encostou sua cabeça na pedra da parede. Estava cansada...

– Falei tanto, não é, Andrea? Tanto... Não está farta de mim?

– Ainda não me disse o mais importante... Ainda não me disse por que estava hoje no quarto do meu tio, se havia terminado com ele na véspera de São João...

Ena olhou para a rua antes de me responder. A tempestade havia se acalmado e o céu parecia manchado e revoltado com cores amarelas e pardas. Os bueiros tragavam a água que corria ao longo das beiradas das calçadas.

– E se fôssemos embora, Andrea?

Começamos a caminhar a esmo. Íamos de braço dado.

– Hoje – disse-me Ena – joguei a derradeira cartada ao voltar ao quarto de Román. Ele me escreveu umas linhas indicando que tinha em seu quarto alguns objetos que me pertenciam e desejava devolvê-los... Compreendi que não ia deixar-me em paz, tão facilmente. Lembrei-me de minha mãe e passou pela minha cabeça que eu, como ela, ia passar a vida fugindo se não tomasse uma decisão... Então, foi quando tive a idéia de fazer uso das investigações de Jaime como uma salvaguarda contra Román. Com essa única segurança vim. Estava resolvida a vê-lo pela última vez... Não pense que não tive medo. Sentia-me apavorada quando você chegou. Apavorada, Andrea, e inclusive arrependida de meu impulso... porque Román está louco, eu creio que está louco... Quando você chamou à porta estive a ponto de desmaiar, tal era minha tensão nervosa...

Ena deteve-se no meio da rua para olhar-me. As luzes da rua acabavam de acender e reluziam no chão negro. As árvores lavadas exalavam seu verde odor.

– Compreende, Andrea, compreende, querida, que não podia lhe dizer nada e que inclusive cheguei a maltratar você na escada? Aqueles momentos pareciam apagados de minha existência. Quando me dei conta de que era eu mesma, Ena, quem estava vivenciando aquilo, vi-me correndo Rua Aribau abaixo, buscando seu rastro. Ao virar a esquina encontrei você finalmente. Estava apoiada no muro do jardim da Universidade, muito pequena e perdida sob aquele céu carregado... Foi assim que a vi.

## XXII

Antes que Ena se fosse, por fim, de férias para uma praia do Norte, voltamos a sair os três: ela, Jaime e eu, como nos melhores tempos da primavera. No entanto, eu estava mudada. Cada dia minha cabeça ficava mais fraca e eu me sentia sensível, com os olhos úmidos por qualquer coisa. A felicidade, tão simples de estar deitada sob um céu sem nuvens junto de meus amigos, que me parecia perfeita, fugia-me às vezes num devaneio de imaginação parecida ao sonho. Paragens longínquas azuis zumbiam em meu crânio como barulho de mosca-varejeira, fazendo-me fechar os olhos. Entre os galhos das alfarrobeiras<sup>153</sup> eu via, ao abrir as pálpebras, o firmamento cálido, carregado de ganidos de pássaros. Parecia que morrera séculos atrás e que todo o meu corpo, desfeito em pó minúsculo, estivera disperso por mares e montanhas muito amplas, tão espalhada, leve e vaga era a sensação que sentia de minha carne e de meus ossos... Às vezes encontrava os olhos de Ena, inquietos, sobre mim.

– Como é que você dorme tanto? Tenho medo de que esteja muito fraca.

Esta carinhosa atenção sobre minha vida ia acabar também. Ena iria embora dentro de alguns dias e já não voltaria a Barcelona ao regressar das férias de verão. A família pensava dirigir-se diretamente de San Sebastián a Madri. Pensei que quando começasse o novo ano na Universidade, retornaria à mesma solidão espiritual do ano anterior. Só que agora tinha uma carga maior de lembranças sobre minhas costas. Uma carga que me oprimia um pouco.

---

<sup>153</sup> Tradução para *algarrobos*. Do árabe *al-harruba*. Árvore de até 10 m de altura, cujo fruto é chamado de alfarroba. Refere-se a uma bainha açucarada e comestível, usada para a alimentação do gado e também na culinária. Devido ao seu sabor doce é aproveitado na doçaria, principalmente como substituto do cacau no chocolate. Foi muito utilizado em épocas de carestia e de pós-guerra. Disponível: <http://www.anarkasis.com/plantas-medicinales/algarroba>.

No dia em que fui despedir-me de Ena, sentia-me terrivelmente deprimida. Ena estava, naquele tumulto da estação, cercada de irmãos loiros, apressada por sua mãe, que parecia possuída por uma pressa febril de ir embora. Ela dependurou-se em meu pescoço e beijou-me muitas vezes. Senti que meus olhos se umedeciam. Que aquilo era cruel. Ela me disse ao ouvido:

– Haveremos de ver-nos em breve, Andrea. Confie em mim.

Pensei entender que voltaria em pouco tempo a Barcelona, casada com Jaime, quem sabe.

Quando o trem partiu ficamos no grande espaço da estação, eu e o pai de Ena, que ao ficar repentinamente sozinho na cidade, parecia um pouco agoniado. Convidou-me a pegar um táxi e pareceu um pouco desconcertado diante de minha negativa. Olhava-me com seu sorriso bondoso, insistentemente. Pareceu-me ser uma dessas pessoas que não sabem ficar sozinhas nem um momento com seus próprios pensamentos. Que talvez nem tenha pensamentos. No entanto, era-me extremamente simpático.

Tinha a intenção de voltar da estação para casa, dando uma longa volta apesar do calor úmido e pesado que sufocava tudo. Comecei a caminhar, a caminhar... Barcelona havia ficado infinitamente vazia. O calor de julho era impressionante. Atravessei os arredores do fechado e solitário mercado do Borne. As ruas estavam manchadas de frutas maduras e de palha. Alguns cavalos, presos a suas carroças, davam coices. Lembrei-me de repente do estúdio de Guíxols e entrei na rua Montcada. O majestoso pátio com sua escada arruinada de pedra lavrada estava como sempre. Uma carroça virada conservava restos de sua carga de capim.

– Não há ninguém, senhorita – disse-me a zeladora – O senhor Guixols foi viajar. Já não vem ninguém, nem sequer o senhor Iturdiaga, que se foi a Stiges na semana passada. O senhor Pons tampouco está em Barcelona... Mas posso dar-lhe a chave, se quiser subir; o senhor Guixols me deu permissão para entregá-la a qualquer um...

Não havia sido meu propósito ao chegar até lá, seguindo o fio de minhas lembranças, o de entrar no estúdio que já sabia estar fechado. Aceitei, no entanto, o oferecimento. De repente me parecia uma perspectiva promissora, a de poder estar um tempo protegida pela

vazia tranqüilidade da casa, pelo frescor de seus muros antigos. O ar fechado conservava ainda um tênue cheiro de verniz. Atrás da porta onde Guixols costumava guardar seus mantimentos encontrei esquecido um pedaço de chocolate. Os quadros estavam cuidadosamente cobertos com panos brancos e pareciam espectros envoltos em sudários. Almas de lembranças de mil conversas alegres.

Cheguei à Rua Aribau quando já escurecia. Ao sair do estúdio havia retomado, durante longo tempo, minha desesperançada caminhada pela cidade.

Ao entrar em meu quarto senti um odor quente de janela fechada e de lágrimas. Adivinhei o vulto de Glória, deitada em minha cama e chorando. Quando percebeu que alguém entrava, voltou-se furiosa. Depois ficou mais tranqüila ao ver que era eu.

– Estava dormindo um pouquinho, Andrea – disse-me.

Vi que não se podia acender a luz porque alguém havia tirado a lâmpada. Não sei o que me impulsionou a sentar-me à beira da cama e a pegar a mão de Glória, úmida de suor ou de lágrimas, entre as minhas.

– Por que você está chorando, Glória? Pensa que não sei que está chorando?

Como naquele dia eu estava triste, não me parecia ofensiva a tristeza dos demais.

Ela não me respondeu logo. Depois de um tempo murmurou:

– Tenho medo, Andrea!

– Mas, por que, mulher?

– Você antes não perguntava nada a ninguém, Andrea... Agora se tornou mais bondosa. Eu bem que gostaria de contar-lhe sobre o medo que tenho, mas não posso.

Houve uma pausa.

– Não gostaria que Juan ficasse sabendo que estive chorando. Direi que estive dormindo, se perceber meus olhos inchados.

Não sei que ecos amargos tinham as coisas naquela noite, como sinais de mau agouro. Não conseguia dormir, como me acontecia com frequência naquela época em que o cansaço torturava-me. Antes de decidir-me a fechar os olhos, tateei desajeitadamente o mármore do criado mudo e encontrei um pedaço de pão do dia anterior. Comi-o ansiosamente. A pobre avó poucas vezes se esquecia de seus presentinhos. Por fim, quando o sono logrou apoderar-se de mim, foi como um estado de coma, quase como uma sala de visita da última morte. Meu esgotamento era espantoso. Creio que alguém já levava muito tempo gritando quando aqueles sons horríveis puderam transpassar meus ouvidos. Talvez fosse só uma questão de instantes. Lembro, no entanto, que haviam entrado e feito parte de meus sonhos, antes de fazer-me voltar à realidade. Jamais ouvi gritar daquela forma na casa da Rua Aribau. Era um berro lúgubre, de animal enlouquecido, que me fez sentar na cama e logo pular fora dela, tremendo.

Encontrei a empregada Antônia, jogada no chão da sala de visitas, com as pernas abertas num faniquito trágico, mostrando suas intimidades escuras, e com as mãos crispadas sobre os ladrilhos. A porta da rua estava aberta de par em par e começavam a aparecer alguns rostos curiosos dos vizinhos. De imediato tive somente uma visão cômica da cena, tão aturdida estava.

Juan que havia acudido meio nu, deu um ponta-pé na porta da rua para fechá-la no nariz daquelas pessoas. Depois começou a esbofetear a cara contraída da mulher e pediu a Glória uma jarra de água fria para jogar sobre ela. Finalmente, a empregada começou a arfar e a soluçar mais desafoadamente, como um animal rendido. Mas em seguida, como se isso houvesse sido apenas uma trégua, voltou aos seus gritos assustadores.

– Está morto! Está morto! Está morto!

E apontava para cima.

Vi o rosto de Juan ficar cinza.

– Quem? Quem está morto, estúpida?...

Depois, sem esperar que ela respondesse, pôs-se a correr para a porta, subindo, enlouquecido, as escadas.

– Degolou-se com a navalha de fazer a barba – concluiu Antônia.

E, por fim, começou a chorar desesperada, sentada no chão. Era um espetáculo inusitado ver lágrimas em seu rosto. Parecia a imagem de um pesadelo.

– Ele me tinha pedido para que cedo lhe subisse uma xícara de café, porque ia sair de viagem... Deu-me esse aviso esta madrugada!... E agora está jogado no chão, ensangüentado como um animal. Ah! Ai! *Trueno*, filhinho meu, você já não tem pai...

Por toda a casa começou a ouvir-se algo assim como um rumor de chuva que vai crescendo. Depois gritos, avisos. Pela porta aberta, nós, paralisadas, víamos subir as pessoas dos apartamentos em direção ao quarto de Román.

– É preciso avisar a polícia – gritou um senhor gordo, auxiliar de enfermagem do terceiro andar, descendo a escada, muito alterado.

Foi ouvido por nós, as mulheres da casa, que formávamos um estúpido bloco, trêmulo, sem atrever-nos a reagir diante dos incríveis acontecimentos. Antônio ainda gritava, e somente se ouvia aquela voz entre o compacto e estranho grupo que formávamos Glória e ela, minha avó e eu.

Em um determinado momento senti que meu sangue voltava a correr e fui fechar a porta. Ao virar-me vi a vovó, pela primeira vez, dando-me conta realmente de sua presença. Parecia encolhida, toda esmagada sob o negro véu que, sem dúvida, havia colocado para ir a sua missa de todos os dias. Estava tremendo.

– Ele não se suicidou, Andrea... ele se arrependeu antes de morrer – disse-me puerilmente.

– Sim, querida, sim...

Não a consolava minha afirmação. Tinha os lábios azuis. Gaguejava para falar. Os olhos umedecidos não deixavam que suas lágrimas brotassem livremente.

– Eu quero ir lá em cima... Quero ir com meu Román.

O que me pareceu melhor foi atendê-la. Abri a porta e a ajudei a subir, degrau por degrau, aquela escada tão conhecida. Nem sequer me dava conta de que ainda não me havia vestido e que somente um roupão cobria minha camisola. Não sei de onde saíram as pessoas

que lotavam as escadas. Na portaria ouviam-se as vozes dos guardas tratando de conter aquela avalanche. Deixavam-nos passar olhando-nos muito. Eu sentia desanuviar-me a cabeça, por instantes. A cada degrau me vinha uma nova onda de angustiado medo e repugnância. Os joelhos começavam a dança nervosa que me dificultava o andar. Juan descia desolado, amarelo. Viu-nos de repente e parou diante de nós.

– Mamãe! Maldita seja! – não sei por que a imagem da avó desatou sua fúria. Gritava-lhe furioso: – Para casa, já!

Levantava um punho como para bater nela e se ergueu um murmúrio entre as pessoas. Minha avó não chorava, mas seu queixo tremia em um biquinho infantil.

– É meu filho! É meu menino!... Tenho o direito de subir! Tenho de vê-lo...

Juan havia ficado quieto. Seus olhos viravam-se escrutando os rostos que o observavam com avidez. Por um momento pareceu indeciso. Afinal cedeu bruscamente.

– Você, para baixo, sobrinha! Você não perdeu nada! – disse-me.

Depois enlaçou a mãe pela cintura e quase arrastando a ajudou a subir. Ouvi que minha avó começou a chorar, apoiada no ombro do filho.

Ao entrar em nosso apartamento encontrei uma multidão de pessoas que se haviam acomodado também e se espalhavam invadindo todos os cantos, bisbilhotando tudo, com murmúrios compassivos.

Infiltrando-me entre aquelas pessoas, empurrando alguns, consegui escorregar até o afastado canto do banheiro, onde me refugiei, e fechei a porta.

Mecanicamente, sem saber como, encontrei-me dentro da suja banheira, despida como todos os dias, disposta a receber a água do chuveiro. No espelho, vi-me refletida, miseravelmente fraca e com os dentes batendo como se morresse de frio. A verdade é que era tudo tão assustador que ultrapassava minha capacidade de tragédia. Abri a ducha e creio que me acometeu um riso nervoso ao perceber-me assim, como se aquele fosse um dia como todos. Um dia em que não houvesse acontecido nada. “Com certeza estou histérica”, pensava enquanto a água caía sobre mim açoitando-me e refrescando-me. As gotas deslizavam sobre os ombros e o peito, formavam canais no ventre, varriam minhas pernas. Lá em cima estava

Román estendido, sangrento, com a cara partida pelo ricto dos que morrem condenados. A água do chuveiro continuava caindo sobre mim em frescas cataratas inesgotáveis. Ouvia como o rumor humano aumentava do outro lado da porta, sentia que nunca ia me mover dali. Parecia abobalhada.

Então começaram a dar murros na porta do banheiro.

### **XXIII**

Os dias que se seguiram estiveram mergulhados na maior escuridão porque, imediatamente, alguém fechou todas as sacadas, quase pregando-as, quase impedindo que chegasse um sopro da brisa de fora. Um denso e mal cheiroso calor envolveu tudo, e comecei a perder a noção de tempo. Horas ou dias davam no mesmo. Dias ou noites pareciam iguais. Glória ficou doente e ninguém sequer percebeu. Eu sentei-me ao seu lado e vi que tinha muita febre.

– Já levaram esse homem?

Perguntava a cada instante.

Eu oferecia-lhe água. Parecia que nunca ficaria cansada de beber. Às vezes vinha Antônia e a contemplava com tal expressão de ódio, que preferi ficar junto dela o maior tempo possível.

– Não morrerá, a bruxa! Não morrerá, a assassina! – dizia.

Através de Antônia, fiquei sabendo também dos últimos detalhes da vida de Román. Detalhes que eu ouvia como através de uma névoa. (Parecia-me que ia perdendo a faculdade de enxergar bem. Que os contornos das coisas se desvaneciam).

Ao que parece, na noite anterior a sua morte, Román havia chamado Antônia pelo telefone dizendo que acabava de chegar de sua viagem – Román havia estado aqueles dias ausente – e que precisava sair na primeira hora da manhã. “Suba para arrumar um pouco minhas malas e traga-me toda a roupa limpa que houver; vou embora por muito tempo...”. Estas, segundo Antônia, haviam sido as últimas palavras de Román. A idéia de degolar-se



deve ter sido uma resolução repentina, uma súbita loucura que o atacou enquanto fazia a barba. Tinha as maçãs do rosto com marcas de sabão quando Antônia o descobriu.

Glória perguntava cansativamente pelos detalhes referentes a Román.

– E as telas? Não foram encontradas as telas?

– Que telas, Glória? – eu debruçava-me sobre ela, com um gesto que o cansaço tornava lânguido.

– O quadro que Román pintou de mim. Meu quadro com os lírios roxos...

– Não sei. Não sei de nada. Não consigo ficar sabendo de nada.

Quando Glória melhorou, disse-me:

– Eu não estava apaixonada por Román, Andrea... Eu vejo na sua cara, tudo o que pensa, viu garota. Pensa que eu não odiava Román...

A verdade é que eu não pensava nada. Meu cérebro estava embotado demais. Com as mãos de Glória entre as minhas e ouvindo o que dizia, chegava a esquecer-me dela.

– Fui eu quem fez com que Román se matasse. Eu o denunciei à Polícia e ele se suicidou por isso... Naquela manhã tinham de vir buscá-lo...

Eu não acreditava em nada do que Glória me dizia. Era mais verossímil acreditar que Román havia sido o espectro de um morto, de um homem que houvesse morrido muitos anos atrás e que agora voltava, finalmente, ao seu inferno... Recordando sua música, aquela música desesperada que eu gostava tanto de ouvir e que me causava a impressão exata do fim, do diluir-se na morte, emocionava-me algumas vezes.

Minha avó vinha a mim de quando em quando, com os olhos abertos para sussurrar-me não sei que misteriosos consolos. Iluminada por uma fé que não podia decair, rezava seguidamente, convencida de que no último instante a graça divina havia tocado o coração enfermo do filho.

– Nossa Senhora disse-me isso, minha filha. Ontem à noite apareceu-me aureolada<sup>154</sup> de graça celestial e disse-o para mim...

Pareceu-me consolador aquele transtorno mental que se vislumbrava em suas palavras e acariciei-a, afirmativamente.

Juan esteve fora de casa por muito tempo, talvez mais de dois dias. Deve ter acompanhado o cadáver de Román ao necrotério<sup>155</sup> e talvez, mais tarde, ao seu último retiro, sua morada definitiva.

Quando o vi, por fim, um dia ou uma noite em casa, eu pensei que já havíamos passado os piores momentos. Mas ainda nos faltava ouvi-lo chorar. Nunca, por muitos anos que viva, esquecerei de seus gemidos desesperados. Compreendi que Román tinha razão ao dizer que Juan era seu. Agora que ele estava morto, a dor de Juan era despudorada, enlouquecedora, como a de uma mulher pelo seu amante, como a de uma jovem mãe pela morte de seu primeiro filho.

Não sei quantas horas fiquei sem dormir, com os olhos abertos e ressecados absorvendo todas as dores que pululavam, vivas como vermes, nas entranhas da casa. Quando finalmente caí em uma cama, não sei, tampouco, quantas horas estive dormindo. Mas dormi como nunca em minha vida. Como se também eu fosse fechar os olhos para sempre.

Quando voltei a dar-me conta de que estava viva, tive a sensação de que acabava de subir do fundo de um profundo poço, do qual conservava a cavernosa sensação de alguns ecos na escuridão.

Meu quarto estava na penumbra. A casa de tão silenciosa dava uma estranha e sepulcral sensação. Era um silêncio como nunca havia ouvido antes na Rua Aribau.

Quando adormeci, lembrava-me da casa cheia de gente e de vozes. Agora parecia não haver ninguém. Parecia que todos os seus moradores a tivessem abandonado. Dei uma olhada na cozinha e vi colocadas no fogo duas panelas borbulhantes. O chão parecia varrido e havia

---

<sup>154</sup> Tradução para *nimbada*, rodeada de nimbo o aureola una figura o imagem (DRAE).

<sup>155</sup> Tradução para *depósito*. Essa mesma palavra existe em português, mas foi evitada, porque daria, no contexto, o sentido pejorativo de lugar onde é jogado um cadáver, como se fosse um objeto descartável.

uma lenta e pastosa tranqüilidade familiar, que parecia incoerente. Ao fundo do corredor, Glória, vestida de preto, estava lavando uma roupa do menino. Eu tinha os olhos inchados e a cabeça doendo. Ela me sorriu:

– Sabe por quanto tempo dormiu, Andrea? – disse vindo até mim – Dormiu por dois dias inteiros... Não tem fome? – perguntou-me depois.

Encheu um copo de leite e deu para mim. O leite quente pareceu-me algo maravilhoso e o bebi avidamente.

– Antônia foi embora esta manhã com *Trueno* – anunciou Glória.

– Ah!

Por isso eu podia entender sua tranqüila presença na cozinha.

– Foi embora esta manhã de madrugada, enquanto Juan dormia. É que Juan não queria deixá-la levar o cachorro. E você sabe que *Trueno* era seu amor... Fugiram os dois juntinhos.

Glória tinha um sorriso bobalhão e em seguida piscou um olho.

– Ontem à noite chegaram suas tias... agora caçoava.

– Angústias? – perguntei.

– Não, as outras, você não as conhece. As duas casadas, com seus maridos. Querem vê-la, mas aconselho que se vista antes, garota.

Tive de vestir minha única roupa de verão mal tingida de preto, cheirando à tintura caseira<sup>156</sup>.

Depois fui de má vontade para os fundos da casa, onde ficava aquele quarto. Já ouvi um murmúrio de vozes antes de entrar, como se lá rezassem.

---

<sup>156</sup> Na expressão de *pastilla de tinte casero* omitimos *pastilla* por não encontrarmos o uso, em português, de tablete de tinta.

Parei na porta, porque então tudo feria meus olhos: a luz e a penumbra. O quarto estava quase às escuras, com cheiro de flores de pano.

Vultos grandes, de pessoas bem nutridas, destacavam-se na escuridão exalando seus odores corporais condensados pelo verão. Ouvi uma voz de mulher:

– A senhora o criou mal. Recorde que o educava mal, mamãe. Assim terminou...

A senhora sempre foi injusta, mamãe. Sempre deu preferência a seus filhos homens. Percebe que tem toda a culpa deste final?

– De nós, a senhora não gostou nunca, mamãe. Desprezou-nos. Humilhou-nos. Sempre a vimos queixar-se de suas filhas, que, no entanto, só lhe deram alegrias... Aí, aí tem o pagamento dos homens, daqueles que você mimava...

– A senhora, deverá prestar muitas contas a Deus por essa alma que mandou para o inferno.

Eu não acreditava em meus ouvidos. Não acreditava tampouco nas estranhas visões de meus olhos. Pouco a pouco os rostos iam se definindo, ganchudos ou amassados, como em um Capricho de Goya<sup>157</sup>. Aqueles enlutados pareciam celebrar um estranho sabá<sup>158</sup>.

– Filhos, eu amei a todos!

Eu não conseguia ver a velhinha de onde eu estava, mas a imaginava afundada em sua mísera poltrona. Houve um longo silêncio e afinal ouvi outro suspiro trêmulo.

– Ai, Senhor!

---

<sup>157</sup> Os “Caprichos de Goya” é uma das séries mais famosas do pintor aragonês Francisco de Goya y Lucientes (1746-1828). As oitenta fascinantes gravuras que compõem os Caprichos de Goya têm sido interpretadas como metáforas críticas dos enganos e vícios humanos: a veleidade de sentimentos, os métodos educativos opressivos, os casamentos por conveniência, a prostituição, os preconceitos e as superstições. No entanto, para realizar essa denúncia dos vícios humanos na sociedade espanhola de seu tempo, os Caprichos de Goya transcendem a realidade. O artista passa a inventar cenas povoadas por anões e bruxas repugnantes, por monstros antropomórficos. Disponível em: <http://www.ugr.es/~ri/antiores/dial05/31-5.htm>. A personagem compara esta imagem a um Capricho do pintor por parecem deformações de pessoas semelhantes a bruxas, caçando alguém. Outras imagens goyescas também podem ser vistas como no primeiro capítulo, página 16, *Al levantar los ojos vi que habían aparecido varias mujeres fantasmales*; p. 19, *Parecía una casa de brujas aquel cuarto de baño [...] de manos ganchudas, de gritos de desesperanza...*; p. 98, *Como una bandada de cuervos posados em las ramas del árbol del ahorcado...* Estas imagens têm alguma relação com a superstição, a bruxaria e a crítica sinalizando-nos a visão assustadora ou a deformação do caráter das referências na obra. Para saber mais consultar a tese de Margareth dos Santos, *Desastres do pós-guerra civil espanhola*. (USP - FFLCH, 2006).

<sup>158</sup> Trad Tradução para *aquelarre*. Refere-se a uma assembléia noturna de feiticeiros e feiticeiras. É também o título de um quadro de Goya: *El Aquelarre*.

– É só ver a miséria desta casa. Roubaram-na, despojaram-na, e você, cega por eles. Nunca nos quis ajudar quando lhe pedimos. Agora nossa herança foi engolida pelas artimanhas... E para cúmulo, um suicídio na família...

– Acudi aos mais infelizes... Aos que precisavam mais.

– E com essa atitude acabou por afundá-los na miséria. Mas, não se dá conta do resultado? Se ao menos eles fossem felizes, ainda que nós estivéssemos espoliadas, mas, como pode ver, o que sucedeu aqui prova que temos razão!...

– E esse infeliz do Juan que nos ouve: casado com uma perdida, sem saber fazer nada de proveitoso, morto de fome!

(Eu estava olhando para Juan. Desejando uma de suas cóleras. Ele parecia não ouvir. Olhava através dos vidros o risco de luz da rua).

– Juan, meu filho – disse a avó – Diga-me você se elas têm razão. Diga-me se acredita que isso é verdade...

Juan voltou-se enlouquecido.

– Sim, mamãe, elas têm razão... Maldita seja! E malditos sejam todos eles!

Então todo o quarto agitou-se com o bater de asas, grasnidos. Gritos histéricos.

## XXIV

Lembro-me de que não consegui acreditar verdadeiramente no fato físico da morte de Román até muito tempo depois. Até que o verão foi ficando dourado e avermelhado em setembro, o que ainda me parecia é que, lá em cima, em seu quarto, Román devia estar deitado, fumando um cigarro após o outro, ou acariciando as orelhas de *Trueno*, aquele cachorro preto e reluzente, que a empregada havia raptado como um apaixonado a sua amada.

Às vezes, ficava sentada no chão do meu quarto, quente como toda a casa, meio despida para recolher qualquer resto de frescor e escutando os rangidos da madeira, rangidos como se a luz que se tornava avermelhada nas frestas das janelas crepitasse ao se queimar...

Nessas tardes, assim, angustiantes, eu começava a lembrar o violino de Román e seu cálido gemido. Se olhava no espelho, a minha frente, aquele cortejo de formas que se refletiam... as cadeiras de uma cor queimada, o papel verde-cinza das paredes, uma quina monstruosa da cama e um pedaço de meu próprio corpo, sentado ao costume árabe sobre o piso de ladrilhos, sob toda esta sinfonia, e oprimido pelo calor... Nestas horas começava a imaginar de quais recônditos lugares Román havia transposto sua música ao violino. E já não me parecia tão mau aquele homem que sabia recolher seus próprios soluços e condensá-los numa beleza tão densa como o ouro antigo... Nesses momentos me acometia uma saudade dele, um desejo de sua presença, que não havia sentido nunca quando ele vivia. Uma atroz nostalgia de suas mãos no violino ou sobre as teclas manchadas do velho piano.

Um dia fui lá em cima, ao quatinho do sótão. Um dia em que não pude agüentar o peso deste sentimento, vi que o haviam despojado, miseravelmente. Havia desaparecido os livros e as estantes<sup>159</sup>. A cama turca, sem colchão, estava apoiada de pé contra a parede, com as pernas para o ar. Nem uma graciosa bugiganga, daquelas que Román tinha, havia sobrevivido. O armário do violino estava aberto e vazio. Fazia um calor insuportável ali. A janelinha que dava para o terraço deixava passar um jato de sol de fogo. Tornou-se muito estranho para mim não poder ouvir os cristalinos tique-taque, tique-taque dos relógios...

Então soube já, sem dúvida, que Román morrera e que seu corpo estava se desfazendo e apodrecendo em qualquer lugar, sob aquele sol que castigava sem piedade sua antiga toca, tão miserável agora, desprovida de sua antiga alma.

Começaram então para mim os pesadelos que minha fraqueza transformava em freqüentes e horríveis. Comecei a pensar em Román envolvido em seu sudário, naquelas mãos inquietas, decompostas, que sabiam recolher a sutileza e a materialidade das coisas; naquelas mãos que a vida tornara duras e elásticas ao mesmo tempo e que tinham uma cor escura e amarelada pelas manchas de tabaco, mas que, ao menor movimento, sabiam dizer tanto. Sabiam dar a eloqüência justa de um momento. Aquelas mãos hábeis – mãos de ladrão, curiosas e ávidas – mostravam-se para mim primeiro, desajeitadamente inchadas e macias, tumefatas. Em seguida, transformadas em dois cachos de ossos sem carne.

---

<sup>159</sup> Apesar de existir a palavra *biblioteca* em português, não tem o mesmo uso do espanhol, que se refere a *mueble o estantería*, etc, *donde se colocan libros* (DRAE). Por isso optamos por *estantes* para *bibliotecas*.

Estas alucinações assustadoras perseguiram-me naquele fim de verão com monótona crueldade. Nos entardeceres sufocantes, nas longuíssimas noites carregadas de um tédio melancólico, meu coração apavorado recebia as imagens que minha razão não era suficiente para descartar.

Para afugentar os fantasmas, ia muito à rua. Corria por ela debilitando-me desnecessariamente. Ia vestida com minha roupa preta encolhida pelo tingimento e que cada vez ficava mais larga. Corria instintivamente, com vergonha do meu trajar miserável demais, fugindo dos bairros luxuosos e respeitados da cidade. Conheci os subúrbios com sua tristeza de coisa mal acabada e empoeirada. Era mais atraída pelas ruas antigas.

Em um entardecer ouvi nos arredores da Catedral o lento morrer de umas badaladas que tornavam a cidade mais antiga. Levantei os olhos para o céu, que se punha de uma cor mais suave e mais azul com as primeiras estrelas e senti a impressão de uma beleza quase mística. Como um desejo de morrer, em um canto, olhando para cima, embaixo da grande doçura da noite que começava a chegar. E meu peito, ao respirar, doeu de fome e de desejos inconfessáveis. Era como se estivesse sentindo um aroma da morte e me parecesse bom pela primeira vez, depois de haver-me causado terror... Quando se ergueu uma forte rajada de brisa, eu estava ainda ali, apoiada numa parede, atordoada e meio estática. Da velha sacada de uma casa em decadência saiu um lençol estendido, que ao agitar-se tirou-me do meu marasmo. Minha cabeça não estava boa naquele dia. O tecido branco pareceu-me um grande sudário e pus-me a correr... Cheguei à casa da Rua Aribau meio louca.

Deste modo, comecei a sentir a presença da morte na casa, quando já se haviam passado quase dois meses daquela tragédia.

De repente a vida me parecia completamente igual. Os mesmos gritos tumultuaram tudo. Juan continuava batendo em Glória. Talvez agora houvesse adquirido o costume de bater nela por qualquer motivo e possivelmente sua brutalidade tenha redobrado... A diferença, no entanto, não era muita aos meus olhos. O calor sufocava-nos a todos e, contudo, minha avó, cada vez mais enrugada, tremia de frio. Mas não havia muita diferença desta avó com a velhinha de antes. Nem sequer parecia mais triste. Eu continuava recebendo seu sorriso

e seus presentes, e nas manhãs em que Glória chamava ao *drapaire*, ela continuava rezando à Nossa Senhora em seu quarto.

Lembro-me de que um dia Glória vendeu o piano. A venda foi mais lucrativa que as que fazia normalmente e minhas narinas logo sentiram que ela se permitia o luxo, naquele dia, de colocar carne na comida. Agora que Antônia já não estava para fiscalizar os cozidos e torná-los imundos tão somente com sua presença, Glória parecia esforçar-se para que as coisas corressesem melhor.

Eu estava vestindo-me para sair à rua quando ouvi um grande escândalo na cozinha. Juan jogava, possuído pela cólera, todas as panelas de comida, que, um momento atrás, haviam provocado minha gula e chutava Glória no chão, que se retorcia.

– Miserável! Vendeu o piano de Román! O piano de Román, miserável! Maldita!

Minha avó tremia, como de costume, escondendo contra ela o rostinho do menino para que não visse seu pai assim.

A boca de Juan espumava e seus olhos eram desses que somente costuma-se ver no hospício. Quando cansou de bater nela, levou as mãos ao peito, como uma pessoa a quem falta o ar, e logo voltou a ser possuído por uma fúria irracional contra as cadeiras de pinho, a mesa, as vasilhas... Glória, meio morta, escapou dali e todos saímos, deixando-o a sós com seus gritos. Quando se acalmou – conforme me contaram – esteve com a cabeça entre as mãos, chorando silenciosamente.

No dia seguinte veio Glória devagar e sussurrante ao meu quarto e falou-me em trazer um médico e colocar Juan em um manicômio.

– Parece-me bem – disse (mas tinha certeza de que essa idéia jamais passaria de projeto).

Ela estava sentada no fundo do quarto. Olhou-me e disse:

– Você não sabe, Andrea, o medo que tenho.



Tinha seu rosto inexpressivo como sempre, mas assomavam-lhe aos olhos lágrimas de terror.

– Eu não mereço isto, Andrea, porque sou uma mulher muito boa...

Permaneceu calada por um momento e parecia mergulhada em seus pensamentos. Aproximou-se do espelho.

– E bonita... Não é verdade que sou bonita?

Apalpava seu corpo, esquecendo-se de sua angústia, com certa complacência. Voltou-se para mim.

– Você ri?

Suspirou. Voltou a ficar assustada imediatamente...

– Nenhuma mulher sofreria o que eu sofro, Andrea... Desde a morte de Román, Juan não quer que eu durma. Diz que sou um animal que não faço mais que dormir, enquanto seu irmão uiva de dor. Isto, dito assim, garota, dá vontade de rir... Mas quando se diz à meia-noite, na cama... Não, Andrea, acordar meio sem ar, com as mãos de um homem na garganta, não é caso para rir. Diz que sou uma porca, que não faço mais que dormir dia e noite. Como não vou dormir de dia se de noite não posso?... Volto da casa de minha irmã muito tarde e às vezes já o encontro esperando-me na rua. Um dia me mostrou uma navalha grande que, conforme disse, levava para cortar meu pescoço no caso de eu me atrasar meia hora a mais... Você pensa que não se atreverá a fazê-lo, mas, com um louco assim, nunca se sabe!... Diz que Román aparece todas as noites para aconselhá-lo a me matar... O que faria, Andrea? Você fugiria, não é?

Não esperou que eu lhe respondesse.

– E como se pode fugir quando um homem tem uma navalha e umas pernas para persegui-la até o fim do mundo? Ai, garota, você não sabe o que é sentir medo!... Deitar-se lá pelas tantas da madrugada, rendido todo o corpo, como eu me deito, ao lado de um homem que está louco...

“... Estou na cama espreitando o momento em que ele durma para deixar a cabeça afundada no travesseiro e finalmente descansar. E vejo que ele não dorme nunca. Sinto seus olhos abertos ao meu lado. Ele está todo descoberto, deitado de costas e suas grandes costelas pulsam. A cada momento pergunta: “Está dormindo?”.

“E eu tenho que falar com ele para que se tranquilize. Por fim, não agüento mais, o sono vai entrando em mim como uma dor negra atrás dos olhos e vou amolecendo, entregue... Imediatamente sinto sua respiração perto, seu corpo esbarrando no meu. E tenho que espantar o sono, suando de medo, porque suas mãos passam muito suavemente pela minha garganta e tornam a passar....”.

“... E se ele sempre fosse mau, Andrea, eu poderia detestá-lo, e seria mais fácil. Mas às vezes me acaricia, pede-me perdão e se põe a chorar como uma criança pequena... E eu, o que vou fazer? Começo a chorar e também fico com remorso... porque todos temos nossos remorsos, até eu, veja você... E o acarício também... Depois, pela manhã, se eu o faço lembrar-se destes instantes, quer-me matar... Veja só!”.

Rapidamente tirou a blusa e mostrou-me o grande hematoma avermelhado nas costas.

Eu estava contemplando a horrível cicatriz quando percebemos que havia outra pessoa no quarto. Ao virar-me vi minha avó movendo zangada sua cabecinha enrugada.

Ah, a raiva<sup>160</sup> da minha avó! A única raiva dela de que eu me lembro... Ela vinha com uma carta na mão que acabavam de lhe entregar. E a sacudia com despeito.

– Malvadas! Malvadas! – disse-nos – O que estão tramando aí, pequenas malvadas? O manicômio!... Para um homem bom, que veste e que dá de comer ao seu filho e que de noite o leva para passear para que sua mulher durma tranqüila!... Loucas! A vocês, a vocês duas e a mim nos trancaríamos juntas antes de que tocassem em um fio de seu cabelo!

Com um gesto vingativo jogou a carta ao chão e foi embora, movendo a cabeça, choramingando e falando sozinha.

---

<sup>160</sup> A tradução para *cólera*, pareceu-nos mais compatível com a maneira como a personagem expressa sua indignação. O uso da palavra *cólera*, em português, sugeriria uma ação muito intensa e não é o caso.

A carta que estava ali jogada era para mim. Ena a havia escrito, em Madri. Ela ia mudar o rumo de minha vida.

## XXV

Acabei de arrumar minha mala e de atá-la fortemente com a corda, para dar mais segurança às fechaduras quebradas. Estava cansada. Glória disse-me que o jantar já estava à mesa. Havia me convidado a jantar com eles naquela última noite. Pela manhã, inclinando-se ao meu ouvido, disse:

– Vendi todas as cornucópias. Não sabia que por esses trastes tão velhos e feios dessem tanto dinheiro, garota...

Naquela noite houve pão em abundância. Serviu-se um peixe branco. Juan parecia de bom humor. O menino tagarelava em sua cadeira alta e percebi com espanto que havia crescido muito naquele ano. A lâmpada tão familiar dava seus reflexos nos escuros vidros da sacada. Minha avó disse:

– Malandra! Vamos ver se voltará logo a visitar-nos...

Glória colocou sua pequena mão sobre a que eu tinha na toalha de mesa.

– Sim, volte logo, Andrea, já sabe que gosto muito de você...

Juan interveio:

– Não incomodem Andrea. Faz bem em ir embora. Afinal surge a oportunidade de trabalhar e de fazer algo... Até agora não se pode dizer que não tenha sido uma desocupada.

Acabamos de jantar. Eu não sabia o que lhes dizer. Glória amontoou os pratos sujos na pia e depois foi passar um batom e vestir um casaco.

– Bom, dê-me um abraço, caso não a veja... Porque você sairá muito cedo, não é?

– Às sete horas.

Abracei-a, e, coisa estranha, senti que gostava dela. Depois a vi ir embora.

Juan estava no meio da sala de visitas, olhando meu manuseio com a mala para deixá-la colocada perto da porta da rua, sem dizer uma palavra. Queria fazer o menor barulho e incomodar o menos possível ao ir embora. Meu tio colocou a mão em meu ombro com uma desajeitada amabilidade e ficou me olhando assim, afastado pela distância de seu braço.

– Bom, que dê tudo certo, sobrinha! Você verá como, de qualquer maneira, viver em uma casa estranha, não é o mesmo que estar com sua família, mas convém que vá ficando mais esperta. Que aprenda a conhecer o que é a vida...

Entrei no quarto de Angústias pela última vez. Fazia calor e a janela estava aberta, o conhecido reflexo da luz da rua estendia-se sobre o piso de lajota em triste inundação amarelada.

Não quis pensar mais no que estava a minha volta e enfiei-me na cama. A carta de Ena me havia aberto, e desta vez de uma maneira real, os horizontes da salvação.

“... Há trabalho para você no escritório do meu pai, Andrea. Permitirá que você tenha uma vida independente e, além disso, assista às aulas na Universidade. No momento morará em casa, mas, depois poderá escolher a moradia ao seu gosto, uma vez que não se trata de seqüestrá-la. Mamãe está muito animada preparando o seu quarto. Eu nem durmo de alegria.”

Era uma carta muito longa, em que contava todas as suas preocupações e esperanças. Dizia-me que Jaime também ia naquele inverno morar em Madri. Que havia decidido, finalmente, terminar seus estudos e que em breve iriam se casar.

Não conseguia dormir. Achava idiota sentir novamente aquela ansiosa expectativa de um ano antes, que em minha cidadezinha me fazia pular da cama de meia em meia hora, com medo de perder o trem das seis; e não conseguia evitá-la. Não tinha agora as mesmas ilusões, mas aquela partida emocionava-me como uma liberação. O pai de Ena, que veio a Barcelona por uns dias, na manhã seguinte viria buscar-me para que o acompanhasse em sua viagem de volta a Madri. Faríamos a viagem em seu automóvel.

Estava já vestida quando o motorista chamou discretamente à porta. A casa inteira parecia silenciosa e adormecida sob a luz acinzentada que entrava pelas sacadas. Não me atrevi a ir ao quarto de minha avó. Não queria acordá-la.

Desci as escadas, devagar. Sentia uma viva emoção. Lembrava a terrível esperança, as ânsias de vida com que as havia subido pela primeira vez. Ia embora agora sem haver conhecido nada do que confusamente esperava: a vida em sua plenitude, a alegria, um interesse profundo, o amor. Da casa da Rua Aribau não levava nada. Ao menos, assim eu acreditava naquela época.

Em pé, ao lado do longo automóvel preto, o pai de Ena me esperava. Estendeu-me as mãos dando-me com cordialidade as boas-vindas. Voltou-se para o motorista para recomendar-lhe não sei que tarefas. Depois me disse:

– Almoçaremos em Saragoça, mas antes faremos um bom café da manhã – deu um largo sorriso – gostará da viagem, Andrea. Você vai ver...

O ar da manhã era estimulante. O chão estava molhado pelo sereno da noite. Antes de entrar no auto, ergui os olhos para a casa onde havia vivido um ano. Os primeiros raios de sol se chocavam contra as janelas. Alguns instantes depois, para mim, a Rua Aribau e Barcelona inteira ficavam para trás.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos às considerações finais, voltamos ao começo. O título, instigador e enigmático, levou-nos a várias interpretações.

*Nada* é o que a personagem Andrea pensa estar levando ao deixar Barcelona, é também o que ela pensa ter encontrado nessa cidade em oposição a suas expectativas ao sair das Ilhas Canárias: uma vida nova e independente, de estudante acolhida e apoiada por seus familiares da Rua Aribau; a recuperação de uma família, ainda que fosse a dos parentes de sua mãe; e, o aplacar dos desejos de ternura de uma órfã num palco urbano de aventuras felizes.

Nada disso se realiza, mas é das cinzas da guerra que surge uma personagem que luta em silêncio e que aos poucos vai amadurecendo sua personalidade de adulta. Quando tanta ausência de referências, tantas vivências dolorosas e violentas poderiam ter dobrado sua personalidade, até que se tornasse submissa, ela vai revelando, à maneira de testemunha, sua independência, sua rebeldia e uma nova mulher.

Essa idéia está de acordo com a filosofia do existencialismo de Sartre, que diz que a angústia, o desespero e o nada deixam de ser sintomas mórbidos para se tornarem categorias que dão acesso à essência da condição humana e do próprio ser. *Nada* faz esse caminho a partir da destruição física e moral e em direção à construção transgressora da figura feminina na personagem Andrea.

A obra renova a narrativa do pós-guerra, que não discorria sobre a realidade concreta em espaço e tempo, muito menos sobre o ar sufocante que se respirava; dessa lacuna surge esta obra, legitimando o que muitos espanhóis sentiam, viviam e não podiam dizer.

Ousada e sutil, Carmen Laforet alude a temas proibidos na época. “Dizendo sem dizer”, refere-se à emancipação feminina, a um possível incesto, às ideologias da guerra, às complicadas relações familiares, ao falso espírito cristão, ao mito da Cinderela, à alienação e à busca clandestina de como driblar a miséria. *Nada* fala de tudo, e, no entanto, escapa da censura e recebe prêmios.

No sentido filosófico, nada é o vazio. Não o vazio estagnante, mas preche de transformações vitais, enquadradas inevitavelmente em processos de dor. Tudo isso é apresentado em uma linguagem densa e poética.

Além do estudo do título, fizemos algumas observações do ato tradutório. Transmitir uma simples piada com a graça que foi ouvida é uma façanha, o que nos demonstra e exemplifica que recontar ou traduzir a própria língua é um ato complexo. Quando se trata de uma obra literária e em outra língua, mais ainda. A obra *Nada*, de Carmen Laforet, colocou-nos diante de um grande desafio: o de conseguir manter o “espírito”, o estilo e o sentido do romance.

Não há regras definitivas nem gerais além de algumas sábias orientações de estudiosos, nas quais nos apoiamos para proceder à tradução. Sem perder de vista a tentativa de fidelidade às duas línguas, e sabendo que de alguma maneira transformamos o original, fizemos sua versão, ora literal, ora literariamente, sem seguir uma linha única de tradução que atendesse a todas as situações.

Por serem línguas originárias do latim faladas na Península Ibérica, o português e o espanhol apresentam uma aparente similaridade, o que nos preparava armadilhas nas quais algumas vezes caímos. Depois, numa revisão mais atenta, retomamos seus enigmas, seus matizes.

Para entender o significado de algumas palavras, recorreremos a profissionais específicos, a fim de que nos dessem informações mais precisas sobre o seu exato sentido e uso e que pudessem responder às questões *o que é, como é, onde se usa*, para melhor entender do que se tratava e, a partir daí, encontrar uma tradução. A palavra *sillares*, por exemplo, levou-nos até a um arquiteto, a dois dicionários de arquitetura e a gravuras que conseguimos na Internet, o que nos possibilitou visualizá-la. O pequeno ídolo Xochipilli reportou-nos à cultura pré-colombiana mexicana, no sentido de melhor entendermos a relação que a personagem Román estabelecia com ele.

Observamos que a língua espanhola não apresenta uma distância entre a modalidade culta e a popular, pelo menos no nível do livro. Isso ficou mais patente nas construções com os pronomes oblíquos, que foram utilizados, tanto nos diálogos de nível mais coloquial, como

nas reflexões mais elaboradas, como quando Angústias diz: *Te lo diré de otra forma* [...], ou quando Andrea pensa: *Rápida, sin ocurrírseme pensar más* [...]. Também surge na voz da empregada Antônia: *Se lo he subido arriba* [...], e nas falas dos jovens, como Pons: *Sí. No quería decírtelo..*

Uma de nossas preocupações foi proporcionar uma leitura fácil e agradável para o leitor brasileiro, evitando: o tom enfático do estilo da obra, representado pelo pleonasma vicioso e pelo uso dos imperativos sem modalização; as repetições consideradas desnecessárias na estrutura lingüística brasileira; o uso, considerado excessivo em nosso idioma, dos pronomes oblíquos; a ordem inversa, principalmente nos diálogos, que dificultava a fluidez da leitura.

Finalmente, entendemos que as línguas possuem correspondências aparentemente invisíveis entre si, ainda que a linguagem seja literária e estrangeira. Podemos dizer a mesma coisa de diferentes maneiras, e interpretaremos nossos pensamentos e os de outros, com maior ou menor facilidade, se acharmos as palavras precisas, adequadas, fruto da aprendizagem, do estudo, da sensibilidade. Buscamos, nos sinônimos, nas expressões, na linguagem figurada, nas estruturas simples ou complexas, comunicar o texto de partida objetiva ou subjetivamente.

O tradutor, em seu ofício, luta para encontrar nas diferenças das línguas, o sentido comum entre elas: isso foi, na essência, o nosso trabalho.



## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Antônio Suárez. *Gramática Mínima – Para o Domínio da Língua Padrão*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AMADOR SÁNCHEZ, Luis. *El pensamiento literario español*. São Paulo: Universidade de São Paulo, FFLCH, Cadeira de Espanhol, 1960.

ARROJO, Rosemary. *Oficina da tradução – A teoria na prática*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

AUBERT, Francis Henrik. *As (In)Fidelidades da Tradução - Servidões e autonomia do tradutor*. 2. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?* 5 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CERQUEIRA, João. *Arte e literatura na guerra civil espanhola*. Porto Alegre: Zouk, 2005.

CACHERO, José María Martínez; SANZ VILLANUEVA, Santos; YNDURÁIN. La novela. In: YNDURÁIN, Domingo. *Época Contemporánea: 1939 – 1980*. Barcelona: Crítica, 1980, v. VIII.

DELIBES, Miguel. *Pegar la hebra*. Barcelona: Destino, 1991.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *Historia de la Literatura Española*. Buenos Aires: Editorial Ciordia, 1969.

ERES FERNÁNDEZ, Gretel. (Coord.). *Expresiones idiomáticas: Valores y usos*. São Paulo: Ática, 2004.

FOSTER, David W. Nada. In: YNDURÁIN, Domingo. *Época Contemporánea: 1939 – 1980*. Barcelona: Crítica, 1980, v. VIII.

FUSTER, Joan. *Literatura catalana contemporanea*. Madrid: Nacional, 1975.

GAY ARMENTEROS. *La España del siglo XX*. Madrid: Edi-6, 1986.

LAFORÉ, Carmen. *Nada*. 3. ed. Comentado por Rosa Navarro Durán. Barcelona: Destino, 1999. (Clássicos Contemporâneos Comentados)

LEFEVERE, André. *Traducción, Reescritura y la Manipulación del Canon Literario*. Trad. María Carmen África Vidal y Román Álvarez. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1997.

MAZZARI, Marcos V. Meyer-Clason a Guimarães Rosa. In: *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. Org. Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MIRANDA, Carlos Eduardo Ortolan (Org.). *Nietzsche, Heidegger, Sartre*. Dossiê Cult – Filosofia Contemporânea. São Paulo: Editora 17, 2003.

OTTONI, Paulo (Org.). *Tradução – a prática da diferença*. São Paulo: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. 3. ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1990.

ROBERTS, Gemma. *Temas existenciales en la novela española de postguerra*. 2. ed. rev. e aum. Madrid: Gredos, 1978.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e Diferença*. 1. reimp. São Paulo: Edit. UNESP, 2000.

ROLDAN, J. M. *Historia de España*. Madrid: Edelsa, 2000.

RÓNAI, Paulo. *Escola de Tradutores*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

\_\_\_\_\_. *A tradução vivida*. 2. ed. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SANZ VILLANUEVA, Santos. La prosa narrativa desde 1936. In: DIEZ BORQUE, J. M. A. (Coord.). *Historia de la literatura española*. Madrid: Taurus, 1980, v. IV.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SOBEJANO, Gonzalo. *Novela española contemporánea – 1940-1995*. Espanha: Marenostrom, 2003.

VILAR, Pierre. *La guerra civil española*. 2. ed. Barcelona: Crítica, 2004.

YALOM, Irvin D. *Quando Nietzsche chorou* (Trad. Ivo Koryytowski). 18. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

## DICIONÁRIOS

### Monolíngües:

*Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española – DRAE*. 21. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

Diccionario Esencial Santillana de Lengua Española. Madrid: Santillana, 1991.

BORBA, Francisco S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C. Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOLINER, María. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 1991.

SECO, Manuel. *Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española*. 10. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1998.

### Bilíngües:

FLAVIAN, Eugenia & ERES FERNÁNDEZ, Gretel. *Minidicionário Espanhol Português/Português Espanhol*. 18. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ática, 2003,.

MORENO, Francisco e MAIA GONZÁLEZ, Neide. *Diccionario bilingüe de USO*. 1, 2. Madrid: Arco/libros, 2003.

### Online:

Disponível em: <[http://www.edestino.es/en\\_1.htm](http://www.edestino.es/en_1.htm)>

Disponible em: <<http://www.latacu.com/apuntes/literatura/Literatura – Castellana>>

Disponible em: <<http://www.rae.es>> Diccionario de la Real Academia. 22. ed. Madrid: 2001.

Disponible em: <<http://www.wordReference.com/espt/>> *Gran diccionario español-português/português-espanhol*. Madrid: Espasa-Calpe S.A, 2001.

**ANEXOS**

**ANEXO I**

**Depoimento de Celia García Guillén em xérox**

**ANEXO II**

**Depoimento de A. E. Guerrero em xérox**